JOHN KAAG

CAMINHANDO COM NIETZSCHE

SOBRE TORNAR-SE QUEM SE É



"Você não precisa gostar de Nietzsche para amar este livro."
- Kieran Setiya, Literary Review

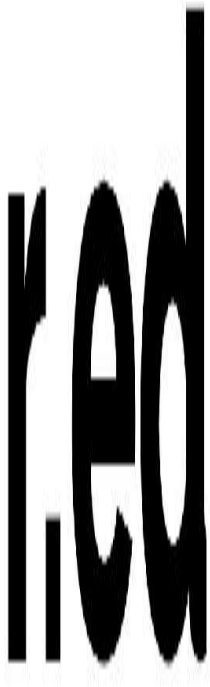
r.ed

John Kaag

Caminhando com Nietzsche

SOBRE TORNAR-SE QUEM SE É

Tradução de Julia Debasse



RED TAPIOCA

RIO DE JANEIRO, 2019

Copyright © John Kaag, 2018
Copyright © Red Tapioca, 2019
Todos os direitos reservados.
Esta tradução é publicada sob acordo com a Farrar, Straus and Giroux.
Título original: Hiking with Nietzsche

1ª Edição
r.ed
Publisher
Gustavo Horta Ramos
Organização
Emílio C. Magnago
Tradução
Julia Debasse
Revisão
Sebastian Ribeiro
Diagramação e projeto gráfico
Beluga Editorial
Capa
David Cunha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaag, John
Caminhando com Nietzsche [livro eletrônico] : sobre tornar-se quem se é / John Kaag ; tradução Julia Debasse. -- Rio de Janeiro : Red Tapioca, 2019.
1,5 Mb ; ePub

Título original: Hiking with Nietzsche
ISBN 978-65-80174-09-6

1. Autoconhecimento 2. Filosofia alemã
3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900
I. Debasse, Julia. II. Título.

19-28767 CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia alemã 193

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

SUMÁRIO

PRÓLOGO: OS CUMES PAIS

PARTE I

COMO A JORNADA COMEÇOU

COMPANHEIROS CONSTANTES

O ÚLTIMO HOMEM

O ETERNO RETORNO

PARTE II

ZARATUSTRA APAIXONADO

NA MONTANHA

SOBRE A GENEALOGIA

DECADÊNCIA E REPULSA

O HOTEL DO ABISMO

PARTE III

O CAVALO

EIS O HOMEM

O LOBO DA ESTEPE

TORNA-TE QUEM TU ÉS

EPÍLOGO: MORGANSTREICH

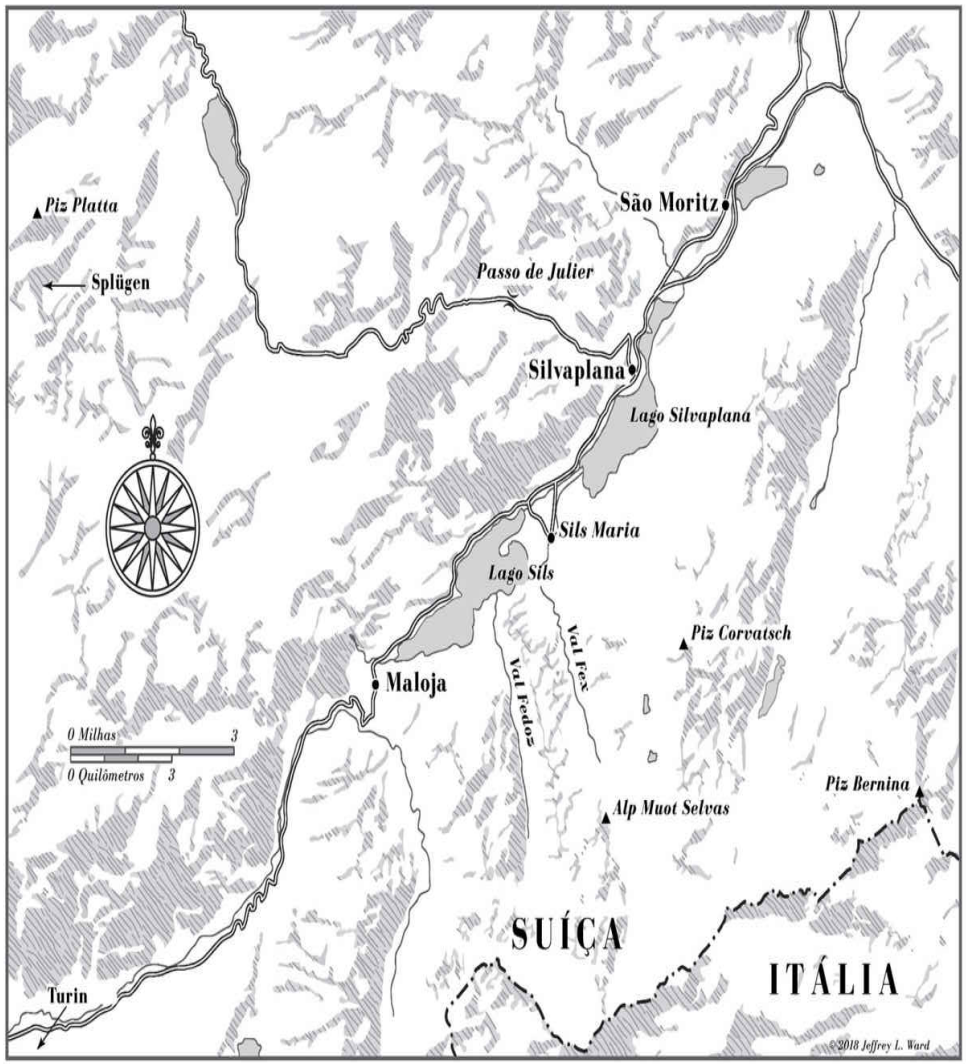
LINHA DO TEMPO DA VIDA E DA OBRA DE NIETZSCHE

AGRADECIMENTOS

Para Carol e Becca

A maioria dos homens, o rebanho, nunca provou a solidão. Eles deixam seu pai e sua mãe, mas apenas para se arrastarem a uma esposa e silenciosamente se entregarem a novos afetos e novos laços. Eles nunca estão sós, jamais comungam consigo mesmos."

—Hermann Hesse, O retorno de Zaratustra, 1919


Piz Platta
Splügen
São Moritz
Passo de Julier
Silvaplana
Lago Silvaplana
Sils Maria
Lago Sils
Piz Corvatsch
Val Fex
Val Fedoz
Maloja
0 Milhas 3
0 Quilômetros 3
Alp Muot Selvas
Piz Bernina
SUÍÇA
ITÁLIA
Turin
©2018 Jeffrey L. Ward

PRÓLOGO: OS CUMES PAIS

Defina os seus objetivos, objetivos nobres e elevados, e pereça buscando conquistá-los! Eu desconheço sentido melhor para a vida do que perecer na busca pelo grandioso e o impossível: animae magnae prodigus.

—Friedrich Nietzsche, Anotações, 1873

EU DEMOREI SEIS HORAS para alcançar o cume do Piz Corvatsch. Essa era a montanha de Friedrich Nietzsche. A neblina do verão que ficava rente ao chão já havia quase desaparecido, revelando as encostas 1600 metros abaixo. Eu descansei em uma placa de granito desgastada e contemplei a distância que eu havia percorrido. Por um momento, olhei para baixo, para o Lago Sils, na base cintilante do Corvatsch, um espelho de água que se estendia pelo vale e refletia a paisagem que já me parecia insuportavelmente grandiosa. Depois as últimas nuvens se dissiparam e o Piz Bernina surgiu no sudeste. Na verdade, eu nem tinha avançado tanto. O Bernina é o segundo ponto mais alto dos Alpes Orientais, é "pai" do Corvatsch, o ponto culminante em uma cordilheira que se estende do norte ao sul, separando dois gigantescos vales glaciais. Quando Johann Coaz, aos vinte e oito anos, foi o primeiro a escalar o seu pico em 1850, ele escreveu: "Pensamentos graves se apoderaram de nós. Olhos ávidos examinaram o terreno até o horizonte distante, os milhares e milhares de picos de montanhas que nos cercavam, se erguendo como rochas em um reluzente mar de gelo. Nós contemplávamos, maravilhados e reverentes, aquele magnífico mundo de montanhas."

Eu tinha dezenove anos. Os cumes pais me fascinavam. Próximo ou distante, o pai é o cume mais alto em uma dada cadeia, o ponto do qual descendem todos os filhos geológicos. Os Alpes haviam me atraído até o vilarejo de Sils-Maria, a vila suíça que Nietzsche chamou de lar durante grande parte da sua vida intelectual. Por dias, eu vaguei pelos montes que ele havia percorrido no final do século XIX e depois, ainda seguindo os passos de Nietzsche, saí em busca de um pai. O Piz Corvatsch, com 3,451 metros, lança uma sombra sobre seus filhos, as montanhas que cercam Sils-Maria. Do outro lado do vale, Bernina. A 482 quilômetros ao oeste, na fronteira francesa deste "magnífico mundo de montanhas", se ergue o progenitor distante de Bernina, o Mont Blanc. Depois dele – ridiculamente distante, afastado e onipresente –

jaz o Everest, com quase o dobro do tamanho de seus filhos franceses. Corvatsch, Bernina, Mont Blanc, Everest – a estrada que leva até o pai é, para a maioria dos viajantes, insuportavelmente longa.

Nietzsche passou a maior parte de sua vida buscando o mais elevado, dedicando-se diariamente a conquistar a paisagem física e filosófica. "Veja", ele acena, "eu te ensino o *Übermensch*." Esse "Super-homem", este ideal super-humano, estas grandes alturas que um indivíduo poderia aspirar, continua sendo uma inspiração para incontáveis leitores. Eu passei muitos anos acreditando que a mensagem do *Übermensch* era clara: *supere-se, vá além da altura onde você está agora*. O espírito livre, que supera a si próprio, não conformista – o herói existencial de Nietzsche nos aterroriza e nos inspira em igual proporção. O *Übermensch* é um convite a nos imaginarmos de outra forma, acima das convenções sociais e das restrições autoimpostas que silenciosamente governam a vida moderna. Acima da marcha contínua e invencível do dia-a-dia. Acima da ansiedade e da depressão que acompanham nossas buscas diárias. Acima do medo e da hesitação que restringem nossa liberdade.

A filosofia de Nietzsche às vezes é descartada como juvenil – a criação de um megalomaníaco que talvez esteja mais adequada ao egocentrismo e à ingenuidade da adolescência, mas que deve ser abandonada conforme nos tornamos adultos. E é verdade, muitos leitores às portas da maturidade já se sentiram encorajados por este "bom Europeu". Mas existem algumas lições Nietzschianas que não são adequadas para a juventude. Na verdade, com o passar dos anos eu passei a acreditar que os escritos dele são singularmente pertinentes para aqueles entre nós que estão se aproximando da meia-idade. Aos dezenove anos, no cume do Corvatsch, eu não fazia ideia de como o mundo podia ser entediante. Como teria sido fácil permanecer nos vales, se satisfazer com a mediocridade. Ou como era difícil permanecer atento à vida. Eu estou começando a entender isso só agora, aos trinta e seis anos.

Ser um adulto responsável é, entre outras coisas, frequentemente resignar-se a própria vida, radicalmente distante das expectativas e dos potenciais que tínhamos ou, melhor dizendo, ainda temos. É tornar-se aquilo que sempre desejamos evitar. Na meia-idade, o *Übermensch* é uma longa promessa, uma esperança, de que a mudança ainda é possível. O *Übermensch* de Nietzsche – na verdade a sua filosofia em geral – não é uma mera abstração. Ela não pode ser compreendida em uma poltrona ou no conforto do lar. É preciso se erguer, fisicamente, ficar em pé, ereto, e partir. De acordo com Nietzsche, essa

transformação ocorre no "súbito sentimento e no pressentimento de um futuro, de aventuras próximas e mares novamente abertos, e metas que mais uma vez são permitidas e concebidas".

Este livro é sobre "metas novamente permitidas" e perseguidas, sobre caminhar com Nietzsche até vida adulta. Quando cheguei ao cume do Corvatsch pela primeira vez, pensei que o único objetivo da marcha era ir além das nuvens, até o ar livre. Porém, com o passar dos anos, conforme meus cabelos começam a embranquecer, concluí que não é possível que este seja o propósito de uma caminhada, ou de uma vida. É verdade que quanto mais alto se escala, mais se pode ver, mas também é verdade que não importa a altura, o horizonte sempre se inclina para além do alcance da vista.

À medida que eu envelhecia, a mensagem do *Übermensch* de Nietzsche se tornava mais urgente, mas também mais confusa. Com que altura devo me contentar? O que devo observar ou, para ser mais sincero, procurar? De que serviram as bolhas no meu pé, a dor da superação de si mesmo? Como foi que vim parar neste ponto específico da montanha? Será que devo me contentar com *este* pico? Às portas dos seus trinta anos, Nietzsche propôs, "Deixe que a alma jovem olhe o que já viveu e reflita: o que você amou verdadeiramente até agora, o que elevou a sua alma?" No fim das contas, essas são as perguntas certas. O projeto do *Übermensch* – assim como o próprio envelhecimento – não consiste em chegar a um destino fixado, ou achar um cômodo permanente com uma bela vista.

Quando você caminha, você se curva à montanha. Às vezes você escorrega e tropeça para frente. Às vezes você perde o equilíbrio e tomba para trás. Essa é uma história sobre tentar inclinar-se na direção certa,tentar inclinar nosso eu presente rumo ao que não foi alcançado, mas é alcançável, ainda que fora da vista. Até um escorregão pode ser instrutivo. Algo acontece, mas não lá em cima, e sim no caminho até lá. Nas palavras de Nietzsche, temos a oportunidade de "nos tornarmos quem somos".

PARTE I

COMO A JORNADA COMEÇOU

Quem alcançou alguma liberdade de pensamento não pode deixar de se sentir como um andarilho sobre a terra – mas não como um viajante que se dirige a um destino final: pois tal destino não existe.

—Friedrich Nietzsche, Humano, Demasiado Humano, 1878

Eu frequentemente digo aos meus alunos que a filosofia salvou a minha vida. E é verdade. Mas naquela primeira viagem a Sils-Maria – a caminho do Piz Corvatsch –, ela quase me matou. Estávamos em 1999, e eu imerso no processo de escrever minha tese sobre o gênio, a insanidade e a experiência estética presentes nos escritos de Nietzsche e de seu contemporâneo norte-americano, Ralph Waldo Emerson. Ainda alheio ao mundo com quase vinte anos, raras vezes eu tinha ido além dos muros invisíveis da região central da Pensilvânia, então meu orientador mexeu os seus pauzinhos administrativos e possibilitou a minha fuga. No final do meu terceiro ano na faculdade, ele me deu um envelope em branco – dentro dele havia um cheque no valor de três mil dólares. "Você deveria ir para a Basileia", ele sugeriu, provavelmente sabendo muito bem que eu não permaneceria lá.

Basileia foi um ponto de inflexão, a transição entre o início convencional da vida de Nietzsche como estudioso e sua existência cada vez mais errática como o filósofo-poeta da Europa. Ele chegou à cidade em 1869 como o mais jovem membro docente titular da Universidade da Basileia. Nos anos que se seguiram, ele escreveria seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, no qual defendia que o encanto da tragédia estava na sua capacidade de harmonizar os dois impulsos antagônicos do ser humano: o desejo pela ordem e o estranho e inegável anseio pelo caos. Quanto eu cheguei à Basileia, ainda um adolescente, eu não podia deixar de pensar que este primeiro impulso – a ânsia obsessiva por estabilidade e razão que Nietzsche chamou de "o Apolínio" – havia dominado a sociedade moderna.

A estação ferroviária da Basileia é um modelo de precisão suíça – pessoas lindas vestindo lindas roupas que planam pelo enorme átrio em direção a trens que nunca se atrasam. Do outro lado da rua se ergue um imenso arranha-céu cilíndrico que abriga o Banco de Compensações Internacionais (BIS, na sigla em inglês), a instituição financeira mais poderosa do mundo. Eu saí da estação

e tomei meu café da manhã do lado de fora do banco enquanto levas de Apolos em ternos bem cortados entravam por aquelas portas indo trabalhar. "As classes cultas", explicou Nietzsche, "estão sendo varridas por uma economia monetária intensamente desdenhosa". As perspectivas para uma vida na sociedade capitalista moderna eram lucrativas, mas sombrias: "O mundo nunca foi tão mundano, nunca foi tão pobre em amor e bondade".

De acordo com Nietzsche, o amor e a bondade não se realizavam no interior de uma ordemrígida, mas encarnavam o seu oposto: a esbórnia Dionisíaca. A sua vida na Basileia deveria ser muito feliz e ordenada, uma vida dedicada à mente e à alta sociedade, mas, ao chegar lá, forjou uma amizade instantânea com Richard Wagner, o compositor Romântico, e esta vida foi rapidamente conduzida a seu fim. Ele tinha vindo para a Basileia lecionar filologia clássica, o estudo da linguagem e dos significados originais. Isso parece inofensivo, mas, ao contrário de muitos de seus colegas mais conservadores, Nietzsche compreendia como esse tipo de escavação teórica poderia ser radical. Em *O Nascimento da Tragédia*, ele afirma que a cultura ocidental, com todo o seu grandioso refinamento, foi erguida sobre uma profunda estrutura subterrânea, há muito desenhada pelo próprio Dionísio. E, durante os primeiros anos de sua amizade, Nietzsche e Wagner estavam determinados a desenterrá-la.

Dionísio não parecia ser da Basileia. De acordo com Homero, ele nasceu muito longe dos muros da civilização ocidental, "perto do córrego egípcio". Ele era a ovelha negra da mitologia grega, um personagem que Apolo, inutilmente, tentava controlar. Também conhecido como Eleutério – o "libertador" – o arruaceiro deus do vinho e da diversão normalmente é representado vagando pelas colinas com o sábio embriagado que foi seu pai de criação, o sátiro Sileno. "Vagando" talvez faça isso parecer mais sério do que de fato era: estava mais para saltitar – dançando e transando entre as árvores além dos limites da cidade.

Wagner era trinta anos mais velho do que Nietzsche e tinha nascido no mesmo ano que o pai do filósofo, um luterano devoto que havia morrido de uma "falência progressiva do cérebro" quando seu filho tinha cinco anos. O compositor não tinha nada de morto ou abatido. Neste período, as obras de Wagner eram uma expressão do *Sturm und Drang*[1]– "tempestade e ímpeto" – e Nietzsche as adorava. Wagner e Nietzsche compartilhavam um profundo

desprezo pela ascensão da cultura burguesa e pela ideia de que a vida deveria, no melhor dos casos, ser vivida com leveza, suavidade, pontualidade, seguindo as coordenadas. "Ganhar a vida" era, e ainda é, fácil em Basileia: você estuda, arranja um emprego, ganha dinheiro, compra algumas coisas, sai de férias, se casa, tem filhos, e depois você morre. Nietzsche e Wagner sabiam que havia algo de insignificante neste tipo de vida.

No início de *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche reconta a história do Rei Midas e de Sileno. Midas, o famoso rei que transformava o que tocasse em ouro, pede que o companheiro de Dionísio lhe explique qual o sentido da vida. Sileno encara o rei e responde sem rodeios: "Ah, desgraçada raça efêmera... Por que me obrigas a lhe dizer o que seria mais vantajoso que não saibas? A melhor de todas as coisas está totalmente além do seu alcance: não nascer, não existir, nada ser. Mas a segunda melhor coisa que podes aspirar é: morrer logo." Enquanto me sentava nos degraus do BIS, assistindo os homens e as mulheres se apressarem para o trabalho, me ocorreu que Sileno provavelmente estava certo: certos tipos de vida são melhores se vividas o mais rápido possível. Nietzsche e Wagner, porém, acreditavam que a existência humana deveria ser saboreada, vivida ao máximo.

"É apenas como experiência estética", Nietzsche insiste em *O Nascimento da Tragédia*, "que a existência e o mundo são eternamente justificados". Era assim que Nietzsche respondia à sabedoria de Sileno, a única forma de superar o niilismo moderno. Estética, do grego *aisthanesthai*, "perceber, detectar, sentir". Só quando percebemos o mundo de outra forma, só quando sentimos profundamente, Sileno se daria por satisfeito. Se não podemos escapar da agonia e da morte, talvez seja possível abraçá-las, talvez até com alguma alegria. A tragédia, de acordo com Nietzsche, tinha as suas vantagens: ela provava que o sofrimento pode ser algo além de mero sofrimento; em sua bruta amargura, a dor ainda poderia ser direcionada, organizada, ser até mesmo bela e sublime. Ao abraçar a tragédia ao invés de evitá-la, os gregos antigos traçaram uma rota para superar o pessimismo que estava rapidamente acometendo a modernidade.

Eu deveria passar várias semanas na Basileia, deveria passar a maior parte do tempo na biblioteca, mas enquanto eu atravessava a cidade devagar, percebi que este plano era impossível. As ruas eram retas demais, silenciosas demais, mundanas demais. Eu precisava sentir alguma coisa, me livrar daquela anestesia, provar para mim mesmo que eu não estava dormindo. Eu estava,

talvez pela primeira vez em minha vida, livre para fazer algo além do que era esperado de mim. Quando cheguei à universidade onde Nietzsche tinha sido professor, eu sabia que partiria o quanto antes.

Em 1878, o otimismo de *O Nascimento da Tragédia* havia começado a esmaecer. A saúde de Nietzsche começou a piorar ao mesmo tempo em que começaram a surgir os primeiros sinais de instabilidade mental. Ele rumou em direção às colinas, embarcando em uma perambulação filosófica pelo terreno alpino que duraria dez anos – indo primeiro para Splügen, depois Grindelwald, no sopé da montanha Eiger, seguindo para Passo de São Bernardino, depois para Sils-Maria e, por fim, para as cidades no Norte da Itália. Tomar este caminho era seguir os passos de Nietzsche durante o seu período mais produtivo – uma década de escrita intensa que produziria muitas das obras seminais do existencialismo moderno, da ética e do pós-modernismo: *Assim Falou Zaratustra*, *Para Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo* e *Ecce Homo*. Durante minha primeira e única noite na Basileia, decidi que esta seria a trilha que eu tomaria – um caminho que, de acordo com muitos estudiosos, mapeia a escalada do gênio de Nietzsche e seu descenso à loucura.

Na manhã seguinte eu acordei antes do dia nascer e saí para uma corrida longa com o intuito de confirmar a minha suspeita de que a Basileia não tinha alma alguma, que era o lugar errado para mim, e segui para a estação de trem. Primeira parada: Splügen, bem no alto dos Alpes. Eu pensei que em algum momento acabaria em Turim, onde Nietzsche escreveria *O Anticristo* em 1888, um pouco antes de enlouquecer. Foi lá que ele encontrou algo à beira da insanidade: uma filosofia feita para nos aterrorizar, ao invés de nos instruir. Quando lemos *O Anticristo*, Nietzsche exige que cultivemos "uma predisposição, nascida da força, para as perguntas que exigem uma coragem que ninguém tem; a coragem para o proibido." O terror tem a suas utilidades. As questões que mais nos assustam são exatamente aquelas mais dignas da nossa atenção imediata e integral. Eu abracei este pensamento o quanto pude. Por fim, o trem deixou o vale para trás – e, com ele, aos poucos, o meu medo do proibido.

¶

O MEU PAI, COMO o de Nietzsche, enlouqueceu quando eu tinha quatro anos. O

pai de Nietzsche morreu. O meu abandonou sua família. Meu pai e xará, Jan, trabalhara no sistema bancário internacional nos anos 1980, especializando-se em arbitrar a triangulação de moedas, uma forma de câmbio que explora as discrepâncias que existem entre o dólar, o iene e a libra no mercado cambial. Hoje em dia este trabalho é feito por computadores, mas quando a arbitragem de moedas começou, ela era feita por homens como o meu pai. Uma das minhas primeiras memórias é a de meu avô tentando explicar o que o seu genro fazia da vida. Ele pegou uma caixa de bolas de gude e me mostrou os três tipos diferentes: azul, verde e roxa. Imagine, ele começou, que você pode trocar dez azuis por sete verdes. E então você encontra alguém que quer trocar as suas sete verdes por doze roxas. Agora você pega as suas roxas e troca por *onze* azuis. Ele me devolveu o conjunto original de bolas azuis, pegou mais uma de dentro da caixa, e deu ela para mim: "Essa é a sua parte". Arbitragem é isso – você ganha algo em troca de nada, é bom demais pra ser verdade.

"O que antes era feito 'por amor a Deus'", Nietzsche sugere, "agora é feito por amor ao dinheiro". Na verdade, o que antes era feito "por amor a Deus", Jan fazia por amor ao dinheiro *e* à experiência. Ele era viciado em experiência: pesca com mosca, velejar, dirigir, montar, esquiar, festejar, caminhar – se se podia sentir alguma coisa fazendo algo, ele fazia. Vendo de fora, ele era um homem obscenamente rico, bonito, com uma linda esposa e dois filhos reluzentes. Mas as aparências frequentemente são enganosas. Quando o tempo de Nietzsche na Basileia estava próximo do fim, ele confessou, "Sou consciente de uma profunda melancolia subjacente a [minha]... alegria". Meu pai estava a par de um segredo parecido que ele tentou disfarçar com uma linda fachada – mas que por fim o levou à depressão, ao alcoolismo e a uma morte prematura. No final das contas, a arbitragem era, de fato, boa demais pra ser verdade.

Quando criança eu suspeitava do comportamento do meu pai e, aos dezenove anos, eu estava começando a entendê-lo com a nitidez de uma experiência em primeira mão. Jan cobiçava aquilo que Nietzsche chamava de "o grandioso e o impossível" – o desejo de compensar um sentimento de ter amado e perdido algo de valor inigualável. O pai dele, quase sempre ausente, desperdiçou sua vida em uma fábrica na periferia de Reading, na Pensilvânia, por uma mulher que sentia atração pelo dinheiro, mas também vergonha do marido operário que de fato tinha que trabalhar para adquiri-lo. Meu avô chegava em casa de noite, furtivo, comia seu jantar, se acomodava na poltrona

e preparava o tipo de bebida que apaga uma pessoa. O amor sempre era algo condicional, algo que precisava ser merecido. E estava sempre em falta. Essa sensação de privação nasceu não da pobreza de fato, mas de uma compreensão sobre o amor e o carinho que não é exclusiva da minha família. Eram encarados como uma transação. É claro, a troca de carinho é tão gratificante quanto a troca de bens ou serviços – ou seja, nenhum um pouco gratificante –, mas isso não impede de se estar sempre tentando sair no lucro. A falência completa das condições do amor faz com que tudo se mantenha em permanente movimento.

Depois que meu avô morreu de cirrose hepática, Jan descobriu o tipo de bebida que seu pai bebia, e ele comprou um pequeno sofá de couro vermelho-paixão para o canto da sala. Mas na maior parte do tempo ele viajava, sempre viajando em busca de seu próximo negócio. De uma dessas viagens, ele simplesmente não voltou. Ele primeiro acabou na Filadélfia, depois em Nova Iorque. À certa altura eu o perdi de vista.

¶

O TREM CRUZOU BAD Ragaz, na fronteira com Liechtenstein, no sopé da montanha Pizol. Eu estudei as encostas sobre Ragaz, onde as ovelhas pastavam preguiçosamente nas elevações mais baixas. Em algum lugar entre as rochas estava o Desfiladeiro Tamina, uma pequena gruta tomada pelas águas curativas das nascentes de água mineral de Pfäfers. Há setecentos anos, peregrinos vêm caminhado montanha acima para se restabelecerem e se limparem da sujeira do dia-a-dia. Na década de 1840, um encanamento levava a água para baixo para encher as agora famosas termas de Ragaz. Aos trinta e três anos e exaurido pelos seus anos na Basileia, Nietzsche se refugiou no hotel e spa na esperança de fugir das enxaquecas que o atormentavam desde a adolescência. Foi aqui que ele decidiu que abandonaria suas obrigações de professor dedicado. "Você pode imaginar", ele escreveu, "como estou fundamentalmente melancólico e triste... Tudo que peço é alguma liberdade... Eu me revoltei contra as muitas, as incontáveis, restrições que me aprisionam". Ele deixaria a Basileia em busca de um local mais elevado. Enquanto Ragaz desaparecia de vista, eu pude entender o fascínio deste tipo de retiro, mas também as forças que tornam a fuga algo tão perturbador.

Quando o pai de Nietzsche, o pastor, morreu, o menino – conhecido

como "Fritz" durante a maior parte de sua infância – fez aquilo que se espera de um luterano fervoroso: se tornou ainda mais obediente. Durante a adolescência, ele planejava entrar para o ministério; seus colegas o chamavam de "pastorzinho" – mas não era um apelido carinhoso. Nietzsche era inteligente e introspectivo demais para o seu próprio bem e seus colegas zombavam dele impiedosamente. Como não era aceito pelos seus iguais, Fritz buscaria validação em Deus: "Tudo que Ele dá, eu aceitarei alegremente: a felicidade e a infelicidade, a pobreza e a riqueza, e com audácia encararei mesmo a morte, que um dia unirá todos nós em eterna alegria e bem-aventurança". Nietzsche jamais conseguiu realizar ou abandonar este sonho de acolher alegremente polos opostos - até mesmo os mais dramáticos, o da vida e o da morte.

O companheirismo não era algo facilmente acessível para o jovem, mas não porque ele fosse grosseiro ou autocentrado. Muito pelo contrário. O jovem Fritz era tímido, educado, dócil até demais. Por muito tempo, os livros foram seus melhores amigos. Aos quinze anos – enquanto outros adolescentes cometiam os desatinos da juventude – o jovem Fritz fundou um exclusivo clube do livro chamado Germânia. Havia um punhado de membros: Nietzsche e alguns outros garotos que eram livrescos o bastante para seus padrões. Para a reunião inaugural, eles compraram uma garrafa de vinho barato, subiram até as antigas ruínas de Schönburg, um pouco depois da Pforta, juraram lealdade às artes e letras e lançaram a garrafa por cima das muralhas para sagrar o pacto. Durante os três anos seguintes, os membros do Germânia se encontravam regularmente para compartilhar poemas, ensaios, tratados (foi aqui que o jovem Nietzsche apresentou seu artigo filosófico "Fatum e História") e tocar as composições de Wagner mais recentes, entre elas *Tristão e Isolda*. Isso era o que Nietzsche chamava de diversão.

Enquanto o trem subia, eu pensava como a juventude dele fora absurda – um pouco mais absurda do que juventudes que envolvem peregrinações de nove semanas em homenagem a filósofos mortos há muito tempo – e como se adequar deve ter sido difícil para ele.

Fritz tentou ser normal, mas isso não deu muito certo. Em se tratando da vida cotidiana, ou ele exagerava ou se enfadava com aquela banalidade, o que era mais frequente. Após deixar Pforta, o principal colégio interno da Alemanha, ele se matriculou na universidade de Bonn e deu excelentes demonstrações de normalidade – beber com os amigos, viagens de férias, até

um breve romance. Ele tentou beber como os outros garotos, mas na única noite em que ele realmente se soltou, ficou de tal forma embriagado que quase foi expulso da faculdade. Ao descrever essa bebedeira lamentável para sua mãe, ele reclamou que "simplesmente não sabia quanto [álcool] eu poderia beber". Quando ele entrou para a *Burschenschaft Frankonia*, o equivalente de uma fraternidade norte-americana, ele foi até os limites do seu empenho em seu adequar. Ele nem gostava de cerveja. Gostava de doces. E gostava – muito – de estudar. Quando ele partiu de Bonn e foi para Leipzig, após apenas dez meses, estava convencido de que tentar ser normal era uma perda de tempo.

Durante os últimos anos da adolescência, Fritz tinha duas fontes de conforto: sua mãe, Franziska, e os escritos de Ralph Waldo Emerson. Ele havia começado a ler Emerson no início da década de 1860, quando estava terminando os estudos em Pforta, e o transcendentalista norte-americano rapidamente se tornou, nas palavras dele, "um bom amigo e alguém que me alegrou até em meus momentos mais sombrios: ele tem tamanha *sképsis*[2], tantas 'possibilidades', que com ele até a virtude se torna algo espiritual". Para atingir o ápice da filosofia, um roteiro deveria ser seguido – não no sentido de memorizar coisas sem refletir, mas interiorizar este conhecimento e colocá-lo em prática. Este lado mais pessoal do conhecimento deveria conceder aos indivíduos a coragem para definirem suas próprias vidas sem a orientação de professores ou sacerdotes. E então aí estava a *sképsis* de Emerson, a dúvida crítica que havia se colocado entre Nietzsche e o ministério. "No mundo existe um único caminho que ninguém pode trilhar exceto você: Para onde ele vai? Não pergunte", Nietzsche ensina, "siga-o". No fim das contas, este caminho da autonomia o levaria até os Alpes.

Nietzsche se sentia atraído pelo individualismo prometeico de Emerson, a sua sugestão de que a solidão não era algo a ser remediado a todo custo, mas um momento de independência a ser contemplado e aproveitado. Na verdade, o isolamento, na medida em que permite que sejamos livres das restrições da vida em sociedade, é a situação mais indicada para um filósofo. Este impulso Romântico estava profundamente enraizado em ambos os pensadores; a experiência estética era uma força vital não em abstrato, mas no sentido emocional e intelectual de um indivíduo. Aos vinte e dois anos, em uma carta para seu amigo Carl von Gersdorff, Nietzsche escreveu sobre sua sincera admiração pelo Americano: "Às vezes temos aqueles momentos silenciosos e

contemplativos em que nos colocamos acima das sensações dúbias de alegria e de tristeza da vida... Emerson descreve estes momentos tão perfeitamente". Conforme amadurecia, Nietzsche começou a ver certas experiências – estes "momentos silenciosos e contemplativos", entre outros – como uma forma de fugir dos pesares da vida, e ele se sentia atraído pelo pensador que, em 1840, havia iniciado esta guinada experiencial na filosofia.

De fato, é uma ideia estranha: a de que a transcendência pode ser alcançada através da imersão na experiência vivida, que a transcendência não seria encontrada "lá fora", mas apenas através de uma exploração mais intensa da vida. Mas essa ideia foi justamente o que tornou Emerson atraente para o jovem Nietzsche. As rotas tradicionais para a salvação das religiões foram interditadas durante as décadas iniciais do século XIX: a autoridade existencial e espiritual da Igreja foi abalada pela "Alta Crítica", uma forma de estudar a bíblia que examina os Evangelhos como documentos históricos, não como a palavra de Deus; o capitalismo contemporâneo ganhou fôlego, substituindo a cruz pelo onipotente cifrão do dólar; e a ciência moderna – representada pelas descobertas de Darwin na metade do século – enfraqueceu ainda mais a fé religiosa. A fé era possível – assim como os momentos de contemplação quase divinos –, mas só no interior do curso tangível e perceptível da realidade.

No ensaio de Emerson de 1844, "Experiência", publicado no ano do nascimento de Nietzsche, ele escreveu: "Jamais um homem encontrou uma experiência que o satisfizesse, o bom é o prenúncio de coisas melhores. Sempre em frente! Nos momentos de liberdade, sabemos que uma nova visão da vida... já é possível." Este é o auge do otimismo de Emerson, mas Nietzsche entendia que esta exuberância de Emerson também exigia que aprendêssemos a tolerar as experiências da maneira correta. Para Emerson, a superação de si mesmo acontecia nos momentos solares de alegria e de tristeza, sob o sol do meio dia, quando se percebe que o dia está em declínio, que metade do dia se foi. Este americano, que havia perdido sua primeira esposa para a tuberculose antes dos quarenta anos, conhecia bem as tragédias particulares, e ajudaria o jovem Fritz a superar, e suportar, suas próprias tragédias. Publicado por Emerson em 1841, o ensaio "Compensação" – que faz par com o mais popular "Autoconfiança" –, prometia que "cada mal ao qual não nos entregamos é um benfeitor". Nietzsche passou a maior parte de sua vida tentando absorver essa mensagem, ecoando-a repetidas vezes e de forma mais eloquente em *Crepúsculo dos Ídolos:* "O que não me mata", ele

afirmou, "me fortalece".

Eu sabia que ele havia escrito estas palavras – assim como o resto do livro – durante uma semana insana de trabalho em Sils-Maria. Depois de explorar Splügen, era para lá que eu iria. Talvez eu pudesse caminhar. Eu havia trazido meus tênis e minhas sandálias. Não devia ser mais do que quarenta quilômetros.

¶

SUPÕE-SE QUE AS ESTRADAS e ferrovias devem conectar a distância mais curta possível entre dois pontos, mas nas montanhas as estradas se curvam ao redor das escarpas e encostas – a única ocasião em que são de fato retas são os túneis, onde perfuram a face da montanha. Eu olhei para baixo pela janela do trem. Estávamos nos aproximando de Splügen, e paramos por alguns momentos na cidade de Chur, a capital da região. Lá estava a estrada por onde, eu imaginava, Nietzsche caminhou – apenas uma estreita senda de cascalhos entalhada no granito, desaparecendo no próximo cume. A estrada tinha um acostamento de alguns metros e uma mureta, e depois despencava em linha reta pelo que pareciam ser mais uns3 mil metros. A mureta era uma aquisição recente. Nietzsche havia ido até as montanhas para caminhar à beira do vazio.

Entramos em um vale elevado, mais alto que a maioria das montanhas da Nova Inglaterra, e eu saboreei pela primeira vez a majestade dos Alpes. Se a beleza da tragédia Nietzschiana pudesse ser retratada em uma paisagem, seria esta: as pitorescas e organizadas vilas suíças pontilhavam o amplo vale coberto de relva que, lentamente e, depois, repentinamente, dava lugar a paredes de rochas e gelo que iam até as nuvens. Extremos que se abraçavam em perfeita harmonia.

"Eu subo as estradas rurais com facilidade", Nietzsche relatou durante sua breve estadia em Chur, "tudo repousa a minha frente... vistas esplêndidas atrás de mim, mudando continuamente, perspectivas em constante expansão". Olhando ao meu redor antes de pegar o trem para Splügen, pensei que subir estas montanhas não pode ter sido assim tão fácil para ele. Caminhar desta forma não faz muito sentido – especialmente em uma cultura que se orgulha de suas formas cada vez menos penosas de locomoção. Nietzsche tinha uma palavra para descrever uma cultura assim: decadente. A palavra vem do latim *decadere*, "decair" – como em "descarrilhar".

De acordo com Nietzsche e Emerson, a modernidade não estava mais em sintonia com o ritmo da vida. Ela estava destoando dos impulsos mais básicos que um dia guiaram a existência humana. Por natureza, os animais amam brincar, correr, escalar – gastar energia e se deleitar com o poder. Mas enquanto nos empenhávamos em ser civilizados e devotos, Nietzsche insistia, acabamos por matar ou aprisionar o animal dentro de nós. Com a ajuda do cristianismo e do capitalismo, os animais humanos acabaram se tornando indolentes. Quando "vamos trabalhar" raramente o fazemos pela alegria de exercer o nosso livre arbítrio, mas para garantir um futuro salário. A vida não era mais vivida entusiasticamente – apenas adiada.

Nietzsche fugiu para as montanhas por muitas razões. Estava doente – padecendo de náusea, dores de cabeça e problemas de visão que atormentariam sua vida mais tarde – e precisava de tempo para escrever. Ele estava procurando experiências novas, mais profundas, mais elevadas. Mas também não era mais completamente bem-vindo na Basileia. Na comunidade filológica, a publicação de *O Nascimento da Tragédia*, em 1872, criara uma cisma entre os literalistas e os existencialistas. Os literalistas acreditavam que o objetivo do estudo da linguagem era "chegar à verdade" – ultrapassar os limites da interpretação para conseguir compreender o sentido das palavras como os antigos as tinham compreendido. Nietzsche, assim como um pequeno grupo de filólogos existencialistas, acreditava que este tipo de viagem no tempo intelectual era tão anacrônico quanto impossível – que a "missão do filólogo é entender melhor o seu próprio tempo através do mundo clássico." O objetivo do estudo histórico era enriquecer a experiência do momento presente. Esta afirmação foi desenvolvida em um artigo inacabado que Nietzsche intitulou "Nós, Filólogos" que ficou sem ser publicado por causa, pelo menos em parte, da polêmica que ainda cercava *O Nascimento da Tragédia.* Com esta publicação, Friedrich Ritschl, o velho mentor de Nietzsche e líder do movimento literalista, voltou-se contra o seu aluno mais promissor.

De acordo com Ritschl, Nietzsche tinha dois lados: um era o acadêmico brilhante e rigoroso que conseguia compreender as passagens mais densas e confusas do grego; o outro era o "fantástico exagerado, excessivamente astuto", o louco "à beira do incompreensível". O espírito dionisíaco de Nietzsche não lhe rendeu muitos amigos nos sisudos círculos da elite intelectual de Basileia. As resenhas de *O Nascimento da Tragédia* – uma delas escrita por um de seus amigos mais próximos – eram brutais. O acadêmico

jovem e promissor que, nas palavras de um de seus famosos mentores, "literalmente poderia fazer o que escolhesse", subitamente se tornara um pária na academia. Então, em setembro de 1872, ele partiu para Splügen; foi um experimento com a vida na montanha que ele realmente assumiria alguns anos mais tarde. "Conforme nos aproximamos de Splügen", Nietzsche escreveu a sua mãe, "me senti tomado pelo desejo de ficar por lá... Este vale alpino... É exatamente o que eu quero. Fortes lufadas de vento fresco, colinas e rochedos de todos os formatos e, ao redor de tudo isso, imponentes montanhas nevadas. Mas o que mais me agrada são as esplêndidas estradas pelas quais caminho por horas". Quando Nietzsche chegou a Splügen, se hospedou em uma pequena pousada nas redondezas da cidade. Se na Basileia ele era um pária e uma celebridade, aqui era um desconhecido, e os nativos o tratavam assim. Nietzsche escreveu a sua mãe dizendo que apreciava a liberdade do anonimato. "Agora eu conheço um recanto", escreveu, "onde posso me fortalecer, trabalhar com uma nova energia e viver sem nenhuma companhia. Neste lugar, os seres humanos parecem ser fantasmas".

Quando desembarquei depois de cinco horas de viagem, tive que concordar: o efêmero da existência humana contrastava com a solidez deste terreno. As pessoas saltavam para fora do trem e partiam para suas casinhas nas colinas. Eu fiquei sozinho na estação, ofegante no ar rarefeito, me perguntando onde passaria a noite. Mas eram apenas três da tarde e as montanhas acenavam para mim. Com as sandálias de dedo em meus pés e uma mochila de quatorze quilos nas costas, parti para a minha primeira caminhada alpina.

Segui uma antiga estrada de tropeiros que me levou do centro de Splügen às colinas. Placas pequenas e singelas apontavam o caminho para Isola, uma vila na fronteira italiana a cerca de 50 quilômetros de distância. Faria apenas uma caminhada curta e voltaria antes do anoitecer. Caminhar é uma das atividades humanas mais vitais. É a forma como organizamos o espaço e nos orientamos na amplidão do mundo. É a prova viva de que a repetição – colocar um pé em frente ao outro – realmente permite que façamos um progresso significativo. Não é por acaso que os pais celebram os primeiros passos de seus filhos – este é o primeiro sinal de independência, e talvez o maior de todos eles.

A trilha era relativamente plana e mesmo pavimentada em alguns trechos, e eu percorri uma boa distância rapidamente. Andar é uma atividade com

benefícios práticos e físicos, mas, para os artistas e pensadores como Nietzsche, também está intimamente ligada à criação e ao pensamento filosófico. Deixar vagar os pensamentos, pensar rápido, chegar a uma conclusão – essas não são apenas figuras de linguagem, refletem um estado de amplitude mental que só atingimos em movimento. Nas palavras de Jean-Jacques Rousseau, filósofo do século XVIII, "Eu não faço nada a menos que esteja caminhando, o meu escritório é o campo." A história da filosofia também é a história do pensamento em trânsito. É claro, muitos filósofos se recolheram para escrever, mas isso era, na grande maioria das vezes, uma forma de fincar uma bandeira e marcar a distância percorrida. Buda, Sócrates, Aristóteles, os Estoicos, Jesus, Kant, Rousseau, Thoreau – estes pensadores nunca ficaram muito tempo quietos. E alguns deles, os andarilhos verdadeiramente obsessivos, perceberam que essas perambulações poderiam levar a outro lugar: a caminhada genuína. Esta foi a descoberta feita por Nietzsche nos Alpes.

Aos trinta anos, ele ainda tinha forças o bastante para sonhar com a escalada: "Subir mais alto que qualquer outro pensador, até o puro e gélido ar alpino, onde não há neblina que se erga para ocultar as coisas e onde a estrutura geral destas últimas se manifesta de uma forma bruta e lapidária, mas com a maior clareza!". Caminhar, ao contrário da maioria das vocações, é um trabalho com suas próprias recompensas imediatas e seus aspectos mais incômodos frequentemente são os mais proveitosos. A dor aguda do acúmulo de ácido láctico nos quadríceps e panturrilhas faz lembrar lentamente que a carne – a sua carne – segue viva. O controle que temos sobre a dor é estranhamente revigorante: será que você consegue chegar até a próxima subida, até o próximo paredão de rochas? A vida frequentemente é dolorosa e incômoda, mas o caminhante pelo menos consegue controlar como ele ou ela irá sofrer.

Seis quilômetros de "caminhada" adentro até Isola, tirei minha sandália suada, para trás e arranquei a maior parte da pele do meu calcanhar. Mancando de volta para Splügen, entrei furtivamente em um celeiro nas redondezas, estiquei minha esteira e dei a noite por encerrada. Eu teria que me remendar e recomeçar a minha busca pelo Anticristo amanhã. Consolei-me pensando que, para Nietzsche, o objetivo não era evitar ou mesmo superar o sofrimento: ele, como muitos filósofos antes dele, reconhecia o sofrimento como um fato elementar da existência humana. Mas a resposta ascética para o sofrimento

dependia de compreendê-lo como uma queixa sobre a vida. O meu desafio – o desafio que Nietzsche propõe – era abraçar a vida e todo o sofrimento que ela traz. Quando ele escreveu, no fim da sua carreira, "Será que fui compreendido? Dioniso contra o Crucificado", buscava mostrar que o sofrimento não nega a experiência que temos da vida, mas deve ser acolhido, abraçado, exatamente da mesma forma como acolhemos e abraçamos a felicidade. Na verdade, Nietzsche frequentemente dá a entender que a felicidade é, no melhor dos casos, um objetivo secundário. Em *Assim Falou Zaratustra*, o personagem mais famoso de Nietzsche, depois de ter passado sua vida inteira nas montanhas, conclui: "Felicidade? Por que devo lutar pela felicidade? Eu luto pela minha obra".

Eu passei duas semanas nas colinas ao redor de Splügen, descobrindo a alegria que vinha com o movimento e o incômodo de se ficar parado. Os dias eram gloriosos e passaram voando. As noites eram intermináveis. O tédio, a rigidez, as queimaduras de sol – assim que eu parava de caminhar, tudo vinha à tona. Eu deveria estar exausto, mas não estava. Tudo que eu queria era que o sol nascesse para que eu pudesse partir novamente. "Todos os pensamentos realmente excepcionais", Nietzsche informa ao seu leitor em *Crepúsculo dos Ídolos,* "são concebidos enquanto caminhamos". Para um jovem estudante de filosofia, a correlação era simples: quanto mais você andar, melhor. A maioria das trilhas mais difíceis dos Alpes não são trilhas de verdade. São apenas um leve sussurro marcado por arranhões na terra e pedras deslocadas. Nestes casos é possível apreciar a essência oculta da caminhada – que aonde ir e como chegar lá são escolhas inteiramente suas. "Cada alma", Emerson escreveu em sua palestra "A História Natural do Intelecto", "que está caminhando na sua própria estrada, caminha com firmeza, para surpresa de todas as outras almas que não conseguem ver a estrada". Há nisso uma liberdade assustadora e, como eu descobri, é difícil manter o equilíbrio. Mas depois que você começa a caminhar, é extremamente difícil ficar completamente parado.

Vendo-o em perspectiva, sei que deveria ter tido muito mais receio das montanhas. Mas ao invés disso, depois de passar dias caminhando ao redor de Splügen, eu tentei conquistá-las. Quando os corvos voam em linha reta, Sils-Maria, a pequena vila onde Nietzsche escreveu *Assim Falou Zaratustra,* fica há apenas cinquenta quilômetros de distância. Mas os corvos não voam entre Splügen e Sils-Maria. Eles contornam o Piz Platta, o ponto mais alto da Cordilheira de Oberhalbstein. Com 3392 metros, a montanha pode ser

avistada de um avião há trezentos quilômetros em um dia sem nuvens, mas quando se avança s sobre as encostas dos Alpes, os picos verdadeiramente monstruosos se escondem atrás dos meramente sublimes. Comprei um casaco leve, uma lanterna de cabeça e um bastão de trilha e achei que isso seria o bastante para chegar lá. Por precaução, comprei uma bússola e um mapa que me manteriam na direção certa – eu planejava pegar um atalho através das montanhas – e um saco de dormir, caso esfriasse. E então eu caminhei, escalei e subi por quinze horas em uma linha reta em direção a Platta, rumo à escuridão.

Eu nunca havia acampado em uma área erma. O sol caiu detrás dos picos no oeste e a temperatura também. Eu já podia perceber que a noite seria mais do que apenas fresca. Por que não fiquei na maldita trilha dos tropeiros? Apertando o passo, procurei algo parecido a um abrigo, mas acima da linha das árvores, abrigos são raros, lamentavelmente. Por fim, encontrei uma depressão no paredão de granito – chamar aquilo de "uma caverna" seria um exagero – e dei a noite por encerrada. Sobreveio a escuridão. Eu havia trazido fósforos, mas esqueci de coletar madeira no caminho.

Acalme-se: não havia nada o que temer. Eu não havia visto outro ser humano desde que saíra da trilha pela manhã. Isso significava que ninguém encontraria o meu corpo, mas também significava que ninguém me assassinaria na calada da noite. Além do mais, os suíços não eram um povo homicida. Não havia o que temer. O único sinal de vida era uma marmota ocasional e o som intermitente de sininhos de vacas lá embaixo. Deveriam existir por volta de uns cem linces nos Alpes e ovelhas o bastante nos vales para mantê-los alimentados. Os lobos e os ursos, pensei, foram dizimados há décadas. Não havia o que temer. Algumas poucas estrelas me fizeram companhia por um tempo, mas logo desapareceram atrás das nuvens que cobriam as montanhas. Por fim, estava perfeitamente só, como frequentemente suspeitei estar.

Lá estava: a escuridão absoluta – o "nada" que eu temia. No início, de acordo com Nietzsche, o homem "estava cercado por um vazio temível – ele não sabia como justificar, explicar ou afirmar a si mesmo; ele padecia do problema do seu sentido". Eu acendi a minha lanterna de cabeça e ela brilhou com toda a sua luz noite adentro. O feixe de luz se estendeu, dissipou e desapareceu. "Era uma vez", Nietzsche escreveu em *Sobre Verdade e Mentira,* "em algum lugar esquecido do universo... uma estrela onde animais inteligentes

inventaram o conhecimento... Depois de alguns suspiros da natureza, a estrela se esfriou e congelou, e os animais inteligentes tiveram que morrer". Trabalhar tanto, arder tão luminosamente, e depois ter sua chama extinta sem aviso ou explicação – essa era a ideia que assombrava Nietzsche quando ele partiu para os Alpes.

Apertei-me dentro do saco de dormir, mas minhas orelhas e meu rosto latejavam quando o vento soprava mais forte. Quando a manhã chegou, ainda estava acordado. Mal consigo lembrar como voltei para Splügen, mas sei que demorei dois dias inteiros. As queimaduras de frio ou a ação do vento deixaram uma cicatriz no lóbulo da minha orelha – ainda a tenho, até pouco tempo era a única prova de que eu realmente fiz essa viagem louca.

¶

DEPOIS DAQUELA NOITE, NADA mais me assustava e eu ansiava por profundidade e altitudes. Uma semana depois eu caminhei e peguei carona pelos oitenta – e não cinquenta – quilômetros transitáveis de Splügen até Sils-Maria e me instalei na Nietzsche-Haus, a pensão onde Nietzsche passava os verões nos anos de 1880 que fica no meio de um arvoredo de pinheiros antigos na base de uma encosta. Em *Assim Falou Zaratustra,* Nietzsche conta a história de um montanhês. "Com trinta anos", explica o narrador, "Zaratustra deixou sua terra e o lago de sua terra e foi para as montanhas". Mas quando Nietzsche escreveu estas linhas, já tinha flertado com os perigos do isolamento absoluto – e quase sucumbido. Zaratustra é um ermitão, é verdade, mas secretamente também anseia por companhia. Enquanto os capítulos se desenrolam, se divide entre a solidão selvagem das cavernas em altitude e a vida estruturada das cidades lá embaixo. O objetivo não era uma fuga permanente, mas respirar ar fresco nos cumes para conseguir estar vivo entre seus companheiros nas cidades e no vale. Não era uma tarefa simples, pois significava preservar o seu individualismo em meio à sociedade, interagir com os outros sem ser absorvido pelo grupo.

É claro que, aos dezenove anos, eu não tinha ideia de como realizar tal feito e escolhi a solidão e o vazio.

Hoje em dia o primeiro andar da Nietzsche-Haus é um museu, uma combinação de arte contemporânea e artefatos Nietzschianos: sua máscara mortuária original, fotografias e cartas escritas durante a sua estadia. Acima do

museu há três quartos que podem ser alugados pelos acadêmicos e artistas que vêm para Sils-Maria em busca de inspiração. Uma pequena oficina acadêmica sobre Nietzsche e as pinturas de Gerhard Richter havia terminado e os participantes deixaram a Haus, então pude escolher o quarto em que ficaria. Obviamente eu escolhi o mais próximo do de Nietzsche – um quarto revestido com painéis de madeira com uma cama de solteiro, uma mesa onde havia uma luminária solitária. Quando o sol se punha, toda a casa, exceto por aquela luminária, lentamente se escurecia. Eu passava o começo da noite nos corredores da Nietzsche-Haus contemplando os Richters que permaneciam nas paredes: fotos cintilantes de caveiras sobrepostas por respingos de tinta. "Perecer na busca pelo grandioso e o impossível": essas palavras assombravam essas imagens. Seguindo os passos de Nietzsche, o pintor havia adotado Sils como sua casa e isso foi o que ele encontrou.

Trinta e um dias se dilataram, comprimiram e passaram. Parei de comer e de dormir. O meu cabelo ficou desgrenhado e minhas calças, largas. Minha mãe, na única ocasião em que liguei para ela, comentou que eu parecia um "um pouco estranho" o que, para uma Calvinista, é o mesmo que dizer "completamente insano". Ela não estava inteiramente enganada. Viver com Nietzsche pode produzir este efeito. Quando você priva o seu corpo de alimentos e o exaure, ele termina morrendo, mas, antes disso, as glândulas suprarrenais disparam uma última descarga de energia sobre-humana em uma última tentativa de sobreviver. Na minha última semana em Sils-Maria eu fiquei muito perto de compreender a afirmação de Nietzsche, "Eu não sou um homem. Eu sou dinamite!". Noite após noite, acordado, sem nem sentir mais fome, eu voltava para a minha mesa, para o meu Zaratustra. Ao primeiro sinal do sol, seguia rumo às trilhas atrás da Haus e me esforçava ao máximo para incorporá-lo.

Em um determinado momento, em um poema filosófico, Zaratustra indaga à Vida: "*Ich bin der Jäger: willst du mein Hund, oder meine Gemse sein?*" "Eu sou o caçador: queres ser meu cão ou minha caça?" Eis uma pergunta que eu nunca consegui responder. *Gemse* frequentemente é compreendida como "caça", mas uma tradução mais literal seria "camurça": animais estranhos e esquivos, uma cabra montesa que eu julgava vivas ainda nos terrenos elevados acima de Sils-Maria, sobrevivendo da vegetação esparsa, quase inexistente, que existe acima da linha das árvores. Eles eram fortes, solitários e confiantes. No outono de 1888, durante sua última visita a Sils-Maria, Nietzsche acordou

antes do amanhecer enquanto seu senhorio saia para ir caçá-los nas montanhas sombrias. Naquela ocasião, refletindo sobre *Crepúsculo dos Ídolos,* um de seus livros mais amargos e enigmáticos, Nietzsche admitiu: "Vai saber! Talvez eu também tenha saído a caçar camurças".

Eu fiz o meu melhor para continuar a caçada e em vão procurei por estas criaturas semelhantes a Pã: lendo de noite, escalando em direção aos penhascos à luz do dia. Metade de mim era atraída pelos picos radiantes, a luz solar refletida que enfeitava as colinas ao redor, mas, conforme os dias passavam, eu comecei a sentir um fascínio, inicialmente vago, mas depois cada vez mais forte, pelas profundezas que só podem ser encontradas nas montanhas. Descobri que alguns dos cumes mais dramáticos são os melhores lugares para enxergar as gargantas e os abismos da vida. Explorar a vida de Nietzsche – vibrante e produtiva – também é enfrentar sua recorrente vontade de abandoná-la. Ele sempre viveu com a persistente tentação da morte. "Impedir nosso nascimento", Nietzsche escreve em *Crepúsculo dos Ídolos*, "não está em nossas mãos, mas podemos corrigir este erro... O homem que se suprime realiza o mais estimável dos atos." Existe, de fato, algo de digno na decisão de suprimir-se, assumir o controle da efemeridade do tempo. Eu me sentia aterrorizado pela ideia de evanescer inconscientemente, de partir sem sequer dar-me conta.

Jejuar é controlar a vida, domá-la com rédeas curtas, suprimir-se lentamente com uma precisão bem calculada. É um suicídio prolongado. Em algum momento durante os vagarosos dias de agosto, a um mês do meu vigésimo aniversário, decidi que o meu jejum estava demorando tempo demais. Nas rochas, atrás da casa de veraneio de Nietzsche, eu tracei os meus planos. Eu poderia intensificar o jejum, mas isso, eu já sabia, iria gerar efeitos inesperados. Desmaiaria e algum bom samaritano me levaria para o hospital, e lá outros bons samaritanos me encheriam de fluídos intravenosos e me liberariam com a sensata sugestão de "pegar leve". Os comprimidos seriam mais eficazes, mas eu não tinha comprimidos. Comprar uma arma na Suíça não era uma opção para um garoto norte-americano. Cortar os meus pulsos parecia autoindulgente e melodramático, como algo que um adolescente de verdade faria. Eu tinha visto uma corda de nylon em um armário no primeiro andar da Haus. Gasolina e um fósforo, talvez. Tudo parecia incrivelmente cliché, mas também mais do que teoricamente possível.

Para uma quantidade surpreendente de pessoas, a parte mais assustadora

de um suicídio é a ideia dele fracassar. O êxito parece ser preferível à vida, mas é um feito difícil e muito arriscado. Quando cheguei ao cume do Covartsch, vi uma fenda que provavelmente daria conta do recado, mas o "provavelmente" continuava a me preocupar. Nietzsche contemplou este tipo de inexistência durante a sua estadia nos Alpes. Enquanto escrevia seu *Zaratustra*, ele media as forças de um indivíduo pela sua disposição de ficar face a face com essas possibilidades proibidas: "Aquele que vê o abismo, mas com olhos de águia, que com garras de águia se prende ao abismo: este tem coragem". Estas são as palavras de Zaratustra – esperançosas, transbordando poder –, não de Nietzsche. Nietzsche seria constante, porém também mais vulnerável, mais humano, à beira destes perigos. No Novo Testamento, o nada é descrito como um lugar onde os monstros e demônios vivem; no século XIII, os místicos cristãos começaram a imaginar o abismo como o mistério do sublime Ente Supremo. O que quer que isso seja – demônio ou Deus –, está esperando por você. Nietzsche insiste que "se você olhar muito tempo para o abismo, o abismo também olha para você".

O fosso do Corvatsch era estreito, com menos de dois metros de abertura, e talvez uns 76 metros até o fundo. Em meus últimos dias lá, eu dormia ao relento, perto de um rochedo gigantesco na planície glacial próxima a Val Fex. E eu visitava o meu abismo com frequência, lançando pedras por cima de sua margem, escutando as profundezas, tentando calcular sua altura exata pelo tempo que demorava para as pedras se espatifarem contra os rochedos lá embaixo. Trinta metros? Sessenta metros? Nunca pude descobrir. Se eu pulasse de cabeça, funcionaria, ou eu poderia quebrar a minha coluna e nunca mais andar. O mais provável é que eu conseguisse – mas não da forma como eu queria –, morrendo depois de uma hemorragia lenta. A dor autoinfligida era uma coisa, mas morrer em uma tentativa atrapalhada parecia ir contra o propósito da coisa. Então eu esperei. Porém a ideia sempre estava lá quando eu despertava.

Obviamente, e talvez por sorte, eu me acovardei. Naquela que deveria ser a minha última noite em Sils-Maria, eu me rendi e comi. Eu caminhei por uma pequena colina atrás da Nietzsche-Haus até um gigantesco hotel que eu ainda acredito ser um dos prédios mais grandiosos que já entrei. Eu ainda tinha seiscentos dólares – uma abundância gerada pela minha vida espartana – e eu gastei mais da metade disso em um jantar. Os pratos – todos os seis – eram minúsculos. Mas quando somados, depois de três horas, eram muitos. O

mesmo pode ser dito das pequenas taças de vinho que não paravam de surgir e diminuir a minha sensação de culpa e vergonha. No fim da noite eu logrei passar pelo grande saguão sem tropeçar ou vomitar. Eu não sei exatamente como. E de volta à Nietzsche-Haus, aninhado em sua privacidade, agora cálida e convidativa, eu finalmente dormi. E dormi e dormi – era quase meio-dia quando acordei. Eu havia perdido o meu ônibus para Turim, mas parte de mim estava aliviada. "Preciso de companheiros," Zaratustra admitiu, "companheiros vivos – não de cadáveres que eu precise carregar aonde quer que eu vá. Eu preciso de companheiros vivos que me sigam - porque eles querem seguir a si próprios – para onde quer que eu vá". Eu poderia ir a Turim da próxima vez. E na próxima vez eu não iria só.

Nota da tradução: Sturm und Drang é o nome do movimento artístico que ocorreu na Alemanha por volta de 1760 e que teve marcada influência na produção literária e musical. Este movimento romântico buscava fazer frente ao Iluminismo e ao classicismo francês que, até então, eram a principal influência sobre a produção artística da Europa.

N.T.: Palavra grega, define o ceticismo filosófico, a capacidade de investigar e questionar aquilo que é apresentado como verdade.

COMPANHEIROS CONSTANTES

A maturidade do homem consiste em ter recuperado a seriedade com que ele brincava quando criança.

—Friedrich Nietzsche, Para além do Bem e do Mal, 1886

"PAPAI, O QUE ACONTECEU com a sua orelha?" Dezessete anos se passaram e eu estava terminando de dar banho na minha filha de três anos. Ela andava obcecada com hematomas, arranhões, cicatrizes – os artefatos de feridas passadas – e a marca na minha orelha havia cicatrizado, mas obviamente não desaparecera completamente. Duas mãos molhadas agarraram o meu pescoço e puxaram o meu rosto para a altura dos olhos. Com sua boca a um centímetro da minha bochecha, uma proximidade que inviabilizava uma tentativa de fuga da pergunta, Becca lenta e deliberadamente repetiu: "Papai, o que *aconteceu*?"

Ninguém nunca havia me perguntado e eu, por diversas razões, nunca havia mencionado o assunto. Em *Zaratustra,* Nietzsche explica que a criança dá voz ao "sagrado dizer-sim", um momento raro de permissão em meio à rigorosidade da vida adulta. Para a criança, não existem perguntas proibidas. Então eu respondi da forma mais honesta e direta possível: papai havia saído para fazer uma caminhada em um lugar chamado Suíça; certa noite, ele dormiu em uma montanha e a orelha dele ficou muito, muito, muito fria. É claro que ela queria saber por que o pai dela não havia levado um cobertor ou um chapéu, e eu estava prestes a explicar quando Carol, a mãe de Becca, enfiou sua cabeça para dentro do banheiro e impediu que eu traumatizasse nossa filha para sempre. "Que história mais interessante, Papai" Carol observou. "Você deveria contar outra história". Envolvendo Becca em uma toalha, eu a carreguei para seu quarto, mas enquanto passava por Carol no corredor, ela me deu a permissão para regressar a esta memória que tantas vezes eu evitara: "Parece que foi uma viagem e tanto", ela sussurrou. "Deveríamos voltar lá um dia".

Eu agora tinha companheiros e finalmente havia chegado à paternidade. Foi uma viagem árdua, como é para muitos filósofos: passei por um relacionamento de dez anos que terminou em divórcio e um novo casamento, que meus familiares e amigos consideraram escandalosamente prematuro. Depois continuei em frente até chegar à sala de parto do Hospital Geral de

Massachusetts, onde conheci uma estranha pequena e indefesa que se tornou a nossa companheira mais próxima. E agora ao berçário e à uma decisão que me levou de volta a Nietzsche, que jamais teve filhos.

¶

SEGUINDO UMA SUGESTÃO DE Carol, eu ditei um seminário sobre Nietzsche na primavera, mergulhando nos textos dele junto com meus alunos. Fazia anos desde que eu lera aqueles livros, e meus colegas ficaram surpresos com minha vontade de dar aquela aula, mas o que eu realmente queria era refletir sobre o possível significado daquele verão nos Alpes. Carol brincou dizendo que era bom mesmo que eu fosse da área de Humanidades e não das Ciências Sociais, pois meu curso jamais seria aprovado pelo IRB – o comitê de ética que protege os seres humanos que participam de pesquisas. Eu tenho que admitir que de alguma maneira foi algo brutal. "Eu me beneficio de um filósofo apenas na medida em que ele possa ser um exemplo". Se Nietzsche estava certo a respeito disso, como podemos nos beneficiar dele? Como ele poderia ser um exemplo para nós? Estas foram as perguntas que fiz no início do curso.

"Eu era feliz", um dos meus alunos me informou mais ou menos na metade do período, "até começar a ler Nietzsche".

Mas nós continuamos lendo e, pela primeira vez em meus nove anos como professor, nenhum aluno largou o curso. A maioria dos alunos estava prestes a fazer vinte anos, então foi aí que nós começamos: Nietzsche se tornou um jovem adulto em Leipzig, cursando o que hoje chamaríamos de pós-graduação. "A quantidade de trabalho que meu irmão conseguiu realizar durante o seu tempo de estudante", sua irmã, Elisabeth, narrou, "parece realmente quase inacreditável". Aqui ele começou sua carreira como filólogo com uma análise de *Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio. Quando Nietzsche se formou, ele apresentou sua premiada tese sobre o assunto, com uma epígrafe de Píndaro que serviria como o alicerce de toda a sua obra: "Torna-te quem tu és".

Durante a sua estadia em Leipzig, Elisabeth descreveu seu irmão, que mais tarde padeceria de enxaquecas incapacitantes, como um "urso" que "'não sabia o que era uma enxaqueca ou uma indigestão". Ursos são criaturas robustas – mas também solitárias –, e Nietzsche passou seus últimos dias como estudante universitário aperfeiçoando a arte de ficar sozinho. Em seu diário, ele escreveu

que vagava pelas ruas de Leipzig perdido em pensamentos que iam da ansiedade à depressão. Em uma destas excursões, ele encontrou a obra de Arthur Schopenhauer. "Estava por acaso perto da loja de Rohne, um vendedor de livros de segunda mão," Nietzsche relata, "e peguei uma cópia de *o Mundo como Vontade e Representação*... Não sei qual foi o demônio que sugeriu que eu levasse o livro para casa comigo". Mas ele aceitou a sugestão e "entregou-se ao gênio melancólico". Tornar-se quem tu és significava, pelo menos no começo, deprimir-se profundamente.

Ao longo dos anos, eu convenientemente havia me esquecido desta obsessão de Nietzsche com Schopenhauer, o "gênio melancólico", filho de um empresário rico e de uma linda mãe que teve a sorte de criar seus filhos na alta burguesia. Quando Arthur era pequeno, sua família viajava bastante, principalmente para a Inglaterra e para a França, tanto a trabalho como por lazer. Mas seu pai, apesar de extremamente bem-sucedido, jamais foi verdadeiramente feliz. Ele caiu – ou, mais provavelmente, pulou – para a sua morte quando Arthur tinha dezessete anos. Comecei a lembrar por que havia esquecido.

Nietzsche também sabia como a perda de um pai ecoa na vida do filho. Inicialmente, Schopenhauer mergulhou no comércio e nos negócios para, de certa forma, preservar, ou ao menos honrar, o legado de seu pai. Se Nietzsche era o "pastorzinho", na sua adolescência Schopenhauer era o "capitalistazinho". Mas após dois anos, Arthur se cansou dos negócios da família e descobriu que o acúmulo de riquezas não era capaz de preencher o vácuo existencial criado pela partida súbita de seu pai. O humor de Schopenhauer piorou; suas alterações emocionais se tornaram mais intensas. Ele poderia muito bem ter seguido o destino de seu pai, mas, em vez disso, fez o mesmo que Nietzsche e tantos outros órfãos e decidiu dedicar-se aos pais da filosofia. Ele tinha herdado uma quantidade de dinheiro considerável, que investiu com astúcia; no fundo, Schopenhauer só pôde se tornar um pensador graças às riquezas terrenas de sua família.

Muitas vezes pensei que a filosofia produziu efeitos contraditórios em Nietzsche e em Schopenhauer: foi o que permitiu que eles aceitassem a vida, mas quase os impossibilitou de viver ao lado dos outros. O pessimismo que emergiu na metade do século XIX vinha de uma crença que foi incutida neles ainda na infância – a de que a existência humana era inevitavelmente perversa. Eles se recusavam a negar ou disfarçar o sofrimento do mundo. Se a vida tinha

algum sentido, ele estava no sofrimento. Em 1850, Schopenhauer escreveu: "Se o objetivo direto e imediato da vida não é o sofrimento, nossa existência está fadada a fracassar. É absurdo enxergar a enorme quantidade de dor que abunda em todas as partes do mundo, e que nasce das vontades que são intrínsecas à própria vida, como algo sem qualquer sentido e fruto apenas do mero acaso". Ou o sofrimento é o sentido da vida, ou a vida não tem sentido.

Talvez isso soe exageradamente pessimista, mas Nietzsche, ecoando Schopenhauer, acreditava que a maneira como a maioria das pessoas tentava aliviar a agonia, no final das contas, só a intensificava. As fugas mais comuns – comida, dinheiro, poder, sexo – são dolorosamente passageiras. A vida só segue uma direção: a decadência cada vez mais acentuada. Isso se aplica a todos os seres vivos, mas só o humano tem as capacidades de recordação e previsão e, diferentemente dos meros animais, pode reviver os horrores da vida e vislumbrar a sua morte prematura. É claro, podemos nos distrair – política, estudos, religião, a vida em família – mas essas coisas não conseguem mitigar o que há de doloroso em ser humano. Estes relacionamentos e instituições são tão frágeis e incertos quando a vida que os sustenta.

Para Johanna, a mãe de Schopenhauer, o pessimismo filosófico do filho parecia algo totalmente fora de sintonia com a vida, ou pelo menos com a vida dela. Pessoalmente ele era tão impossível quanto era na filosofia, propenso a longos períodos de depressão e acessos de cólera. Passou vinte anos indenizando uma mulher que ele agrediu (ela estava falando alto demais próximo à porta dele). Quando Schopenhauer tinha vinte e seis anos, Johanna escreveu para ele informando-o do óbvio – ele era impossível. Ela descreveu como ele afetava negativamente os seus companheiros, sugerindo que ele deveria ir morar longe dela. E foi o que ele fez. Nunca mais se viram. Ela morreu vinte e quatro anos mais tarde. Depois de cortar os laços com sua mãe, Schopenhauer passou os quarenta e seis anos seguintes de sua vida só, tornando-se conhecido no continente como solteirão e, depois, ermitão. Isso não quer dizer que ele jamais tenha conhecido o amor. Ele manteve um caso intenso e inconstante com a cantora Caroline Richter, mas considerando os muitos pretendentes dela e as inseguranças crônicas (e compreensivas?) de Schopenhauer em relação à intimidade duradoura, não é nenhuma surpresa que isso não tenha evoluído para um relacionamento longo. "Casar-se", Schopenhauer diz, "é estar vendado, tateando o interior de um saco na esperança de achar uma enguia em meio a uma congregação de cobras".

¶

NIETZSCHE VIU ALGO EM Schopenhauer: viu a si mesmo. "Em cada linha eu ouvia o grito da renúncia, da negação, da resignação,", ele escreveu sobre os escritos de Schopenhauer, "para mim o livro era um espelho que refletia o mundo, a própria vida e a minha própria alma com uma fidelidade aterrorizante". Enquanto os outros membros do Germânia, o clube do livro, tornavam-se adultos e se casavam, Nietzsche permaneceu sozinho em Leipzig e depois na Basileia, casado com seu trabalho. No ponto culminante de sua amizade, Richard Wagner apontou uma única causa para o desequilíbrio mental de Nietzsche: "Parece haver uma falta de moças" na sua vida, o compositor observou. Isso não era inteiramente verdadeiro: Nietzsche estava à procura de uma parceira adequada, mas ainda não havia encontrado nenhuma.

Existem algumas coisas que eu não compartilhei com meus alunos – como o fato de que dificuldades românticas como as de Nietzsche são endêmicas na filosofia. Eu e minha primeira esposa nos conhecemos na universidade, em um seminário sobre o existencialismo europeu, no auge da minha obsessão com Nietzsche. Ela estava escrevendo sua tese sobre o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard e seu método de "comunicação indireta". Esta é uma manobra impossivelmente sutil, um malabarismo intelectual aperfeiçoado por Sócrates em que a mensagem é colocada de tal forma que o autor pode se esquivar da responsabilidade de ter feito aquela afirmação (por isso que tantos dos livros de Kierkegaard foram escritos sob pseudônimos). Isso teoricamente teria uma aplicação pedagógica significativa que permitiria que o professor ensinasse sem se tornar um ídolo e o estudante aprendesse sem se tornar um discípulo. Na teoria, isso parece quase nietzschiano – e, em retrospecto, admito que seja –, mas na ocasião eu via isso como uma mistura de passivo-agressividade e má fé que ia contra a ideia de liberdade existencial. Eu e ela brigávamos de uma maneira única entre os filósofos: incessantemente, intimamente, com uma paixão quase erótica. E foi isso que nos levou até o altar.

Tratando-se de romance, Kierkegaard foi apenas um pouco mais sortudo que Nietzsche. O dinamarquês ficou noivo de uma mulher linda e inteligente, Regine Olson, mas conforme a data do casamento se aproximava, Kierkegaard hesitou e decidiu que sua melancolia o tornava inadequado para uma união duradoura. Eu e minha esposa deveríamos ter chegado à mesma conclusão. Mas ao invés disso, nos casamos em uma igrejinha no centro da Pensilvânia.

Durante os primeiros anos de nosso casamento, e provavelmente devido à pura exaustão, ambos paramos de ler nossos existencialistas e começamos a estudar assuntos acadêmicos mais favoráveis a saúde psicológica e interpessoal. Ela largou Kierkegaard por um doutorado em terapia familiar e matrimonial. Eu troquei Nietzsche pela filosofia americana, particularmente Emerson e Thoreau. Mas o estrago já estava feito. Então, em uma de nossas raras e sábias concordâncias, decidimos nos separar: ela se casou com um piloto de bombardeiro que, eu espero, não lê Kierkegaard, e eu me casei com Carol, uma filósofa que detestava Nietzsche.

Carol é uma Kantiana, e Immanuel Kant normalmente é considerado *o* filósofo alemão, mas Nietzsche o chamava de "aranha catastrófica" – o criador de um sistema que havia tecido uma teia de idealismo que havia capturado muitos bons pensadores. Kant era a personificação dos ideais Iluministas de ordem, harmonia, racionalidade e, acima de tudo, dever – conceitos filosóficos que Nietzsche passou a vida inteira tentando demolir. Kant estava interessado no autocontrole, mas era um tipo de controle preciso e desapaixonado que Nietzsche julgava perfeitamente adequado às noções cristãs de piedade e abnegação. Kant não fazia trilhas ou jejuns radicais. Ele fazia caminhadas calculadas e repetitivas, um passeio diário para manter a saúde em dia, que nunca o levava além dos muros da sua Königsberg natal. Dizem que os moradores ajustavam seus relógios de acordo com as famosas "caminhadas filosofais" de Kant. Esse tipo de perambulação restrita era inimaginável para Nietzsche – um sintoma de uma mente constipada. Ao descrever Kant em *O Anticristo,* ele escreve:

> Este niilista [Kant], com suas entranhas cristiano-dogmáticas, considerou o prazer como objeção. O que poderia nos destruir mais rapidamente do que trabalhar, pensar e sentir sem nenhuma necessidade interna, sem nenhuma escolha profundamente pessoal, sem prazer, como um autômato do "dever"? Essa é a receita perfeita da decadência, talvez até do idiotismo. Kant tornou-se um idiota.

Carol discordava completamente. Ela se sentia atraída pela crença Kantiana de que a liberdade dependia de nossas capacidades racionais mais do que das paixões inconstantes que controlavam os Românticos e os pensadores que seguiram os passos deles, como Nietzsche. As emoções, de acordo com Kant, frequentemente faziam com que os indivíduos perdessem o rumo, ao permitir que confundissem os imperativos morais com as preferências pessoais. Quando guiados pela paixão, os indivíduos tendem a ignorar os seus deveres

morais e agir irracionalmente. Carol achava que Nietzsche era um tolo mal-intencionado ou, no mínimo, pateticamente equivocado.

Quando eu a conheci, eu já havia quase superado Nietzsche. Havia praticamente me extirpado da obsessão com caminhadas e jejuns e a substituído pela filosofia americana que buscava o equilíbrio entre a autodeterminação e a responsabilidade moral. Essa mudança no meu foco filosófico veio com a decisão de mudar, ou pelo menos tentar. Os filósofos americanos – Ralph Waldo Emerson, William James, Josiah Royce – deram continuidade à tradição das andanças intelectuais e foram para as montanhas da Nova Inglaterra em busca de inspiração e concentração. Mas eles frequentemente caminhavam juntos – com seus companheiros intelectuais com quem poderiam compartilhar seus projetos filosóficos. Com a ajuda deles, eu lenta e hesitantemente aprendi a caminhar sem pressa ao lado de alguém.

Quando passamos algum tempo lendo – e nos apaixonamos por – um filósofo específico, ele lentamente começa a confundir o mundo dos fatos objetivos com o mundo imaginário dos ideais e crenças. Essa é uma das verdadeiras alegrias de se ler filosofia – seu perigo, mas também sua possível redenção. Ao deixar para trás a mania de Nietzsche e me voltar para os sentimentos mais ponderados dos pensadores americanos, e até mesmo Kant, eu lentamente encontrei uma forma de viver e, após alguns percalços, de amar. E isso me fez muito mais feliz. Eu até escrevi um livro sobre os efeitos redentores da filosofia americana, sobre como o amor pela sabedoria poderia unir duas pessoas. Mas na calada da noite, depois de um dia inteiro ensinando Nietzsche, os cumes mais altos voltavam a acenar para mim.

¶

A ESPÉCIE DE PENSADOR-LIVRE que Nietzsche defendia, ou pelo menos o seu estereótipo, era uma caricatura sincera da masculinidade, desafiando as regras, cético; nas palavras de Emerson, "um insubordinado". Eu deveria estar velho demais para isso. Chegando aos quarenta, seguir um iconoclasta filosófico poderia ter seus custos. O convite de Carol de voltar à Suíça era, considerando a história daquele lugar, de uma coragem admirável, mas a ideia de voltar para os Alpes com ela invocava uma imagem aterradora: um homem, em seu ápice intelectual, que assassina os seus relacionamentos – e quase se mata – em meio a um surto maníaco de produção, às portas de uma grandeza real ou, mais

provavelmente, imaginária. Os Alpes de Nietzsche têm a inacreditável capacidade de intensificar e aprofundar qualquer entusiasmo ou crise. Lembrei-me do que ele escreveu em março de 1883, após romper as relações com a família e os amigos e partir para Sils-Maria pela segunda vez: "Eu perdi o interesse em tudo... Sinto-me tão incompleto, tão inefavelmente ciente de como eu estraguei e corrompi a minha vida criativa." E três meses depois, à beira do suicídio: "Eu agora trabalho como um homem que está botando a casa em ordem antes de partir".

Quando adolescente, eu me apegava a essas palavras do meu companheiro na desgraça, mas agora, aos trinta e seis anos, elas apenas me assustavam. Se Carol e eu seguíssemos Nietzsche até as montanhas e escorregássemos ou pulássemos, teríamos algo a perder: nossa filha, Becca; nossos alunos queridos; dois raros empregos para filósofos; uma tranquila casa de fazenda a alguns passos do lago de Walden; nossa saúde; um pouco de respeito dos nossos colegas; um ao outro; e o tempo que tínhamos para aproveitar tudo isso. Naquela altura, penetrar as montanhas talvez não fosse nada além de um ato de ingratidão.

Porém, meus pensamentos continuavam a se voltar para o meu ermitão filosófico há muito negligenciado. Nietzsche, o solteirão eterno, acreditava que o casamento poderia tomar duas formas distintas. Poderia, como foi sugerido, ser apenas "uma longa estupidez" em que duas pessoas desesperadas ocultam a sua carência atrás dos adereços de uma vida convencional. "Que infortúnio, essa deplorável satisfação a dois!" Quando Carol e eu nos casamos, prometemos que jamais nos tornaríamos "essa pobreza da alma a dois". A sua disposição em caminhar comigo – nos arriscarmos juntos – era uma forma de honrar esta promessa. De acordo com Nietzsche, o casamento poderia ser um longo engano, mas ele também poderia representar outra coisa, algo mais elevado: "A vontade, a dois, de criar algo maior do que seus criadores. Ter reverência um pelo outro, os que desejam com tanto desejo, isso é o que eu [Nietzsche] chamo de casamento". Isso era, entre outras coisas, o que poderíamos buscar nas montanhas. Carol podia achar que Nietzsche era um idiota, mas a minha antiga admiração por ele era importante para ela. Ela não estava só curiosa: ela queria compreender.

Eu entrei em contato com a Nietzsche-Haus em Sils-Maria e o curador me assegurou que eles tinham um quarto – o mais próximo do quarto de Nietzsche –, o quarto revestido de painéis de madeira da minha juventude. Eu

me recordei de seu teto baixo e das paredes nuas que pareciam se fechar sobre o hóspede conforme a noite passava. Carol e eu poderíamos nos virar com o pouco espaço. Eu passei um mês pesquisando as passagens e planejando nossa rota, mas os planos não estavam levando algo em consideração – ou melhor, alguém. Nietzsche podia viajar pela Europa por semanas, sozinho ou com um amigo ocasional. Mas Nietzsche não era pai.

Então decidimos: Becca também viria. Afinal de contas, era ela quem queria saber o que havia acontecido com a minha orelha. Se Becca estaria conosco, não ficaríamos na Nietzsche-Haus: uma coisa era aterrorizar Carol com quartinhos sinistros, outra coisa era sujeitar uma menina de quatro anos às realidades macabras da vida. Nós manteríamos a nossa reserva no museu-hotel (eu poderia dormir lá se sentisse vontade) e acamparíamos ao longo do mês, mas precisávamos reservar alguma alternativa de alojamento. Havia um lugar onde eu queria me hospedar: o hotel na colina atrás da Nietzsche-Haus, onde eu havia jantado na minha última noite em Sils-Maria. Quando eu tinha dezenove anos eu não sabia, ou não notei nem me importei, mas este hotel tinha um nome, um nome famoso: Das Waldhaus Sils. Essa grande dama entre os hotéis – a "casa no bosque" – já havia atraído muitos peregrinos Nietzschianos ao longo do século: Thomas Mann, Theodor Adorno, Carl Jung, Primo Levi e, de longe o meu favorito, Hermann Hesse. Não seria um exagero dizer que o hotel fora o local de nascimento da filosofia pós-Nietzschiana, um lugar para conduzir experimentos com os pensamentos do filósofo-herói. Mann, Adorno e Hesse passaram meses, anos em alguns casos, no hotel. A diferença escandalosa entre a austeridade da Nietzsche-Haus e o luxo do Das Waldhaus não havia me escapado, e reservar os quartos me deixou dividido. Mas de alguma forma, tudo aquilo, até aquela profunda ambivalência, parecia fazer sentido. Seria uma desculpa para reler *O Lobo das Estepes* de Hesse, a história sobre a natureza bifurcada de um homem, um livro que eu sempre vi como a mais íntima biografia de Nietzsche.

O ÚLTIMO HOMEM

O homem é um rio poluído. É preciso ser um mar para receber o rio poluído sem se contaminar.

—Friedrich Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, 1883

NOSSA FAMÍLIA SEGUIRIA NIETZSCHE montanhas adentro, mas primeiro precisávamos enfrentar o aeroporto e um voo transatlântico que, eu sabia, seria o trecho mais tedioso da viagem. Nietzsche ficou famoso pela sua filosofia das montanhas, mas ele começou a sua vida como um pensador muito distante de suas alturas, enfrentando as sufocantes forças da civilização moderna. Seu Zaratustra explica que o grande obstáculo para tornar-se o *Übermensch*lich está naquilo que ele chama de o "Último Homem", uma figura que representa a eficiência sem vida dos tempos modernos. O Super-homem é o ideal do futuro, algo que os seres humanos poderiam aspirar a ser. Mas o Último Homem está no caminho e, em uma tarde abafada de agosto, eu estava quase certo de que ele havia construído, e ocupado, as planícies do Aeroporto Internacional Logan.

Hoje, as luzes da pista de pouso do Logan ofuscam os céus estrelados, e o barulho dos aviões torna quase impossível a tarefa de se concentrar em algo. A construção do aeroporto, durante a primeira metade do século XX, envolveu o aterramento dos 965 hectares de pântanos que separam Boston do Oceano Atlântico. Naquela ocasião, alguns espíritos livres que viviam na planície na costa protestaram, deitando-se em frente aos caminhões basculantes carregados de areia. É claro, os espíritos livres foram carregados para longe pela polícia. Restabeleceu-se a ordem e a praia foi nivelada para que pudessem ser criadas seis pistas que são utilizadas por trinta milhões de viajantes por ano. E todos eles pareciam estar no aeroporto quando nós chegamos.

Quando as viagens transatlânticas começaram, o mundo ainda era vasto. Os viajantes que ousavam fazer a travessia tinham iguais chances de pegar uma doença e morrer ou de chegarem seguros a seu destino. Mas hoje "o mundo tornou-se pequeno", escreve Nietzsche, "e nele embarca o Último Homem". De acordo com Zaratustra, o Último Homem vê segurança e conforto como as fontes de toda a felicidade. A vida – como um voo que parte de noite e pousa ao amanhecer – deve ser o mais suave e indolor possível. "'Nós

inventamos a alegria!', exclama o último homem. E ele pisca". O tempo que Nietzsche passou na Basileia o ensinou que aquela satisfação tinha algo de sufocante e artificial e, olhando ao meu redor em Logan, percebi que pouco havia mudado nos últimos cento e cinquenta anos desde que ele fugira para Sils-Maria. Na verdade, era difícil lembrar que Nietzsche havia nutrido grandes esperanças neste país: ele pensava que os Estados Unidos eram o lugar onde o individualismo e a liberdade poderiam realmente criar raízes. Ele não estava tão certo disso.

Nós fomos para a esteira rolante do terminal do aeroporto, que nos guiou por infindáveis lanchonetes, deixando-nos na entrada de uma loja onde os viajantes poderiam comprar itens de primeira necessidade: almofadas cervicais infláveis, cobertores elétricos, carregadores de celular. A obra de Nietzsche não estava presente em lugar algum.

Claramente, em algum momento durante o último século, os Estados Unidos seguiram a deixa da Europa e trocaram a beleza e o risco pelo conforto e a conveniência. Nietzsche, entretanto, acreditava que essa obsessão com a aparência de saúde era totalmente diferente de ser realmente saudável. Concordando com o historiador e filósofo romano Tácito, Nietzsche escreveu, "Ao lidar com o corpo humano, os médicos não têm muito que dizer em prol do paciente que só se mantêm em forma se preocupando com a sua saúde. Não estar doente não é nenhum grande mérito... Se a saúde é a única coisa que você pode elogiar a respeito dele, ele realmente não é mais do que um inválido". De acordo com Nietzsche, existem dois tipos de saúde: o tipo fútil, que tenta afastar a morte pelo máximo de tempo possível, e o tipo positivo que abraça a vida e todas as suas deficiências e excessos.

Quando chegou aos trinta anos de idade, Nietzsche estava lutando contra uma série de enfermidades. Enquanto servia em um hospital durante a guerra Franco-Prussiana, ele contraiu difteria, disenteria e o que hoje chamamos de transtorno de estresse pós-traumático. Por grande parte dos anos de 1870, ele procurou em vão por curas. Mas quando sua docência na Basileia estava para terminar, Nietzsche começou a repensar o significado de saúde. Voltando aos antigos gregos, ele argumentou que sua força notável era fruto do *agon* – o atrito da competição – que estava longe de ser confortável. A doença poderia ser uma condição à qual por vezes nos rendemos, mas ela também poderia ser uma provação enfrentada com heroísmo. Os gregos, de acordo com Nietzsche, não negavam a existência do sofrimento e das limitações humanas,

mas buscavam transformá-los em arte. Na tragédia, os personagens tomam as rédeas de seus sofrimentos e se apossam deles – reivindicando-os de tal forma que o fracasso e a limitação se tornam relevantes, gloriosamente relevantes. A existência humana é cruel, inclemente e penosamente curta, mas os heróis trágicos da Grécia antiga achavam uma maneira de transformar os sofrimentos e as interrupções abruptas da vida em algo belo, ou esteticamente relevantes. Isso é o que Nietzsche quis dizer em *O Nascimento da Tragédia* quando afirma que a existência só pode ser justificada como fenômeno estético.

O fenômeno estético – o fenômeno do belo e do sublime – é frequentemente tido como algo fora da alçada dos filósofos modernos. Conforme a revolução científica se intensificava, desaguando no Século das Luzes, os pensadores priorizaram os ideais morais e racionais. Decisões e ações deveriam ser guiadas pelos princípios universais da prudência, da lógica e da razão, e não uma busca vaga pela vida bela. Nietzsche, pelo contrário, acreditava que a busca pelo fenômeno estético era a única forma de atenuar o horror da existência. Os gregos tinham uma compreensão mais profunda da beleza – como uma forma de transformar a agonia e a fadiga em algo criativo e extasiante. A ideia de "arte pela arte" não existia para os gregos; o objetivo era conseguir enxergar as tensões e contradições da vida – até o que há de mais horrendo e desprezível – como se contemplássemos uma obra de arte.

Meus olhos passearam pelo terminal até as telas brilhantes de um bar com tema esportivo. O Tour de France seguia a pleno vapor e os ciclistas, cada um deles movido pelo seu próprio par de pernas, estavam nos Alpes. Batidas, desidratação, tendões rompidos, ossos quebrados: eles estavam se matando naquelas montanhas. E isso era belo. No Logan, um grupo de americanos bebedores de cerveja se juntou para comer hambúrgueres e assistir. Ainda existem vestígios dos conflitos trágicos na nossa cultura, mas eles são sutis. As competições de alto nível são vistas como um mero espetáculo ao invés de uma parte essencial do dia-a-dia. Nos metemos no restaurante, pedimos algo para Becca jantar, tomamos um drink e deixamos o tempo até a nossa partida passar da forma mais agradável possível, entretidos pelas imagens bidimensionais de ciclistas que atravessavam picos e vales.

Uma hora depois, em algum canto, perdi o *Zaratustra*. Revirei todo o bar, os banheiros e as demais lojas, mas foi em vão. Ele havia sumido. Meu companheiro há tantos anos, um amigo que resistiu a todas as estações, finalmente me abandonara. Carol me assegurou que encontraríamos outra

cópia do livro quando eu chegasse. O embarque do nosso voo começou e nós seguimos nossos parceiros, em fila única, até o portão, onde apresentamos nossos cartões de embarque e atravessamos o corredor até nossos lugares marcados. Becca se meteu entre nós para o meio de nós e nos preparamos para o longo trajeto. Um homem grande se enfiou na fileira ao lado e se acomodou – travesseiros, cobertores, meias felpudas, protetores auriculares, remédios para dormir. O Último Homem piscou duas vezes, me deu um sorriso sonolento e vazio e apagou antes que o avião decolasse. Eu também me reclinei, puxei Becca para o meu colo e fiz o que pude para relaxar, mas não conseguia me livrar daquilo que Nietzsche chamava de "*unzeitgemässe Betrachtungen*": ideias inapropriadas, pensamentos extemporâneos.

¶

Unzeitgemässe Betrachtungen, frequentemente traduzidas como as *Considerações Extemporâneas,* consumiram os trinta anos de Nietzsche. Mais tarde ele consideraria que esses ensaios serviram para "desabafar tudo de negativo e rebelde que escondia dentro de mim". Um tema de dois gumes permeia as *Considerações*: a rejeição feroz das instituições intelectuais, políticas e culturais da Europa ocidental e a promessa de defender uma "pintura da vida" alternativa. Ele produziria essa "pintura" com a ajuda do pessimismo de Schopenhauer, que tinha, nas palavras de Nietzsche, "um ideal por base, uma intensa seriedade masculina, uma aversão a tudo aquilo que é oco e sem substância, e uma afeição pela saúde e pela simplicidade". O pessimismo o dissuadiu da ideia de que a vida diária tinha relevância e o preparou para buscar aspirações mais elevadas – e considerar, mesmo que brevemente, a possibilidade da transcendência. E por um tempo, Nietzsche acreditou que esta transcendência estaria encarnada na música Romântica de Richard Wagner.

Nietzsche havia conhecido Wagner quando estava se preparando para dar início a sua vida profissional em Basileia. Ele estava procurando um mentor e uma forma de escapar das amarras do pensamento acadêmico; Wagner estava procurando um protegido que pudesse defender a sua música com publicações. Em seu primeiro encontro, mergulhados em uma profunda troca filosófica, um vínculo foi forjado e Wagner convidou o jovem a sua casa de veraneio em Tribschen, às margens do lago Lucerna. Nietzsche aceitou, iniciando assim uma série de viagens – uma dúzia ao todo após 1869 – que

definiu o seu compromisso inicial com o Romantismo. Os Românticos acreditavam, de forma geral, que o objetivo da vida era se encontrar na natureza, se inspirar no espírito do cosmos, explorar os mais profundos sentimentos subjetivos – estéticos, morais e espirituais – diante da universalidade da natureza. A casa de Wagner em Tribschen foi construída para encorajar essa forma de autodescoberta. O compositor reservou um quarto de hóspedes para o seu acólito. Comentando seus primeiros dias com Wagner, Nietzsche escreveu: "Só posso dizer que nuvem alguma jamais escureceu o céu sobre nossas cabeças."

O mundo acadêmico da Basileia era estreito e científico, movido por uma hierarquia tediosa e as falsas promessas da alta cultura. Era, nas palavras de Nietzsche, um "canil" onde a conformidade e a obediência eram exigidas e recompensadas. O mundo que a família Wagner criou em Lucerna, por outro lado, era extraordinário, mitológico, imaginário – povoado por musas e anjos. O reino de Wagner era marcadamente antimoderno, construído sobre a crença de que a única forma de salvar o pavoroso presente era reverenciar a beleza de um passado distante. Isso ecoava os instintos do Nietzsche filólogo e, por um tempo, ele se tornou o maior defensor de Wagner. Em *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche escreve que "se você não tem um bom pai, trate de encontrar um". Um bom pai: era isso que ele tentou encontrar em Wagner – no final das contas, sem sucesso.

Porém, achar o seu lugar em Lucerna não era fácil. Nietzsche ainda era o filho de uma mãe conservadora, o que dificultava muito a sua aliança com o compositor. Wagner acabara de produzir o seu terceiro filho ilegítimo com Cosima von Bülow (filha de Franz Lizst) e em um início essa falta de pudor deixava o jovem professor apreensivo. Quando os dois finalmente se casaram, Wagner brincou que o casamento não agradara ninguém mais do que Nietzsche, que permanecia "estranhamente reservado" quando na companhia dos amantes ilegítimos. Assim, o casamento dos Wagner, no verão de 1870, marcou uma alta na dedicação do filósofo aos seus propósitos artísticos. Como em muitas relações de admiração, o afeto de Nietzsche pelo compositor era muito disfuncional. Wagner rascunhava uma lista de seus rivais musicais e atribuía a Nietzsche o cargo de capanga intelectual, papel que o jovem cumpriu com esmero durante os primeiros anos de seu relacionamento. Nietzsche tornou-se o porta-voz filosófico do movimento de Bayreuth, um plano complexo para transformar a irrelevante vila da Bavária em uma Meca

do Romantismo. Quando foram instaladas as fundações para o grande teatro, em 1872, Nietzsche estava lá, declarando-se orgulhosamente um "filósofo Wagneriano". *O Nascimento da Tragédia*, publicado no mesmo ano, foi em grande parte desconsiderado pela comunidade filológica tradicional da Basileia, mas foi recebido pelos seguidores de Wagner como um manual para resgatar a cultura europeia. Cosima parabenizou Nietzsche pelo sucesso do ensaio, colocando-o em seu devido lugar como "a melhor fonte de conhecimento Wagneriano", mas as palavras dela eram dolorosamente dúbias: louvavam, mas advertiam. O filho deve ter cuidado para não superar seu pai.

A popularidade de Nietzsche, aos olhos de Cosima, só se manteria enquanto ele ecoasse Wagner como porta-voz para o gênio de seu marido. A fama de Nietzsche dependia da submissão. Quando terminou sua quarta *Consideração Extemporânea*, "Wagner em Bayreuth", o jovem professor estava começando a entender a situação e sua visão de Wagner lentamente mudou. O jovem admitia que seu pai adotivo era um "estranho enigma", mas um enigma que – como um fantasma ou um deus – precisava ser reverenciado. O amor de Nietzsche ocasionalmente era retribuído, mas o afeto de Wagner sempre cobrava um preço.

"Você é", Wagner escreveu a Nietzsche em um momento de afeição, "o único fruto que a vida me trouxe". Mas neste caso, como em todos os casos, o homem idoso queria algo em troca do seu louvor: desta vez queria que o filósofo fosse o tutor do terceiro filho dos Wagner – seu filho legítimo -, Seigfried. "Ele precisa de você", Wagner escreveu a Nietzsche, "o menino precisa de você". De muitas formas, Nietzsche era quem precisava de alguém, e o seu "pai" sabia disso. Após a publicação de *O Nascimento da Tragédia*, Wagner confessou ao seu jovem protegido: "Eu disse para a Cos. que, entre meus afetos, você vem imediatamente depois dela". Poderia ser verdade, mas esses louvores vinham com uma quantidade equivalente de insultos e degradação. À medida que Nietzsche chegava à meia-idade, ele se tornou, literalmente, o menino de recados de Wagner – sendo enviado à Basileia para comprar caviar e geleia de damasco, ao encadernador para reencadernar as composições clássicas de Richard, e ao roupeiro para buscar as roupas íntimas do velho - uma prova da intimidade deste relacionamento. Em teoria, o relacionamento entre Nietzsche e o compositor deveria ser marcado pela emancipação e a liberdade, mas na prática frequentemente se resumia a uma forma de dominação pouco sutil.

Por fim, não é surpresa que Wagner tenha feito pouco para aliviar os sofrimentos do jovem Nietzsche ou a suas dificuldades na vida. O compositor era um péssimo pai substituto – distante e fechado – mas havia outro problema, supostamente filosófico. Nietzsche defendia que só o fenômeno estético poderia justificar a existência e que o valor da vida residia na sensibilidade e na sintonia com as notas mais sonoras da vida, mas também com os seus tons mais sutis. Antes de fugir para as montanhas de Sils-Maria, ele percebeu que Wagner era desprovido desta nuance e deste cuidado, e que só uma parte muito pequena de sua arte era mesmo esteticamente agradável. Silêncio e *crescendo*, silêncio e *crescendo* – Wagner conduz o ouvinte através de sucessivos ciclos de desespero e redenção. Era atraente, mas, Nietzsche concluiu, amplamente sem substância. Essa catarse crua tem o seu apelo, e a pequena burguesia a adorava, mas este ciclo pode ser cansativo e Nietzsche se cansou. Em algum momento, quando Wagner ainda estava inseguro quanto ao seu sucesso, ele ponderou que o efeito emocional de suas óperas poderia ser alcançado sem música alguma, e talvez ele estivesse certo. Nas grandes produções teatrais de Wagner a partitura é aditiva, não constitutiva. Quando Nietzsche começou a dar as costas à Wagner, escreveu:

> A arte de Wagner está doente. Os problemas que ele apresenta no palco – todos eles problemas dos histéricos – a natureza convulsiva de seus afetos, sua sensibilidade exaltada, seu paladar que exige temperos cada vez mais fortes, sua instabilidade que ele disfarça e apresenta como princípios e, sobretudo, as heroínas e heróis que ele escolhe – se os considerarmos modelos psicológicos (uma galeria de patologias!) – somadas, todas essas coisas, descrevem os contornos de uma doença que não deixa margem a dúvidas ...

Acima de tudo, e este era o principal argumento do filósofo – as performances, em toda a sua grandiosa estupidez, exigiam uma devoção cega. No final dos anos 1870, ir a uma ópera de Wagner não era muito diferente de participar de uma cerimônia religiosa ou um comício político, e o compositor estava muito satisfeito em atuar como sumo-sacerdote e mestre de cerimônias ao mesmo tempo. Após a vitória alemã na guerra Franco-Prussiana, o Festival de Bayreuth, instituído em 1876, surgiu como um tipo de culto religioso-político em que o patriotismo alemão era indissociável de certa forma de Protestantismo extremado. De acordo com Nietzsche, o compositor havia se tornado um mascate do herói nacional ao invés de um genuíno artista. Isso não foi exclusiva de Wagner, mas ele e sua nova esposa adoravam a fama que rapidamente conquistaram. A superioridade da cultura Teutônica, de acordo

com muitos alemães, havia sido traçada por forças superiores, e as óperas de Wagner eram consideradas a mais alta celebração de Deus e da pátria.

Tudo isso enojava Nietzsche. O que havia começado como uma conversa particular sobre filosofia e insubordinação em Leipzig, havia se transformado em nacionalismo otimista e dedicação religiosa no *Wagner-fest* de Bayreuth, uma década depois. O que prometia ser um relacionamento cheio de autonomia, havia se tornado uma espécie de abnegação em prol da veneração de um ídolo. O que havia começado como uma questão de criatividade e expressão, havia se tornado um bem de consumo muito popular, mas, em última análise, de valor questionável. Essa era, para Nietzsche, a grande traição desta amizade. Descrevendo o primeiro encontro em Bayreuth, ele relata, "Nós encontramos Wagner novamente, todo coberto pelas 'virtudes' alemãs". O público – um crescente número de fanáticos – transformava a ópera, a mais elevada forma de expressão estética – em um grosseiro passatempo nacional. "O Wagneriano", nas palavras de Nietzsche, "havia dominado Wagner – arte alemã, o mestre alemão, cerveja alemã".

A experiência estética poderia justificar a existência humana, mas também poderia, com a mesma facilidade, invalidá-la. A produção e o consumo massificados de arte poderiam ser utilizados para distrair, mascarar ou cegar o público. Quando, em 1878, Nietzsche rompeu definitivamente com Wagner, ele estava bem ciente deste perigo: os fanáticos de Bayreuth "procuram Wagner como a um narcótico: eles se esquecem de si mesmos, por um momento, se libertam de si mesmos..." Naquela época, a salvação não passava disso para muitos alemães: se perderem nos retumbantes acordes de um espetáculo patriótico e cristão. Nietzsche estava completamente exasperado e, a partir do final de 1870, sua escrita está toda eivada por este ressentimento. O aprisionamento por Wagner seguido pelo distanciamento dos dois foi decisivo para sua fuga às montanhas, a motivação para suas caminhadas épicas.

¶

A LUZ DO SOL começou a brilhar sob as persianas do avião. Nós estávamos quase lá. Becca, dormindo profundamente, mudou de posição em meus braços. Ela era uma criança linda e amável – que estava sendo segurada com demasiada força. Afrouxando meus braços, eu fechei meus olhos.

Wagner havia atraído Nietzsche de forma gradual, quase imperceptível. Eu

podia entender. Antes de desprezar meu pai, eu havia desejado ser igual ele: afinal, ele era elegante e carismático, e elusivo, e assim parecia digno de veneração, especialmente vinda de uma criança.

Quando eu tinha quatro anos, e ao longo dos seis anos seguintes, Jan ocasionalmente me dizia que nunca havia querido ter filhos, mas que eu nem sempre era o fardo que ele imaginara. Eu passei a relembrar – e realmente acalentar – estes estranhos momentos que pairavam entre a vergonha e o orgulho.

Antes de nos deserdarmos completamente, Jan às vezes aparecia no final de semana e nos vestia com nossos trajes do Country Club para nos arrancar da vida mundana que tínhamos com nossa mãe. Ele nos levava para uma apresentação hípica em Devon, para assistirmos a sua namorada competindo. Isso deveria ser um mimo, um passeio especial para crianças exemplares. Nos sentávamos silenciosamente sobre os cobertores de xadrez vermelho e aplaudíamos – mas não muito – enquanto os cavaleiros faziam os animais domesticados andarem em diversas cadências. Eu sentia pena dos cavalos. A flanela pinicava e apertava, mas nós a vestíamos obedientes, até felizes. Só crianças muito sortudas tinham o privilégio de se sentirem tão desconfortáveis e envergonhadas. A submissão tem as suas vantagens. Foi com Wagner que Nietzsche aprendeu a lição que transmitiria aos seus leitores – que nossos profundos anseios por beleza e afeto frequentemente nascem da privação, da melancolia e da dor.

Confinado ao meu assento no avião, tentei relaxar meus braços, me soltar, cochilar por um instante, pensar apenas nas montanhas.

O ETERNO RETORNO

A pergunta diante de tudo e de todas as coisas, "Você quer isto mais uma vez e incontáveis vezes?"

—Friedrich Nietzsche, A Gaia Ciência, 1882

DEPOIS QUE A FAMÍLIA de Nietzsche se desintegrou quando ele ainda era menino, ele se voltou para os estudos como um lugar de onde poderia extrair significado. Quando, em sua juventude, a distinção acadêmica conquistada o decepcionou, ele se voltou para a arte erudita. Quando, já na meia-idade, a arte erudita revelou-se uma farsa vazia, ele se voltou para – e tornou-se – si mesmo.

Era o ano de 1877. Ele estava prestes a alcançar as montanhas de Sils-Maria. Tinha trinta e três. Anos mais tarde, Nietzsche definiu este período de limbo entre seus primeiros trabalhos e sua obra tardia como um momento crucial de autodescoberta. Ele foi para as montanhas não para fugir de Wagner ou da civilização como um todo, mas para encontrar, ou retornar ao seu próprio caminho:

O que me fez tomar essa decisão naquele momento não foi minha desavença com Wagner... Fui tomado por uma impaciência comigo mesmo; eu vi que já passava da hora de relembrar e refletir sobre mim mesmo. De pronto, tornou-se assustadoramente claro quanto tempo já havia sido desperdiçado... Foi então que meu instinto tomou a inexorável decisão de não permitir que eu continuasse me rendendo, acomodando e me iludindo.

Esse momento de autodescoberta também foi de muita doença. A saúde de Nietzsche havia despencado vertiginosamente e agora as enxaquecas e a náusea eram seus companheiros quase que inseparáveis. Estranhamente ele comenta que essa doença – até hoje sem explicação – o conduziu de volta a si mesmo. "A doença", ele explicou, "me separou lentamente [da sociedade]: ela me impediu de dar qualquer passo mais definitivo, violento, ofensivo... A minha doença também me deu o direito de abandonar todos os meus hábitos completamente, me forçou a esquecer." Ela deu a Nietzsche o direito de esquecer as amarras da Basileia e as traições de Bayreuth, mas também permitiu que o jovem acadêmico se lembrasse de sua história mais íntima. Foi um período de recuperação no sentido mais literal, um momento para reunir seus próprios cacos, retomar a posse do que fora quase perdido no tempo que

passou na universidade e com Wagner. Ele escreve que recobrar a sua saúde física – o que a maioria das pessoas chamaria de "recuperação" – foi apenas uma consequência desta empreitada filosófica.

Os livros que produzia Nietzsche durante esta época diferiam muito dos tomos filosóficos que ele trabalhara quando jovem. *Humano, Demasiado Humano,* publicando em 1878, e *Aurora*, que apareceu três anos depois, eram compostos por uma coleção de aforismos, anotações curtas que resistiam as tentativas do leitor de torná-las coerentes. Eles são apenas os gérmens de pensamentos que Nietzsche passaria o resto de sua vida desenvolvendo e pondo em ação. Eu os entendo como a sua primeira tentativa de dar voz ao proibido, às verdades que a modernidade prefere não encarar. "Hoje ninguém mais morre de verdades letais", Nietzsche escreve em *Humano, Demasiado Humano*, "existem antídotos demais". Esses livros foram feitos para baixar a nossa guarda, nos tornando mais receptivos à filosofia que ele escreveria nos Alpes, especialmente o seu *Zaratustra*. Em *Aurora,* Nietzsche escreve: "Com este livro dou início à minha campanha contra a moral".

Em minha primeira viagem às montanhas, me apeguei a este grito de batalha com fervor adolescente. Minha infância havia sido relativamente feliz sob o olhar protetor de minha mãe, mas sua vigilância, reforçada pela ausência de meu pai, passou a irritar eu e meu irmão quando ficamos mais velhos. Esperavam que fôssemos "bons". Eu não queria ser "mau" necessariamente (talvez eu ainda fosse muito jovem ou medroso para isso), mas ficava maravilhado com a minha nova proximidade com um pensador que questionava a própria ideia do bem e do mal. Imaginar que o "bem" não era bom! Porém meu entusiasmo estava mal direcionado – ou melhor, era prematuro. Entender *Aurora* era, para Nietzsche, um desafio mais sutil, menos bélico. Isso, agora entendo, foi o que ele quis dizer quando escreveu que o livro "não tem o menor cheiro de pólvora".

Este não era o momento para lutar, mas para se recuperar. Quando era adolescente, não entendi isso: a forma como Nietzsche estava, em suas próprias palavras, "preparando um momento de intensa autoavaliação para a humanidade, um grande meio-dia em que ela enxergará o passado e o futuro, saindo do controle dos acidentes e dos sacerdotes e, pela primeira vez, se perguntando: 'Por quê?' e 'Pelo que?'" Eu estava lutando, me debatendo, me impondo, mas ainda não tinha começado a missão mais desafiadora, – uma que Nietzsche começou a encarar antes de chegar a Sils-Maria – que era me

conhecer e reavaliar.

A "transvaloração dos valores" é alardeada como uma das maiores contribuições de Nietzsche à história da filosofia. Ao invés de acatar as normas éticas – tal como humildade, piedade e abnegação – sem questionar se elas geram boas ações, Nietzsche faz a pergunta subversiva: De *onde* vieram estes valores? Como eles se formaram? Qual parte da história deles nós esquecemos? A própria insinuação de que as morais vieram de algum lugar, de que elas não existem desde o princípio dos tempos, é uma jogada filosófica radical. Ela sugere que a vida ética poderia ser outra e que a constância das normas e morais sociais é inegavelmente condicional. Reavaliar a vida, de acordo com Nietzsche, desperta a nossa capacidade de vivermos diante desta realidade.

A transvaloração dos valores ganha força quando fazemos a descoberta inicial, e relativamente simples, de que "a humanidade não está, por conta própria, no caminho certo, ela não é, de forma alguma, governada pelo divino. Pelo contrário, seu valor mais sagrado se baseia na ideia de que o instinto de negação, corrupção e decadência tem nos regido através da sedução". O bem não é nada além de um preconceito, frequentemente danoso, que precisa ser despido e reexaminado. Em outras palavras, precisamos abrir mão das ficções metafísicas – a religião e a ideologia – que têm orientado a existência humana por muito tempo. Essa, infelizmente, é a parte fácil. Mas a transvaloração dos valores exige um segundo empenho, uma segunda tarefa: após ter arrancado a moralidade do terreno e destruído os preconceitos, tudo que resta ao pensador é questionar o valor da existência humana em si. Sem as religiões e metafísicas tradicionais, somos remetidos – ou voltamos – ao mundo natural e encarregados de criar um significado em meio à paisagem selvagem. Finalmente, a manobra mais formidável: fomentar o poder e a vida, as duas forças motoras da natureza, de forma a evitar os padrões alienadores do passado. Difícil; mais difícil; quase impossível – e Nietzsche precisou de uma década nas montanhas para pensar sobre tudo isso.

Nós teríamos treze dias em Sils-Maria. Não era muito, eu sabia, mas poderíamos concretizar alguma coisa. Nietzsche levou o mesmo tempo para terminar as três primeiras partes de *Assim Falou Zaratustra*.

¶

NÓS POUSAMOS EM ZURIQUE, uma cópia espiritual da Basileia de Nietzsche, o que significa inteiramente desprovida de alma, e partimos o mais rápido possível. Agora de carro. A estrada para Sils-Maria é longa e, após uma noite em claro, parecia ainda mais longa – duzentos quilômetros que, tendo uma criança a bordo, levaram pouco mais de quatro horas. Eu poderia viajar mais depressa sozinho. Mas quando nos aproximávamos de Chur e eu me dei conta do caminho que estávamos refazendo, este pensamento se foi rapidamente. Da última vez em que estive aqui, tentei viajar sozinho e quase morri. A viagem entre Chur, Splügen e a Nietzsche-Haus – entre abrir o meu calcanhar, me perder, e sofrer de queimaduras de frio – havia me custado muitos dias.

Chur não mudara. Na verdade, e de muitas maneiras, jamais mudou. Ininterruptamente povoada desde a Idade do Bronze, há cinco mil anos, os sinais desta ocupação prolongada estão em todo lugar. "Nós precisamos da história", Nietzsche diz ao seu leitor, "já que o passado jorra de nós de centenas de maneiras. De fato, nós mesmos não somos nada além do que sentimos a cada instante neste fluxo contínuo". Em 1464, Chur foi devastada por um incêndio, mas quando os artesãos alemães a reconstruíram nos anos que se seguiram, novos prédios foram erguidos sobre alicerces dos antigos. A cidade, diferentemente de muitas cidades modernas, não toma a paisagem de assalto, mas se aconchega gentilmente em um vale entre as montanhas imponentes. Isso também se deve a sua localização sobre – ou, no passado, em – uma profunda base de rocha glacial.

Nós chegamos durante um sábado fresco em meados de agosto. Lembrei-me da carta que Nietzsche escreveu para sua mãe logo após sua chegada: "A paz do sábado e um espírito vespertino vigoravam na cidade de Chur. Eu caminhei sem pressa pela rua principal; como no dia anterior, tudo a minha frente estava transfigurado... "Transfigurado". Essa é uma palavra melhor do que "transformado", que remete tornar-se algo completamente diferente. Aqui estamos falando de algo mais parecido com uma mudança de forma, uma mudança que conserva algo do passado. Becca olhou para cima pela janela do carro, para uma estrada acima de nós. Logo estaríamos lá. E, desta vez, fiquei feliz em ver as muretas.

Quando eu tinha dezenove anos, deixei Chur para trás e peguei a *Via Mala* – literalmente a "estrada ruim" – para Splügen. Afinal, essa era a rota que Nietzsche havia feito em 1872, e eu queria segui-la à risca. Mas agora nós três não tínhamos o tempo – ou a energia – para a estrada ruim, e cortaríamos

diretamente através da Route 3 até o Passo Julier e, de lá, desceríamos para Silvaplana e Sils-Maria. Às vezes desviar-se do passado é aconselhável ou preferível.

Estavam realizando obras na pista, então as constantes interrupções me irritaram até eu perceber que elas eram a única maneira do motorista conseguir apreciar a paisagem. Um caminhante solitário, um jovem carregando uma mochila leve e vestindo um poncho preto e tênis, passou por nós enquanto esperávamos um operário liberar a nossa passagem. Seu passo era tranquilo, mas suas panturrilhas expostas estavam estriadas de uma maneira que me indicou que ele estava há muitos dias na estrada. Será que ele estava viajando de carona? Por um minuto eu pensei em abaixar o vidro, chamá-lo e perguntar se ele precisava de uma carona até o cume. Era um impulso estranho, eu sabia, que não tinha absolutamente nada a ver com o bem-estar dele e nada a ver com o meu. O andarilho saiu da estrada bruscamente, e desapareceu.

Quando estávamos nos aproximando do Passo Julier, a 2.284 metros, eu mais uma vez me senti atraído pelas montanhas que pairavam sobre nós. Elas pareciam tão próximas. Na próxima parada para as obras, pensei ter visto o meu caminhante escalando um pico distante. A parada foi mais longa que as outras – um grupo de homens estava escavando a macadame negro com a ajuda de uma escavadeira. Vinte centímetros abaixo da nossa estrada havia pedras cortadas em cubos perfeitos e enfileiradas que tinham sido postas lá em 1840. Elas estavam surpreendentemente próximas da superfície. Quando chegamos ao "cume", que não era nada além do sopé de outro vale de montanhas, passamos por dois pilares de pedras que emergiam da terra – tocos das colunas de um antigo templo romano. Hoje, os viajantes tocam as pedras com a mão direita para ter sorte na viagem estrada abaixo até Engadina.

¶

"DENTRE TODOS OS LUGARES na terra, me sinto melhor aqui em Engadina", Nietzsche escreveu. "É claro, os ataques ainda me acometem aqui como em toda parte; mas eles parecem muito mais leves, muito mais humanos. Aqui me sinto constantemente acalmado, sem nenhuma das pressões que sinto em toda parte". Muitos escritores que seguiram os passos de Nietzsche entenderam o significado destas palavras. Engadina, com seus bosques, lagos e prados, é "como se fosse feita para mim", nas palavras de Nietzsche. Aqui podemos

encontrar, em uma oportunidade única, uma profunda harmonia entre o passado e o presente, entre a autonomia humana e a amplitude, frequentemente aterradora, da natureza.

O vale Alpino da Engadina superior se estica por doze quilômetros do Passo Maloja, na beirada da fronteira italiana, no nordeste, passando pelos três lagos azuis cristalinos – Sils, Silvaplana e St. Moritz – terminando em St. Moritz, a cidade cravejada de hotéis famosa por ser um destino dos ricos e famosos. As obras na pista terminaram e nós aceleramos enquanto seguíamos para Silvaplana. Depois de contratempos no Passo Julier, o trecho entre Silvaplana e Sils-Maria foi um alívio muito bem-vindo. Ele circunda com elegância o lago que, na maior parte dos dias, está sempre mexido pelo vento. Mas naquele dia estava completamente imóvel, criando uma impecável mesa de esmeralda onde as montanhas se alojavam com firmeza.. Quando os glaciares fluíram por estes vales na Era do Gelo, eles escavaram a terra e, com o passar do tempo, a água preencheu as cavidades gigantescas que se formaram. Quantos anos, quantas chuvas, por dias e dias a fio, foram necessárias para encher um lago destes?

O carro estava em silêncio. Becca tinha adormecido na descida e Carol e eu estávamos sozinhos com o lago, as montanhas e um abençoado momento de calma. Eu havia me apaixonado por ela nas Montanhas Brancas de New Hampshire, um lugar secreto para onde fugimos de dois casamentos que mereciam morrer. Meus olhos se encontraram com as colinas verdes de Sils-Maria e, sobre as árvores, a torre do Waldhaus. Agora não havia escapatória – só um tipo insólito de retorno ao lar.

"Jesus Cristo." Carol inspirou profundamente e expirou de uma vez só. "Isso é sublime."

Aquelas não eram as Montanhas Brancas. Eu não conseguia ver do carro, mas sabia o que margeava a beira da estrada que transitávamos: a trilha batida que frequentei na minha juventude, que levou Nietzsche até o seu Zaratustra. Quando ele caminhava por essa trilha, à beira da água, Nietzsche escreveu que frequentemente chorava "não lágrimas sentimentais, mas lágrimas exultantes." Se você lê Nietzsche em uma biblioteca ou uma cafeteria, pode acabar interpretando isso incorretamente como uma hipérbole ou o delírio de um louco. Mas não aqui. Nos Alpes não existem hipérboles. "As intensidades de meus sentimentos", ele afirma, "me fazem estremecer e gargalhar".

Na margem oposta do lago, em um pequeno afloramento de relva, se ergue

uma única rocha piramidal. Em minha lembrança ela batia no meu ombro, mas agora vejo que ela é consideravelmente maior, quase o dobro do tamanho de um homem, imitando as montanhas que a cercam como uma miniatura. Quando a vi pela primeira vez, tentei escalá-la sem muito sucesso. Essa rocha talvez seja a melhor razão para se ler Nietzsche. Certamente é a única razão para eu ter concordado em regressar à Suíça. "Contarei agora a história de Zaratustra," Nietzsche prepara seu leitor em *Ecce Homo*. Continuando, ele explica:

> A concepção fundamental desta obra, a ideia de eterno retorno, a mais elevada forma da afirmação à qual temos acesso, vem de agosto de 1881: foi redigida em uma folha em cujo rodapé se lia "1.828 metros acima do homem e do tempo." Naquele dia eu estava caminhando pela floresta ao redor do lago de Silvaplana; em uma imponente rocha piramidal, não muito distante de Surlei, eu parei. E foi então que me veio a ideia.

Nós não paramos na rocha, apenas continuamos e entramos no vilarejo de Sils-Maria, passando pelo correio e pela única mercearia, ao Hotel Eldenweiss. Atrás do hotel, aninhada na colina verde, tal como eu recordava, estava a Nietzsche-Haus. A porta e as persianas haviam sido repintadas da mesma cor. Nada, após dezessete anos, parecia ter mudado. Ela não era a rocha piramidal onde Nietzsche havia concebido o eterno retorno, mas daria para o gasto. Essa é uma ideia maravilhosa e terrível:

> *E se*, em algum dia ou em alguma noite, um demônio se esgueirasse em sua solidão mais solitária e dissesse a você: "A vida, como você a vive agora e a tem vivido, terá que vivê-la novamente, incontáveis vezes; e não haverá nada de novo nela, mas cada dor e cada alegria e cada pensamento e suspiro e todas as coisas inefavelmente pequenas ou grandes da sua vida irão retornar , na mesma sucessão e na mesma sequência – até mesmo esta aranha sob a luz da lua entre as árvores, e este momento e eu mesmo..."

Realmente: "E se?" O demônio de Nietzsche dá voz a uma sugestão metafísica mais velha do que o tempo – a ideia de que o movimento da realidade seria mais bem descrito através de ciclos e epiciclos, uma cobra que devora a si mesma. O hinduísmo e o budismo, cada um à sua maneira, expõem algo similar na doutrina do carma. Tudo acontece através da repetição. Um prédio desaba e é reerguido no mesmo local. Geleiras se movem dia após dia, assim como as chuvas e as vidas. O antigo gera o novo, que imediatamente, a ritmos variados, se torna antigo.

Schopenhauer, o herói de Nietzsche, expõe algo que se aproxima desta questão cósmica, mas explica que levá-la a sério implica muitas vezes lidar com efeitos psicológicos debilitantes. Em seus ensaios, ele escreve, "Aquele que vive

o bastante para ver duas ou três gerações é como um homem que passa um tempo na barraca do adivinho em uma quermesse e vê a apresentação duas ou três vezes seguidas. Os truques foram feitos para serem vistos apenas uma vez; quando deixam de ser novidade e já não nos enganam, perdem o efeito." Nietzsche concordava em grande parte e achava que a maioria de nós, durante a maior parte do tempo, seria esmagada pela ideia de repetir isso, e tudo mais, *ad infinitum*. Reviver o arrependimento, o tédio, a decepção de uma única vida repetida ao longo de um futuro indefinido - isso seria verdadeiramente infernal.

Depois da Nietzsche-Haus, atravessando o rio que corta Sils, subindo três trechos íngremes e idênticos de uma estrada em ziguezague que nos levava cidade acima: finalmente chegamos, mais uma vez, ao Waldhaus. O demônio de Nietzsche tinha algo mais a dizer sobre o eterno retorno. Ele é mais do que uma discrição metafísica ou, no caso de Schopenhauer, uma explicação sobre porque a vida é tão terrivelmente monótona. É um desafio – ou melhor, uma pergunta – que não deve ser respondida com palavras, mas com a vida: "A pergunta diante de tudo e de todas as coisas, 'Você quer isto mais uma vez e incontáveis vezes?' pesaria como o mais pesado dos pesos sobre cada uma de suas ações! Como você poderia ficar em paz consigo mesmo e com a vida para nunca desejar nada além desta última confirmação e chancela eterna?"

Será que nós, nas palavras de William Butler Yeats, estaríamos "contentes em viver tudo outra vez"? Estar contente não significa estar entretido, ou confortável a ponto de adormecer, ou resignado ao destino inevitável. Significa sentir o coração pleno com a certeza de que você fará isso, e tudo mais, novamente e para sempre. Nós viramos na última curva entrando no acesso ao Waldhaus e paramos sob o dossel na porta de entrada. Nietzsche sugere que a convicção no eterno retorno só é possível se estivermos dispostos e aptos a nos ajustarmos à vida e a nós mesmos.

Para Nietzsche, ajustar-se é escolher, com sinceridade, o que pensamos e onde iremos encontrar e criar sentido. Para Nietzsche, a ameaça da monotonia infinita era um estímulo para assumirmos responsabilidade absoluta: se as suas escolhas forem repetidas infinitamente, é bom que elas sejam as escolhas "certas". Podemos ser tentados a acreditar que a "correção" de uma decisão é determinada por um critério externo, seja ele moral ou religioso, mas Nietzsche quer que seus leitores resistam a esta tentação. Afinal de contas, o demônio de Nietzsche vem nos visitar quando estamos completamente sós,

em nossa "solidão mais solitária" e, portanto, as respostas não podem ser dadas por um consenso ou em nome de alguma instituição impessoal. Essa realmente é a mais pessoal das respostas – e que sempre determina a nossa escolha individual. É claro que você pode escolher o que quer que deseje – ter filhos, se casar –, mas não vá fingir estar escolhendo essas coisas porque elas tenham alguma espécie de valor intrínseco – elas não têm. Assuma simplesmente que você as escolheu e está disposto a se responsabilizar por elas. Na história de nossas vidas, essas escolhas são nossas e de mais ninguém, e isso é o que dá valor às coisas – a todas as coisas. Só depois de entendermos isso estaremos preparados para enfrentar a o eterno retorno, todo o seu ciclo, sem o risco de sermos esmagados. Só então poderemos fazer coro com Yeats e dizer "e mais uma vez" sendo totalmente sinceros.

Por muito tempo achei que o "eterno retorno" tinha a sua melhor representação no *ouroboros,* o antigo símbolo do infinito, uma cobra que devora o próprio rabo. Viciosa e devastadora, a eternidade destrói e cria na mesma proporção. O animal tenta, em vão, se capturar, mas ao fazer isso, só consegue se afastar ainda mais. Mas talvez o "eterno retorno" não precise ser tão sombrio e sinistro. Quando você caminha através de um vale alpino em direção às montanhas, pode se deparar com uma casa de fazenda antiga. Elas não são particularmente especiais. Depois de algum tempo, todas começam a parecer iguais. Mas não são. Nas laterais de algumas delas, sobre os umbrais ou debaixo das janelas, desgastados por incontáveis estações, há um entalhe – primordial e reconfortante. Três coelhos, unidos pelas suas orelhas entrelaçadas, perseguem um ao outro em uma ciranda interminável. Essas "três lebres" estão por toda parte: de trabalhos em metal mongóis do século XII no Irã, igrejas medievais em Devon, na Inglaterra, até sinagogas do século XVIII na Alemanha. *Shafan, shafan, shafan* em hebraico. O símbolo é radialmente simétrico, fluido e contínuo. As lebres são um símbolo do renascimento. Elas também são um enigma que surge na antiga charada alemã: "'Três lebres compartilhando três orelhas, mas cada uma delas tem apenas duas." Olhe com atenção – na verdade trata-se de uma ilusão de ótica. Algumas pessoas chamam isso de objeto impossível, como o triângulo de Penrose ou as gravuras de Escher. Enquanto estacionávamos em frente ao Waldhaus, eu pensei sobre este símbolo: desconcertante, mas não necessariamente perturbador – um pouco parecido a um dèjá vu.

Eu coloquei o carro no acesso ao hotel, enfiei as chaves no bolso da minha

calça e só então percebi que não havia trocado de calça depois de sair do avião. Becca havia saboreado parte do seu jantar e depois jogado o resto no meu colo durante uma turbulência. Pelo menos o leite havia secado. Minha aparência era terrível, meu cheiro ainda pior. Você precisa fazer uma coisa para conquistar o eterno retorno. Só uma: aceitar até as partes mais indesejáveis da existência – as atrocidades marcantes e as mais ínfimas. Muitas das ocorrências da vida não dependem em nada das nossas escolhas. Elas acontecem subitamente e sem aviso – um dilúvio gigantesco, um acidente que nos soterra ou nos afoga, mas, nas palavras de Nietzsche, "antes que o destino se abata sobre nós, devemos guiá-lo".

"É aqui?" perguntou uma pequena voz vinda do banco traseiro.

Sim, era lá.

Em minha primeira visita à Waldhaus, eu estava desnutrido demais, e depois bêbado demais, para notar os seus detalhes. Ela foi construída em 1908, o mesmo ano em que *Crepúsculo dos Ídolos* de Nietzsche foi reeditado com uma encadernação dourada e art-nouveau que, dizem a maioria dos especialistas, ele teria abominado. Ele provavelmente teria uma opinião similar sobre a Waldhaus. Durante sua estadia em Sils-Maria, Nietzsche estava interessado em uma simplicidade que frequentemente se confundia com austeridade.

"Ele não teria se hospedado aqui!" gracejou Urs Kienberger, o senhor calado e cortês na casa dos sessenta anos – um dos membros da família que era dona do hotel. Kienberger nos guiaria através da extensa história da Waldhaus que, nós descobrimos, não era muito diferente da história de Chur ou dos outros lugares passados de geração em geração. Na noite em que chegamos, Kienberger nos cumprimentou por nossos nomes no saguão. Ele jamais usaria a palavra "proprietário"; ao invés disso, preferia se descrever como "zelador". A princípio achei que era fruto de uma falsa modéstia ou de um eufemismo, mas fez mais sentido depois que ele explicou. Sob a fachada imponente de castelo de conto de fadas, a Waldhaus tinha apenas cento e quarenta quartos, acompanhados por cento e quarenta e poucos funcionários. Este não é um hotel para quem está só de passagem; é um "albergue" onde se esperava que os hóspedes ficassem por um tempo. E muitos intelectuais, como Adorno, Mann e Hesse, fizeram isso.

Becca marchou pelo saguão de painéis de carvalho, pelo piso de mármore e por um carpete oriental de um vermelho tão vivo que sua intensidade parecia destoar de sua idade aparente. O hotel já passou por seis gerações da família de

Kienberger – talvez, com o passar do tempo, eles tenham aprendido a manter magicamente limpo aquele carpete, que nos guia através de cada sala do gigantesco prédio. No final das contas, ele realmente era um "zelador", o guardião de um lugar feito para ser anacrônico: era algo do passado que prometia continuar existindo, quase intocado, no futuro. "Não é um museu", ele protestou, antecipando meus pensamentos. "Ele está vivo, mas se mantém vivo sem mudar muito. Como uma rocha no meio de um rio, talvez."

Construído antes da Primeira Guerra e poupado por ela, a Waldhaus atingiu a maioridade durante os loucos anos 1920. Diferentemente de outros hotéis daquela era, ele não fora construído para ela. "É um hotel grande", Kienberger comentou, "mas não é opulento." A opulência distrai, seus badulaques e penduricalhos servem para nos distrair dos acontecimentos mundanos da vida, nos levar para outro mundo. A Waldhaus não te cega nem distrai. De acordo com seu zelador, o que ela oferecia era o "luxo do espaço": espaço para explorar, espaço para refletir, espaço para ir, espaço para ficar – espaço, simplesmente. Em nosso mundo, repleto de coisas e bens, os espaços frequentemente estão preenchidos. Na verdade, só é valorizado quando preenchido – isso é, quando deixa de existir. O espaço pelo espaço é muito pouco prático e, de fato, um luxo raro. Eu não sei como Kienberger leu a minha mente – talvez todos os homens do seu ofício aprendam a fazer isso –, mas quando o tour terminou e nossa estadia começou, ele nos chamou em um canto para uma última explicação. Obviamente a vida de um hotel depende de certas questões práticas – o chá precisa chegar na hora certa para que não fique frio. Mas – ele acenou para o longo corredor que terminava em uma janela com uma vista para o vale – "seria uma lástima se todas as coisas precisassem ser práticas".

O tour da Waldhaus terminou no quarto onde nós, ou pelo menos Becca e Carol, ficaríamos. Eu ainda não havia decidido onde passaria minha primeira noite em Sils-Maria. De alguma forma, havíamos recebido, sem custos adicionais, um quarto melhor, o 244, com vista para o lago. Ele tinha uma fechadura, mas ela não seria usada. O quarto era chamado de Bellavista, e de fato ela era. O contraste entre esta vista e a Via Mala era chocante. Quando eu tinha dezenove anos, indo para lá, próximo a Splügen, olhei por cima da beirada de uma ponte estreita que se estendia sobre um desfiladeiro famoso entre Andeer e Thusis. A ponte tinha apenas três metros de largura, mas está a centenas de metros do fundo da ravina. Eu olhei por cima da beirada e, pela

primeira vez, percebi que a vertigem não é uma tontura causada pelo medo da queda acidental, mas pelo medo do salto proposital. Na mais pura amplitude, são tantas as escolhas que podem ser feitas. Foi esta compreensão, esta sensação, que tomou posse de mim tão rapidamente durante a minha primeira viagem a Sils-Maria.

O Bellavista era segregado e protegido e, pelo menos naquele momento, eu apreciei este contraste. As famosas nuvens de Sils-Maria escorriam pelo Passo Maloja, serpenteavam pelas montanhas e chegavam até o vale com uma rapidez atordoante. Nossa janela estava quase na linha das árvores e as nuvens e o sol encharcavam o quarto. "Eu não olho para fora", escreveu Albert Ziegler, um jesuíta e hóspede frequente do hotel, "a paisagem do lago na Egandina superior é que olha para dentro de meu quarto. Se eu dou um passo para trás, o esquadro da janela forma a moldura de uma imagem com cores e formas que eu posso contemplar, mas não consigo descrever." Até Becca ficou estupefata. Nós três nos sentamos em uma ampla mesa junta à janela, jantando enquanto deixávamos que a luz passasse pelo nosso quarto, até que a escuridão chegou lentamente.

Remo Fasani, o poeta e estudioso de Dante, adorava este hotel e esta vila, mas ele sugeriu que elas não precisam ser amadas pelas mesmas razões pelas quais Nietzsche amava Sils-Maria:

> Nietzsche, há mais de cem anos,
> Veio aqui em busca de solidão e silêncio.
> Ele recebeu a dádiva do Zaratustra,
> O super-homem que destrói o próprio tempo.
> Nos verões, eu também venho aqui;
> E aqui passo tempo comigo mesmo e com o silêncio.
> Eu escrevo versos e escrevendo
> Tento unir o novo com o que é antigo.
> Nietzsche almejava a mudança definitiva:
> Atear fogo ao passado, uma pira funerária
> Que serviria para iluminar um admirável mundo novo
> O que eu quero, ao contrário, é que o passado viva
> No presente e no futuro ao mesmo tempo
> E que todo o tempo mais uma vez pulse como um só.

Sinto dizer que Fasani estava enganado quanto a isso. Nietzsche queria a mesma coisa: que o passado vivesse tanto no presente quanto no futuro, que o tempo pulsasse como um só. Essa é a missão do eterno retorno. Mas isso é – e mais uma vez, eu sinto dizer – muito difícil. E quando Nietzsche não

conseguia, ele frequentemente ficava feliz ou triste a ponto de atear fogo às coisas.

PARTE II

ZARATUSTRA APAIXONADO

Que filho não teria razão para chorar por seus pais?
Julguei este homem como sensato e digno do sentido da terra;
mas quando vi a sua mulher, a terra me pareceu o lar dos insensatos...
E assim ele partiu como um herói em busca de verdades,
e eventualmente conquistou essa mentirinha enfeitada.
Ele chama a isso de casamento.
—Friedrich Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, 1883

EU DESPERTEI AO LADO de Carol. Depois de dirigir desde Zurique e alimentar e banhar a Becca, eu não tinha mais energia ou coragem de ser um filósofo de verdade. Eu estava há alguns passos da Nietzsche-Haus, mas ela parecia insuportavelmente longínqua. A visitaria nos próximos dias, prometi para mim mesmo enquanto me aninhava junto à Carol e permitia que eu e o dia voássemos para longe.

Mas agora eu estava totalmente acordado. Eram 3:16 da manhã. Quando jovem, minha mãe me chamava de "esgueirante", uma pequena criatura noturna que se arrastava pelos corredores da nossa casa nas mais diversas horas da madrugada. Ela era, e ainda é, uma mãe exemplar e pacientemente, dia após dia, convencia seu esgueirante a voltar para a cama. "Você realmente deveria ir dormir, Urso. Você vai ficar cansado amanhã", ela dizia. Eu tentava escutar. Mas duas vozes sempre me distraíam, um diálogo interno entre eu e mim mesmo que havia começado quando eu tinha mais ou menos quatro anos, poucos meses depois de meu pai nos abandonar.

As vozes de Nietzsche, e consequentemente sua insônia, eram incansáveis. "Eu e mim mesmo estão sempre profundamente envolvidos em diálogos", ele admitiu, "como eu poderia suportar isso sem um amigo?" O amigo do eremita, Nietzsche revela ao seu leitor, é sempre um terceiro, uma boia que impedia que eu e mim "afundassem nas profundezas." Por anos, minha mãe foi esta amiga e salva-vidas, mas conforme eu entrava na idade adulta, minha espreita se tornou mais secreta – sorrateira. Nietzsche está certo: sem um amigo, é possível que você mergulhe fundo demais. É mais fácil ficar na superfície com os seus conhecidos, até mesmo aqueles que você ama; isso permite que você consiga respirar e lidar com os aspectos práticos da vida.

Mas às vezes ansiamos por uma profundeza maior. Eu me lembrei do que Nietzsche disse para sua mãe ao chegar a Sils-Maria, uma orientação para que ela não revelasse a localização dele aos seus amigos. Ele não queria visitas. O quarto que fora de Nietzsche estava, de acordo com Stefan Zweig, desguarnecido, ocupado por um único bem, "um baú de madeira pesado e desajeitado que levava duas camisas e um terno." E mais nada. "Além disso, apenas livros e manuscritos e uma bandeja com inúmeros frascos, jarras e poções... sobretudo os terríveis sedativos com os quais ele lutava contra a insônia: hidrato de cloral e Veronal. Um arsenal temível de venenos e drogas, mas são os únicos ajudantes no silêncio vazio deste quarto estranho..." Apesar da gama de drogas, durante os dias em que escreveu a primeira parte do Zaratustra, Nietzsche mal dormiu.

Três e trinta e oito. Com o passar dos anos, eu aprendi a utilizar, ou pelo menos apreciar, a insônia. Para um pai, ela proporciona uma calma abençoada em meio a uma existência caótica. De fato, esse era o meu primeiro momento de solidão em alguns dias. A paternidade é, por definição, uma questão de união. Até quando você se afasta um pouco dos filhos – o que com sorte acontece devido à exaustão ou ao bom senso – eles continuam sempre com você. Felizmente, eles costumam ser tão adoráveis e alegres que você não se importa com o fato de que a sua vida própria, adulta, foi sequestrada e obliterada. Mas no silêncio indefectível das primeiras horas da manhã era possível recordar a solidão que perdemos quando nos tornarmos pais. Eu afastei o cobertor e o prendi ao redor de Carol, deslizei minhas pernas para fora e cautelosamente passei o meu peso do colchão para o chão. Ela não se moveu. Becca continuou imóvel. Estava na hora de caminhar.

O corredor central da Waldhaus, com suas paredes quase brancas e seu fulgurante carpete vermelho, se estende por todo o comprimento do hotel, mais ou menos uns cento e oitenta metros. O prédio tem três andares, então seria uma "exploração" de fato. Exploração era outro termo que minha mãe usava. Quando eu e meu irmão não conseguíamos achar nada de produtivo para fazer no marasmo do verão, ela nos carregava para o carro e nos levava para caminhar em algum lugar novo. Caminhar, não correr – minha mãe não é do tipo que gosta de correr. Tratava-se de lentos meandros sem nenhum destino em particular. No início o ritmo me exasperava, mas ela explicou – e depois demonstrou – que essa era a melhor maneira de enxergar as coisas. As coisas: árvores, folhas, insetos, riachos, ideias. Coisas que nós, no dia-a-dia,

atropelamos ou pisoteamos intencionalmente. Eu escapei do Bellavista e saí à procura de Nietzsche.

¶

QUANDO NIETZSCHE CONCEBEU O eterno retorno no verão de 1881, ele também começou a rascunhar uma figura que seria capaz de sustentar sua responsabilidade infinita, que conseguiria bancar as decisões de uma vida repetida ao infinito. Não era o próprio Nietzsche – longe disso – ou mesmo Zaratustra. Era o *Übermensch*, o Super-Homem. A humanidade, de acordo com Zaratustra, não é nada além de uma ponte ou uma corda que liga a besta a este ideal do super-homem. É algo que deve ser percorrido cuidadosa e progressivamente. Em 1882, enquanto Nietzsche começava a direcionar os seus esforços para esta grande missão filosófica, ele se deparou com uma série de problemas práticos que precisavam ser abordados. Um destes obstáculos era a dificuldade do amor duradouro.

À medida que o *Übermensch* se tornava mais presente, o mesmo acontecia com os sentimentos dúbios que Nietzsche nutria pelo companheirismo. Olhando de fora, tudo isso parece não passar da elaboração teórica da visão de mundo de um homem. Mas não. Era uma epifania teórica desencadeada pelo mais estarrecedor rompimento afetivo. Talvez esta interpretação se aproxime da "falácia biográfica" – o erro de se atribuir a forma e o conteúdo de uma obra aos contornos da vida de seu autor. Mas no caso de Nietzsche, seria imprudente e impossível evitar essa falácia. "Por trás de cada palavra [do meu Zaratustra]" Nietzsche escreve, "existe uma experiência pessoal, um ato de autossuperação de primeira ordem".

Tudo começou em 1873, muitos anos antes de Zaratustra fazer sua primeira aparição. Nietzsche ainda estava muito próximo dos Wagner e sua fé na salvação Romântica ainda estava pelo menos parcialmente viva. Então ele conheceu Paul Rée. Ele escreveu para seu amigo Erwin Rohde sobre "um homem muito reflexivo e talentoso, um discípulo de Schopenhauer, cujo nome é Rée." O terceiro filho de uma abastada família judia, Rée estudou filosofia em Leipzig e não só compartilhava o interesse de Nietzsche por Schopenhauer como também pela história e a origem da moral. Tendo escrito sua dissertação sobre a Ética de Aristóteles, Rée era particularmente fascinado pela virtude do altruísmo; ele levantou a hipótese de que o cuidado com o próximo era uma

característica congênita que havia sido selecionada através da evolução Darwiniana. Nietzsche depois rejeitou esta posição energeticamente em *Genealogia da Moral*, mas a princípio ele saboreou esta visão alternativa e os dois jovens tornaram-se próximos. Próximos demais, pelo menos para o gosto dos Wagner.

No decorrer do século XIX, "o Judeu" estava rapidamente se tornando o bode expiatório de uma variedade de mazelas culturais e políticas. O antissemitismo de Wagner tinha raízes profundas. Ele publicou *"Das Judenthum in der Musik"* ("A Música e o Judeu"), primeiramente de forma anônima em 1850 e novamente em 1869, desta vez sob seu próprio nome. Ele alegava que o hebreu era um "fungado estridente, guinchante e borbulhante" que destruía o sentimento estético adequado. Este ensaio agora é tido como um caso exemplar de literatura antissemita, mas foi apenas um entre as dezenas de ensaios curtos que, até sua morte, Wagner escreveu seguindo este mote: a cultura alemã só poderia ser salva quando o judaísmo fosse totalmente abandonado. Rée era, para Wagner, um complemento indesejável ao pequeno grupo de amigos de Nietzsche.

Quando Nietzsche abandonou a Bayreuth de Wagner em 1876, ele estava literalmente levando Rée pela mão. Antes que o festival terminasse, os dois escaparam de volta para Basileia e Rée, cinco anos mais jovem do que Nietzsche, assumiu as funções de ajudante e confidente. "Nós estamos muito felizes juntos", Nietzsche declarou a sua mãe na ocasião. Eu tenho poucas dúvidas de que os dois estavam, na verdade, apaixonados, como, eu suponho, a maioria dos amigos mais próximos. Os olhos de Nietzsche o atormentavam nesta época, então Rée passava horas com ele em cômodos escuros. Cortinas fechadas, persianas cerradas. E os boatos começaram a rondar Bayreuth. O que aqueles dois homens solteiros estavam fazendo em cômodos escuros? Wagner tinha uma teoria, e ele discretamente começou a divulgá-la nos círculos culturais do Continente. O problema nos olhos de Nietzsche era causado pela masturbação excessiva; a masturbação era causada por um medo patológico das relações sexuais com mulheres; este medo das mulheres era causado por uma homossexualidade oculta; e essa homossexualidade explicava a amizade sombria entre Nietzsche e o Judeu, Paul Rée. Era um boato absurdo, malicioso, mas continuou a circular por muitos anos e foi, pelo menos em parte, responsável pela fuga de Nietzsche para as montanhas.

Talvez Nietzsche tivesse conseguido escapar do boato se não tivesse

insistido em cutucar o monstro da música uma última vez. "Aqui estamos em Sorrento!" Nietzsche anunciou a sua mãe e irmã em outubro de 1876. Rée havia se juntado a ele nas férias, e a água estava maravilhosa. Só havia um problema: este era o lugar aonde os Wagner também veraneavam. Nietzsche encontrou Wagner pela última vez em Sorrento, em 4 de novembro. Existe muita controvérsia envolvendo o conteúdo da conversa, mas uma coisa é tida como certa: não foi inteiramente agradável. A *Parfisal* de Wagner, com sua masculinidade explícita e seu subtexto cristão, sem dúvida foi mencionada, talvez até discutida em detalhes. Era o pano de fundo perfeito para apartar-se de Nietzsche e de seu companheiro judeu.

Amar além das aparências pode ser um dos sinais do afeto genuíno. Em meio a dois divórcios, foi assim que eu e Carol começamos, em uma rara ocasião em que *Para Além do Bem e do Mal* de Nietzsche fez todo o sentido, até para a minha Kantiana. Abandonar toda a prudência e entregar-se totalmente ao amor (ambas as coisas dão no mesmo), suportar os boatos dos falsos amigos, forjar, quase que intencionalmente, um relacionamento que é proibido – isso, Nietzsche aprendeu com Rée, é a vitória em si. Rée apresentaria Nietzsche a Lou Salomé em 1882 e essa lição apenas se tornaria mais profunda conforme eles formaram aquilo que Nietzsche chamou, com uma ironia que não passou despercebida por ninguém, de "a trindade".

¶

NIETZSCHE TINHA UMA SORTE misarável no amor, mas seu fracasso nos cortejos tradicionais, de acordo com algumas fontes, não eram exatamente fracassos, mas uma consequência do seu grau de exigência particularmente elevado. Em algumas ocasiões, ele era perspicaz quanto às uniões monogâmicas: "A melhor amiga provavelmente será a melhor esposa, já que um bom casamento se baseia no dom da amizade". Em outras ocasiões, entretanto, ele parecia ecoar o sexismo irredutível de Schopenhauer. "Uma mulher pode muito bem estabelecer uma amizade com um homem", Nietzsche admite, "mas para que isso dure, precisa haver uma pintada de... antipatia." "Uma pitada" não seria a expressão que muitos acadêmicos escolheriam para descrever o sua posterior antipatia pelas mulheres: "As mulheres têm tantas razões para se envergonhar; na mulher há tanto pedantismo, superficialidade, o ar professoral, as presunções mesquinhas, o descontrole, as indiscrições disfarçadas... Ai, se

algum dia o 'eternamente enfadonho na mulher' – e ela tem isso de sobra! – ousasse aparecer!" Nesta mesma passagem mordaz, Nietzsche sugere que seria melhor entender a mulher como uma "propriedade", algo que deve ser "confinado para impedir que voe para longe". Em última análise, a esposa que Nietzsche julgaria como digna de ser sua propriedade seria impossível de ser enjaulada.

Nietzsche ouviu falar de Lou Salomé pela primeira vez através de Rée, em 13 de março de 1882. Rée havia encontrado com Salomé em Roma, na casa de Malwida von Meysenbug, uma amiga em comum que organizara um salão para jovens pensadores do Mediterrâneo. Na ocasião, Meysenbug também escreveria para Nietzsche falando de Salomé, que "parece ter chegado ao mesmo pensamento filosófico que você, direcionada para um idealismo prático, deixando para trás o pressuposto metafísico e toda questão que envolva a explicação de problemas metafísicos. Rée e eu compartilhamos o desejo de vê-lo junto a esta pessoa extraordinária..." Nietzsche estava apaixonado pela jovem russa antes mesmo de conhecê-la.

A amada de Nietzsche era uma força da natureza: misteriosa, arrasadora, irresistível. "Eu jamais encontrei espírito mais dotado ou reflexivo", ele comenta após encontrar Salomé em abril de 1882. "Lou é a pessoa mais inteligente que já conheci." Ele não estava só em sua admiração. Rilke, que teve com ela um caso que durou a vida inteira, comprovava a sua grandeza: "Tudo que sou se move em mim", ele escreveu para ela, "por sua causa." Freud a chamou de "a grande entendedora" e repetidas vezes recorreu a sua orientação intelectual. Paul Rée, que a apresentou a Nietzsche, também estava apaixonado por ela e pediu a sua mão pelo menos uma vez. Pelo menos uma vez, ela o rejeitou. Não havia razão para se casar, pelo menos não agora. Lou nasceu em 1861 e era filha de um renomado general da Rússia czarista; tinha os recursos e a liberdade para viajar e estudar durante os seus vinte e poucos anos; seus admiradores eram muitos; e ela desfrutava das diferentes experiências que eles proporcionavam. Ela era uma filósofa brilhante com méritos próprios e foi uma das primeiras mulheres a exercer a psicanálise.

Desde o início, era um relacionamento atípico. Nietzsche tinha muito trabalho filosófico a fazer e apreensões quanto ao casamento, pelo menos quanto aos casamentos longos, alegando que um compromisso como este tolheria a sua criatividade. O relacionamento sufocante com a sua mãe e a sua família o deixaram receoso de novos vínculos. Um casamento de dois anos, ele

disse a Rée antes de conhecer Lou, era tudo que ele poderia tolerar e, ainda assim, "tendo em vista o trabalho que pretendo realizar nos próximos dez anos." Entretanto, Nietzsche reconhecia seu desejo pela companhia de um semelhante. "Eu anseio por este tipo de mulher...", ele admitiu para Rée. No final de março, Nietzsche, já um homem de meia idade, havia feito suas malas e partido para a Itália para integrar um infame triângulo amoroso.

Nietzsche pode ter descoberto a ideia do eterno retorno na rocha piramidal próxima de Sils-Maria, mas a inspiração para as reviravoltas do Zaratustra pode muito bem ter sido gerada por outro tipo de "pedra" em Roma – a Basílica de São Pedro, na tarde de 26 de abril de 1882. Ele encontrou Salomé pela primeira vez em um confessionário vazio. "De quais estrelas nós caímos para nos encontrarmos aqui?" De acordo com Salomé, essas foram as primeiras palavras que Nietzsche pronunciou. O encontro foi solene, e Salomé escreve que os modos formais do filósofo a deixaram "tonta e estupefata". Mas as coisas logo ficariam mais informais, violentamente informais, entre o casal. No segundo encontro, Nietzsche pediu a mão de Salomé. "É com demasiada rapidez" ele explica, "que o solitário estende a mão àqueles que ele encontra." Ela o rejeitou. Ele tentou novamente, outras duas vezes, com o mesmo resultado.

Na primavera de 1882, aos vinte e dois anos, Salomé propôs que Nietzsche e Rée a acompanhassem em uma viagem de Roma até a sua Rússia natal. Eles aceitaram, é claro. Eles não conseguiram chegar ao destino final, mas quando enfim chegaram a Lucerna, Nietzsche contratou Jules Bonnet para fazer uma foto encenada que capturou um pouco da essência de seu relacionamento: Salomé em uma carroça com um chicote; Nietzsche e Rée, ocupando o lugar de bestas domesticadas, na frente dela. Nietzsche estava apaixonado por uma mulher, pela primeira e talvez última vez. A viagem foi um retorno às raízes intelectuais de Nietzsche – de volta à Suíça e ao norte da Itália – mas, desta vez, acompanhado por uma mulher que ele adorava. Os lugares eram os mesmos, mas ele tinha esperanças de que a experiência seria outra com Salomé – que ele finalmente conseguiria superar o isolamento constrangedor que marcou a maior parte da sua vida e da sua obra. A viagem foi diferente, mas não da forma como o jovem desejava.

Tudo que Nietzsche mais queria era encontrar-se em Salomé, e isso quase aconteceu. Em maio, o casal subiu o Monte Sacro, sobre Orta, nos Alpes italianos. Recordando esta caminhada, Salomé comentou que foi, literalmente,

o ponto alto do relacionamento. Depois disso, tudo foi, sem dúvida, por água abaixo. Enquanto o relacionamento se tornava mais intenso, também se intensificavam as especulações filosóficas de Nietzsche, que pareciam dar uma guinada brusca da abnegação altruísta para a megalomania autocentrada, extremos que alguns jovens visitam regularmente entrando na idade adulta. Salomé não conseguia recordar se eles se beijaram no cume do Monte Sacro, mas ela recordava do que Nietzsche disse, e do que ele se tornou, durante a caminhada. Em sussurros, "demonstrando todos os sinais de um profundo horror", ele relatou a história do eterno retorno. E então, de acordo com sua amada, surgiu o primeiro vislumbre do Super-Homem:

> No início, ele modelou este ideal místico de humano-superior através de uma fantasia autoinoculada, sonhos e visões similares a êxtases; e então, para se salvar de si mesmo, ele buscou identificar-se com elas através de um salto gigantesco. Finalmente ele se transformou em uma figura dual – meio-adoentado e padecendo; meio-salvo; um humano superior e gargalhante. Um se parece com a criatura, o outro o criador; um pensa a realidade, o outro uma surrealidade mística.

Isso sempre me pareceu desnecessariamente duro. Nietzsche não está só em sua natureza dupla. Para a maioria dos seres humanos, o espaço entre o real e o possível por vezes se abre e revela precisamente esta bifurcação. Mas imagino que, no caso de Nietzsche, esse espaço fosse um abismo. Ele continuava a querer, e agora imaginar, mais do que ele poderia ter.

Para um observador, este tipo de fratura psíquica é bastante desconcertante, como foi para Salomé, e Nietzsche não fez nada para aliviar suas preocupações. A realidade dele era solitária, e ela era uma possibilidade deslumbrante. Para Salomé, ele expressava essas duas visões simultaneamente, o que a levaram a perceber a falha sísmica que a vida de Nietzsche percorria frequentemente. Ele primeiro apresentou as consequências de seu isolamento: "Pessoas solitárias como eu precisam conhecer os outros lentamente, até mesmo os mais queridos." Mas logo em seguida, o solitário articulava as novas e audaciosas possibilidades: "para ser sincero, eu gostaria de ficar sozinho com você o quanto antes." Ele estava sendo honesto, sem dúvidas, mas também obsessivo e talvez um pouco perturbador. No final de maio, em Naumburg, Nietzsche escreveu para Salomé lembrando-a do tempo que passaram juntos: "Os rouxinóis cantam a noite inteira na minha janela – em todos os pontos, Rée é um *amigo* melhor do que eu sou ou possa ser; atenção a esta diferença entre nós dois! – Quando estou só, eu frequentemente, muito frequentemente,

digo o seu nome em voz alta – para meu grande deleite!" Essas eram, até para Salomé, confissões proibidas.

Já na metade do verão, em Leipzig, a cidade onde Nietzsche iniciara seus estudos e o projeto filosófico de autoconhecimento, Salomé e Rée haviam começado a se afastar dele. Ele ficou arrasado e, como a maioria dos homens arrasados, furioso: "Aquelas duas pessoas, Rée e Lou", ele rosnou em agosto de 1883, "não podem nem lamber as minhas botas (perdoe essa imagem demasiadamente masculina!)." Os primeiros comentários escritos sobre Nietzsche e Salomé sugerem que ela agia como sua secretária e discípula, mas as cartas revelam outra história. Para Nietzsche ela era uma musa e um desafio constante, uma força que o levou a contemplar o verdadeiro significado da liberdade de espírito. Mas, durante este processo, Salomé decidiu liberar-se dele. E mais tarde ela explicou que escapou na hora certa.

A irmã de Nietzsche, Elisabeth, interferiu no relacionamento, mas ela está longe de ter sido o principal fator para o rompimento entre seu irmão e Salomé. Inicialmente "a trindade" deveria ser uma ordem monástica para três espíritos livres, mas Nietzsche rapidamente passou a detestar a ideia de compartilhar Salomé com outro companheiro. "Em todas as conversas entre três pessoas", ele explica, "há uma pessoa supérflua que impede que a conversa se aprofunde." Isso deveria ser uma justificativa para se descartar o segurador de vela, mas, no decorrer do verão de 1882, Salomé começou a se distanciar do professor da Basileia, e não de Rée. No ano seguinte, ele seria totalmente abandonado.

Conforme o término se descortinava, Nietzsche fez aquilo que muitas pessoas desesperadamente solitárias fariam – ele correu atrás dela. Com uma determinação inabalável. Se Lou não o queria, ele a rejeitaria antes que ela o rejeitasse. Mas era tarde demais, Salomé escapou com Rée (que seria seu companheiro por mais dois anos), e Nietzsche teve que se contentar com sua dor de cotovelo. Na correspondência que foi desencadeada pela partida de Salomé, Nietzsche escreveu: "Não me escreva cartas assim! O que essas coisas deploráveis significam para mim? Será que você não consegue ver: eu queria que você se erguesse frente a mim para que eu não tivesse que sentir desprezo por você." É possível interpretar este desprezo como indicativo de uma ferida profunda e permanente, e provavelmente este é o caso, mas eu agora o vejo de outra forma, como a marca de um homem que não conseguiu o que queria. Nietzsche queria que o relacionamento com Salomé e Rée fosse "apenas

aquilo" – monástico e ideal, mas também exclusivo e íntimo, e sempre de acordo com os termos dele. Ele não era alguém que aceitava o meio-termo, e tinha dificuldades em fingir que era algo além dele mesmo. Relacionamentos frequentemente envolvem mentir para os que amamos – dizer meias verdades que se adequam ao ser amado. Nós cuidadosamente medimos o que dizer e o que não dizer. Isso faz parte do jogo do amor, e Nietzsche era um péssimo jogador. Ele parecia dizer, ou escrever, o que quer que viesse a sua mente, e seus ouvintes poderiam acatar ou não. Quando Salomé não acatou e partiu, ele ficou furioso.

No Zaratustra encontramos ecos desta fúria, em seus delírios contra o casamento, em seu ocasional rancor contra seus interlocutores, em sua impaciência com as questões mundanas das boas maneiras e da sanidade. Eu acho que o leitor pode ver o desenvolvimento de Zaratustra como uma forma de compreender a crise pessoal do autor durante este período. Em 16 de setembro de 1882, Nietzsche escreveu para Salomé endossando uma teoria que ela depois usaria para interpretar a vida dele: "A sua ideia de reduzir os sistemas filosóficos às histórias pessoais de seus autores é uma ideia de uma 'alma gêmea intelectual'. Na Basileia eu ensinava a história da filosofia antiga exatamente desta forma, e gostava de dizer aos meus alunos: 'Este sistema já foi refutado e está morto; mas não se pode refutar a pessoa que está por trás dele – não se pode matá-la."

Em *Assim Falou Zaratustra* há muito de incisivo e equivocado. Suas quatro partes, compostas entre os anos de 1882 e 1885, são os tomos mais ardentemente contestados da obra de Nietzsche. Alguns dizem que são brilhantes. Outros, muitos outros, dizem que são besteiras. Mas uma coisa é certa para mim. Até aqueles que a refutam, não podem refutar a pessoa que está por trás da obra. A contradição e o paradoxo que vemos em Zaratustra são, pelo menos em parte, o próprio Nietzsche. E isso, eu acredito, não é nenhum paradoxo. Existe, em meio às inconsistências, uma corajosa dose de fidelidade entre o livro e o seu autor, mas também, se formos honestos, entre o livro e o seu leitor. Ele mapeia a natureza bifurcada da mente moderna.

Em novembro de 1882, quando a sorte do romance deles já havia sido lançada, Nietzsche escreveu para Salomé dizendo que o desprezo que ele sentia por ela não passava de uma extensão do que sentia por si mesmo: "Até este ano eu não fazia ideia de como eu sou desconfiado. De mim mesmo, principalmente. Meus relacionamentos com meus iguais arruinaram o meu

relacionamento comigo mesmo...” O perigo – do companheirismo destruir a sua individualidade – está no cerne de Zaratustra. Por vezes, parece que este risco, e não o eterno retorno, é a essência do livro; mas não chega a tanto. O eterno retorno é a essência, mas está constantemente ameaçada por imposições à nossa individualidade. O indivíduo não é um ator unitário, hermeticamente isolado (Nietzsche estava bem ciente disso), mas para florescer ele precisa de duas coisas: primeiro, que possa escolher o seu próprio caminho o máximo possível, e depois, quando isso der errado, que ele possa aceitar o destino que lhe coube. Estar apaixonado pode por essas duas condições em risco, e Nietzsche aprendeu isso com Rée e Salomé. No fim, por opção e pelas circunstâncias, Nietzsche ficou só. “Para viver só”, ele escreve, “precisa-se ser um animal ou um Deus, disse Aristóteles. Mas falta a terceira alternativa: precisa-se ser ambos – um filósofo”.

Em 1894, enquanto Nietzsche se sacudia no canto de um hospício, Salomé escreveu sua primeira autobiografia, alegando que seu fim trágico era o único possível. Ela insiste que “precisamos voltar nossa atenção para o ser humano, e não para o teórico, para nos orientarmos através da obra de Nietzsche. Neste caso, nossa reflexão não só enxergará novos horizontes teóricos, mas também novos horizontes da alma humana, em toda a sua grandeza e enfermidades.” Para Nietzsche, seus escritos filosóficos e vida interior, nas palavras de Salomé, “se unem completamente”. Sua loucura não era a consequência de um tumor cerebral, da sífilis ou de transtorno bipolar. Era uma consequência inevitável de sua filosofia. Mergulhar profundamente no individualismo, ceticismo, perfeição e iconoclastia de Nietzsche é flertar com a patologia psicológica e se afastar o mais rápido possível dos confortos do companheirismo duradouro. Isso é o que o leitor descobre em Zaratustra.

¶

O HOTEL ESTAVA EM silêncio, exceto pelo som de meus pés se arrastando no carpete vermelho. As portas dos quartos da Waldhaus estavam revestidas de painéis de carvalho maciço envernizados, feitos do corte longitudinal de toras nodosas que depois eram postas lado a lado, criando uma imagem perfeitamente espelhada – exatamente iguais, exatamente diferentes. Borboletas, nuvens, anjos e rostos passavam por mim no corredor. Um teste de Rorschach ambulante. Uma hora mais tarde, prendi a respiração próximo

ao quarto 78: dois pavões, olhando um para o outro, me fitavam com desconfiança. Um homem careca envolto em um terno cinza, claramente o porteiro noturno, havia surgido no fim do corredor. Ele me olhou com calma, sorriu rapidamente, e depois desapareceu. Obviamente eu não era o primeiro observador que ele encontrara no hotel.

Cinco e cinquenta e um. Sete, oito, uma dúzia de andares se repetindo: apertei o passo e meus pijamas se molharam de suor. O nascer do sol se aproximava. Eu teria que voltar para o meu quarto logo, fingir que estava vivendo na superfície. Acomodei-me em uma cadeira de balanço de vime no alto de uma grandiosa escadaria de mármore e fechei meus olhos pelo que calculei ser um minuto.

Antes de *Zaratustra* realmente começar, já o encontramos em movimento. Zaratustra, com trinta anos, deixa "a sua terra e o lago de sua terra" e se manda para os picos mais altos para regozijar-se com o espírito da solidão. Ele desejará viver só – como um animal e um deus – e ser então, nas palavras de Nietzsche, um filósofo. Mas dez anos mais tarde, no que a maioria das pessoas chamaria de meia-idade, se cansa de sua sabedoria solitária, "como a abelha que acumulou demasiado mel." Em outras palavras, se sente sozinho demais e decide regressar à civilização. "Assim começou o declínio de Zaratustra." No início, na descida, ele não encontra ninguém, mas conforme se aproxima do vale, em um arvoredo, Zaratustra encontra um velho conhecido, um santo, que vê que o homem das montanhas mudou. E de fato, ele mudou. Ele agora está solitário, e não está feliz com isso. Mas Zaratustra apresenta outra razão, mais magnânima, para o seu regresso: "Eu amo os homens", ele explica. E continua a buscar os seus amados na cidade lá embaixo.

A elisão do amor e da carência é desastrosa para Zaratustra nos momentos iniciais do livro. Ele finge amar, mas, na verdade, precisa desesperadamente de companheiros feitos à sua imagem. Procurando aqueles que aceitarão seu ensinamento sobre o Super-Homem, assim como ele o fez, Zaratustra reflete um desejo narcisista que precisa ser saciado de uma forma bastante específica. Esta é precisamente a história do companheirismo humano – que é previamente planejado para que possa contrabalançar uma sensação de carência psíquica ou pessoal. Os amantes e amigos em potencial que Zaratustra encontra no mercado, entretanto, mal conseguem preencher este vazio. Eles são demasiadamente mesquinhos, estúpidos, humanos.

Zaratustra não está sozinho nesta confusão entre amor e carência ou no

padecimento desta confusão. Em algum grau, o leitor percebe que esta busca pela amizade ou pela comunhão está fadada ao fracasso desde seu começo. Zaratustra procura companheiros impossíveis, simultaneamente subservientes e poderosos. Ele precisa de seguidores e de ouvintes, mas quer que eles sejam espíritos livres – em outras palavras, pessoas que jamais se submeteriam a seguir ou escutar. Quando os moradores da cidade deixam inevitavelmente a desejar, "Zaratustra ficou triste e disse ao seu coração: 'eles não me compreendem... Eles olham para mim e se riem: enquanto se riem continuam a me odiar. Há gelo no seu riso.'" E com isso, Zaratustra parte mais uma vez para suas trilhas isoladas, caminhando rumo à escuridão. "pois estava acostumado às caminhadas noturnas e gostava de contemplar o rosto de tudo que dormia." O livro todo é a história de um homem indo e vindo entre a escuridão e a luz, o isolamento e a união.

Existe outra forma de interpretar este "prólogo" do *Zaratustra*, outra explicação para Zaratustra não conseguir fazer amigos ou se apaixonar. É tão óbvia que nem mesmo a notei na minha primeira leitura. Seu isolamento não tem nada a ver com as deficiências de seus companheiros, mas com a mensagem que ele os força a escutar: *Deus está morto.* Esta é uma revelação desagradável, mas, de acordo com Zaratustra, não deveria ser algo tão surpreendente.

Já faz tempo que Deus está morrendo. Nossa fé no divino foi erodida por uma sequência de investidas: os avanços da ciência, a era da razão, o nascimento do capital moderno, as distrações do consumismo, a deificação do Estado. Deus não tinha a menor chance. Sua morte não é motivo para alegria; no melhor dos casos, ela criou um vácuo que precisa ser preenchido. Dostoiévski foi o primeiro a dizer que na ausência d'Ele, tudo é permitido; algo novo pode, ou precisa, ser feito. Zaratustra espera que isso possa ser feito junto com um pequeno grupo de espíritos livres. E é com esta intenção que ele oferece seus ensinamentos sobre o *Übermensch*, uma lição sobre a autossuperação. Em um mundo pós-teológico, a autossuperação continua a ser um dos poucos objetivos restantes. É uma possibilidade excitante e assustadora que pode colocar um peso insustentável sobre os relacionamentos que estão nascendo.

Então, o que exatamente é tão assustador a respeito da autossuperação nietzschiana? Zaratustra explica que ela é feita de três "metamorfoses". Primeiro, precisamos nos transformar no camelo, carregado com a bagagem

do passado, da tradição, das amarras culturais. Essa sempre me pareceu ser a etapa mais violenta. Normalmente, quando imaginamos um camelo, os imaginamos caminhando em uma perfeita fila única, carregando seus fardos obedientemente. Mas nem sempre foi assim. Camelos são criaturas enormes e teimosas – monstros da areia, se você pensar bem – e não tendem a acatar as restrições impostas a eles. Então, antes de carregarem os fardos em suas costas, eles precisam ser domados. Cada camelo é sobrecarregado até cair. E o privam de comida. Se a fome não o fizer abrir mão de suas vontades, as surras começam. É assim que nos tornamos animais de carga.

Mas então, Nietzsche escreve, no deserto mais solitário, acontece uma segunda metamorfose: "aqui o espírito torna-se um leão que quer conquistar sua liberdade e ser senhor do seu próprio deserto." O leão arremessa longe os fardos do camelo e, podemos presumir, devora aquele que foi seu senhor. Os adolescentes mais rebeldes – e até mesmo alguns que aparentam ser estudiosos – normalmente gostam desta etapa, e ela provavelmente é responsável por grande parte da popularidade que *Zaratustra* alcançou no século XX. O leão "é uma criação de liberdade para si mesmo e um 'sagrado Não' mesmo diante do dever." O tal "sagrado Não" é a negação de todos aqueles supostos valores, uma reavaliação e um recomeçar do zero. Mas isso não é violento o bastante. O leão é única fera que pode lutar, e matar, aquilo que Zaratustra chama de o dragão do "Tu deves". Este dragão precisa morrer para que a vontade própria – a mais pura volição individual – do leão possa viver.

Para muitos – ousaria dizer que a maioria – de nós, este é o fim da nossa jornada. Nós abraçamos a insubordinação e passamos o resto de nossas vidas vivendo como o leão predador. De acordo com Nietzsche, ser um leão não é nenhuma grande vergonha, e é difícil manter este espírito combativo e, portanto, há algo de heroico nisso. De fato, no final do livro continuamos sem saber se o próprio Zaratustra conseguiu passar pela terceira e derradeira metamorfose. Porém, existe uma coisa que o leão não consegue fazer e, portanto, o leão precisa se transformar em outra coisa. Pois o leão pode vencer os deveres e os fardos, mas suas negativas constantes não são a melhor maneira de criar valores. Para que novos valores sejam criados, o leão deve tornar-se a criança. Aqui temos o valor singular da juventude: "A criança é inocência. Um novo começo, um jogo, uma roda que gira por conta própria, o primeiro movimento, o 'sagrado Sim'." O leão é limitado pelo fato de que ainda está preso ao passado, mesmo que seja pela rejeição a ele. A criança, para

Nietzsche, tem a capacidade quase milagrosa de esquecer e seguir em frente. Quais são os novos valores que a criança criará? Zaratustra sugere que isso pouco importa. Serão valores novos – e não parecerão com nada que você conheça. Além do mais, essa questão traz uma preocupação que a criança desconhece.

Para Nietzsche, para Zaratustra, o valor da amizade e do romance é determinado pela sua capacidade de facilitar essas metamorfoses, avançar a causa do *Übermensch*, compensar a morte de Deus. Zaratustra não está buscando um amante ou um amigo qualquer. "No seu amigo, você deve amar o Super-homem como sua própria razão de ser", ele ensina. A ideia de que o que você ama na pessoa não é o seu corpo ou a sua personalidade, mas um ideal mais elevado, é muito antiga. Aristóteles acreditava que o verdadeiro amigo é aquele que é amigo das virtudes mais elevadas do outro. Mas a visão do companheirismo de Nietzsche é ligeiramente distinta: o ideal do companheirismo que ele propõe é o Super-Homem, uma entidade que está disposta a se despir de todos os adereços da virtude e da normalidade em prol de um futuro mais livre.

Nietzsche havia vislumbrado um relacionamento deste tipo com Lou Salomé. Foi tão incrivelmente revigorante quanto instável, em parte porque as expectativas eram muito altas. É claro que na época de Nietzsche, como hoje em dia, havia formas de superar essa instabilidade, de assentar as coisas o bastante para se conseguir dormir à noite. O casamento era, e ainda é, uma destas formas. Mas Nietzsche temia que, ao invés de promover a autossuperação mútua, este tipo de amizade carinhosa poderia, de forma contínua e gradual, se transformar em um "amor" ao próximo, isto é, a pessoa que é próxima de forma física, mas não espiritual. "Vocês buscam o seu próximo e dizem isso com lindas palavras", Zaratustra acusa. "Mas eu digo a vocês: o seu amor ao próximo é um mau amor a vocês mesmos. Vocês correm para o seu próximo para fugirem de si mesmos e querem transformar isso em virtude; mas eu enxergo através da sua *abnegação*."

¶

EU ME LEVANTEI DE minha cadeira de balanço e fui para o Bellavista, mas antes de entrar decidi que daria mais uma volta. Todas as portas eram numeradas. Exceto uma. Eu sofro de uma vontade quase compulsiva de abrir coisas, então

eu abri. A porta se abriu e deu a ver uma escadaria estreita que subia para um corredor curto. Sete pares de sapatos estavam ao lado de três portas inexpressivas. Imaginei que era ali que os funcionários moravam. Eu me virei para ir embora, mas notei uma quarta porta, o quarto 301, levemente entreaberto. O quarto estava vazio, era pequeno e de teto baixo. Contra a parede dos fundos havia mais escadas que levavam a outro cômodo que, depois eu descobri, era um observatório, o ponto mais alto do hotel, um mirante. Uma sequência de janelas semicirculares dava para as montanhas, que estavam começando a permitir que o sol alcançasse o vale abaixo. Agora seria difícil sair daquele lugar. Na última frase de *Zaratustra,* Nietzsche escreve que ele "deixou sua caverna, resplandecente e forte como o sol da alvorada que surge das montanhas sombrias." O triunfalismo era otimista, esperançoso, mas eu conhecia formas mais duras de descer aquelas montanhas.

Como descobri mais tarde, o quarto 301 é o quarto de Nino. Ele continua vazio. Nino foi o porteiro noturno do hotel. Ele e Noldi Giamara, o chefe dos concierges, eram amigos de longa data e frequentemente comiam juntos no observatório. Noldi refletiu, "Você está muito próximo ao céu lá em cima, você se sente como um monarca, mas você não rege nada. Você está próximo ao lugar onde você trabalha, mas muito distante, assim como as coisas sobre as quais conversávamos." Há muitos anos, no final do verão, Noldi e Nino saíram para caminhar na Valchiavenna, uma serra italiana nas imediações. Eles se separaram e Noldi voltou, pois tinha hora marcada no barbeiro. "Na encruzilhada," Noldi escreve, "Nino deve ter pegado o caminho errado, o caminho de cima." Uma tempestade passou por lá. As trilhas ficaram escorregadias. Na manhã seguinte, encontraram o corpo do homem de sessenta e oito anos. Às vezes é preciso ter cuidado para não pegar o caminho de cima por acidente.

Eu olhei diretamente para baixo, para o fundo do vale, com meus olhos seguindo rumo ao norte até onde eu podia enxergar, para os picos acima de St. Moriz. Foi lá que Paul Rée morreu em 1901. Após a morte de Nietzsche, Rée se mudou para Sils-Maria e prestou cuidados médicos às pessoas na região. Com a idade avançada, Rée parecia levar uma existência santa – alguns a chamariam de tolstoiana – altruisticamente ajudando os fazendeiros das terras baixas com as tarefas simples da vida. Deve ter sido uma vida bastante bonita. Mas em 28 de outubro, Rée saiu para terrenos mais elevados, fazendo uma caminhada solitária ao redor do desfiladeiro de Charnadura, um pouco a oeste

do Passo Julier. Ninguém sabe exatamente como ele caiu. Nos dias que antecederam a sua morte, ele supostamente disse a um conhecido, "Eu preciso filosofar. Quando o material para a minha filosofia acabar, o melhor seria que eu morresse." Morrer na hora certa: isso é algo que Zaratustra ensina. Ele sabe que não é fácil. Frequentemente é preciso escolher o caminho de cima intencionalmente.

Eu desci os degraus cuidadosamente, refiz os meus passos até a cadeira de balanço de vime e voltei para o Bellavista, onde a minha filha e a minha querida Kantiana dormiam tranquilamente.

NA MONTANHA

Somos, todos nós, vulcões que caminham para a
o momento de sua erupção; mas se ela está próxima ou distante,
isso ninguém sabe – nem mesmo Deus.
—Friedrich Nietzsche, A Gaia Ciência, 1882

EM 1885, *ZARATUSTRA* ESTAVA pronto, mas, em muitos aspectos, apenas começava. Foi a primeira vez que Nietzsche tentou, nas palavras de Walter Kaufmann, "apresentar sua filosofia por inteiro. Todos os seus trabalhos anteriores foram etapas no seu desenvolvimento: *Zaratustra* marca o início da fase final." Os leitores são presenteados com um aperitivo desde o cume da montanha, uma vista que Nietzsche passaria o resto da vida tentando dissecar e descrever. Ao publicar *Além do Bem e do Mal,* no outono de 1886, ele escreveu para seu amigo Jacob Burckhardt: "Por favor, leia este livro (apesar de ele dizer as mesmas coisas que o meu Zaratustra, só que de uma maneira muito, muito diferente)." Em *Zaratustra* temos uma visão impressionista do eterno retorno e do *Übermensch*. Em *Além do Bem e do Mal*, muito do simbolismo e das metáforas desaparecem. É um ataque filosófico sistemático direcionado a todas as coisas que obscurecem os altos picos escalados por Zaratustra.

Além do Bem e do Mal foi, em parte, um empreendimento experimental: Nietzsche decidiu publicar o livro por conta própria e calculou que precisaria vender apenas 300 cópias para pagar o seu investimento. Mas apenas 114 livros foram vendidos, enquanto 66 foram doados para jornais e periódicos. Desanuviar os picos seria uma tarefa solitária, e a conclusão de Nietzsche sobre essa empreitada desastrosa foi a de que "simplesmente não querem a minha literatura". Ele teria que fazer isso sozinho. Porém, na metade do século XX, quando os estudos sobre Nietzsche se estabeleceram, as edições de seus livros se proliferaram. Uma delas estava em nossa mala, enterrada sob os brinquedos de Becca. Depois do café da manhã a desenterrei e coloquei em minha mochila, prometi à Carol que voltaria antes do almoço, e saí do hotel em passo acelerado.

¶

ENCONTREI O INÍCIO DA TRILHA bem onde eu o havia deixado há

anos, na curva atrás da Nietzsche-Haus. A trilha cortava diretamente morro acima, de forma tão acentuada, na verdade, que, na minha ausência, alguém de bom senso havia instalado uma escada ali. Caminhar em um ângulo íngreme provoca uma tensão constante. É melhor ir devagar, deixar que o seu corpo se ajuste ao esforço. Mas eu não tinha tempo para isso. Eu tinha que voltar para o almoço. "Sente o menos possível", Nietzsche instruiu em 1888, "não acredite em nenhuma ideia que não tenha sido concebida ao ar livre e do movimento livre – que também não deleite os músculos". Meus músculos poderiam se deleitar depois. Ofegante no ar rarefeito, cheguei até a linha das árvores e subi em espiral em direção à colina onde eu sabia que conseguiria ao menos ver as verdadeiras elevações, mesmo sem alcançá-las. "Ficar parado", meu ermitão explicou, "é o verdadeiro pecado contra o Espírito Santo."

Por muitos minutos não ouvi nada além do som dos meus tênis no chão, mas depois comecei a captar outra coisa no vento: grunhidos abafados na distância, que se tornaram mais altos, mais próximos, mais intrigantes, até eu perceber que eu os produzia. Algumas coisas não podem ser reprimidas nas montanhas. Era como ter dezenove anos, só que com menos oxigênio. Em uma depressão mais rasa eu desacelerei para relaxar por um breve trecho antes que a trilha se elevasse novamente. Quando Nietzsche percorreu essas trilhas, ele estava buscando uma filosofia que pudesse se refletir na vida: "Nossa primeira questão quanto ao valor de um livro, de um ser humano ou de uma composição musical é: eles conseguem andar?" Eles conseguem ficar em pé, sustentar o seu próprio peso, galgar distâncias, avançar? De acordo com Nietzsche, a maioria dos filósofos, e das filosofias, não conseguiam. Eu ajustei a minha mochila e procurei o pequeno livro que havia pegado antes de sair. Só uma pequena pausa, depois eu prosseguiria.

Além do Bem e do Mal tem dois alvos principais: Kant e as mulheres. Kant, um dos grandes teóricos morais do cânone ocidental, tem uma teoria sobre o dever que deixava Nietzsche louco, e não de uma forma agradável. O pequeno sujeito de Königsberg tinha uma concepção da obrigação ética que ameaçava negar a visão do espírito livre de Nietzsche. Mas havia outra coisa essencialmente equivocada em Kant; mesmo antes de sua teoria ética ser apresentada, havia um equívoco na base do seu sistema filosófico. Antes de rumar à ética, Kant fora um epistemólogo: perguntava-se pelas verdades que a mente humana pode acessar. Na década de 1780, Kant enfrentou o ceticismo de David Hume e o dos demais empiristas britânicos, estando decidido a

superá-lo. O ceticismo moderno estava muito próximo de reduzir a ideia da crença verdadeira a mero costume, opinião ou hábito – isso é, a quase nada – e Kant queria ressuscitar a primazia da verdade e da certeza. Ele fez isso de uma forma estranha e, Nietzsche sugere, filosoficamente suspeita.

Kant alegava que compreendemos verdades indubitáveis sobre o mundo porque os humanos têm uma faculdade mental que compreende verdades indubitáveis sobre o mundo. Essa teoria é mais complexa do que isso, mas não muito, e Nietzsche alega que Kant gasta muita tinta para criar uma argumentação circular. Kant usa então essa argumentação circular para explicar de onde os valores – morais e julgamentos estéticos – vêm. A capacidade humana de determinar a verdade através da razão é o que os torna especiais – tão especiais que eles têm um "valor incomparável". Isso significa que eles não podem ser comprados, vendidos, explorados ou, em outras palavras, usados como "simples meios." É uma história boa, mas que começa com uma argumentação circular (e falaciosa). Nada disso teria nenhuma importância se a história da filosofia europeia não tivesse passado mais de um século lutando para que Kant triunfasse. Um século depois, Nietzsche já estava farto disso.

De onde vêm os valores morais? De acordo com Nietzsche, não é de uma faculdade mental obscura que permite que a mente humana capte a verdade. Eles vêm, ao contrário, de uma necessidade básica, de um medo tão difundido e elementar que erguemos a sociedade moderna como um protesto permanente, um disfarce: o medo da incerteza existencial. Eu nunca havia discutido com a Carol quanto a isso, mas havia perguntado, "Por que você gosta tanto do Kant? Você sabe que ele é muito machista, não?" Ela sabia e simplesmente não se importava. Ele fornecia aquilo que ela chamava de "certeza manifesta", e isso tornava o resto perdoável de alguma forma. Manifesto no sentido de claro, aparente, óbvio, palpável, definitivo, evidente – esse tipo de certeza. Ela não se importava tanto assim com a argumentação, mas sim com a conclusão: cada ser humano tem valor incomparável graças as suas faculdades racionais, e isso significava que ninguém era melhor do que seu próximo quando o assunto era o cálculo dos julgamentos morais.

A argumentação circular de Kant prometia um tipo de equidade bruta que Carol poderia aceitar, e continuaria aceitando. Eu a conhecia bem o bastante para não discutir sobre isso. Ela havia crescido em uma cidade pequena de Saskatchewan, muito distante da alta sociedade. Seu primeiro trabalho, com quatorze anos, foi como garçonete em uma parada para caminhoneiros, que

ela conseguia ver da janela de seu quarto. A ideia de que todos eram iguais de acordo com sua capacidade de raciocinar era um axioma que não precisava ser provado no contexto acadêmico. Isso tinha um poder prático e incontestável, uma crença que a havia impulsionado para além da parada de caminhoneiros e que se tornou o pilar do igualitarismo canadense que possibilitou muito do que aconteceu na vida dela. Rejeitar a sua validade seria rejeitar o que ela havia se tornado: a diplomada, uma doutoranda que se tornou professora titular de filosofia. Carol defendia a certeza manifesta de Kant como se a sua vida dependesse disso, pois, de certa forma, dependia.

Nietzsche explica que apesar de todas as aspirações elevadas da filosofia, ela frequentemente se resume a uma tentativa de satisfazer necessidades animais – o desejo de proteção, uma propensão adaptativa à busca alimentos, os meios para negociar de forma eficaz em um mundo perigoso. Essa é a origem daquilo que ele chama de "vontade de verdade", uma força que levou Kant a desenvolver um sistema que dominou a filosofia ocidental. Nietzsche sugere que "a maior parte dos pensamentos conscientes precisa ser considerada uma atividade instintiva, até mesmo no caso do pensamento filosófico..." A atração que a certeza manifesta exerce sobre nós não é o resultado de uma argumentação bem fundada, mas o desdobramento de um medo primitivo.

Eu estava em movimento novamente. Jesus Cristo!, como era longo o caminho até o fundo. A certeza absoluta não vive aqui em cima. A trilha se estreitou e o chão sob meus pés se transformou em pedras mal assentadas. Na minha esquerda, uma parede de granito que subia até uma altura desconhecida; na minha direita, um vazio que mergulhava até um fundo desconhecido. Não havia muretas nem redes de segurança. Após sua cruzada contra Kant, Nietzsche se voltou para a possibilidade de caminhar como um "espírito livre". O que seriam esses pensadores livres? Uma coisa era certa, Nietzsche afirma: "eles não serão dogmáticos. Isso iria contra o orgulho deles", ele explica, "e também iria contra seus gostos, a ideia de que sua verdade seja a verdade de todos... 'Minha opinião é MINHA opinião: outra pessoa não pode ter direito a ela tão facilmente' – o filósofo do futuro talvez diga isso."

Nietzsche anuncia a chegada de uma era de novos filósofos que ele chama de os "filósofos do futuro". Talvez eles também sejam movidos pela "vontade d verdade", mas esses novos pensadores não a perseguirão apaixonadamente, tendo-a como ideal fundamental ou, até mais perigoso do que isso,

confundindo a verdade com uma ilusão grandiosa. A "certeza manifesta" de Kant é digna de desprezo, de acordo com Nietzsche, porque finge ser objetiva, mas é uma argumentação fraca adornada e apresentada como uma verdade absoluta. No final da sessão "Espíritos Livres", Nietzsche se distancia completamente do discurso da verdade. Seus filósofos escreverão em nome da vontade de viver, mais conhecida como vontade de potência. A potência é diferente da falsa verdade. Muito diferente.

O sol estava quase em cima de mim. Eu havia prometido a Carol que voltaria antes do almoço e levávamos esse tipo de promessa a sério. Eu direcionei um olhar melancólico para as montanhas – Piz Tremoggia e Piz Fora, ambas com três mil, trezentos e cinquenta metros – e me virei para Sils-Maria. Se eu corresse, chegaria a tempo. Correr morro abaixo é uma forma de queda livre controlada. Com os anos, não cheguei a aperfeiçoar a técnica, mas aprendi a apreciar a queda. O ideal é manter um passo curto e leve e, indo contra a hesitação natural, se inclinar na direção da colina. Muitos bons corredores dizem que não é muito diferente de dançar: ombros relaxados, braços se agitando ao vento. Acima de tudo, não puxe o freio. Uma parada repentina é o jeito mais fácil de quebrar alguma coisa. No final de seu discurso sobre os filósofos do futuro, Nietzsche acelera morro abaixo em uma única frase interminável e incontrolável:

> Sendo habitantes, ou pelo menos hóspedes, de muitas terras do espírito; tendo sucessivas vezes escapado dos recantos úmidos e agradáveis que parecem nos prender a preferências e preconceitos, a juventude, a origem, o acaso do homem e os livros, e até mesmo ao cansaço da viagem; cheios de malícia contra as seduções da dependência que ocultam com honras, dinheiro, cargos, ou a exaltação dos sentidos; chegam a ser gratos pela aflição e as vicissitudes da doença, porque sempre nos libertam de alguma norma, e de seu "preconceito", gratos ao Deus, diabo, ovelha e verme em nós, curiosos até demais, investigadores a ponto de serem cruéis, com dedos que não hesitam em tocar o intangível, com dentes e estômagos para o mais indigesto, prontos para qualquer negócio que exija a sagacidade e os sentidos afiados, prontos para cada aventura, graças a um excesso de "livre arbítrio", com almas anteriores e posteriores, cujos últimos propósitos não podem ser facilmente descobertos, com frentes e fundos que ninguém poderia percorrer até o fim, escondidos sob mantos de luz, conquistadores apesar de parecermos herdeiros e esbanjadores, arranjadores e colecionadores da manhã até a noite, avarentos da nossa fortuna e de nossas gavetas abarrotadas, parcimoniosos no aprendizado e no esquecimento, criativos em nossos esquemas, às vezes orgulhosos de tábuas de categorias, às vezes pedantes, às vezes corujas do trabalho mesmo em pleno dia, sim, até mesmo espantalhos – e hoje em dia é necessário, isso é, na medida em que somos amigos natos, jurados e ciumentos da SOLIDÃO, nossa mais profunda solidão de dia e de noite – tal tipo de homens somos nós, nós, os espíritos livres!

Eu sabia que eu iria escorregar; isto estava fadado a acontecer com aqueles tênis de corrida gastados. Mas quando finalmente aconteceu, eu já havia quase chegado. A descida fora tranquila até aquele ponto e, com a Waldhaus à vista, eu fiquei displicente. Não estava mais pisando leve; marchava em direção à linha de chegada na ampla estrada de cascalho que levava de volta à civilização. Meus calcanhares, que mal deveriam estar tocando o chão, se prenderam em algumas pedras soltas e eu caí. Rolei, na verdade. Só alguns arranhões e um joelho levemente torcido. Nada que exigisse heroísmo para suportar. Eu cheguei a tempo para o almoço e deveria estar satisfeito a ponto de tirar a tarde para descansar.

¶

"Esse, meu amor, é o mais estúpido dos livros", Carol disse, apontando para a minha edição de *Além do Bem e do Mal*.

Ela não estava querendo começar uma briga, estava apenas indicando um fato. Ela sorriu e beliscou a parte de trás do meu braço enquanto passava pela mesa onde eu estava descarregando a minha mochila. A mesa estava coberta com giz de cera e bonecos, e eu abri um espaço para o meu precioso livro.

A argumentação de Kant não é circular, ela me informou, mas hi-po-té-ti-ca, lentamente separando as sílabas para que eu pudesse acompanhar. Era uma argumentação "Como se": *Se* imaginarmos que existe um valor moral objetivo, *então* ele deve se basear naquilo que torna todos os valores possíveis: as nossas faculdades racionais. As coisas comuns – mesas e cadeiras, livros de colorir, bonecos – têm valor porque alguém dá valor a eles. Se ninguém se importasse com eles, eles deixariam de ter valor. Ela segurou o bicho de pelúcia que neste então era o favorito de Becca. A única razão pela qual seria errado decapitar o Bumble, ela explicou, é porque isso assustaria a nossa filha. Mas na semana que vem, quando Becca tiver um novo favorito, poderíamos torturar essa coisa tranquilamente sem sermos monstros morais. Os humanos, de acordo com Kant, não são como Bumble: graças às nossas faculdades mentais, somos valiosos mesmo quando ninguém se importa conosco. Kant não está tentando convencer alguém que não acredita na verdade ou na moralidade. Ao invés disso, ele está tentando criar uma boa argumentação para aqueles que já acreditam em ambas. Falava às pessoas sãs, com alguma moral – não a Nietzsche.

Nós poderíamos falar sobre isso depois, mas por enquanto precisávamos ser pais. Pegando nossos casacos de inverno e carregando Becca, saímos para o teleférico na base do Corvatsch, meu antigo "cume pai". No vale faziam agradáveis dezoito graus, mas no cume a temperatura estaria abaixo de congelante. Este era, eu bem lembrava, o lugar para os espíritos livres contemplarem o proibido. Quando eu tinha dezenove anos, procurando "o pai", acabei confrontando a fenda que quase me consumiu. Agora eu era pai e deveria evitar tais perigos diligentemente. Desde a morte de Nietzsche, a montanha tem atraído muitos outros peregrinos, como Alain de Botton mais recentemente, e ele ecoa Nietzsche ao apontar que as vistas deslumbrantes só são alcançadas através de uma subida árdua: "Só conquistamos a satisfação quando respondemos com sabedoria às dificuldades que poderiam nos destruir. Os espíritos muito escrupulosos podem se sentir tentados a arrancar o molar de uma vez só ou parar nas elevações mais baixas do Piz Corvatsch. Nietzsche nos instou a resistir." De Botton provavelmente está certo, mas quando se é pai, às vezes resistir significa pegar o teleférico até o topo, e foi o que fizemos.

Mesmo assim, a montanha ainda era mais do que um pouco aterrorizante e Becca, a princípio, não estava muito entusiasmada. Eu peguei a ela para que ela pudesse enxergar pela lateral do teleférico, mas ela não estava interessada e escondeu os olhos no meu pescoço: "É grande demais", ela sussurrou. Eu entendia: realmente parecia maior do que eu lembrava, proibitivo de uma maneira que não conseguia enxergar quando era jovem. Era muito difícil admitir, mas estava feliz pela minha companhia e pela desculpa que eu tinha para abdicar das trilhas mais altas.

No verão de 1886, Nietzsche já estava começando a receber visitas, jovens mulheres na maior parte das vezes, em seu refúgio em Sils-Maria. Ele agia como um guia turístico avuncular pelo do terreno acidentado – tanto geográfica quanto filosoficamente. Na verdade, a esta altura sua saúde já estava débil e só essas mulheres conseguiam fazê-lo continuar nas trilhas. Sem suas companheiras, ele não teria conseguido dar dois passos. Meta von Salis era a última integrante da estimada família Marshlins da Suíça, uma estudiosa do Direto e da filosofia, uma aristocrata singular de cabelos curtos, e uma ferrenha defensora dos direitos das mulheres, e se tornou a amiga mais íntima de Nietzsche. Sozinha, Von Salis fez o filósofo retraído cair nas graças da elite política e intelectual de Engadina. Ele apreciava sua companhia e seus esforços

para alegrar a sua existência diária. Helen Zimmern, uma mulher judia dois anos mais nova que Nietzsche, foi além. Veio a Sils-Maria caminhar com ele, mas também para traduzir seu estudo sobre Schopenhauer e, depois, *Além do Bem e do Mal*. A feminista, a judia e Nietzsche: era uma trindade estranha, mas infinitamente mais simpática do que a que ele idealizara com Salomé e Rée.

Ainda assim, Nietzsche tinha dúvidas sobre o papel que suas assistentes desempenhavam. Ele deveria ser o superior delas, mas, em diversos aspectos, não era. Após suas caminhadas juntos, as mulheres poderiam continuar passeando, mas muitas vezes Nietzsche passava dias se recuperando. Suas enxaquecas haviam voltado e a dor era incapacitante. Nesta época, ele nutria a terrível preocupação de tornar-se fraco e enfermo. As jovens faziam o melhor que podiam para mantê-lo funcionando, mas a presença e a ajuda delas talvez tenha apenas realçado a fragilidade de seu corpo. Eu posso imaginar que, na situação dele, havia muito a se odiar. Não havia dúvidas de que ele queria sua companhia e seu consolo, mas tal desejo não era apropriado para alguém que aspirava as grandes alturas e as trilhas solitárias. Para entender os comentários de Nietzsche sobre as mulheres, o melhor, acredito eu, é considerar este contexto.

Ele foi misógino em A*lém do Bem e do Mal* e em outras situações? Provavelmente. Às vezes. Nietzsche refletia o chauvinismo de seu tempo e rejeitava o conceito da luta pelos direitos das mulheres, mas normalmente seus comentários a respeito revelam confusão, até mesmo medo, ao invés de ódio genuíno. Tendo dito isso, não há dúvidas de que ele odiou Lou Salomé em alguns momentos. "Na vingança e no amor", ele escreve, "a mulher é mais bárbara do que o homem". E, naquela altura, o ressentimento que ele sentia por suas cuidadoras não era nada desprezível. Mas quero acreditar que, no fim das contas, ele era inteligente demais para forjar um juízo sobre metade da raça humana, e contemplativo demais para não perceber, ao menos em retrospecto, que sua acidez ocasional era fruto de suas próprias inseguranças.

Entretanto, em meio ao ódio não há muito espaço para o autoconhecimento. No fim da tarde eu estava totalmente irado. O cume era lindo e coberto de neve, mas o teleférico lotado estava congelante e os corpos aglomerados não ajudavam a esquentar a caixa de metal. Fomos forçados a ficar imóveis, o que tornava tudo ainda mais frio – uma caixa de alumínio abarrotada de carne congelada. Uma mulher grande de Kentucky tentou se meter entre mim e Becca para conseguir uma vista melhor da montanha

favorita de Nietzsche. A sua melhor amiga se juntou a ela, brandindo um pau de *selfie*, e a sessão de fotos começou. Que tipo de violência poderia ser praticada com um pau de *selfie*? Essa pergunta ocupou muito do tempo da descida, e estava mergulhado nesses pensamentos quando uma voz suave, familiar, me trouxe de volta para a superfície: "Amor, vamos tirar uma foto."

Não é que eu quisesse machucar a Carol, ou a mulher de Kentucky. Feridas autoinfligidas – eram essas que eu queria causar. Depois de todos esses anos, o meu Eu de dezenove anos ainda estava vivo e operante em algum lugar, tentando desesperadamente acabar comigo ou lançar meu corpo em um buraco muito escuro. Eu sorri para a câmera. Um sorridente animal domesticado. Quando chegamos no sopé, a foto já havia sido postada no Facebook e recebido uma dúzia de "likes". Eu deveria gostar dos "likes" e da amizade de ovelhas que seguiriam em frente. Segurei Becca com força e me esforcei ao máximo para não pensar na foto.

Vir aqui com a família havia sido uma má ideia. Antes de conhecer a Carol, eu não queria ter filhos. Nem um pouquinho. Há dias que tenho a mesma opinião. A maior parte da minha vida adulta esteve pautada pela ideia de não me tornar um pai ausente, e eu silenciosamente acalentava a esperança de que conseguiria consumá-lo com Becca e Carol. Mas isso não me impediu de, em algumas situações, pensar que seria melhor se eu fizesse isso.

"Serás tu um homem que tem o direito de desejar um filho?" Nietzsche, sem filhos, pergunta. "Serás tu o vitorioso, o que conquistou a si mesmo, o comandante de tuas paixões, o mestre de tuas virtudes?" Não – longe disso. Frustração, egoísmo, insegurança – os pais devem manter essas coisas sob controle, mas, na minha pouca experiência, elas são precisamente os fenômenos psíquicos que a paternidade gera. Meu amigo Clancy, um dos poucos pais-filósofos que conheço, e um dos melhores tradutores de Nietzsche, diz que a paternidade é como quebrar pedras, só que mais desgastante. Historicamente, os homens conseguiram se esquivar desse trabalho estafante, isentando-se e fingindo que "ganhar o pão" era tão difícil quanto criar os filhos. É claro que isso é uma grande farsa, um mito cultural conveniente muito eficaz para manter as mulheres em casa. Conforme o patriarcado entra em declínio no século presente, mais homens conhecerão a dolorosa realidade da paternidade – e como ela frequentemente é quase impossível.

Becca se apoiou em mim e puxou o meu cotovelo: "Papai, eu preciso fazer

xixi."

"Sim, amor, eu sei. Eu também. Já vamos chegar lá. Dá para segurar?"

"Criar filhos é uma coisa incerta", diz o filósofo pré-Socrático Demócrito. "O sucesso só é conquistado após uma vida inteira de luta e preocupação." Esse não é mais um lugar-comum sobre como é difícil criar filhos. É uma alegação mais desagradável: a de que só a morte nos liberta das tensões torturantes da paternidade. Neste caso, ser tomado por repulsa e querer fugir talvez só signifique que você está atento à tarefa. Na *República* de Platão, Sócrates comenta que o governante relutante é o que deve liderar a polis. É quase impossível governar bem, e aqueles que pensam que é fácil ou agradável acabam se mostrando muito aquém da tarefa. Os que desejam o poder frequentemente o desejam pelos motivos errados. Esse pensamento me consolou, e muito, enquanto eu mergulhava nas partes mais profundas de mim e deixava os pensamentos proibidos correrem à rédea solta. Talvez o mesmo se aplique à paternidade: apenas os que temem e estremecem perante as responsabilidades desagradáveis da paternidade são capazes de arcar com elas.

No sopé da montanha, peguei Becca no colo, a segurei (demais) e corri para o banheiro. Quando finalmente chegamos à privada – depois de esquivar turistas e esperar na fila, depois de procurar por um franco suíço na pressa e abrir a cabine – estávamos ambos encharcados. Em minha fracassada tentativa de ser adulto, fui reduzido àquela situação infantil. Becca simplesmente olhou para cima, para o meu rosto fechado e sorriu. "Desculpa, papai", ela sussurrou.

Nós dirigimos de volta para a cidade seguindo o lago e um aguaceiro invadiu o vale. Quando ele passou, Becca tagarelava alegremente sobre o homem de neve que fizemos no alto da montanha, e me lembrei da descrição que Meta von Salis fez da sua despedida de Nietzsche no outono de 1887. Os dois haviam passado quase todas as tardes do verão juntos, e nutriam um profundo e recíproco carinho. O adeus aconteceu bem aqui, nas margens do Silvaplana, nas colinas do Corvatsch, não muito longe da rocha piramidal do eterno retorno. A mulher havia testemunhado Nietzsche se afundar na depressão gradualmente ao longo do ano anterior, uma enfermidade psicológica que ele admitia ser "pior do que aquelas crises violentas e radicais que frequentemente me vitimam." Nós passamos pela rocha e me lembrei da despedida deles: "No ar havia um tom prateado do outono que Nietzsche gostava de definir como 'de outro mundo'", von Salis escreveu. Era uma tarde

com brisa, e as nuvens, refletidas no lago, reluziam de uma margem a outra. Ao atravessar "o inóspito trecho de terra que fica entre o lago e a face de Sils que o contempla", o homem suspirou brevemente, com pesar e alívio, "Sou um viúvo e um órfão mais uma vez.", ele disse.

SOBRE A GENEALOGIA

E, entre rugidos, silvos e gritos estridentes,
O caixão estourou e despejou mil gargalhadas...
riam e zombavam e gargalhavam de mim.
Fiquei terrivelmente assustado; isso me derrubou. E eu gritei
de horror como nunca havia gritado. Agora o meu próprio grito
me despertou – e eu recobrei a consciência.
—Friedrich Nietzsche, Assim, Falou Zaratustra, 1883

APÓS TRÊS DIAS DE excursões em família nas proximidades do hotel, eu consegui uma manhã sozinho. Nascia o dia e eu já estava na trilha há algumas horas. O sol se ergueu e eu tirei a minha lanterna da cabeça e a meti no meu bolso traseiro. Eu comeria o café da manhã e o almoço sozinho. Isso foi o que disse à Carol antes de partir.

A parte mais assustadora de uma caminhada como essa é o início, mas ainda é melhor do que a tristeza cansada do teleférico do Corvatsch. Este exercício era uma forma de tomar as rédeas da tristeza, controlá-la, talvez até sufocá-la. Faço isso há muitos anos. Mas ainda não sei o que esperar, ou exatamente quando eu voltaria da minha caminhada. Eu não avisei a Carol, mas a minha mochila estava abarrotada, então ela deve ter descoberto. Talvez eu volte para o jantar. Talvez não. Eu decidiria desta vez. Em muitos aspectos, sei da sorte que tenho: a maioria dos companheiros não estaria nem um pouco disposta a ficar perto de uma pessoa amada e assisti-la correr um risco. "Fique aqui e testemunhe" é muito diferente de "vá e assista de longe". A primeira conota uma vigilância cuidadosa que na verdade permite esse risco e, com alguma sorte, um crescimento; a segunda é a curiosidade resignada de alguém que não se importa mais realmente. Eu era realmente muito sortudo. Carol segue sendo aquilo que Nietzsche dizia ser para seus leitores: uma mureta perto de uma torrente, mas nunca uma muleta.

Eu estava na trilha alta acima de Val Fex, um vale glacial que leva ao sul da Itália, por uma subida ao Alp Muot Selvas, um aclive de dois mil metros, que leva os caminhantes até o sopé das geleiras. Minha trilha levava até o fundo do vale em Flex, um conjunto de casas no final da estrada que atravessa o vale. De lá eu poderia seguir diversas serras de volta para as montanhas. Essa fora a

minha rota até um lar temporário da minha juventude: uma gigantesca placa de granito enfiada diagonalmente no terreno rochoso que fica a mil e seiscentos metros acima do Alp Muot Selvas. Eu havia passado duas noites embaixo daquela pedra na minha adolescência e queria saber se aquela tumba ainda estava lá.

¶

"IGNORAR O QUE ACONTECEU antes de você nascer é o mesmo que ser sempre uma criança."

Estas palavras, escritas por Cícero há mais de dois mil anos, são um atalho para compreender a abordagem que Nietzsche usa em *Genealogia da Moral*, publicado em 1887. Nietzsche jamais perdeu a sensibilidade fundamental de filólogo, essa compreensão de que, para florescermos no presente, primeiro precisamos enfrentar o passado distante. Na história da filosofia ocidental, normalmente os filósofos da ética procuram ideais concretos que possam agir como base para uma vida boa. A abordagem da moralidade de Nietzsche evitava essa moralização; ao invés disso, explorava o raciocínio por trás de nossas ideias sobre a virtude. Sua *Genealogia* não pretende determinar o que é bom e o que é mal, mas explicar por que fazemos esta distinção moral em primeiro lugar, agora de forma praticamente inconsciente. Neste aspecto, é uma forma de arqueologia intelectual.

O que uma pessoa, ou um povo, não deixa vir à superfície? O que se oculta sob os ideais e os valores que guiam a modernidade? O que está atrás da máscara? No crepúsculo da sua vida profissional, Nietzsche queria descobrir. O ano não estava sendo muito bom para aquele homem nos idos de seus quarenta anos. Encarar o passado de frente, ele explicaria, é difícil e desagradável por muitas razões. "Por necessidade", ele escreve em *Genealogia,* "continuamos desconhecendo a nós mesmos, não nos compreendemos, estamos fadados a estarmos enganados a nosso respeito, pois cada um de nós é guiado pelo lema 'cada um está o mais distante de si' – no que se refere a nós mesmos, não somos 'conhecedores'." O autoconhecimento impecável é metodologicamente impossível – um cachorro tentando desesperadamente pegar o próprio rabo –, mas a *Genealogia* de Nietzsche implora que seus leitores olhem para trás por tempo o bastante para compreender o que eles podem se tornar.

Quando olhamos para trás, não é incomum vislumbrar algo perturbador. Nietzsche alega que, apesar da aparência agradável, a história do mundo ocidental é a história calada do sofrimento, que debaixo da ordem da vida moderna existe uma crônica de dor que tem sido assiduamente reprimida. E essa história é a seguinte: no lugar onde a civilização europeia nasceu, havia dois tipos de pessoa: os senhores e os escravos; por isso, se desenvolveram dois tipos diferentes de moralidade.

A moralidade dos senhores, de acordo com Nietzsche, foi desenvolvida pelos mestres da antiguidade tardia, os Romanos e os Gregos, e era, por natureza, simples. Para os senhores, o "bom" seria o poder de avançar, se afirmar, progredir. O "mau" seria o oposto: fraco, lento, covarde e indireto. Nietzsche fornece a "equação aristocrática de valores": ser bom é ser nobre; ser nobre necessariamente significa ser poderoso, o poder é belo (mas também pode ser terrível); e tudo que é belo é feliz e amado por Deus. A equação permite que os senhores avaliem seu próprio valor de forma rápida e precisa. É isso que Nietzsche quer dizer quando escreve que o senhor "consegue se enxergar bem". Às vezes meus alunos pedem que eu dê um exemplo de um senhor, já que, suponho, é difícil pensar um exemplo contemporâneo. Eu cito Augusto de Prima Porta. A estátua de mármore, descoberta na metade do século XIX nas proximidades de Roma, é Caio Otávio, que depois se tornou César Augusto, o fundador do Império Romano. Augusto tem um pouco menos de dois metros. Se ele fosse de carne, e não de mármore, ele teria mais ou menos uns 110 quilos de puro músculo. Se você acrescentar a couraça e a armadura, terá uma figura que tem o dobro do tamanho da maioria dos filósofos. Exagerado, mas não tão exagerado a ponto de nos impedir sonhar ser como ele. Com seu braço direito esticado, ele olha com calma e orgulho além de sua mão, para um futuro que pertence a ele e somente a ele. Está descalço – uma prova da sua quase divindade e não um sinal de pobreza. Na iconografia da Roma antiga, só os mortais precisavam usar sapatos.

"O que você acha dele?", lembro-me de perguntar para uma de minhas alunas mais educadas.

Ela se contorceu por um minuto e logo disse com uma voz quase inaudível "acho que ele é um idiota." A turma inteira urrou em concordância.

De acordo com Nietzsche, não é surpreendente que Augusto seja visto como um idiota na sociedade ocidental contemporânea. O que é surpreendente é a história sobre como isso ocorreu.

Nos trezentos anos entre a morte de Augusto e o reinado de Constantino, no século IV, os romanos passaram de adoradores do homem-deus senhorial à veneração de um judeu macilento que foi displicentemente pendurado em uma cruz. A *Genealogia* de Nietzsche busca explicar essa transformação. É claro, já havia livros de história sobre como o Império Romano se tornou o Sacro-Império Romano, mas Nietzsche não estava interessado nos relatos puramente históricos. Ele queria explorar a mudança moral e psicológica daquilo que ele chamaria de ascensão da "moralidade do escravo".

A moralidade do escravo é tudo, menos simples. O escravo olha o senhor de soslaio e espera. No mundo antigo, o judeu, de acordo com Nietzsche, era o escravo por excelência. O Velho Testamento não deixa dúvidas: os judeus foram oprimidos e todos os outros povos foram seus senhores. A vida do judeu antigo era simplesmente a pior possível. Os assírios enfiavam ganchos de metal nos maxilares deles e facas em seus olhos antes de empalá-los. Os romanos os jogavam aos leões, os queimavam vivos e os crucificavam. E em meio a essa tortura, emergiu a moralidade do escravo. Ela começa com uma compreensão sobre a dor – a de que nem todos os sofrimentos são iguais. Existia um tipo realmente intolerável – aquele sem causa ou explicação. E havia o outro tipo de dor que poderia ser tolerada, até com alguma felicidade: o sofrimento em prol de uma causa. Você só precisava de uma boa história para explicar por que estava sendo torturado.

A moralidade do escravo, de acordo com Nietzsche, começa com o ressentimento judaico, o ódio pelos seus opressores, que o judeu acalentava. Os mestres eram imunes a este ressentimento, mas os escravos transformaram a dor por sua inferioridade em um ardente desprezo pelos poderosos. Nietzsche, tanto terapeuta quanto paciente, sabia que havia algo profundamente compreensível nas do ressentimento (ele é, afinal de contas, o sujeito que depois admitiria só ter atacado ideias e movimentos que foram bem-sucedidos). Mas, ao mesmo tempo, defende que isso precisa ser controlado de alguma forma: "A ovelha ter rancor da ave de rapina não é surpreendente: mas isso não é motivo para culpar estas aves por capturarem as ovelhinhas". Porém, é exatamente isso que as ovelhas fazem: culpam a águia por ela ser carnívora. Nietzsche imagina uma assembleia das ovelhas que protesta contra seu cativeiro formulando o seguinte raciocínio ético: "Essas aves de rapina são más; e quem for o menos parecido com uma ave de rapina, for o seu oposto, ovelha – não deveria ser o bom?". Este é o momento em que

os valores naturais começam a se inverter, o momento em que Augusto se torna um "idiota" pela primeira vez.

O governante é tido como "um idiota" quando a moralidade do escravo o torna responsável, o torna culpado – pela sua força –, o torna culpável porque ele não é humilde e não finge ser fraco. O senhor sempre pode renunciar a seus poderes, agir como uma ovelha, se submeter à docilidade do rebanho. O fato de que ele não se dispõe a fazer isso é um sintoma da sua perversidade moral – uma arrogância próxima da húbris – imperdoável para a sociedade dos escravos. É claro, Augusto não dava a mínima para o que os escravos pensavam sobre ele, mas, para os próprios escravos, esse pensamento, essa capacidade de fazer este juízo moral, foi o que os manteve vivos.

O triunfo da moralidade dos escravos é, por sua própria natureza, sorrateiro e subterrâneo. Ela ganha força quando está sob pressão. A repressão e a agonia, os combustíveis do ressentimento, só a tornam mais forte e mais durável. Isso não quer dizer que a moralidade de escravos tenha tornado a vida dos judeus e, depois, dos cristãos (responsáveis pela apoteose da moralidade de escravo) objetivamente mais fácil. Não as tornou. Na verdade, Nietzsche alega que eles tornaram suas vidas mais difíceis, sinistramente torturadas, enquanto o ressentimento dominava os escravos. Se o sofrimento e as dificuldades estavam associados à retidão moral, então a dor excruciante era um sinal inegável de uma natureza genuinamente santa. O que mais, Nietzsche pergunta, poderia explicar o santo autossacrifício da Crucificação?

Durante os anos de 1880, Nietzsche experimentou e construiu teorias sobre aquilo que chamou de "ideais ascéticos". A Crucificação foi motivada por um destes ideais, mas o ermitão (ou, em grego, asceta) de Sils-Maria estava interessado em uma gama de comportamentos de autorregulação e, em última análise, autodestruição. *Asceta* vem de uma palavra para "monge" ou, mais diretamente, de *asketikos* – "rigorosamente autodisciplinado". Essa disciplina tem uma história longa e celebrada no desenvolvimento da raça humana. O sujeito que escrevia cinco horas por dia, caminhava três e escrevia por mais cinco – esse sujeito era obcecado pelo ideal ascético. O exercício árduo ou caminhada difícil refletem o ascético. Pintar, escrever, se exercitar, estudar, criar filhos: todas essas coisas envolvem mais do que um pouco de autocontrole. Mas, em 1887, quando Nietzsche estava terminando sua *Genealogia*, ele descobriu algo importante que acontece quando o ascetismo é apropriado e depois cresce descontroladamente na era da moralidade do

escravo. Quando nossa vida é totalmente controlada por senhores poderosos, a disciplina da autonegação permite que o escravo consiga fazer alguma coisa em seus próprios termos. De fato, isso se torna a única coisa que o escravo consegue realizar sozinho. Ele tem poucas opções disponíveis: pode desejar e ser totalmente controlado pelo seu senhor, ou pode colocar o seu desejo para funcionar através de um processo contínuo de autonegação. O escravo pode escolher entre a inação, que por fim levaria a sua morte, e a ação – voluntária, mas abnegada, que por fim apressaria o inevitável. Nietzsche acha que a decisão é óbvia: os seres humanos prefeririam se destruir a se imbuírem da passividade de não desejar absolutamente nada.

¶

QUANDO ALGUÉM PASSA UM tempo sozinho nas montanhas, onde o ar é rarefeito e puro e o chão é frio e pontiagudo, vem a inspiração de tornar-se igualmente perfeito: magro, puro, frio, pontiagudo. E esse perfeccionismo – medir-se contra a grandiosidade das montanhas – pode dificultar o retorno às planícies e à vida com os outros. E também pode alimentar o ideal ascético.

Na minha última viagem à Suíça, ganhei uma cicatriz na minha orelha. Eu também havia voltado com algo que era em parte uma doença e em parte uma inclinação e sobre a qual eu raramente falo. É parecida àquela história sobre atirar pedras em um abismo no Corvatsch, então normalmente tento evitá-la. Mas quando eu era adolescente, caminhando atrás da Nietzsche-Haus, eu passei a amar o jejum mais do que as trilhas montanhesas. Na verdade, eu descobri que os dois não eram tão diferentes. Ambos eram buscas por extremos impossíveis. Mas para jejuar você nem precisa sair de casa.

Quando finalmente voltei da minha primeira viagem a Sils-Maria, minha mãe me encontrou no aeroporto de Philadelphia e chorou quando me viu. Quando menino, eu era inegavelmente gordo, na adolescência fiquei magro e seco, mas agora estava mais do que esquelético. "Eu perdi peso", admiti: quase dez quilos em nove semanas. Sim, isso é possível. Até hoje, quando ela me abraça, sinto seus braços magros me medindo – certificando-se de que eu não desapareci ainda mais na ausência dela. Durante os últimos cinquenta anos, a psicologia de botequim concluiu que a anorexia grave é mais bem compreendida como uma resposta a uma falta de controle pessoal. Não tem a ver com o tamanho da cintura ou a gordura ou ser atraente e estar na moda. O

autocontrole está na raiz da questão. Isso supostamente não deveria acontecer com – ou acometer – os homens. Mas acontece. Com mais frequência do que se imagina. O jejum extremo, do tipo que transcende qualquer busca vaidosa pela beleza, é um teste, uma provação, um exercício da vontade. E depois que você exercita a vontade desta forma, ela não se tranquiliza tão facilmente. Jejuns são duros de matar. Eu acredito que, como todas as verdadeiras compulsões, uma vez que você sente o fascínio da experiência, você o seguirá sentindo para sempre. E eu senti isso pela primeira vez nas colinas acima de Sils-Maria.

Jejuar, como fazer uma trilha, pode ser a trégua de uma vida que é caótica ou repressiva demais (ou ambos), uma tentativa de fugir das forças destes extremos opressores. "Comer ou não comer?" é uma das poucas questões da vida contemporânea que ainda é respondida com autonomia na maior parte das vezes. Você quer uma rosquinha – ou seis –, um bolinho de arroz, brócolis, mingau de aveia? Ou não quer nada? Você e só você pode decidir o que irá te nutrir. Às vezes ouvimos falar que os jejuns são "quebrados", mas na minha experiência este não é bem o termo. Jejuar não é o tipo de coisa que pode ser diretamente afetado por uma força externa – ele é feito por vontade própria e precisa ser interrompido por vontade própria. Tudo isso faz uma disfunção psicológica parecer algo heroico e eu, por muito tempo, não achei isso tão absurdo.

Por que jejuar? A Modernidade tem formas engenhosas de acionar a nossa vontade própria e construir narrativas persuasivas para justificar porque isso seria significante. Mas, no século XIX, quando Nietzsche amadurecia, essas grandes narrativas começavam a soar cada vez mais ocas. Talvez se dedicar a sua família, à Igreja ou ao Estado – na verdade, a qualquer convenção – não passasse de um desperdício de tempo. Ou, mais especificamente, um desperdício de livre arbítrio e de experiências. A rotina da vida moderna parecia tão roteirizada e banal que Nietzsche e outros pensadores europeus passaram a questionar a realidade do livre arbítrio como um todo e, em resposta, a fazer experiências radicais, e às vezes mesmo estúpidas, para romper a monotonia. O jejum foi uma delas. A maioria destas práticas estava envolta em uma retórica sobre a necessidade médica (apenas medidas radicais para manter o corpo e a mente sãos), mas alguns escritores, incluindo o jovem Nietzsche, enxergaram além do verniz da saúde e viram algo ainda mais importante: o domínio de si próprio.

Eu sei que isso pode soar louco, mas não para um Nietzschiano. São nos tempos de fartura, de excesso, que surgem as práticas de autoprivação como o jejum – "durante o qual", Nietzsche escreve "um impulso aprende a recuar e se prostrar, mas também se purificar e se tornar mais aguçado". Ele lutou com a alimentação durante a maior parte de sua vida. Luta: como Porteu e Menelau, inseparáveis em combate. "Se ao menos pudesse ser o senhor do meu estômago novamente!" ele lamentou na meia-idade. E, para reconquistar seu domínio, ele não mediu esforços – experimentou primeiro o vegetarianismo, depois uma dieta carnívora, e também não comer nada. Nietzsche disse que estava interessado na relação entre a comida e o pensamento, e que acreditava que o pensar estava intrinsicamente ligado ao comer. Eu tenho certeza de que isso era parte da questão. Mas apenas parte.

Na longa e celebrada história do jejum, o autocontrole toma a forma de autoprivação e prepara o caminho para a transcendência espiritual. O jejum, pelo menos em teoria, era uma forma de direcionar a vontade própria para algo mais elevado ou mais profundo. Em 1923, em um seminário sobre o *Zaratustra* de Nietzsche, Carl Jung explicou que "se encher de matéria física o deixa pesado... Ele não poderia voar, ficaria preso à terra." Em um dado momento durante meu primeiro verão com Nietzsche, eu tive uma percepção fugaz dessas palavras de Jung. Eu parei de sentir fome: o desejo, a insatisfação, a fatiga – assim como o meu corpo – lentamente foram embora. Eu não queria mais dormir ou comer ou mesmo ler. Eu só queria caminhar. Minha saúde há muito havia se esvaído, mas eu não sentia isso nem um pouco. Esse tipo de autoprivação foi o meu primeiro vício – e, depois de tantos anos, ainda guardo boas recordações dele. Na verdade, desde meu verão nas montanhas, nunca mais vivenciei a comida ou a fome da mesma maneira.

É claro, todas as obsessões trazem desvantagens. O jejum prolongado consome tanto da sua vida que sobra muito pouco para dedicar a outra coisa. Ele é o companheiro mais autoritário que você terá e cada segundo deve ser gasto em satisfazê-lo. Quando eu voltei à faculdade depois de caminhar com Nietzsche, imediatamente entrei para a equipe peso leve de remo – pois achei que essa seria uma forma socialmente aceitável de mascarar um transtorno alimentar fora de controle inspirado por uma experiência filosófica quase religiosa. Remar parecia totalmente Nietzschiano: autoexpressão na forma de repetição, flexibilidade, velocidade e, acima de tudo, força. Eu amava o perfeccionismo, mas por fim saí da equipe quando trinquei uma costela em

uma máquina de remo e percebi que na verdade eu não gostava de remar com outras pessoas. Meus companheiros de equipe não estavam levando a leveza de seu peso a sério o bastante. Eu queria companheiros, mas eles estavam, de muitas formas, me atrapalhando. Minha vida romântica e social seguiu um mote parecido. Pessoas que me conheceram durante esta época dizem que eu era totalmente insuportável. E esses são os que ainda falam comigo.

¶

SEIS MESES ANTES DE Becca nascer, eu comecei a tomar Celexa, um antidepressivo. Os comprimidos não me "curaram", mas tornavam a vida mais amena, deixando de afetar-me de forma tão insistente e profunda. Era só uma dose pequena – 30 mg – que ainda permitia que eu risse, transasse e ficasse triste. Era parecido com tomar uma xícara de café pela manhã – fazia com que eu me sentisse mais parecido comigo mesmo. Também parei de dar tanta atenção ao meu regime ascético. Eu só tomaria alguns comprimidos até a Becca crescer e ser uma adulta totalmente independente. Então eu pararia. Nessa mesma época, li um texto do Jonathan Lethem na *The New Yorker* e seu relato ficcional sobre deixar de tomar o Celexa me deu uma boa ideia dos perigos da abstinência dos comprimidinhos cor de rosa: tontura, náusea, ideação suicida, sonhos lúcidos. Mas nos dias anteriores à nossa viagem Alpina, eu, convenientemente, me esqueci disso, ou simplesmente presumi que ficaria bem ou, o que é mais provável, me autossabotei intencionalmente. Retomaria a medicação quando voltasse para casa, porém. Afinal, era uma dose tão modesta e eu estava tão melhor agora. E, além disso, quando caminhei com Nietzsche da primeira vez, eu não tinha nenhum comprimido.

Quando eu ainda era um aluno de dezenove anos, Dan Conway, meu professor e guia para todas as coisas Nietzschianas, me explicou sobre a força insidiosa do ideal ascético. Ele havia sido um dos principais motores da civilização ocidental e resistir era quase sempre inútil. Na época fui cético, talvez otimista: algumas pessoas têm vontade própria para escapar dos caminhos da autonegação. Dan apenas balançou a cabeça e me mandou para Basileia.

Ele estava certo: na esfera dos valores humanos, o asceticismo é uma força insistente e controla rapidamente os ideais mais positivos que podem questioná-lo. Ele é tão martirizado, tão resiliente, que consegue sobreviver a

quase todos os seus competidores. O ideal ascético tem o tempo e a natureza humana jogando a seu favor: como sugerido por Schopenhauer, nós somos, fundamentalmente, criaturas sofredoras, e quando esta percepção se volta contra nós, o ideal ascético está lá para acolher-nos de nossa miséria. "O homem, o mais corajoso dos animais e mais acostumado ao sofrimento", Nietzsche escreve em *Genealogia da Moral*, "não recusa o sofrimento em si; ele o deseja, até o procura, desde que lhe traga um significado, um propósito para sofrer... e o ideal ascético ofereceu ao homem este sentido!".

Após quatro horas na trilha sem nada em meu estômago, minhas pernas ardiam e minha cabeça flutuava. Estava mais tonto do que imaginei. Eu só precisava chegar até a rocha e então descansaria. Ela estava a menos de duas horas de caminhada, e então eu vivenciaria o eufórico retorno aos píncaros, ou às profundezas, da minha juventude. Os filósofos, afinal de contas, sempre pensaram em movimento. Após a morte de Aristóteles, em 322 AC, muitos de seus alunos formaram a Escola Peripatética, um grupo de palestrantes errantes cujo nome vinha do grego *peripatetikos* ("ambulante"). Os antigos sábios da Índia e do Nepal ficavam em casa durante a estação das chuvas, mas, assim que ela terminava, se punham em movimento, pensando e ensinando. Buda, Jesus, Agostinho, Rousseau, Wordsworth, Coleridge, Emerson, Thoreau, James, Rimbaud – todos eles, e muitos outros, eram andarilhos. Thoreau, um dos maiores pensadores andarilhos, escreveu: "Creio que no momento em que minhas pernas começam a se mexer, meus pensamentos começam a fluir." No século XX, o filósofo analítico Ludwig Wittgenstein passava horas andando de um lado pro outro, meditando e vagando, no apartamento de seu colega e colaborador Bertrand Russell, a quem costumava visitar. Conforme a noite avançava, ele dizia a Russell que planejava se suicidar quando fosse embora, supostamente quando seus pés parassem de se mover. Então Russell o implorava para manter-se em movimento – e vivo.

E então temos *Relatos de um Peregrino Russo*, o mais famoso conto russo sobre o caminhar, publicado pela primeira vez em 1884, no ano em que Nietzsche terminou a segunda parte de *Zaratustra*. Ele conta a história de um pedinte peregrino que não caminha para chegar a uma realização filosófica, mas para enxergar Deus. O livro é um manual metodológico sobre como fazer para rezar sem parar. Deus não está morto para este caminhante. O andarilho anônimo recita a Oração de Jesus duas mil vezes por dia, depois seis mil vezes, e ainda mais. "Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, tenha piedade deste

pecador." Mas a suposta revelação, o momento em que a história fica muito estranha, acontece quando ele alia essa oração curta aos seus passos e respiração. Uma pessoa normal anda dez mil passos em um dia, mas se você passar o dia inteiro caminhado, chegará a uns quarenta ou cinquenta mil. Em algum momento desta repetição, o peregrino se torna a oração, ou a oração se torna o peregrino. Aquilo que ele está adorando – algo distante que não é deste mundo – de alguma forma surge ali em plena caminhada. Eu havia lido este relato na faculdade, antes da minha viagem para Sils-Maria, e fui imediatamente fisgado. Ignorei os avisos no prefácio sobre como práticas ascéticas radicais podem provocar aquilo que os padres da igreja chamam de *prelest*, literalmente "perder-se", um estado similar ao sonho em que o delírio é interpretado como a salvação.

Andar pode ser uma das atividades humanas mais amparadoras e revigorantes, mas a moralidade de escravo, acoplada a este ideal ascético, finalmente conseguiu sequestrar até este exercício e usá-lo para fins destrutivos. *Relatos de um Peregrino* pode ser a história de um homem que sai para uma longa caminhada e encontra Deus, mas igualmente pode ser uma reluzente fábula sobre um asceta cristão cujos pés suportaram incontáveis feridas sem motivo. Os peregrinos, os heróis da moralidade de escravo judaico-cristã, viajam por centenas, às vezes milhares de quilômetros em condições propositalmente deploráveis. Quanto mais difícil, melhor. A provação tem o papel de purificar a pessoa, apesar do fato de que ela provavelmente envolve bolhas imundas, cortes infeccionados, dedos gangrenosos e cicatrizes que jamais desaparecerão. No século XI, doze mil destes sofredores foram da Alemanha até a terra prometida em Jerusalém. Como saber quantos chegaram até o destino final? Eles passaram seus últimos dias, podemos supor, da pior forma em prol de um ideal que exigia formas ainda piores de tortura. Entendo que existe algum consolo no fato de que o peregrino escolhe como sofre, mas muitas vezes parece um consolo dolorosamente pequeno.

¶

PASSAVA DO MEIO DIA e lentamente, lentamente demais, eu me aproximava do Alp Muot Selvas. A paisagem era gloriosa, tenho certeza. Mas eu simplesmente não a notei. Por que o meu regresso às montanhas precisava parecer uma

morte? Eu prestava a atenção especialmente a duas coisas: o meu estômago se retorcendo, emitindo um calafrio sutil ao meu peito e à minha virilha; e o meu tornozelo estalando, uma reminiscência de um dos momentos mais idiotas do meu colegial, quando voei pelo teto solar de uma perua Volkswagen a 30 quilômetros por hora. Eu podia ver as geleiras sobre o Fex e tentei me manter focado em meu destino, em como seria bom me aconchegar sob a cobertura de granito que havia me mantido relativamente protegido em minha primeira caminhada por aquele vale; mas meu tornozelo não deixava. Ele era um lembrete constante da possibilidade da dor daquela jornada não fazer sentido.

Todo peregrino parte em busca de um santuário. Para os peregrinos cristãos, os santuários são os túmulos dos santos – São Pedro e São Paulo na Itália, ou a cripta vazia de Jesus em Jerusalém – o lugar onde figuras sagradas descansam. Há algo indubitavelmente cativante e mórbido a respeito destes andarilhos. Antes de deixar suas famílias de origem, os peregrinos escreviam seus testamentos para garantir que algo restaria depois que eles partissem. Eles se descalçavam, não porque tivessem os pés imortais de Augusto, mas justamente porque eram mortais – isso é, porque queriam sentir a dor de serem humanos. E assim partiam. A vida que levavam em casa certamente era desagradável (a vida no século XI era, no geral, insuportável), então eles assumiam o controle de seu sofrimento, apoderando-se dele e moldando-o de acordo com sua vontade.

Nietzsche acha que há algo de heroico nesta vontade de sofrer, mas ele suspeita que essa história toda ficava disfuncional quando propagada pelos clérigos cristãos. Ao invés de uma explicação simples e honesta – que uma longa caminhada é, de alguma forma, uma maneira de assumir o seu sofrimento – o clérigo cria uma história sobre depravação e restauração para o peregrino. De fato, muitos peregrinos realmente eram criminosos que foram condenados pela Inquisição, por exemplo, a fazer longas viagens (autoexílios) por infrações que iam do parricídio a roubar um pão. Mas o clérigo leva além a sua justificativa para a peregrinação: todo andarilho é um pecador, um fugitivo, que só será perdoado através da purificação da dor. É claro, muitos peregrinos vão em busca de um santuário para se curarem ou buscarem uma cura para a doença de um ente querido, mas a história é essencialmente a mesma. Os seres humanos ou são culpados ou doentes, ou ambos, e precisam suportar suas bolhas e tornozelos quebrados para serem salvos. Isso continua sendo a espinha dorsal exposta do ideal ascético

Dias antes, Carol havia se oferecido para me acompanhar na trilha, mas eu tinha, pelo menos nos momentos iniciais da caminhada, ficado feliz de estar sozinho. Agora eu já não estava feliz. Eu avistei um afloramento de granito solto no sudeste do vale, um depósito de rochedos geométricos que pareciam os resquícios de um antigo templo. Mas depois de outros vinte minutos de caminhada, esta impressão foi substituída por outra. Se um dia aquilo foi um templo antigo, teria que ter sido o maior templo do mundo. As pedras tinham mais de 800 metros. Encontrar uma única rocha solitária em meio àquele platô elevado teria sido impossível se não fosse por um único ponto de referência, uma pequena cachoeira que teria se verticalizado ainda mais com o passar do tempo, ou assim eu supunha. Lá estava ela, correndo em um ritmo acelerado, guiando qualquer forasteiro até uma laje diagonal oculta na beira do riacho que ela criara. Mesmo na minha juventude, o imaginário cristão das nascentes e do renascimento não havia passado despercebido, nem a ironia de que aquele era o lugar onde Nietzsche concebeu a sua crítica ao ideal asceta.

A pedra era um losango de 3 metros de comprimento, com 60 centímetros de espessura, mais ou menos no formato do estado de Maine. Como ela se alojou na terra como a perfeita escora de uma rocha continua a ser um mistério, mas meu palpite é que ela caiu e despencou de um ponto muito alto. Eu havia passado sete horas caminhando e agora estava aqui. Eu deveria me sentir muito, muito mais grato do que me sentia. As melhores histórias sobre peregrinações terminam com um dilúvio de lágrimas catárticas enquanto o forasteiro finalmente se aproxima do santuário e um monge o encontra no umbral para lavar seus pés purulentos. Neste momento mítico, acontece uma comunhão transcendental através da qual o humilde buscador e o objetivo sagrado se tornam um só. Mas quantos peregrinos alcançam o santuário e vão ao chão, quantos choram lágrimas de desespero ao descobrir que o santuário, na verdade, é uma cova? Normalmente não ouvimos falar destes peregrinos, mas talvez devêssemos ouvir.

Eu me arrastei para debaixo da minha pedra e, puxando a minha mochila atrás de mim, me recolhi ao meio dia. Estava escuro, frio e até agradável, mas não transcendental ou revigorante. Eu só queria voltar. Não para a Waldhaus, voltar para mais longe: para um tempo antes destes pensamentos. Onde estão as histórias sobre os peregrinos decepcionados, que não encontraram aquilo que estavam procurando? Ou as peregrinações que, como uma caricatura, simplesmente repetem todas as pavorosas futilidades da vida? Tenho certeza

de que elas acontecem, até com mais frequência do que gostaríamos de imaginar. Eu repousei minha cabeça em minha mochila e deixei que o chão de rocha roçasse contra a ponta da minha pélvis.

¶

QUANDO ME LEVANTEI ERA a hora mágica, aquele momento no fim da tarde logo antes do crepúsculo, quando até a cena mais lamentável parece emanar uma luz própria. Meus quadris latejavam, mas uma brisa fria desceu o Alp Muot Selvas e acariciou a minha bochecha e a minha orelha no lado exposto do rosto.

Eu havia despertado com um pensamento, e agora tinha um objetivo: voltar para casa.

Os peregrinos famosos procuram e acham seu consolo em um santuário distante. Ocorre uma reconciliação cósmica, mas só após terem abandonado tudo e todos e seguido a dura estrada que leva a Deus. Mas talvez até os peregrinos fracassados encontrem alguma salvação. Após descobrir que a dor é apenas dor, que o túmulo está vazio, que uma única lavagem dos pés não consegue limpar a sujeira da existência humana, os peregrinos desalentados ainda podem voltar para casa. Talvez essa seja a salvação. Talvez o peregrino fracassado não queira nada além de um pouco de carinho, a sensação, simples e imediata, de que o mundo não é um lugar totalmente sem esperanças.

Em muitos aspectos, a segunda metade da peregrinação, a caminhada de volta para a civilização, é muito mais difícil do que a primeira. O cansaço, sem dúvidas, é maior, e as feridas dos primeiros dias da viagem mal se fecharam. Abraão fez uma caminhada famosa subindo o Monte Moriá com seu filho, disposto a sacrificá-lo para Deus. Isso é dureza, mas imagine só a viagem de volta, com Isaque ao seu lado, o menino que você estava disposto a matar. Quão mais difícil é esta viagem? Caso você consiga atravessar a culpa, a dor, a decepção, talvez até seu próprio lar, o lugar de onde você partiu, tenha sido transformado nesse ínterim. Talvez, como Jó na Bíblia, depois de perder tudo, seja possível receber tudo de volta em dobro. Quantos peregrinos fracassados alcançaram depois o sucesso, quando voltaram à vida normal? É claro, esse não é bem o espírito da devoção cristã, mas talvez isso seja melhor ou, ainda: a verdade. Talvez a vitória do peregrino não esteja em enfrentar a adversidade, mas no momento em que ele aceita o acalanto do seu lar. Enquanto me

sentava sob a minha pedra, um riso vindo não sei de onde, que eu ainda não consigo entender, escapou de mim. E eu me levantei.

Fui em direção à minha família, dando as costas para o local da peregrinação e indo rumo àquilo que Becca afetuosamente chama de "carinho". Você não precisa ir a lugar nenhum para ter carinho. Normalmente o carinho é feito com as costas da mão ou, se você for a Becca, com o nariz. É o afago mais leve que existe. O carinho não pode ser feito de longe. Ele acontece de manhã bem cedo ou tarde da noite, quase todos os dias, de preferência com todos os membros da família e na cama. Ele pode acontecer espontaneamente, ou você pode pedir, e o pedido sempre é acatado. Em meio ao carinho, as gargalhadas incontroláveis não só são permitidas, como esperada. É o oposto da adversidade. Esses são os verdadeiros termos do amor.

DECADÊNCIA E REPULSA

Escolher instintivamente aquilo que é prejudicial para si...
Esta é praticamente a fórmula da decadência.
—Friedrich Nietzsche, Crepúsculo dos Ídolos, 1888

PARA UM HOMEM DA constituição de Nietzsche, um estado de espírito mais animado era motivo para apreensão – o clima ameno antes do dilúvio. Após lutar contra a saúde precária e o ideal ascético em 1887, concluindo que a influência de ambos era poderosa e longeva, ele parecia ter se libertado e tomado posse de si mesmo. Na primavera de 1887, ele estava totalmente desgostoso. Havia viajado para Nice, o que foi um erro monstruoso. As luzes e o barulho do balneário haviam deixado o filósofo distraído, e então no ano seguinte ele decidiu passar alguns meses longe de Sils-Maria, em Turim. Em sua própria cidade, ele enfim encontrou um amor correspondido.

Turim era muito acolhedora para as necessidades fisiológicas de Nietzsche. Lá o sol parece projetar longas sombras cálidas do nascer até o fim do dia. Logo de manhã, o andarilho pode atravessar a cidade através das estreitas ruas de paralelepípedos sem encontrar nenhum transeunte. As ruas não terminam nunca, até que terminam, quando se abrem para vastas praças que parecem atrair a luz do sol e as pessoas na proporção perfeita. Nada é apressado ou precipitado. As coisas acontecem "no momento certo" e não "pontualmente". Com os Alpes à vista, os habitantes de Turim vivem e trabalham com a natureza, e não apartados dela. Em abril de 1888, Nietzsche escreveu, "Turim, meu querido amigo, é uma descoberta enorme... Aqui estou de bom humor e trabalho sem parar. Estou comendo como um semideus, consigo dormir... É o ar que faz isso, ele é revigorante, seco, alegre". Ele estava acostumado a sobreviver no meio do nada – talvez até por isso sobrevivesse – de Sils-Maria, mas aqui em Turim ele encontrou o que chamava de "o primeiro lugar onde eu sou possível!" A possibilidade normalmente é compreendida como algo discreto: uma oportunidade específica que pode ser realizada. Mas, como Nietzsche descobriu em Turim, possibilidades podem ser muito mais do que isso.

Em maio, o humor de Nietzsche se expandiu: "Um vento encantador, leve, frívolo, em que os pensamentos mais pesados ganham asas e voam nos dias

bons". Em Turim, o homem de idade conseguia sentir a extravagância grandiosa da possibilidade. A gravidade não tinha mais o mesmo domínio sobre ele, que conseguia se deleitar, talvez pela primeira vez, com a música da época. Não era Wagner – essa era a música de seu passado. Era a *Nona* de Beethoven e, acima de tudo, *Carmen*, que fascinava o filósofo. Eu nunca entendi o fascínio. Com meus quase vinte anos, eu achava que o apelo desta ópera tinha mais a ver com o compositor do que com a trama (Bizet, como Nietzsche, morreu antes de se tornar popular). Mas agora, me aproximando dos quarenta, eu começava a entender o apreço que Nietzsche tinha pelo *libretto* e pela música.

Carmen é uma abordagem leve de algo absolutamente sombrio, o terrível destino de dois amantes separados pelo destino. Carmen primeiro seduz, depois rejeita, e finalmente destrói Don José que, por sua vez, a ama e a mata a facadas. Essa não é uma encenação da Paixão de Cristo em que vemos o sofrimento e a morte do Cristo que em breve ressuscitará; é apenas uma belíssima e apaixonada peça sobre pessoas comuns que se matam. *Carmem* e o ciclo do *Anel*[1] têm alguns eventos (homicidas e lascivos) em comum, mas o estilo de Bizet é completamente diferente. *Carmen* é sensual, muito distante do asceticismo que havia tomado conta de grande parte da Europa. Na linda figura de Bizet, não existe autocontrole, hesitação ou pretensões transcendentais – só a apressada e alegre corrida rumo ao fim. Nietzsche via esta ópera como um paliativo para uma cultura sofrendo de uma doença que ele chamaria de "decadência".

O termo não aparece na obra de Nietzsche até 1888, mas um bem próximo havia surgido em 1883, o ano da morte de Wagner: *Entartung*, com o significado de "degeneração". Apesar do papel central da decadência em seus trabalhos posteriores, Nietzsche nunca a aborda de forma detalhada. Ela está presente, sempre presente, mas, como muitas influências arraigadas, ela não é bem definida. É fácil pensar que Nietzsche era um claro inimigo da decadência, mas errar também é fácil. Em 1888, conforme a sua saúde melhorava, Nietzsche analisou a doença espiritual que atormentava os habitantes da modernidade ocidental, especialmente ele. É impossível avaliar a extensão de uma doença enquanto estamos padecendo; só durante a trégua – uma prorrogação do nosso inevitável destino – conseguimos compreender todo o escopo de uma enfermidade grave. Em Turim, Nietzsche finalmente

viu que "Nada tem me preocupado mais profundamente que o problema da *decadência*." Isso não é só a realização de um pensador que subitamente descobriu um assunto que não foi abordado pela sua filosofia; é a confissão de um homem que finalmente revelou o *ethos* subjacente de sua vida.

O próprio Nietzsche era um decadente, o produto de sua época e da cultura da alta burguesia. Ele foi mimado por sua mãe quando era criança, por sua irmã quando era um jovem adulto e, posteriormente, por suas protetoras. Nunca trabalhou — pelo menos não no sentido de botar a mão na massa — e viveu de uma pensão acadêmica e da caridade de seus amigos abastados por muitos anos de sua vida adulta. É verdade que a Nietzsche-Haus era uma pensão e uma mercearia quando ele se hospedava lá, mas era agradável o bastante. Ele era um homem de letras e línguas, uma pessoa que verdadeiramente compreendia as palavras do filósofo inglês Thomas Hobbes: "A ociosidade é a mãe da filosofia". Sim, existiam adversidades, mas frequentemente elas eram autoimpostas. Em uma carta para sua amiga e cuidadora Malwida von Meysenbug, ele escreve sobre a sua proximidade com a decadência: "Quando o assunto é a decadência, eu sou a maior autoridade do mundo."

Luxo autoindulgente nas refeições, nas fachadas, nos revestimentos, na música – se as coisas são o que parecem ser, esses são sinais de riqueza. Mas Nietzsche acredita que essas extravagâncias mascaram a doença e a degradação. O desejo por uma refeição luxuosa, que dura horas, é um sintoma da degeneração, de uma pessoa que não consegue digerir uma comida normal. Um prédio só precisa de uma fachada se a estrutura que o sustenta é feia. Os revestimentos espalhafatosos normalmente escondem móveis desproporcionais (quem pensaria em estofar um banco de praça?) e são feitos para colunas sensíveis demais. Música luxuriante, bombástica e açucarada é escrita para os ouvidos que têm dificuldades em escutar. A decadência surge de uma fraqueza, como um manto que cobre a fragilidade à beira da autodestruição e, com este encobrimento, acelera a degradação ao permitir que ela silenciosamente apodreça e se espalhe. É o último fruto da vida, extravagante e autoindulgente, um prenúncio da morte.

Em 1888, Nietzsche tentou fazer um balanço do declínio infundado do *fin de siècle*, mas também, e mais intimamente, do declínio dos indivíduos que viviam este crepúsculo. Ele não foi o primeiro. *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski, publicado em 1864, abre com uma confissão categórica do

narrador, uma confissão que Nietzsche ecoaria ao tratar da sua própria decadência: "Eu sou um homem doente. Sou um homem mesquinho. Sou um homem feio. Acho que tenho uma doença no fígado. Mas não sei nada sobre a minha doença ou sobre exatamente o que me aflige." Nietzsche, como o personagem de Dostoiévski, tinha uma compreensão íntima sobre a degradação. A vida de um decadente não tem "exterior", não existe um ponto de observação privilegiado de onde se pode diagnosticar a própria doença ou testemunhar a própria morte. Mas não há mal em tentar, e Nietzsche fez exatamente isso durante seus últimos anos de produção. Durante seu último ano em Turim ele escreveu cinco livros em um ano, com a pressa de um moribundo: *O Caso de Wagner, Crepúsculo dos Ídolos, O Anticristo, Ecce Homo* e *Nietzsche Contra Wagner*. Todos eles eram autobiográficos de alguma forma e, juntos, representavam a tentativa de um filósofo-médico de se colocar nos eixos. O tempo estava acabando.

Qual era a origem da doença de Nietzsche? Para ele, enfrentar a decadência era enfrentar uma figura que ele compreendia como o arquidecadente: seu "pai", Richard Wagner. Wagner havia dominado muitos dos anos de formação do filósofo e fora o pai que ele nunca teve. No final de sua vida, Nietzsche queria examinar o que exatamente havia sido transmitido – um legado, uma infecção – de pai para filho. Uma década após seu rompimento com Wagner, Nietzsche finalmente tentou explicar tudo. Em 1888, olhando para o passado, ele escreveu, "Na verdade, já estava mais do que na hora de partir [em 1876]: e logo isso ficou provado. Richard Wagner, aparentemente o mais triunfal, na verdade se torna um degradado, desesperadamente decadente, naufragando subitamente, impotente e incoerente..." A decadência contagiosa, entretanto, havia sido transmitida para a sua prole.

¶

APÓS PASSAR O DIA sob uma pedra no alto do Val Fex, eu voltei para a Waldhaus e fiquei feliz em descobrir, para minha quase surpresa, que Carol e Becca ainda estavam lá. O carinho com que elas me receberam foi um grande alívio, e eu passei alguns dias convalescendo, desfrutando das amenidades de um mundo de luxo decadente.

Meu pai, Jan, teria amado o mundo da Das Waldhaus Sils, especialmente a biblioteca, que estava preenchida pela mais bela literatura, livros que me

pareciam mais dignos de serem admirados do que necessariamente lidos. Ele amava esse tipo de lugar: cômodos deslumbrantes com os adornos da cultura, segregados do resto da sociedade. A filosofia e a literatura de fato, entretanto, não eram o que estava em jogo; a aparência dos livros teria sido o bastante para ele. Havia primeiras edições de Mann, Hesse e Jung intercaladas com gloriosos livros de fotografia de paisagem e de pintores que ele adorava – tudo isso atrás de uma vitrine que, apesar de tudo, não estava trancada à chave.

Alguns dias depois da minha árdua caminhada solitária, eu experimentei puxar as vitrines de vidro e elas abriram sem esforço. Neste tipo de biblioteca você não deve ler depressa demais, como se fosse só extrair uma passagem específica. Ler em um cômodo como este é uma tarefa sutil e complexa; exige a habilidade de complementar e acentuar a decoração, de ser visto examinando os livros certos da maneira certa, de gostar de estar lendo pelo mundo a fora. Não é muito diferente de comer sozinho em um lugar público, algo que Nietzsche fazia rotineiramente. O constrangimento era palpável. No canto da biblioteca, sozinho sobre o carvalho onipresente que parecia adornar todas as paredes, havia uma moldura comum. No meio da moldura, em preto e branco, visto do pescoço para cima, Nietzsche com quarenta anos. De alguma forma, o iconoclasta havia se tornado um objeto de decoração de bom gosto ou, e ainda mais surpreendentemente: um ícone.

Eu levantei meus olhos de meu livro, *A Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno, e encarei a imagem na parede com o que eu esperava ser um olhar longo e reflexivo. Era uma fotografia famosa do filósofo. Uma reprodução: Nietzsche, perdido em pensamentos, os olhos fitando o nada. Sua aparência era impecável, o bigode aparado e penteado, o cabelo arrumado, os olhos penetrantes. Isso também havia sido claramente encenado.

A maioria dos ícones mostra o retrato de um santo, de Cristo, ou da Santa Mãe. Eles encaram o espectador e sustentam este olhar com ambos os olhos. Nietzsche era diferente. Esse era um ícone de perfil, sem interesse em estabelecer contato visual com ninguém. Ele estava lá só em parte – metade de seu rosto permanentemente mascarado, visível apenas para o outro lado do mundo. Em vão tentei conseguir alguns minutos da sua atenção até que desisti e atravessei o *Halle*[2] da Waldhaus sem pressa: eu tinha um encontro marcado.

O corredor era revestido por vitrines de bom gosto, repletas de fotos de alpinistas que visitaram a região ao longo de mais de um século. Em forma e

bem vestidos, eles posavam nas escarpas e nas trilhas estreitas, muito acima da vila onde haviam, suponho, deixado as suas famílias. "O indivíduo", Nietzsche escreve, "sempre luta para impedir que o grupo o sufoque. Se você fizer isso, frequentemente ficará sozinho, por vezes assustado." Esses homens não pareciam assustados. Pareciam felizes por estarem distantes. Nietzsche explica que "Nunca é demasiado alto o preço a se pagar pelo privilégio de pertencer a si mesmo." As fotografias eram pequenas e granuladas, assim todos os alpinistas pareciam iguais ao meu pai. Eu às vezes esqueço quem ele era, esqueço-me da sua aparência, mas então o vejo, vagamente, em toda parte.

Os saguões de muitos hotéis modernos tentam, sem sucesso, atulhar diversas funções em um ambiente pequeno demais. Eles funcionam como sala de estar, um lugar para fazer check-in, um lugar para reuniões, um bar, um lugar para se servir de café, um lugar que você atravessa com seus filhos, um lugar para comprar pasta de dente, um lugar para buscar uma pizza e levá-la para o seu quarto. O saguão da Waldhaus não é assim. Ao invés disso, esse saguão é um cômodo pequeno com uma mesa para o concierge, atrás do qual se ergue uma parede com cubos que contêm dois grandes porta-chaves para cada quarto. Aqui não há lugar para sentar ou comprar pasta de dente. Também não é um lugar para se falar sobre contas ou dinheiro (isso se faz em um quarto separado, com isolamento acústico, à direita das portas de entrada). O vestíbulo do hotel tem exatamente duas funções: é um lugar para acolhidas e um ponto de partida – uma passagem, onde só se fica por um momento. Ele era grande o bastante para que se contemplasse o limiar entre o presente e o futuro, mas não grande a ponto de permitir qualquer outra atividade. Eu passei e, em um instante, já estava de volta ao centro do hotel.

Na Waldhaus, se você quer sentar e tomar café, chá, ou qualquer coisa, existe um lugar específico para isso, logo depois da entrada. É uma gigantesca sala de estar. Não há buffet e os hóspedes jamais se servem por conta própria. Este é o *Halle*. Era assim que eu imaginava o que seria uma "sala de visitas", só que muito mais grandioso. Uma dúzia de lustres de cristal desce do teto de nove metros de altura. Em qualquer outro lugar, eles pareceriam espalhafatosos. O piso de madeira, tão liso e sólido que parece concreto ou marmorite, está recoberto por diversos tapetes orientais. Esses tapetes, mais de uma dúzia deles, a princípio me deixaram desconcertado. Cada um deles caberia em uma pequena sala de estar de uma casa nos Estados Unidos. Por que não comprar um único tapete enorme e resolver o assunto? Porque – nas

palavras de Urs Kienberger, o "zelador" da Waldhaus, que agora, ao contrário de antes, me abordava em uma caminhada voluntária - – seria uma lástima se todas as coisas precisassem ser práticas.

Enquanto nos cumprimentávamos e caminhávamos atravessando o *Halle* em direção às janelas, os tapetes fizeram ainda mais sentido. Eles criavam espaços separados, mas penetráveis – salas de estar virtuais, onde os sofás e as cadeiras estavam dispostos para grupos de quatro ou cinco. Em alguns casos, um tapete pequeno e um único sofá de dois lugares se aninhavam em um canto atrás das cortinas, que ornavam as janelas amplas, criando um lugar para quem preferisse aposentos mais intimistas.

"Pode ser este lugar?" Kienberger indicou um agrupamento de cadeiras azuis de espaldar alto e explicou que elas tinham a mesma idade que o hotel. "Eu tenho uma predileção pelo antigo", ele admitiu enquanto nos sentávamos. Uma funcionária magra como um graveto – "garçonete" parece informal demais –, com seu cabelo firmemente preso para trás, surgiu, anotou nossos pedidos, desapareceu e ressurgiu com o café. Talvez ela fosse bonita, talvez fosse realmente atraente, mas seu uniforme – calças beges, colete, camisa branca, gravata borboleta – não permitia que se fizesse esse juízo. O certo é que ela fez a sua parte para facilitar nossa vida ao máximo. Ao fim de nossa estadia, ela conhecia Carol e eu pelo sobrenome, se lembrava de nossos pedidos, de como gostávamos do café, em qual quarto estávamos hospedados: os hóspedes da Waldhaus não devem ser incomodados com contas e perguntas desnecessárias. Era como ter um mordomo em um casarão grandioso. Para Kienberger, ela era o mordomo do seu casarão grandioso. E ele estava recebendo visitas.

Ele começou dizendo que não poderia conversar por muito tempo. Não é que ele não quisesse, mas não seria justo com os outros visitantes do hotel. O trabalho do zelador é fazer com que cada hóspede se sinta igualmente acolhido, e para isso deve-se dividir o tempo com os patronos de forma justa. Isso era, ele admitia, uma questão de manter as aparências, mas isso era importante no *Halle*. Após trocarmos cortesias, ele foi direto ao assunto que me interessava – os filósofos que haviam chamado a Waldhaus de lar. Talvez ele tenha visto a *Dialética do Esclarecimento* na minha mão, talvez já estivesse pensando nisso, mas Kienberger se aproximou para compartilhar um segredo do hotel: "Adorno ficou aqui por quatrocentos e vinte dias".

Eu não fiquei exatamente surpreso. Para Adorno, a Waldhaus teria

provocado repulsa e amor intensos. De qualquer forma, ele teria ficado completamente fascinado. Theodor Adorno, um dos fundadores da Escola de Frankfurt, foi o principal crítico social da Europa por grande parte do século XX e se declarava o herdeiro filosófico de Nietzsche no continente. Nascido em Frankfurt em 1903, filho de um abastado comerciante de vinhos judeu e de uma cantora de ópera, o jovem Adorno conhecia bem a decadência moderna e, conforme ele amadurecia, o relacionamento entre os dois pensadores só fez se aprofundar e se tornar mais complexo.

Como Nietzsche, Adorno era um polímata, especialista em música, filosofia, sociologia e psicologia. Essas foram suas ferramentas para diagnosticar e tratar a cultura ocidental. Em 1929, depois de receber seu diploma, após estudar com Paul Tillich – autor de *A Coragem de Ser* –, as teorias de Adorno partiram de onde Nietzsche havia parado em *Crepúsculo dos Ídolos*, tentando responder uma série de perguntas difíceis: Que possibilidades se apresentam para a existência humana em um tempo que parece determinado a se destruir? O que poderia desacelerar o seu poder e limitar o seu alcance? Como uma cultura ou uma pessoa pode superar o declínio que parece estar fadado a acontecer? Adorno foi procurar suas respostas na Waldhaus.

Na Escola de Frankfurt, Adorno se juntou a Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse para se dedicar àquilo que passamos a chamar de "teoria crítica". Era, pelo menos no início, um movimento neomarxista que entendia que a cultura poderia ser, e estava sendo, uma força opressora. Mas isso talvez seja um exagero. A cultura – o entretenimento, o consumismo, as artes – não parece ser o tipo de coisa capaz de aprisionar as pessoas. Mas essa percepção, Adorno argumenta, é exatamente o que faz com que baixemos a nossa guarda. A cultura popular molda o gosto dos povos, delimita o escopo das atividades e dos desejos humanos. Nossa cultura de consumo pode até nos oferecer opções, pode até nos dar a sensação de que temos liberdade de escolha, mas essa liberdade se torna lamentavelmente escassa quando todos recebem as mesmas opções limitadas. A teoria crítica, de acordo com Horkheimer, coautor de *Dialética do Esclarecimento*, deveria libertar as pessoas das forças difusas que as escravizavam. Durante meus anos na pós-graduação, eu não fazia ideia de como ela poderia fazer isso. Mas a Waldhaus me deu algumas ideias.

Os críticos teóricos – seguindo a deixa de Nietzsche – atacaram todas as formas de cultura popular. Eles se opuseram à mercantilização da beleza e do

sublime e à uniformização das diferenças e dos gostos individuais. Como Nietzsche, Adorno abominava e era fascinado pelo comportamento de manada. Ao contrário de muitos psicólogos, ele afirmava que esta mentalidade não era um impulso social natural, mas uma grande performance orquestrada por um mestre com ares sacerdotais (ele entrou na maturidade quando o nazismo tomava a Alemanha e escreveu contra todas as formas de fascismo). As ovelhas que formam a manada podem desistir da performance assim que desejarem, mas o apelo teatral da cultura, somado aos imperativos do capitalismo, torna a atração quase irresistível. Ainda assim, Adorno escreveu em 1951, "se parassem para raciocinar por um segundo, toda a performance cairia por terra e só lhes restaria o pânico."

Eu olhei por cima do ombro de Kienberger, através da graciosa vastidão do *Halle*. Este não era lugar para uma manada. Nós havíamos passado os últimos dez minutos discutindo o relacionamento controverso que Adorno tinha com o hotel à luz de seu pensamento filosófico posterior. Em um tapete próximo, um pequeno grupo de alemães bem vestidos analisava as nuances da *Missa em B Menor* de Bach. Na entrada deste grande salão, um casal com mais de sessenta discutia a poesia de Hölderlin com a voz sussurrada, mas audível. Uma forma de se remover da cultura pop é abraçar o elitismo sem pudores. Isso era cultura – restrita, mas não opressora. Isso atraía Adorno. Ele gostava de refeições glacialmente lentas com companheiros inteligentes, da elegância que se transformava em beleza natural e, acima de tudo, da quietude. Quietude: a única coisa que a manada não consegue tolerar. O silêncio, o som de si mesmo, permite o pensamento – até mesmo carece dele. Quando Adorno sugere que os seguidores desmiolados "parem para raciocinar por um segundo", suponho que ele esteja sugerindo que isso aconteça em silêncio. Existem lugares mais silenciosos do que Sils-Maria, como o quarto de três por três e meio onde Nietzsche veraneava, mas ainda assim a Waldhaus é permeada por um silêncio muito bem-vindo.

Meu tempo estava quase acabando. Kienberger tinha que fazer sala para outros hóspedes. Enquanto ele se levantava, quase que seguindo sua deixa, uma música começou a tocar no extremo mais distante do *Halle*. "Adorno adorava o hotel", ele repetiu, se virando para ir embora, "mas ele detestava *aquilo*. Ele desprezava o trio". O trio da Waldhaus era uma instituição tão antiga quanto o próprio hotel, e eu já ouvira falar que o repertório era o mesmo há gerações. Os violinos e o baixo se inflamaram e encobriram

qualquer possibilidade de se comunicar com sussurros. Eu o agradeci, talvez um pouco alto demais, e ele partiu.

A música rompeu o silêncio, eu pensei, mas não era tão ruim assim. As variações do *Canon em D* de Pachelbel se transformaram em Brahms que, de alguma forma, se metamorfoseou em Mozart. Era música de câmara para iniciantes, uma espécie de "40 Grandes Sucessos" do Clássico: um pouco meloso em alguns momentos, mas nada desagradável. Meu Deus, Adorno devia ser tão esnobe, eu pensei. Mas então começaram: canções de musicais, diversas delas. Eu me levantei para sair, mas já era tarde demais. O prelúdio de *Annie* havia começado. Becca teria amado isso. O trio tocava tudo em grande estilo, tentando mascarar as canções com estrofes adicionais e improvisações, mas lá estava para quem quisesse ouvir: *Tomorrow*. Nietzsche e Adorno não teriam conseguido conter sua revolta.

Enquanto eu saia, passei pelo lustroso Welte-Mignon em uma sala azul que separava o *Halle* da sala de jantar. Era uma pianola, mas não era uma pianola qualquer. A Welte Mignon foi a empresa que produziu os primeiros pianos de reprodução sem teclado em 1905, e esse foi o primeiro deles. Era basicamente o primeiro aparelho de som do mundo. Logo ao lado dela, um armário cheio de rolos de pianola, os pergaminhos perfurados que deveriam ser inseridos na máquina para que ela tocasse. Eu olhei para dentro. *The Golden Age*: Adorno também deve ter abominado isso, sendo tocado noite após noite em uma repetição mortal.

O advento da tecnologia vanguardista destes "pianos" foi o golpe de misericórdia para a música de verdade. Por um momento, enquanto eu passava, eu pensei em Walter Benjamin, possivelmente o amigo mais próximo de Adorno, que havia escrito *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica,* em 1936. Benjamin estava escrevendo sobre o cinema, mas seu argumento poderia ser direcionado para as canções da Welte-Mignon: "Mesmo na reprodução mais perfeita de uma obra de arte, um elemento está faltando: sua presença no tempo e no espaço, sua existência única no lugar onde ela se encontra. Esta existência única da obra de arte determinou a história a qual ela estava sujeita durante sua existência." Presença – era isso que a Waldhaus prometia: "o luxo do espaço", usando as palavras de Kienberger. Presença remete a um espaço e um tempo específicos em que algo, talvez algo relevante ou singular, pode ser feito. Mas até aqui isso era impossível. A experiência única do que quer que seja – aquilo que Nietzsche passou a vida inteira

procurando – não estava em parte alguma. Só havia repetição, cumplicidade e frustração.

¶

ESTAVA QUASE NA HORA do jantar. Eu logo teria que vestir o meu terno. Enquanto eu voltava para o Bellavista, contemplei a entrada principal. Um Porsche 911 amarelo claro estacionou na rampa de acesso – talvez tivesse uns quarenta anos, maciçamente *vintage*, mas imaculadamente conservado. O 911 foi o primeiro carro de meu pai. Sua avó coruja comprara um usado para o seu "Rocky", seu único neto, antes dele completar dezesseis anos. Ele havia sido repintado de amarelo claro, espesso e acetinado. Rocky o dirigiu intensamente, como fazia com quase tudo. Minha mãe o conheceu neste Porsche, quando ainda faziam pegas em montanhas. Quem chegaria ao cume primeiro? Essa sempre era a questão. Rápidos e perigosos, pegas deveriam ser uma prova da virilidade do carro e de seu piloto. Mas a tinta acetinada pode ocultar imperfeições graves, e muitas vezes é isso que ela faz.

Se você acelerar um carro até a velocidade máxima na terceira marcha, não trocar para a quarta e, ao invés disso, *diminuir* para a segunda – o motorista pode "estourar um pistão". Quando isso acontece, a frágil haste da válvula se rompe sob a pressão e é pulverizada pelo pistão do cilindro, indicando ao motorista prudente que ele deve parar no encostamento e consertar o carro imediatamente. Jan era o oposto da prudência e não parou no acostamento; ao invés disso, ele tentou acelerar o carro quebrado até sua casa, em Reading, na Pensilvânia. Eram só 32 quilômetros, reto toda vida. O motor cedeu na fronteira da cidade. Uma morte induzida pela decadência. Jan viveu e morreu de forma parecida.

Quando eu tinha dez anos de idade, em uma das raras visitas ao apartamento de meu pai em Nova Iorque, ele levou meu irmão e eu ao Delmonico's, um restaurante famoso no número 56 da Beaver Street. Ele pediu três martinis, uma tigela gigantesca de mexilhões, e um Baked Alaska.[3] "Eu as trouxe de Pompeia", ele disse quando estávamos saindo, apontando para as colunas de mármore na entrada. Eu não soube o que era Pompeia até muitos anos mais tarde, mas agora eu sei. Dez anos após este jantar, minha mãe me disse que em algum momento ele havia caído ou pulado de um lugar muito alto quando estava bêbado, espatifando sua mandíbula e seus dentes.

Quase morreu. Dez anos depois mais tarde, eu e meu irmão o encontramos em Nova Iorque, do lado de fora do Memorial Sloan Kettering, onde ele acabara de ser diagnosticado com um câncer de esôfago em estágio avançado. Nós fomos jantar em um restaurante minúsculo. Ele não estava com fome, mas queria se exibir. Sorvendo, engasgando, fazendo de tudo para alcançar o caldo no fundo da tigela de mexilhões.

Naquela noite na Waldhaus, jantando com Carol e Becca, tudo estava com o gosto um pouco estranho. Talvez tenham sido as toalhas de mesa brancas da sala de jantar, ou a imagem da minha filha – as costas retas, os cotovelos fora da mesa, vestida em suas melhores roupas – ou o impressionante número de implementos de prata reunidos ao redor de meu prato, ou o cheiro de carne sendo assada na cozinha, ou a inegável ânsia de vômito, ou uma leve pitada de nojo de mim mesmo, ou o molho translúcido no fundo da minha tigela de sopa – o que quer que fosse, eu não conseguia fugir do cheiro dos mexilhões e de seu caldo.

N.T.: O autor se refere ao *Der Ring des Nibelungen*, ou O Anel de Nibelungo, um ciclo de quatro óperas de Richard Wagner.

N.T.: Salão.

N.T.: Sobremesa feita com um bolo recheado com sorvete e recoberto com merengue.

O HOTEL DO ABISMO

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos – e não por acaso. Nós nunca nos procuramos – então como poderíamos nos encontrar um dia?
—Friedrich Nietzsche, Genealogia da Moral, 1887

DURANTE A SUA MUDANÇA de Sils-Maria para Turim no final de 1888, Nietzsche refletiu, ou admitiu, ou lamentou: "Eu sou um decadente." Mas, fora isso, ele repetia, "Eu também sou o oposto. E a prova disso é, entre outras coisas, que eu sempre escolhi, por instinto, os métodos certos para lutar contra os estados mais deploráveis; enquanto os decadentes normalmente escolhem os métodos mais desfavoráveis para eles mesmos." Soa estranho dizer que Nietzsche era decadente, mas ele compreendia que ser decadente era simplesmente estar nos últimos estágios de um declínio. E ele estava. Nietzsche sabia que estava doente e tomou medidas drásticas, primeiro em Sils-Maria e depois na Itália, para contrabalançar as consequências disso. O declínio era inevitável, mas a forma como ele aconteceria decididamente não o era.

Na memória de Nietzsche, Sils-Maria continuaria a ser o lugar para se trabalhar com as tentações da decadência. Naquela ocasião, a pensão onde ele se hospedava era propriedade da família Durisch. Ela não era a "Nietzsche-Haus", era apenas uma casa onde um velho professor sempre passava o verão. Nietzsche ia e vinha sem ser notado ou incomodado pela maioria dos moradores do vilarejo. No verão de 1883, ele havia trazido centenas de livros para o seu pequeno quarto. Pelo menos ele tinha alguma companhia. Muitas noites, depois que o proprietário ia dormir, Nietzsche sentava-se sozinho na escuridão silenciosa da casa vazia. Ele admitiu que a austeridade e a solidão de quarto, com seu pé direito tão baixo que poderia ser tocado sem esforço, muitas vezes eram um tipo difícil de confinamento. "À noite, quando me sento sozinho no meu quartinho baixo e estreito, sinto o peso das adversidades", ele escreveu para um de seus poucos amigos. Porém, este era um tipo bem calculado de "adversidade", um regime ascético sem as promessas de flores na vida eterna, que apenas deveria torná-lo mais forte, e talvez adiar o início do colapso.

Tendo isso em mente, após minha noite com as recordações dos mexilhões

de meu pai e com a Welte-Mignon de Waldhaus, eu decidi voltar à Nietzsche-Haus. Quando a visitara pela primeira vez na minha juventude, ainda conseguia vislumbrar a luta de Nietzsche contra a decadência. A exaustão era inevitável, mas, com coragem, você poderia arder mais rapidamente – isto é, brilhar com mais fulgor. Talvez ainda restasse algo desta sensação.

No final de 1990 não havia nada de luxuoso a respeito daquela casa, nada para te distrair da tarefa a ser realizada. Ela estava aberta ao público desde a década de 1960, mas continuava muito fora de mão. Pública *e* privada, um símbolo conveniente para a bifurcação que Zaratustra personificou enquanto subia e descia as montanhas do existencialismo. Neste lugar parecia possível explorar o bestial, o verdadeiramente dionisíaco, em paz. Naquela ocasião, o proprietário da Nietzsche-Haus tinha um gigantesco galgo irlandês chamado Merlin. Merlin poderia ser amigável, mas era seletivo – em outras palavras, era apavorante. "Ele gosta de você", disso o proprietário quando encontrou a minha versão de dezenove anos pela primeira vez. Merlin cheirou a minha virilha. À noite, o cachorro ficava em absoluto silêncio, mas eu ficava imaginando que ele ainda estava lá, em algum lugar, na escuridão. Quando eu caminhava pelo corredor vazio da casa à noite, parte de mim queria que nós nos encontrássemos. Mas isso nunca aconteceu.

Naquele tempo o quarto de Nietzsche não ficava trancado o tempo todo. Eu verifiquei. Ele tinha o mesmo cheiro e a mesma aparência do meu quarto do outro lado do corredor. Quase um espelho dele. Lá, grandes pensamentos, grandes criações foram concebidas. Eu ficaria lá por um tempinho. Mesmo então, eu sabia que aquilo era ridículo: aquelas paredes também testemunharam grandes aspirações que beiravam o delírio patético. "Eu não sou um homem. Eu sou dinamite" – este foi o lugar onde este pensamento surgiu pela primeira vez. Dinamite vem do grego *dunamis*, "poder". Como podemos nos tornar dinamite, nos tornar a vontade de potência? O objetivo da arte, de acordo com Adorno, era dar ordem ao caos. Quanto caos o mais ínfimo pedacinho de dinamite poderia criar? Eu passei grande parte da minha primeira viagem para Sils-Maria tentando descobrir.

O corredor curto sempre esteve vazio. Eu fiquei só com os quadros nas paredes – as fotografias borradas de crânios de Gerhard Richter. Hamlet vê o crânio de Yorick e resume tudo: "Ah, pobre Yorick! Eu o conheci, Horácio; fonte infinita de brincadeiras... E agora, como se mostra abominável! Sinto um nó em minha garganta. Aqui ficavam os lábios que beijei não sei quantas vezes.

Onde estão suas troças agora? Seus pinotes? Suas canções? Seus traços de loucura, que costumavam fazer todos na mesa gargalhar?" Aos dezenove anos, quando os Richter me faziam sentir um nó em minha garganta, eu disparava para o pico mais alto que pudesse encontrar e escalar até o cume. Quando minha busca fracassou, terminei descansando na orla de um abismo. Richter passou, através de um de seus crânios mais famosos, um pequeno rodo cheio de tinta azul, que se esparramou ao acaso sobre a face da raça humana. Ele explicou o impulso que gerou essa técnica estranha: "Com o pincel, você tem controle. Você põe a tinta no pincel e faz uma marca. Com a experiência você sabe exatamente o que vai acontecer. Com o rodo você perde o controle. Não completamente, mas em parte." Só um pouco de dinamite na face de Yorick.

¶

A DINAMITE FORA CUIDADOSAMENTE removida da Nietzsche-Haus na minha ausência. Após dezessete anos, seu interior era limpo, novo e estéril. Nietzsche talvez tivesse ficado revoltado. Não era mais uma casa onde um(a) visitante conturbado(a) ocasionalmente descansava sua cabeça antes de continuar caminhando pela natureza inclemente: era um autêntico museu e um retiro para escritores. A ansiedade e a liberdade do lugar haviam praticamente desaparecido. Na minha segunda – e creio que última – visita, cheguei numa manhã no final do verão. Estava chovendo e na verdade eu queria um pouco de melancolia para contrabalançar o que pareciam muitos dias de hospitalidade cordial na Waldhaus. Eu não poderia ter ficado mais frustrado.

O prédio estava abarrotado de pessoas e de luz. Risos vinham da cozinha e flutuavam pelas escadas da casa até a porta da frente, para me receber em minha chegada. Eu rapidamente contei cinco, seis, sete vozes diferentes – e imediatamente quis ir embora. Ao invés disso, marchei para o andar de cima até o meu velho quarto e investiguei o corredor que percorri durante tantas noites longas. Os Richter haviam sumido. O único vestígio de um artista em toda a casa era um pedaço de vitral no segundo andar, uma grade de cores geométricas que ornava a janela virada para o oeste, e ela não tinha qualquer semelhança com os crânios da minha juventude. Nesta tarde sombria, a janela parecia terrivelmente apagada e deslocada. Isso não é uma catedral católica, eu pensei, com uma impaciência precipitada; este é o lugar onde um homem – não um santo – fez o seu melhor para se reconciliar com as tragédias da vida.

Onde estão os meus borrões de dinamite? O vitral de Richter era uma releitura de *4096 Cores*, que ele havia criado na década de 1970, uma tela quadrada de dois metros e quarenta dividida em 4.096 quadrados de cores de todo o espectro. Ele havia contratado assistentes para pintar o quadro. Eu compreendi que ele tinha alguma teoria estética muito elevada em mente, mas nos limites estreitos da Nietzsche-Haus, em uma tarde nublada, aquilo parecia ridículo, e tive que conter a vontade súbita de espatifar aquela coisa horrenda. Decidi então me concentrar nas paredes do museu.

A casa havia sido convertida em uma galeria: luzes em trilhos aclaravam os esboços históricos de figuras que tinham visitado Sils-Maria, tentando ver um relance do *Übermensch*. Mais risos vinham do andar de baixo. Não era só uma galeria; também havia se transformado em uma espécie de hotel. Eu conseguia ouvir que estavam conversando sobre Nietzsche e o eterno retorno – acompanhados por docinhos e cappuccinos. Em 1962, Georg Lukács, um marxista húngaro, fez um tratado polêmico contra Adorno e os outros estudiosos que se apinhavam em Sils-Maria, e iam morar na Waldhaus. Ele o chamava de "O Hotel Abismo": um grandioso hotel à beira de um abismo, um lugar luxuoso para se contemplar o vácuo existencial, uma galeria confortável com uma bela vista para o fim do mundo. Mais risos: eu estremeci com a possibilidade de que a própria Nietzsche-Haus tivesse se tornado o hotel abismo, mas provavelmente foi isso que aconteceu.

Eu segui meu percurso pelo corredor, apreciando as exibições: aqui tínhamos Adorno e seu amigo Herbert Marcuse, o autor de *O Homem Unidimensional*, um livro que explicava como a modernidade tinha a tendência a sufocar a autorrealização. E, próximo a eles, Rilke, o amante de Lou Salomé, que regularmente visitava a Engadina. E lá, pendurado no canto da galeria, estava Thomas Mann, que escreveu *Doutor Fausto* com a ajuda de Adorno em meados dos 1940. Mann – extremamente abastado – havia transformado a Waldhaus, e não a Nietzsche-Haus, em sua segunda casa depois da Segunda Guerra. Todos esses homens tinham tentado capturar algo de Nietzsche.

O *Doutor Fausto* de Mann conta a história de um homem, Adrian Leverkühn, que é parecido com Nietzsche em muitos aspectos. Atribulado por seu grande intelecto, Leverkühn, como o Fausto original de Goethe e do folclore alemão, está descontente com o conhecimento que acumulou. Afinal de contas, é apenas o conhecimento humano. Ele quer mais. Então ele contrai sífilis (a doença que muitos ainda acreditam ter empurrado Nietzsche para a

insanidade) intencionalmente para expandir o seu gênio através da loucura. É claro que ele e seu plano rapidamente desandam. No final do livro, obcecado com o Juízo Final e a Paixão de Cristo, Leverkühn conclama seus amigos (ou seria melhor chamá-los pelo termo certo: discípulos) para lhe fazer companhia e testemunhar sua Crucificação autoimposta.

O Fausto de Mann tentou ressuscitar Nietzsche, mas eu não posso deixar de achar que ele errou o alvo em um aspecto. Ele o escreveu no exílio, à luz de uma Guerra Mundial – e isso é bastante nietzschiano –, mas o fez em Los Angeles. Mann amava a cidade e estava contente em passear com seu poodle pelas mansões de Pacific Palisades. O vencedor do prêmio Nobel era elegante, sociável e amava o clima constante. Ele havia escapado de grandes atrocidades, então merecia um clima ameno, mas a opulência da Califórnia, o epicentro da decadência, parecia não combinar com o projeto intelectual de Nietzsche. Parecia mais uma aceitação da decadência da civilização do que uma luta contra ela.

Eu passei por duas fotografias em que Hermann Hesse espreitava por entre graves molduras negras. Como sempre, ele parecia desconfiar de alguma coisa. Talvez sua suspeita fosse fundamentada. Talvez a desarmonia entre a realidade mundana e a possibilidade infinita, entre nossas vidas sociais e nossa autenticidade crua, gerasse uma apreensão profunda, ou algo pior. Eu dei as costas para Hesse e me virei para o quarto que fora de Nietzsche.

Mas uma vez o horário do almoço passou despercebido por mim. Eu não estava com fome. Era o meio da tarde e o sol começou a se despejar em tecnicolor pela janela de Richter. O quarto de Nietzsche estava trancado. Agora algumas coisas não eram mais permitidas. O curador do museu deve ter trancado a porta antes de sair. Mesmo quando estava destrancada, o quarto de Nietzsche era isolado durante o dia: uma pesada corda branca atravessava o caixilho verde-oliva da porta. Uma ponta solta estava amarrada em um laço e enrolada na maçaneta. Eu pensei nesta imagem por um bom tempo, mas então decidi que deixaria o meu próprio quarto apresentável antes que Carol chegasse. Um amigo da família ficaria com Becca naquela noite, e quando Carol soube que a Haus não era mais sinistra, ela concordou em fazer uma visita à noite. Mas primeiro nós caminharíamos todos juntos pelo Val Fedoz. De acordo com Nietzsche, era possível ser decadente e também o oposto disso para conseguir encontrar o tratamento certo para este estado deplorável.

¶

VAL FEDOZ É O gêmeo mais escarpado do Val Fex. As planícies glaciais são consideravelmente mais estreitas, e o rio que corta o vale em alguns pontos é margeado por escarpas de puro granito. Eu tinha certeza de que não chegaríamos até as escarpas, mas poderíamos pelo menos começar. Para chegar lá, o andarilho atravessa as colinas do bosque de Laret atrás da Waldhaus. Essa não é uma floresta como as do nordeste norte-americano. Nos Andirondacks ou nas Montanhas Brancas, quando se entra na floresta, não há mais volta. Elas continuam até o norte, quase sempre contínuas, até a tundra no Canadá. O Laret é diferente. Pequenos trechos da trilha encobertos por pinheiros revestidos de rochas e recobertos por agulhas de pinheiros, desembocam de repente em vistas para os prados de flores silvestres. Aqui a trilha é de terra ou, muitas vezes, relva batida. A maioria dos filósofos que visitaram Sils-Maria – Nietzsche entre eles – gostaram desta trilha. O Laret fica alto o bastante para a termos uma visão superior das coisas, mas não alto ao ponto de provocar tontura. Eu pensei que poderíamos parar no mirante acima do lago antes de continuarmos para o sul em direção ao alto vale. A chuva da manhã havia parado, e a vista seria deslumbrante.

Becca tinha outras ideias. Havia flores nos bosques e ela tinha que apanhar todas elas. Não as grandes e evidentes, mas as pequenas, que facilmente caem e se perdem – eram essas que ela queria. Por que cargas d´água alguém escolheria andar pela trilha se as flores estavam nos prados? Porque eu queria chegar a algum lugar, pelo menos no início. Carol também queria, então nós dois a persuadimos e a atraímos pela trilha por mais de uma hora. Ela ia correndo, dançando, girando pela grama, mas na trilha ficava misteriosamente cansada. Era como levar um cachorro preguiçoso para passear, mas então tivemos um momento de sabedoria e desistimos. Isso já era aventura o bastante. Chegamos a um campo aberto há oitocentos metros do mirante e Becca disparou pela grama em direção a um buquê de flores pré-fabricado e, alegre, desmoronou sobre um montinho. Ela havia caminhado mais ou menos um quilômetro e meio, e estava dando o dia por encerrado.

Era um lugar perfeito para passar à tarde. Um único chalé branco encarapitado em uma colina há noventa metros de Becca servia como um lembrete oportuno de que a natureza podia acomodar a vida humana. E não qualquer tipo de vida: a esta altura Becca estava correndo novamente pela relva

alta, os braços esticados a sua frente para nos mostrar sua coleção crescente. Quando ela nos alcançou, nos distribuiu um punhado de pétalas que deveríamos guardar, junto com um discreto pedido. "Cuidado para não as perder, por favor." Ela era educada, mas incontestavelmente insistente. Carol e eu nos acomodamos em um pequeno morro próximo e assistimos nossa filha brincar. "Em cada homem de verdade existe uma criança escondida que quer brincar", disse Nietzsche. Ele provavelmente tinha razão quanto a isso, mas as filósofas normalmente têm sido melhores quando o assunto é brincar com crianças de fato.

Eu examinei as pétalas na minha mão. Historicamente, os pensadores desconsideraram essas coisas, mas Ella Lyman Cabot, uma filósofa norte-americana do século XIX, escreveu sobre um momento parecido a esse que eu e Carol estávamos tendo com Becca e suas flores. Cabot levou um grupo de crianças (usou a fortuna de sua família para acolher dúzias delas) para colher cerejas, e uma das menores lhe trouxe três cerejas, não para que ela as comesse, mas apenas as visse. Em um princípio, Cabot nem sabia o que deveria ver, mas então ela entendeu: "E assim eu soube que éramos obtusos, estúpidos e ímpios por não enxergarmos a extraordinária alegria de três cerejas enfileiradas entre nossos dedos." Puxei uma bolsa de plástico da mochila e armazenei cuidadosamente as pétalas de Becca. Havia muitas flores no nosso quintal na Nova Inglaterra, mas Becca não estava especialmente interessada nelas. Os botões dos Alpes eram especiais de alguma forma: uma descoberta de um mundo além da vida cotidiana. Sua orientação em relação às coisas e ao tempo havia sido ligeiramente alterada durante nossa caminhada, mas era o bastante para notar a diferença. Para Becca, uma flor nos Alpes era uma descoberta inédita, digna de atenção e proteção.

Carol pegou minha mão e apontou para o chalé na colina. Eu ergui os olhos o bastante para avistar um menino nu de pele dourada, de mais ou menos sete anos, que disparou para dentro de casa. Um pouco depois ele surgiu carregando um balde que encheu na torneira do lado de fora. Um pouco mais alto que Becca, ele estava homogeneamente bronzeado da cabeça aos pés. Sua mãe, uma linda e corpulenta mulher na casa dos trinta, se juntou a ele do lado de fora, colocando seu corpo nu e marrom em uma cadeira de jardim. Ela pousou seus olhos sobre o prado, acenou para nós preguiçosamente e fechou seus olhos. Seu aceno mostrava a total ausência de constrangimento. Ela não era uma exibicionista, mas não se importava se as

pessoas a vissem. Eu sinto um constrangimento leve e contínuo a meu próprio respeito, então aquilo era quase incompreensível para mim. Becca ergueu os olhos, os viu e voltou para as suas flores, e eu suspirei aliviado porque ela ainda não tinha herdado as minhas ansiedades. Em um instante ela se levantou do chão e se lançou em direção ao riacho estreito – e raso – que fluía pela colina, e eu consegui abafar o grito de alerta que teria feito a criança parar imediatamente. Ela continuou, divertindo-se com a água pela tarde de verão.

Tradicionalmente, a paternidade se resume a restringir a sensação das crianças de que tudo é possível. A expressão "o pai é quem sabe" tem um contraponto: "a criança não sabe". É óbvio que isso está correto de alguma forma: uma criança escalando a uma altura perigosa deve ser parada. As crianças às vezes exploram possibilidades perniciosas – física ou psicologicamente – e temos a obrigação, como pais, de administrar as ameaças que a liberdade existencial traz para nossos filhos. Mas o existencialismo, na linha de Nietzsche, sugere que nossa aversão exagerada ao risco não registra o perigo de uma situação específica, apenas a nossa própria sensação de ansiedade.

Ansiedade e pavor – na vida cotidiana, os evitamos constantemente. Nós, mais especificamente, evitamos objetos (aranhas, provas, vacinas, palhaços, correntezas) que nos induzam ao pavor e à ansiedade. Mas essas experiências têm um significado especial para os filósofos europeus dos séculos XIX e XX. No geral, esses pensadores concordam que essas não são coisas que podem ou devem ser evitadas. De acordo com existencialistas como Nietzsche, o pavor não nasce de uma causa ou objeto específico, mas emana desconfortavelmente das profundezas da experiência de ser humano. Ele é, nas palavras de Kierkegaard, "sensação da possibilidade de liberdade." Imagine todas as possibilidades que a vida te oferece, multiplique-as pela décima potência, repita a operação e finalmente contemple todas as opções que você, desde a mais tenra idade, negou a si mesmo. Agora, o que quer que você esteja sentindo — isso é a apenas uma versão mais fraca, atenuada, das infinitas possibilidades da liberdade. A rotina da vida adulta normalmente nos torna insensíveis a este tipo de pavor, mas as crianças fazem todo o possível para nos lembrar da sua força.

Por que pomos limites aos nossos filhos? É claro que praticamente todos os pais acham que fazem isso para o próprio bem de seus filhos, mas eu pouco a pouco vou percebendo que a maioria de nós protege os filhos porque está

tentando evitar ou enfrentar a sua própria ansiedade, pelo menos em parte. Quanto mais alegamos que fazemos isso pela segurança de nossos filhos, mais se torna óbvio que o problema somos nós. As crianças têm jeitos prazerosos e dolorosos de nos lembrar o que significa ser gente. A curiosidade sem amarras de Becca, sua coragem ingênua e sua completa ausência de vergonha me fazem lembrar que eu também, em algum momento longínquo, tive essas possibilidades — e que não foi sem dificuldades que me livrei delas.

O céu se desanuviou no fim da tarde. O sol ainda estava alto, mas já estava começando a se meter detrás das montanhas no oeste. Ele lançou sua última luz cálida pelo prado onde nossa família se sentava. Carol havia trazido frutas e uma garrafa de Barolo: nós três nos sentamos e comemos, e nós dois bebemos. Estávamos prestes a guardar as coisas quando aconteceu: a princípio, apenas algumas gotas esparsas, depois uma leve névoa, e então o aguaceiro por completo. O céu continuava completamente desanuviado – apenas um azul-celeste resplandecente, brilhante. Mas estava chovendo. Muito. A chuva vinha, literalmente, do nada. Eu já tinha visto chuva com sol antes; uma vez, atravessando o país de carro, sozinho, com vinte e poucos anos, no leste de Montana; eu vi uma tempestade se formar e despencar a quilômetros de distância, sob a luz do sol poente. A chuva caia horizontalmente na parte mais alta da atmosfera e atravessava a luz do sol. Mas nas planícies as nuvens ainda podiam ser vistas. A chuva no oeste fazia algum sentido. A chuva de Fedoz não era assim. As nuvens que geraram a chuva estavam escondidas atrás das montanhas, o que significava que as gotas pareciam ser geradas pelo sol e pelo céu azul. Becca ria e nós guardamos nossas coisas rapidamente. Com Becca em meus ombros, voltamos correndo para a Waldhaus.

Eu sabia que a chuva com sol tinha algum significado mitológico, mas não conseguia me concentrar nisso naquele momento. Eu só conseguia evocar outra palavra para esse tipo de tempestade: *serein*, do francês, que significa "sereno", vinda do francês antigo *serain*, que significa "entardecer". Havia sido uma chuva tranquilizante, com a noite se aproximando, que me induziu a uma experiência realmente serena. Nós voltamos para o hotel, tiramos nossas roupas ensopadas e entramos, todos os três, na gigantesca banheira com pés do Bellavista. Comemos um jantar rápido, a babá chegou, e Carol e eu saímos de mãos dadas rumo à Nietzsche-Haus.

Os outros hóspedes ainda estavam de pé, reunidos na cozinha do primeiro andar, papeando alegremente sobre os últimos dias de Nietzsche. Carol e eu

subimos os degraus até o segundo andar e ela comentou como o lugar parecia animado. Eu tive que concordar. Nos aninhamos na cama e, depois de algumas horas, decidimos ir dormir. Carol apagou imediatamente e eu continuei tentando ficar à vontade naquele "hotel abismo". Agora nutria sentimentos dúbios quando a ele. O lugar era calmo, sereno, agradável no geral. A casa havia se transformado em algo que eu jamais imaginaria em minha primeira visita – um alojamento para amantes e amigos. O aguaceiro existencial poderia despencar, mas, de alguma forma, ainda restava a possibilidade de um pouco de sol. Tudo isso fazia sentido, mas eu via alguma outra coisa naquele lugar e naquele dia, algo estranho e aflitivo.

Eu me virei de bruços e me ergui sobre meus cotovelos, com meu abdômen tensionado sobre o colchão. Eu já passei muitas horas da minha vida nessa posição. Depois de comer, sempre que posso, encontro um lugar no chão e me prostro desta maneira até que passe a sensação desconfortável de estar cheio, aquilo que a maior parte das pessoas chama de "satisfeito". Meus braços e cotovelos não ficam mais cansados. Eu passei muitos minutos encarando a Carol, afastei o cabelo de seu rosto, e reassumi a minha posição. Ela chama isso de "a Esfinge", e gentilmente me lembra de que preciso relaxar. Mas não hoje. Virei-me de lado e, quase inconscientemente, enfiei meu dedão entre minhas costelas. Esta também era uma prática comum, um tique nervoso da minha juventude que de alguma forma me assegurava de que eu ainda estava lá, ou que uma parte adequada de mim não estava.

Antes evitava pensar nisso, mas a escuridão do quarto o tornou inevitável. As chuvas com sol têm outro nome além de "serein". No mundo todo, esse evento meteorológico tem significados folclóricos incrivelmente parecidos. Na França, essas tempestades são chamadas de "casamento do lobo" – supostamente a chuva simboliza as lágrimas da noiva. Nas Filipinas é ainda pior: as chuvas com sol marcam o casamento de Tikbalang, um *trickster*[1] que desorienta os viajantes durante seus trajetos – de tal forma que eles jamais alcançam seus destinos. Não posso imaginar quem amaria, ou se casaria, com essa criatura horrível: ele parece um ser humano espichado, desengonçado e cadavérico macilento – exceto pelo fato de que tem uma cabeça de cavalo.

N.T.: No estudo de mitologia entende-se o *trickster* como um deus, deusa ou entidade que prega peças e burla as regras. Alguns exemplos são Loki, da mitologia escandinava, Exu, entre os iorubas, e o Saci-Pererê do folclore

brasileiro.

PARTE III

O CAVALO

Para aqueles seres humanos que têm qualquer importância para mim desejo sofrimento, desolação, doença, maus-tratos, indignidades – Eu desejo que eles possam conhecer o profundo desprezo por si próprios, a tortura de não confiar em si mesmo, a desgraça dos derrotados: não tenho piedade deles, pois desejo para eles a única coisa que hoje pode provar se temos ou não algum valor – que resistam.

— Friedrich Nietzsche, A Vontade de Potência, 1888

NIETZSCHE PARTIU DO SEU retiro de verão em Sils-Maria pela última vez em 20 de setembro de 1888. Estava a caminho de Turim. Seu humor e sua produtividade se elevaram. Sua vitalidade – eu me recuso a chamá-la de "euforia" – na cidade italiana foi cada vez mais pontuada por uma estranheza que chamava a atenção de seus vizinhos e amigos. Eu não tenho dúvidas de que se ele estivesse sozinho em Sils-Maria, passariam meses, talvez anos, até que essas chuvas com sol psicológicas fossem detectadas. Mas em Turim, para o bem ou para o mal, Nietzsche tinha companheiros que tinham dificuldades em compreender as alterações de personalidade que o acometeriam neste período.

Em 1888 ele começava a assinar suas cartas como "Dioniso" e, no ano seguinte, adotou "o Crucificado" com alcunha. Alguns dias depois do ano novo de 1889, em uma carta a seu amigo Jacob Burkhardt, ele explicou que "basicamente, eu sou todos os nomes da história". Seus momentos mais excêntricos aconteciam após longos períodos de trabalho, varando a noite escrevendo trechos autobiográficos em que abordava a criatividade dionisíaca, as deficiências do cristianismo, o inescapável fluxo da história. Ao mesmo tempo, ele estava enfrentando o seu passado – de forma mais explícita, o persistente fantasma de seu ex-pai adotivo, Richard Wagner. De fato, durante sua estadia em Turim, ele se sentava ao piano, incessantemente tocando Wagner de cabeça. Para desgosto de seu senhorio, sua habilidade com as teclas regrediu ao ponto de simplesmente golpeá-las, especialmente com os cotovelos. Muitos destes episódios teriam sido perdoados se não fosse o fatídico, e exageradamente famoso, episódio de Nietzsche com o cavalo.

¶

Conforme nos aproximávamos do fim de nossa viajem, eu me esforçava para não pensar sobre o fim da vida de Nietzsche.

Era um dia adorável na Engadina. No início da semana, Becca havia avistado os cavalos no sopé da colina abaixo da Waldhaus, e agora queria afagá-los. Eu não a culpava. Com dezoito lindos palmos, os animais eram criaturas majestosas, de outro mundo. Ela não demonstrava nenhum medo, escalando pelas minhas costas até meus ombros, implorando: "Chegue mais peeeerto, Papai." Eu me aproximei cautelosamente e sua pequena mão tocou a crina escura. O animal não se moveu, exceto por seu casco, que quase esmagou o meu pé.

Becca é uma criança adorável – para mim, a mais adorável: afetuosa, equilibrada, curiosa, brincalhona, muito parecida com sua mãe. Ela esticou sua palma direita e a esfregou em direção à orelha do animal, e deslizou sua mão esquerda sob o pescoço. Isso por si só era tão belo a ponto de provocar lágrimas, mas eu não chorei. Becca pediu para montar no animal, mas depois de alguns minutos eu a convenci que andar em uma carroça atrás do cavalo seria tão bom quanto montá-lo. À tarde, faríamos um passeio por Val Fex. Após nosso passeio frustrado no Fedoz, Carol e eu concordamos que Becca ainda era pequena demais para as trilhas, e os carros eram proibidos no vale. Iríamos de carroça. Nietzsche provavelmente não aprovaria, mas era a única forma de chegarmos lá em família.

A trilha ascendente até as geleiras é um caminho estreito feito para um ou, no máximo, dois caminhantes muito próximos um do outro. Estradas em ziguezague para atravessar, cachoeiras a serem saltadas, pedregulhos soltos a contornar – a trilha é mais do que traiçoeira com pouca luz. A estrada para Val Fex, por outro lado, é ampla e contínua. Poderíamos caminhar por ela de olhos fechados, e os cavalos provavelmente fizeram isso. Becca se sentou na frente da carroça com o condutor que balançava um chicote comprido e preguiçoso sobre os dois animais. Carol e eu ficamos com o assento traseiro só para nós – para aproveitar a vista e ficarmos impressionados com o fato de uma criança crescer tão depressa.

Foi por aqui que Adorno caminhou. Ele só começou a visitar a Waldhaus após a Segunda Guerra, e estava com mais de sessenta quando escreveu "Aus Sils-Maria", um ensaio sobre Nietzsche e seu vilarejo, que surgiu pela primeira vez em outubro de 1966 em um popular jornal alemão. As reflexões de Adorno retratam uma visita a Sils com seu colega, o filósofo Herbert Marcuse.

Ambos, perto dos setenta anos, estavam em uma espécie de peregrinação Nietzschiana. Haviam andado para Val Fex na esperança de descobrir algo nas pegadas deixadas por Nietzsche. Mas eu não podia imaginá-los pegando a trilha elevada. A viagem deles foi uma cópia manifesta da de Nietzsche. E a nossa era ainda mais. De certa maneira, isso era inevitável. Na verdade, a temporada de Nietzsche em Turim, tocando Wagner de cor, talvez o tenha levado a uma conclusão similar. Adorno explica que "um ser humano só se torna um ser humano imitando outros seres humanos." Essa talvez seja uma descrição verdadeira, e a verdade era, pelo menos neste caso, frustrante e dolorosa. "Hoje a inibição", ele escreve, "não significa nada além de um reflexo de constrangimento sobre o ego, uma compreensão da própria impotência: saber que não se é nada."

Ergui meus olhos na direção de Becca e o homem com o chicote. Em princípio não parecia que ele o usava de fato, mas após um ou dois minutos eu notei que ocasionalmente, especialmente nas elevações, ele baixava o chicote o bastante para que suas extremidades roçassem os ondulantes dorsos marrons. Os animais imediatamente apressavam o passo, e eu me contraí, esperando o momento em que Becca perceberia que aquela forma de obediência estava atrelada à violência. Felizmente ela não percebeu. Por um momento eu pensei sobre a fotografia surreal de Rée, Nietzsche e Salomé em Lucerna: uma mulher com um chicote e dois homens nos arreios. O chicote sibilou pelos cavalos enquanto lentamente passávamos pela próxima subida. Como o animal conseguia sentir isso? A que tipo de treinamento precisa se submeter para despertar essa sensibilidade?

Começamos a alcançar uma altitude mais notável; o vale se estendia atrás de nós. Bem acima estava a trilha que eu tinha galgado no início da semana, agora parecia apenas um fio marrom contra o fundo verde. Eu sabia que logo ela desapareceria completamente. Daqui podia-se ver o vilarejo de Fex bem lá embaixo. Adorno havia escrito sobre os vilarejos espalhados pelo fundo do vale: era melhor vê-los de cima. Bem de cima, na verdade. "Destas alturas, as vilas parecem ter sido colocadas por dedos leves vindos do céu, como se fossem móveis e não tivessem uma base sólida. Isso faz com que elas pareçam brinquedos que prometem alegrias àqueles com imaginações gigantescas: era como se você pudesse fazer o que quisesse com elas." As grandes altitudes provocam essas sensações. Nietzsche chama isso de o "*pathos* da distância" e é provável que tenha razão – a sensação gloriosa de olhar para baixo –, mas

essas vistas são apenas temporárias. A sensação de possibilidade infinita se fecha rapidamente. E quanto mais se sobe para conseguir uma vista melhor, mais ampla, mais abrangente, maiores são as chances de contrair hipobaropatia, a doença provocada pela altitude. E o retorno às altitudes mais baixas pode ser muito difícil.

Quando não estavam vagando pelo Val Fex, Adorno e Marcuse entrevistaram os poucos habitantes de Sils-Maria que ainda se lembravam de Nietzsche, o homem. Um lojista idoso chamado Zaun era menino quando o filósofo se refugiou na cidade. Ele lembrava que, adespeito do clima, Nietzsche sempre carregava um guarda-sol vermelho para proteger sua cabeça sensível dos elementos. Zaun, com outros garotos do vilarejo, escondia pedrinhas dentro do guarda-sol para que elas chovessem sobre Nietzsche quando ele o abrisse. Com uma frequência impressionante, suas tentativas mais legítimas de se proteger saiam pela culatra. De acordo com Zaun, Nietzsche os perseguia, mas nunca chegava a pegá-los ou machucá-los. Posso apenas supor que esses eram os momentos em que ele se resignava e aceitava seu destino de homem que é, docilmente, açoitado por todos os lados.

Nossa carroça desacelerou e Becca soltou uma gargalhada. Luki, um garanhão de vinte anos, e um dos mais corpulentos que já vi, segurou o passo e defecou. O resultado foi gigantesco e, de acordo com nossa filha, hilário, e despencou sobre um saco de juta encerado estendido atrás de seus arreios. É óbvio que havia alguma norma que dizia respeito à limpeza da estrada para Fex. Luki não tinha terminado, e pausou por mais um instante. A maioria dos cavalos consegue fazer isso a todo galope, mas Luki não estava a fim. O instante durou tempo demais. O chicote gentilmente caiu sobre seu dorso. E depois caiu novamente, só que menos gentil. Querendo ou não, Luki tinha terminado. Um animal forçado a carregar sua própria merda dia após dia enquanto é chicoteado – não posso pensar em algo mais digno de compaixão. Em *Crime e Castigo*, Raskólnikov sonha que testemunha um cavalo ser espancado até a morte. Sua resposta é natural e automática – abraçar e beijar a pobre criatura, a protegendo de seu agressor bêbado.

¶

O SONHO DE RASKÓLNIKOV se transformou na realidade de Nietzsche. Ele abraçou um cavalo na Piazza Carlo Alberto de Turim na manhã de 3 de janeiro

de 1889. Depois, supostamente desmoronou, inconsciente. Nietzsche buscava proteger o animal prestes a ser espancado por seu condutor, mas, ao fazê-lo, sucumbiu à pressão – fisiológica, mental, filosófica – que enfrentava há anos. A fachada barroca do Palazzo Carignano, um marco do Renascimento e do luxo, pairava sobre ele na praça, e ele arrefeceu. Este foi o momento em que Nietzsche supostamente se perdeu, e a maioria dos estudiosos sugere que ele não conseguiu se recuperar durante os onze anos que se seguiram antes de sua morte. Muitos livros que discutem a sua filosofia terminam com este fatídico encontro com o cavalo em Turim. Entretanto, há algo de falso ou débil a respeito destes relatos: eles desviam os olhos justamente no momento em que Nietzsche os encorajaria a olhar mais de perto. Seu estudo recente da decadência o ensinara a investigar o declínio e a autodestruição com paciência. Frequentemente demora mais do que imaginamos, e precisamos estar especialmente atentos quando algo está desaparecendo.

A última década da vida de Nietzsche revela muitas coisas: que a própria vida ultrapassa a filosofia, que realmente pode-se continuar vivo em sonhos e fantasias, que a vida e a narrativa são inseparáveis, que a degeneração frequentemente é vista como uma vergonha digna de ser ocultada, que morrer no momento certo é o maior desafio desta vida, que a fronteira entre a loucura e a profundidade é um fio débil lá no alto das montanhas que, em algum momento, desaparece.

EIS O HOMEM

O homem mais elevado... seria aquele que representa o aspecto antiético da vida com mais ênfase...
— Friedrich Nietzsche, A Vontade de Potência, 1888

NOS RESTAVAM TRÊS DIAS nas montanhas, e ainda restavam dois livros curtos na minha mala, *Ecce Homo* e *O Anticristo,* ambos publicados depois que a saúde mental de Nietzsche desmoronou em Turim. Eu sabia onde eu queria ler *Ecce Homo*: fora das trilhas habituais, acima da trilha ascendente para Fex, na beira de uma escarpa sobre o vale. Eu não levei quase nada – só uma garrada d'água, uma lanterna de cabeça e meu livro – e saí antes do amanhecer.

"Eu volto depois do almoço", sussurrei no ouvido de Carol antes de partir.

Nietzsche passou sua última década ansiando por esta trilha, mas passava a maior parte do tempo em casa, trancado, sob os olhares atentos de sua mãe e irmã. Desde o princípio, a mãe de Nietzsche havia tentado compensar pela ausência de seu pai, gerando uma consequência que sempre me pareceu acidental, mas previsível: uma devoção completa, beirando a completa co-dependência. O filho dela havia se afastado muitas vezes – como quando ela se intrometeu em seus relacionamentos com as mulheres – mas em 1888, conforme a saúde mental de Nietzsche se deteriorava, Franziska finalmente conseguiu cuidar de seu velho filho como bem entendia. Agora era ela quem o levava para caminhar, e ela fazia isso em horários precisos para que ele não gritasse ou vociferasse com seus vizinhos. Ela também o impediu de trilhar um caminho fatal que ele frequentemente sonhou em tomar, um caminho traçado por alguns pensadores que inspiraram Nietzsche na juventude e para quem ele regressou no fim de sua vida. Um deles era o poeta modernista romântico Friedrich Hölderlin.

Hölderlin havia enfrentado o declínio da civilização ocidental quase um século antes de Nietzsche. Escrevendo após a Revolução Francesa, com um estilo que buscava unir o pensamento alemão com o dos antigos gregos, ele tentou compreender a relação entre a destruição e a criação e, como Nietzsche, ele acreditava que a destruição criava espaços e oportunidades para novos nascimentos. Em um ensaio fragmentado intitulado *Das Werden im Vergehen*[1], Hölderlin escreve, "no estado entre ser e não-ser, entretanto, o

possível se torna real em toda parte e... na arte, isso é um sonho aterrorizante, ainda que divino".

Assim como o filósofo pré-Socrático Heráclito, Hölderlin era um "filósofo que chora", e padecia de um mal que era conhecido como "hipocondria" e que hoje chamaríamos de depressão ou transtorno de ansiedade. Essa fragilidade psicológica quase que o impossibilitava de trabalhar, e ele foi basicamente sustentado por sua mãe. Seus últimos anos em liberdade foram gastos tocando piano "da manhã até a noite". Mas estes anos em liberdade terminaram e, em 1800, ele foi internado no asilo de Autenrieth, onde foi posto em uma camisa de força e forçado a usar a chamada "máscara de Autenrieth". Feita de couro e madeira, a máscara era uma mordaça que impedia que o paciente falasse ou gritasse. Hölderlin era alimentado à força – um inferno que muitas vezes eu imaginei. E assim ele foi cada vez mais rápido mergulhando no que a maioria das pessoas chama de loucura.

Nietzsche adorava os escritos de Hölderlin e devia sentir uma solidariedade bem significativa por este homem que implodiu em um frenesi criativo. Seu profundo respeito por Hölderlin, entretanto, remonta à admiração mútua que ambos pensadores dedicavam ao filósofo antigo que mais se aproximou de sua visão de mundo. Não foi Heráclito, mas Empédocles. Empédocles acreditava que o mundo operava sob dois princípios de ordem: o amor e o conflito. Sua cosmologia imagina um ciclo dinâmico que eternamente separa as coisas com o conflito e as une com a afeição. De acordo com Empédocles, esta é a essência de toda criação. Tanto Hölderlin quanto Nietzsche estariam totalmente dispostos a aceitar esta descrição da realidade.

¶

QUALQUER LUGAR NOS ALPES pode ser perigoso. Eles podem ser mais ou menos dependendo de como você lida com o terreno. Eu peguei a trilha elevada para Fex que atravessava a cadeia de montanhas a aproximadamente 2.100 metros, mas depois de duas horas de caminhada, parei e observei o topo da cadeia acima de mim que levava diretamente até o Piz Tremoggia, há 3.400 metros. Eu não estava particularmente preocupado em chegar lá, mas eu queria chegar ao topo de alguma coisa. Então adotei a abordagem da qual frequentemente havia me valido na adolescência e segui perpendicular à pista. Eu não iria muito longe. Apenas algumas centenas de metros. Como eu tinha feito aquilo

na juventude, tinha certeza de que funcionaria novamente.

O escalaminhar se situa na terra de ninguém entre a caminhada e a escalada técnica. Como um animal, você anda de quatro, se puxando com seus braços e simultaneamente se empurrando com suas pernas. Nos Alpes você pode pegar as trilhas já consagradas, marcadas pelo Clube Alpino Suíço (um grupo de octogenários que humilhariam qualquer atleta), ou você pode criar o seu próprio caminho escalaminhando. Eu vi poucos andarilhos fazerem isso – na verdade, nenhum –, mas estou certo de que a maioria dos escalaminhadores parte de manhã bem cedo e, como eu, percorre os primeiros trinta metros da subida na velocidade máxima. Em questão de minutos você não consegue mais ouvi-los e depois rapidamente perde-os de vista. Eu não sei bem por que eu disparo assim pela trilha: provavelmente porque acho que serei pego e punido por estar ultrapassando alguma fronteira invisível. Ou talvez seja simplesmente porque eu posso. De qualquer forma, naquela manhã eu tentei ir depressa.

A escalaminhada alpina tem duas regras (provavelmente mais do que duas, mas eu ainda não aprendi as outras). A primeira é "encontre uma linha" – isso é, uma rota que você possa seguir sem morrer. Você pode usar um mapa topográfico detalhado, mas sempre encarei isso como trapaça. Os escalaminhadores devem procurar as passagens com a menor quantidade de pedras soltas e evitar qualquer subida vertical de mais de três metros. Cuidado com superfícies escorregadias – limo ou pedras cobertas de gelo – e use o bom senso para decidir onde pousar as suas botas ou, no meu caso, os tênis velhos. O segundo truque da escalaminhada é não se deixar enganar pela inocuidade do termo. Pode parecer algo menos perigoso do que uma escalada técnica, e realmente seria se a pessoa estivesse amarrada durante a escalaminhada. Em uma escalada propriamente dita, se a pessoa cair, a corda presa ao mosquetão irá segurá-la (ou assim esperamos). Mas a escalaminhada é feita sem cordas e sem garantias. Deve-se estar pronto para permanecer sobre a pedra sem ajuda e, portanto, ser especialmente cuidadoso em relação àquilo que os caminhantes chamam de "exposição" – a possibilidade de tombar em direção ao nada.

A subida foi fácil no início: eu podia me agarrar às gramas musgosas das elevações médias e o ângulo não era particularmente íngreme. Se eu tivesse escorregado, só ralaria meus joelhos. Eu subi sem problemas, uma mão depois da outra, até o primeiro pico mais substancial. Ele, é claro, só permitiu que eu enxergasse melhor a minha próxima subida. A grama desapareceu e foi

substituída por granito. Depois de dois picos eu tinha perdido a noção do meu ponto de partida. Em vão, eu procurei, mas cheguei à conclusão de que não era minha culpa: perder a história recente de vista faz parte da escalada amadora. Eu sabia que eu tinha começado em algum ponto muito abaixo, mas só Deus sabe onde. Eu tinha alguma noção do meu destino, mas ela era vaga: bem lá em cima, em algum lugar, eu pararia. No final das contas, o ponto de chegada me foi revelado só depois de muitas horas. Eu encontrei uma linha que seguia pelo dorso de uma cordilheira sem nome sobre o Val Fex. E depois de algum tempo, no fim da tarde, eu me acomodei no parapeito de uma rocha, em uma escarpa que se assemelhava um pouco com a que eu estava buscando.

Já era alto o bastante. Puxando *Ecce Homo* da minha mochila quase vazia, prometi a mim mesmo que leria apenas algumas páginas e depois escalaminharia de volta antes que escurecesse. Só um par de páginas: "Aqueles capazes de respirar o ar de meus escritos sabem que este é o ar das alturas, o ar forte. É preciso ser feito para ele. Caso contrário, não é pequeno o risco de que nele se contraia um resfriado. O gelo está próximo, a solidão é tremenda – mas como todas as coisas jazem calmas sob a luz. Como se respira livremente! Quantas coisas se sentem abaixo de si." *Ecce Homo*, traduzido como "Eis o homem", é a autobiografia de Nietzsche. É um relato feito à beira de um colapso mental. Talvez seja justamente a história que permitiu que ele mergulhasse de vez. De fato, é a história mais pessoal e autenticamente não autêntica que já li. Repleta de grandiloquência e autoglorificação, rampas em ziguezague e becos sem saída, que alguns leitores veem como sintomas de uma mente transtornada. "Porque sou tão sábio", "Porque sou tão sagaz", "Porque escrevo livros tão bons": estes são os títulos dos principais capítulos de Ecce Homo. Eu concordo: Nietzsche estaria completamente louco se não estivesse ciente do próprio exagero. Mas este é um falso grandiloquente que se conhece muito bem.

A ironia permite que digamos duas coisas de uma vez só. Na verdade, que expressemos duas realidades mutuamente excludentes em um único enunciado. Ela permite que demos voz ao amor e ao ódio, ao reconhecimento e à ingratidão, à salvação e à culpa, ao triunfo e à derrota absoluta, tudo em um único fôlego. "Eu sou o melhor filósofo do mundo", "Eu sou um pai perfeito", "Sou detentor do autoconhecimento absoluto": estes exemplos impossíveis de hipérbole na verdade indicam, bem honestamente, como estamos longe da verdade. A ironia é a linguagem das duas faces. Ela permite

que sejamos decadentes e o oposto disso. Nietzsche admite, "Uma série dual de experiências, este acesso a mundos aparentemente separados, se repete em minha natureza de todas as formas: eu sou um Doppelgänger, tenho uma segunda face além da primeira. E, talvez, também uma terceira."

Talvez estes sejam os delírios de um lunático ou, mais especificamente, como Julian Young alega, os sinais de um transtorno bipolar. Ou talvez Nietzsche esteja chamando a atenção do leitor para a natureza bifurcada que está no alicerce da realidade humana, as fendas e fraturas que vivenciamos ao longo da vida adulta. Sentir profundamente a tristeza tingida de sabedoria do envelhecer, compreender que a juventude não está muito distante, apenas em um ponto além da nossa visão, encarar a autodestruição enquanto ansiamos pela criação – enfrentar o *Ecce Homo* é isso. Ser pai é viver entre o dever e a liberdade pessoal – amar uma criança com todo o seu ser, mas preservar uma parte da própria identidade que não pode ser tocada pela paternidade. Nietzsche explica como este eu-dividido não só é possível como é inevitável.

Nietzsche escolheu seu título com muito cuidado. "*Ecce homo*": estas são as palavras que Pôncio Pilatos usa para apresentar Jesus ao povo antes da Crucificação. Nesta altura Jesus há havia sido espancado, coroado com espinhos e, como insulto final, trajado com um manto nobre. Eis o homem, ridicularizado no auge de sua fragilidade e de seu sofrimento. Eis o homem que fingiu ser o Messias. Na representação de Caravaggio de 1605, Pilatos, vestido como um fidalgo estudioso do século XVI, se ergue perante Jesus e olha diretamente para o espectador. É como se Pilatos tivesse acabado de desmascarar um suposto Messias. Seu gesto e suas mãos estendidas claramente dizem: "Olhem, eu avisei. Ele é apenas um homem." E então temos o homem, que possivelmente não é o foco da questão – apenas um sujeito de altura média com cabelos desgrenhados e uma coroa de espinhos, olhando para baixo, envergonhando pela sua situação delicada. Atrás do homem temos seu algoz, uma estranha figura de duas faces que cobre o condenado com um manto, movido por ódio e piedade. É claro, Jesus é o homem dividido por excelência – completamente homem e completamente Deus – mas em *Ecce Homo* ele é humano, demasiado humano. No fim de *Ecce Homo*, tudo que resta é o mistério de um túmulo vazio.

Começou a chover levemente. Era o fim da tarde. Eu não queria, mas logo precisaria partir. Eu olhei para além da beirada do desfiladeiro e vi que ele despencava precipitadamente por mais ou menos sessenta metros e então

ficava um pouco mais nivelado. *Ecce Homo* lidava com a "exposição", com se aproximar da área exposta e revelar partes que normalmente estão além do alcance. Os alpinistas falam sobre a "exposição" com um misto de admiração e horror, e assim deve ser. Confrontá-la gera certa espécie de triunfo mortal. Citando Ovídio, Nietzsche escreve, "*Nitimur in vetitum*". "Lute pelo proibido". Em seus últimos dias em Turim, conforme Nietzsche terminava *Ecce Homo,* o dramaturgo sueco August Strindberg escreveu para ele: "Ficarei, ficarei louco."

Por que Nietzsche e Hölderlin eram tão fascinados por Empédocles? Não era apenas a sua cosmologia de amor e conflito. De acordo com o mito, Empédocles também poderia ser considerado um alpinista. Um dia, ele subiu o Monte Etna, o gigantesco vulcão ativo na ponta leste da ilha da Sicília, duas vezes maior do que o Monte Vesúvio, que sepultou Pompeia. Empédocles escalaminha até a beirada do Etna e salta em direção à morte.

Porém este não é um suicídio qualquer; a morte de Empédocles, de acordo com a lenda, é o início da vida eterna. Ao ser incinerado pelas chamas, a imortalidade lhe é concedida. Morrer no momento certo, nesta versão da história, tem lá as suas vantagens. Quando jovem, Nietzsche leu *A Morte de Empédocles* de Hölderlin e imediatamente ficou deslumbrado. Em *Ecce Homo* ele retorna a este tema de forma explícita: "A imortalidade cobra um preço alto", ele escreve, "é preciso morrer diversas vezes ainda em vida." O poeta romano Horácio via a morte de Empédocles como o ato de criação por excelência, a exceção que prova a regra – artistas tendem a se destruir em nome da originalidade e têm permissão para isso.

Eu ergui os olhos de meu livro úmido e examinei a montanha. Me dei conta que havia esquecido algo relacionado ao "achar uma linha": o escalaminhador deve mapear uma trilha por onde possa descer facilmente. Em condições secas, isso não seria nenhum grande desafio. Mas as pedras agora estavam lisas e a chuva leve continuava a cair. Muitos alpinistas que ficam presos nas trilhas não são alpinistas – eles são escalaminhadores que subiram demais e congelaram quando confrontaram a possibilidade de cair. Quando isso acontece, e o destino sorri, helicópteros são usados para tirá-los de seu embaraço e levá-los para a segurança. Eu vi isso acontecer na minha última viagem aos Alpes: dois andarilhos vestindo ponchos vermelhos haviam escalaminhado três mil metros no Corvatsch e ficaram presos em uma cordilheira que eles não conseguiram contornar. Quando os helicópteros vieram ao resgate, quase morri de vergonha alheia. Eu me arriscaria na chuva,

mas tomaria cuidado.

Enquanto eu lentamente alcançava as elevações mais rentes ao chão e o crepúsculo se aproximava com uma velocidade desconcertante, me lembrei de um detalhe de *A Morte de Empédocles* de Hölderlin que antes me escapara. A maior parte do poema se passa no Monte Etna. O filósofo está na montanha, contemplando seu destino, quando seus entes queridos o alcançam. Sua esposa suplica para que ele recue da borda, para que ele mais uma vez tente viver uma vida normal. Mas suas súplicas o convencem de que só existe uma forma de descer de lá. Se é preciso implorar para que o outro saia da beirada, talvez as chamas realmente sejam atraentes. Empédocles não salta para se tornar imortal, mas para provar que ele já transcendeu o longo sofrimento da vida. O fogo o consome até que não resta absolutamente nada dele, ou quase nada. Longe do Etna, uma única sandália cor de bronze despenca dos céus. O calçado de Empédocles foi tudo que restou deste experimento fatal – ou divino.

Talvez *Ecce Homo* seja a versão de Nietzsche para o salto de Empédocles. Ele não escorrega; ele sabe exatamente o que ele está fazendo. Parece loucura, e talvez seja, mas é a loucura *dele*. Ou talvez *Ecce Homo* seja apenas a sandália de Nietzsche.

¶

QUANDO EU CHEGUEI AO Waldhaus, já havia passado da hora do almoço. Mas também já havia passado da hora do jantar e a escuridão engolia as montanhas. Carol estava compreensivamente colérica. Assim que eu passei pela porta, ela foi de preocupada para completamente irada.

"Onde você estava, porra?" Ela retraiu seus lábios e sussurrou entre os dentes cerrados.

Nós acalmamos Becca, que tinha passado o começo da noite inquieta pois ou o papai havia morrido em uma queda, ou a abandonara. Carol a levou até o outro quarto, ligou a televisão, que havia permanecido desligada durante nossa estadia, e aumentou o volume. Esse não era um bom sinal.

O humor da Carol havia permanecido calmo e agradável no início da viagem, mas nos últimos dias, conforme minhas idas às montanhas se tornavam mais longas e frequentes, sua paciência tinha diminuído. E agora havia acabado de vez. Ela voltou para o quarto e me disse algumas verdades de

uma forma muito kantiana – tranquila, cruel, irrefutável. Não, ela não aceitaria minhas débeis tentativas de me defender, me acusando de fazer precisamente o tipo de merda imatura que eu sempre dizia não representar o meu guia turístico existencial. Eu era um babaca egoísta. O que havia acontecido com a divisão justa de tarefas com a qual havíamos concordado? Por que eu achava que podia sair andando sozinho pelas montanhas e a deixar cuidando da Becca? Se eu realmente queria ficar só, talvez ela devesse simplesmente pegar a Becca e ir para casa. Assim eu poderia envelhecer e enlouquecer sozinho.

E, é claro, ela tinha razão. Por fim eu me desculpei (e realmente fui sincero), prometi não fazer mais trilhas sem antes avisar (eu acho que fui sincero), e me encarreguei de dar banho na nossa filha e prepará-la para ir dormir. As coisas estavam indo relativamente bem até que fui escovar seus dentes. Becca normalmente é tão descomplicada e gentil que simplesmente espero que ela sempre se comporte assim. Normalmente ela simplesmente abre a boca e eu escovo seus dentinhos brancos, mas naquela noite não foi assim – um castigo adequado para um pai que tinha surtado temporariamente.

Eu vi seus músculos mastigatórios se contraírem mesmo antes de pedir que ela abrisse a boca. Depois ela balançou a cabeça. Eu pedi novamente, e ela só abriu sua boca para dizer "Não, obrigada", com um riso diabólico por trás de seus lábios cerrados. Eu levantei minha voz, mas isso só fez com que ela trincasse os dentes com mais força. Isso era uma brincadeira – eu sabia – mas eu não estava rindo. Eu não tinha contado para ela a história do leão de Nietzsche, o espírito livre que diz "Não" para as autoridades, ou do "Bartebly, o escrivão" de Melville, um conto escrito em 1853 que pondera a possibilidade Nietzschiana de que a liberdade se realiza na insubordinação autodestrutiva. Mas algumas crianças já nascem sabendo disso, e agora ela estava usando este conhecimento contra mim.

O Bartleby de Melville é escrivão de um advogado de Wall Street e, lenta e sistematicamente, ele se recusa a realizar as tarefas exigidas por sua vida. Ele não era tão difícil. Foi um empregado perfeito (alegre, zeloso, obediente), mas então pediram que ele revisasse uma quantidade excessiva de memorandos legais entediantes. E ele enlouqueceu. Sem nenhuma razão aparente, ele dá uma resposta que persegue o restante da história: "Eu preferiria não fazê-lo." Quando pedem que ele faça seu trabalho – ele "preferiria não fazê-lo"; quando pedem que ele deixe o escritório (pois é óbvio que ele foi demitido), ele "preferiria não fazê-lo". É claro que queremos saber por que ele preferiria não

fazê-lo, mas não há motivo. Bartleby não precisa dar um motivo. Essa é uma história sobre a volição. Ele continua a rejeitar tudo. Até mesmo água e comida. Então é encontrado quatro dias mais tarde, desidratado e faminto. Morto e duro como uma pedra.

A encenação de Bartleby de Becca havia começado dois anos antes com um "Não" – enfático e inexplicado – quando lhe pedi que pegasse seus sapatos. Parecia um pedido razoável. Estávamos indo para o parque, o parque que ela tanto amava, o parque que requer pés calçados. Por fim consegui botar os sapatos nela, mas o problema persistiu. Naquela noite, no jantar, e durante muitos jantares após este, o simples "Não" se transformou em um "Não vou" bem enunciado e perturbadoramente calmo. Não, ela não comeria seu feijão ou sua laranja ou suas uvas ou seu iogurte ou seu macarrão. Não os comeria aqui, não os comeria lá, não os comeria em nenhum lugar. Eu havia ficado completamente desorientado, continuei ficando e, em grande parte, ainda fico. Becca me ajudou a entender que este conto é perturbador exatamente porque reflete uma verdade profunda e inquietante sobre nós mesmos, uma verdade que autores do século XIX, como Melville e Nietzsche, começaram a acessar: debaixo dos costumes razoáveis de nossa vida se esconde uma coisinha inexplicável que tem a capacidade de nos fazer dizer não, indo até contra o nosso bom senso. E tudo que eu queria fazer era eliminar esta coisinha que existia na Becca.

Carol inclinou a cabeça para dentro do banheiro e quase sorriu. "Aqui se faz, aqui se paga, papai."

Eu me lembro de pensar que os *terrible twos*[2] frequentemente são descritos como uma fase, um período de desconforto parental temporário que a pequena criatura transcende até terem nascido todos os seus dentes. Os pais mais otimistas veem isso como o nascimento da autonomia, o momento em que os indivíduos começam a determinar suas próprias vidas (ao invés de permitir que outras forças determinem as coisas em seu lugar). E esta autonomia deve ser encorajada até que a criança por fim se torne um adulto responsável, um membro funcional de uma sociedade bem ordenada. Mas meu dia com *Ecce Homo* e a minha jovem Nietzschiana me fizeram temer que isso não passasse de uma ilusão.

A liberdade permite que funcionemos como agentes responsáveis, mas também permite que façamos o contrário. Aquilo que devemos cultivar em

nossos filhos – o livre arbítrio – é precisamente aquilo que pode, pelo menos às vezes, fazer com que percamos aquela pessoinha que amamos tão profunda e dolorosamente. E esta é uma ideia mais do que aterradora. Cuidar de uma criança pequena é difícil por uma série de razões bem conhecidas. Mas, em última análise, pelo menos para este pai, a parte mais dolorosa tem pouco a ver com a forma como minha filha contraria meus pedidos, ou mesmo a possibilidade de que ela faça isso durante toda a sua vida. Está ligado ao medo que vem junto deste vínculo emaranhado que me une a essa pequena criatura que pode, deliberada e alegremente, ignorar o que obviamente é o melhor para ela.

Becca continuava rindo e cerrando os dentes e eu sabia, me lembrando da máscara de Hölderlin e das táticas de criação de filhos do meu próprio pai, que moldar um corpo à força pode mudar o curso de uma vida. Eu não faria isso. Não hoje, pelo menos. Ela escapou e saltitou para o quarto. Ela havia vencido: seus dentes poderiam apodrecer se ela assim desejasse. Como Empédocles e Nietzsche cultivaram a rebeldia existencial ou a coragem que os levou a galgar a montanha? Provavelmente começou assim – simplesmente se recusando a agir de acordo com o que obviamente servia ao seu interesse próprio. Continua a existir um contentamento reanimador neste tipo de recusa – uma tentação silenciosa que até a pessoa mais pacata sente em diversos momentos. A liberdade para contrariar, ir contra tudo e todos. Apagando a luz do banheiro eu torci – certamente não pela última vez – para que minha filha não se tornasse filósofa.

"Tornando-se em Dissolução", em livre tradução.

"Os terríveis dois", em tradução literal. A seguir o autor explica o significado do termo que descreve uma fase no desenvolvimento infantil.

O LOBO DA ESTEPE

Essa pintura – que nós humanos chamamos de vida e
experiência – gradualmente veio a ser, e na verdade
ainda está em pleno processo de vir a ser, e assim
não deve ser entendida como um objeto fixo...
— Friedrich Nietzsche, Humano, Demasiado Humano, 1878

ERA O PRIMEIRO MOMENTO do nosso dia final. Eu ajeitei os cobertores em nossa cama, me aproximei de Carol uma última vez e comecei minha ronda antes da alvorada. Na escuridão, eu vasculhei a mala e puxei o que acreditei ser *O Anticristo* de Nietzsche, mas era apenas um romance breve escrito por outro recluso do Waldhaus décadas após a morte de Nietzsche.

Lembrei que este livro era uma das razões pelo quais eu queria visitar este lugar. Assim, às 4 da manhã, duas horas antes do nascer do dia, enquanto a lua cheia pairava sobre Maloja, eu fui em direção ao quarto de Nino na torre do hotel. Ele estava trancado, mas me acomodei confortavelmente no sofá em frente à escada.

No tempo de Adorno, Mann e Marcuse, o Waldhaus foi frequentado por outro visitante agora célebre. Ele ficou no hotel por um total de 370 dias. Seu quarto era o mais modesto de todo o estabelecimento e ele quase não era notado, como era seu costume. Ele era um homem magro com o nariz e o maxilar afilados. Seu corpo escasso ocultava uma força física quase sobre-humana cultivada por anos esquiando nos Alpes. Quando ele sorria – pelo menos nas fotografias – seus lábios continuavam franzidos, como uma linha reta, que contrastavam com seus olhos amplos e reluzentes. Mann era um de seus melhores amigos, e Mann o invejava: ele estava, nas palavras de Mann, "muito à frente de mim em relação a liberdade espiritual". O homem era muito mais velho do que aparentava, e lutou até o fim contra o avanço da deterioração física. Se houve um hóspede do Waldhaus que mais se aproximou do temperamento de Nietzsche, foi ele. Herman Hesse, o ganhador do Nobel e autor da minha cópia enxovalhada de *O Lobo da Estepe*.

Nascido em 1877, Hesse se transformou em uma criança problemática quase imediatamente. Desde o começo, ele era independente e obstinado. Quando tinha quatro anos de idade, sua mãe escreveu sobre seu filho,

> O pequeno é tão cheio de vida, de uma força inacreditável, uma força de vontade poderosa e... uma mente verdadeiramente extraordinária. Como ele consegue expressar tantas coisas? Isso realmente consome a minha vida, essa luta interna contra o seu temperamento tirânico, sua turbulência passional... Deus precisa moldar este espírito orgulhoso, então ele se tornará nobre e magnífico – mas eu estremeço em pensar no que esta pessoa jovem e apaixonada pode se transformar se a sua criação for falsa ou fraca.

Imagino que ele fosse o tipo de criança que facilmente se poderia amar ou detestar. De fato, seus pais por anos lutaram para decidir se o manteriam em casa ou permitiriam que profissionais criassem o menino. Seu pai ponderou que, apesar da vergonha, talvez fosse melhor "botá-lo em uma instituição ou delegá-lo para estranhos". Hesse era astuto – sobre tudo – então desde o princípio ele estava ciente da ambivalência de seus pais. Esta percepção rapidamente se transformou em medo e raiva: a sensação de que sempre estava à beira do abandono parental.

As enxaquecas e a insônia começaram antes que Hesse chegasse à adolescência e pioraram significantemente quando ele foi aceito na prestigiosa escola religiosa de Maulbronn aos treze anos de idade. Ele durou menos de um ano na escola, sendo por fim colocado aos cuidados de um pastor em Bad Boll, no sul da Alemanha. Como Nietzsche, o primeiro amor de Hesse foi desastroso, e aos quinze anos de idade, após ser rejeitado por Eugenie Kolb, de vinte dois anos, ele comprou uma pistola e desapareceu. Reapareceu um dia depois. Ele havia ido até a beirada do abismo, mas conseguiu recuar. Em setembro do mesmo ano (com quinze anos, veja bem), Hesse, frustrado, anseia por sua arma: "O que eu não daria pela morte!...Eu agora perdi tudo: lar, pais, amor, fé, esperança, eu mesmo..." No ano seguinte, ele conseguiu ir para Stuttgart, vendeu alguns de seus livros de filosofia que fundamentaram sua erudição notável, e usou o dinheiro para comprar outra arma. Mas ela continuou sem uso, pelo menos por enquanto.

Hesse começou a ler Nietzsche em uma época da vida em que muitos rapazes fazem o mesmo, com dezessete anos. Era 1895 e Hesse estava vivendo em Basileia, a cidade em que Nietzsche havia começado a filosofar. Nesta altura a saúde de Nietzsche havia se deteriorado gravemente e ele só estava vivo graças a sua irmã, Elisabeth, e a sua mãe. Em 1893, Elisabeth voltou para a Europa após ter emigrado com seu marido, Bernhard Förster, para o Paraguai em 1886. Förster era um antissemita declarado e havia viajado para a América do Sul na esperança de estabelecer um "Nova Germânia", baseada em uma visão pura da cultura Teutônica. Quando a sua utopia não vingou,

Förster se matou. Quatro anos depois, sua esposa, a irmã de Nietzsche, voltou ao seu lar na Suíça. Elisabeth precisaria avançar aquela agenda política e ideológica de outras formas, mais sutis.

O ano de 1895 foi importante na vida de Nietzsche como autor. Ele alcançou certo grau de fama que só havia conhecido durante a meia-idade, e verdadeiros estudiosos, como Hesse, estavam começando a explorar as variadas implicações de seus escritos. Nietzsche havia escrito a maior parte de seu *O Anticristo* em 1888, antes de seu colapso, mas devido a sua natureza radical, a publicação foi adiada por sete anos. Quando finalmente foi lançada, em 1895, ela era uma como um compêndio de seu trabalho de filosofia como um todo. O título do livro, frequentemente atribuído ao Anticristo bíblico, não tem tanto a ver com esta figura, mas sim com um "homem sem lei" que de cara rejeita a teologia tradicional e a fé no Divino. A ausência da lei expõe a derradeira erosão da autoridade religiosa e indica o fim dos tempos e da civilização moderna. De acordo com as Escrituras, o Anticristo por fim é destruído pela segunda vinda de Jesus, mas Nietzsche não botava muita fé nesta parte da história. Em *O Anticristo*, Nietzsche faz seu ataque mais contundente à moralidade de escravo cristã, a última tentativa do autor de transcender o aspecto determinante da modernidade – sua fraqueza, sua piedade, sua sede de vingança. Enquanto se fazia noite no século XIX, um número crescente de indivíduos, incluindo Hesse, se identificavam com a aspiração de *O Anticristo*.

A última década da vida de Nietzsche, de uma incapacitação quase completa, foi, ironicamente, a mais importante para assegurar a sua reputação como filósofo. Leitores como Hesse começaram a levar o seu trabalho a sério, mas este também foi o momento em que a irmã de Nietzsche começou a assumir controle total sobre seu patrimônio literário, o momento em que seus escritos começaram a ser distribuídos entre os propagandistas alemães que por fim adequariam a sua "filosofia com um martelo" ao Terceiro Reich. Após a morte de sua mãe, Elisabeth levou Nietzsche para Weimar na esperança de dar início a um culto ao redor dele, mas isso jamais se concretizou. O que realmente foi erguido em Weimar foi o Arquivo Nietzsche, e foi lá que, em 1934, Adolf Hitler foi fotografado a centímetros de um busto de Nietzsche. Não era Nietzsche quem estava por trás disso tudo, e certamente esses não eram seus desígnios, mas ainda assim foi o que aconteceu. Nunca temos total controle sobre nosso legado.

Muitos dos escritos de Nietzsche expressam uma persistente preocupação em relação ao futuro, a alegação de que sua filosofia seria entendia apenas e sempre no "dia depois de amanhã". Em *O Anticristo*, Nietzsche escreve que alguns homens nascem postumamente. Ele provavelmente estava certo, considerando que ele só foi descoberto e ganhou notoriedade após ter praticamente parado de escrever. Porém, o problema de ser entendido postumamente é que é infinitamente mais fácil ser mal interpretado. E Elisabeth realmente interpretou mal – ou, na verdade, utilizou indevidamente – o seu irmão. O fato de os nazistas se apropriarem de seus escritos sobre a insubordinação e a liberdade, atravessados por uma ironia autorreferente, continua a ser uma das verdadeiras tragédias da filosofia dos séculos XIX e XX. Felizmente, houve pensadores como Hesse que buscaram preservar uma parte do espírito que moveu os trabalhos posteriores de Nietzsche.

¶

HESSE NÃO ERA DISCÍPULO de nietzsche. Em muitos aspectos, ele caminhou com Nietzsche e depois se afastou, rejeitando a história da moralidade do senhor que Nietzsche havia defendido em *Assim Falou Zaratustra*. A vontade de potência parecia simplista e fútil, especialmente depois que Nietzsche admitiu que as forças da degradação e da decadência eram inescapáveis. Ainda assim, Hesse admirava o aspecto artístico de *Zaratustra*. Então ao invés de se forcar nos discursos de Zaratustra, no conteúdo literal das pregações, repletas de vanglória, Hesse se foca na complexidade do próprio personagem, na forma como Zaratustra, como Nietzsche, representava os conflitos internos de uma natureza multifacetada. Será que, Hesse perguntou, sofrer tensões tão persistentes não é a sina de todo ser humano?

Esta fratura, para Hesse, não é um indicador de loucura, mas de que estamos vivos. Ele faz com que o leitor olhe para Nietzsche, que declaradamente não estava interessado em abrigar uma única alma imortal, mas diversas almas mortais. *Ecce Homo* é de difícil compreensão por muitas razões, inclusive porque Nietzsche é e não é muitas coisas – ao mesmo tempo. E nunca fica claro – tanto em Hesse quanto em Nietzsche – se essas almas são capazes de viver normalmente em um acordo duradouro. A partir de 1919, com o romance *Demian*, o interesse de Hesse por Nietzsche se acentuou, assim como a qualidade de seu trabalho, conforme ele começava a abordar o destino

do indivíduo dividido.

Eu havia lido *Demian* aos trinta anos, saindo do meu primeiro casamento. Hesse foi casado três vezes e *Demian* era uma história sobre a transição para a vida adulta, então achei que ela poderia me ensinar alguma coisa. Na ocasião eu já havia me apaixonado por Carol (o que aconteceu muito antes do divórcio) e estava começando a refletir sobre uma questão difícil que poderia ser posta de duas maneiras: como podemos amar da maneira certa quando seguimos insatisfeitos com a vida? Ou como podemos amar quando estamos tão mergulhados em nós mesmo? Naquela ocasião eu também estava lendo uma série de filósofos americanos – Ralph Waldo Emerson, William James e Josiah Royce – que estavam interessados na possibilidade de transcendência e no amor. *Demian* se encaixou bem neste contexto.

Em *Demian*, Hesse conta a história de um homem, Emil Sinclair, que precisa ser salvo do marasmo e das ilusões do dia-a-dia. Ele procura desesperadamente por um algo mais, algo que vá além das aparências. Sinclair encontra seu mentor espiritual em Max Demian e na mãe dele, Frau Eva. A princípio, Demian parece ser só um amigo de infância muito esperto. Quando os dois estão no curso de crisma, Demien se aproxima e informa a Sinclar, "Você sempre soube que o mundo permitido era apenas metade do mundo, e você tentou reprimir a segunda metade, assim como fazem os sacerdotes e os professores. Mas você não vai conseguir. Ninguém consegue depois que começa a pensar." Proibida e soterrada, esta necessidade por algo transcendente continua a impulsionar silenciosamente a vida de Sinclair. No decorrer do livro, o leitor percebe que Demian não é só um amigo esperto, mas uma parte oculta do próprio Sinclair, um manancial de energia espiritual que Sinclair poderia acessar quando quisesse, se tivesse autoconhecimento o bastante. No fim do livro, ferido em um campo de batalhas, Sinclair, com a ajuda de Demian, descobre que ele é capaz de salvar a si mesmo, e o livro induz o leitor a imaginar que é isso que ele faz.

Pode soar batido ou simples, e realmente é. Mas era exatamente o que eu precisava ao começar um novo relacionamento: a autodescoberta de Demian e a união final entre o real e o ideal são a essência de um segundo casamento. Entre as cinzas do divórcio, uma criatura derrotada e infeliz consegue, de alguma maneira, alcançar algo de ideal. *Demian* é uma história sobre resiliência, o triunfo do autoconhecimento, mas essas vitórias são apenas temporárias, ou pírricas. É por isso que, uma década depois, após o fracasso de seu primeiro

casamento, Hesse escreveu *O Lobo da Estepe*, que já foi descrito como a biografia psicológica de Nietzsche. E também é a biografia romanceada de Hesse. E, obviamente e de forma mais direta, uma história sobre um homem-animal, Harry Haller, e percebi que fazia cada vez mais sentido enquanto me aproximava do sexto ano de meu segundo casamento.

¶

O Lobo da Estepe havia se tornado meu favorito nos últimos tempos, mas lê-lo no Waldhaus de madrugada não estava dando muito certo. Eu estava indo muito devagar, naquele estado semiconsciente entre a escuridão e a luz do dia, quando lemos e relemos a mesma passagem repetidas vezes. Eu parecia não conseguir passar das páginas iniciais: um narrador burguês me informou que havia descoberto um manuscrito escrito por um inquilino, um cavalheiro tranquilo que atendia pelo nome de Harry Haller.

Porém a tranquilidade de Haller é apenas aparente. Haller acredita – ele sabe – que debaixo de suas boas maneiras e a fachada tranquila do dia-a-dia existe um animal, um lobo das altas estepes, um *hairy howler*[1]. A pavorosa verdade era uma sombra sobre a sua vida diurna, uma presença insistente e destrutiva que encolhia ao meio-dia, mas se tornava imensa enquanto o dia se esvaia. O narrador disse que não se daria ao trabalho de contar a história se acreditasse que o problema de Haller era único e pudesse ser atribuído aos "devaneios patológicos de um caso isolado com um temperamento adoecido". Mas Haller não era o único. "Eu vejo algo mais", o narrador continua. "Eu vejo um registro desta época." É uma doença que "não ataca apenas os fracos e os inúteis..."

Eu estava começando a adormecer novamente, e me levantei para pegar uma xícara de café no *Halle* para ler mais atentamente. Mas no trajeto eu percebi que o sol havia se levantado, assim como minha família, que veio ao meu encontro na entrada do salão de jantar. Nós poderíamos comer um pouco de iogurte e cereal, brincar com a Becca no parquinho do lado de fora do hotel, e depois deixá-la na creche improvisada com um monte de amigos alemães que ela conhecera durante sua estadia. Então eu e Carol faríamos uma última caminhada até Val Fex, talvez o refúgio favorito de Nietzsche.

¶

QUANDO ALCANÇAMOS O INÍCIO da trilha para o vale, eu cheguei a uma conclusão que passei semanas tentando evitar: esta viagem havia sido um fracasso. A busca pelo *Übermensch* havia se transformado em uma questão de família – repleta de momentos de ternura, tarefas rotineiras e brincadeiras com as crianças. A tentativa de ser livre, de refazer o caminho que eu percorrera na juventude, fora interrompida pelas obrigações familiares e a viagem lentamente se transformara em férias tiradas em homenagem a Nietzsche, ao invés de algo verdadeiramente, genuinamente nietzschiano. Eu havia provado que era incapaz de impedir este declínio gradual em direção à vida mundana, ou talvez não tivesse disposição para impedi-lo. Harry Haller teve pensamentos similares, mas ele, diferentemente da maioria de nós, deixou que eles corressem soltos: "Um selvagem anseio por emoções e sensações fortes fervilha dentro de mim", ele escreve, "uma fúria contra esta vida flácida, insípida, estéril. Sinto um ímpeto louco de destruir algo, talvez um galpão, ou uma catedral, ou eu mesmo; cometer atrocidades".

Eu adentrei o Val Fex com a Carol e estes ímpetos loucos, andando a um ritmo que eu sabia que era insustentável, pelo menos para ela. Quão depressa conseguíamos andar juntos? Essa era a questão que eu queria responder. Eu jamais a respondi, ao invés disso descobri a resposta inesperada: vinte minutos depois, chegando ao cume de uma pequena colina, escorreguei em algumas pedras soltas e distendi o joelho que havia torcido na minha primeira semana em Sils-Maria. Carol desacelerou para que eu pudesse acompanhá-la. Eu andei cautelosamente atrás dela morrendo de ódio de mim mesmo. Haller era um homem educado, mas "o que ele não havia aprendido, entretanto, era o seguinte: se satisfazer consigo mesmo e com a sua própria vida. O motivo parecia ser o fato de que lá no fundo ele sempre soube (ou pensou que sabia) que na verdade ele não era um homem, mas um lobo das estepes."

Havia mais caminhantes do que o normal na trilha da descida. Era como se todas as pessoas dos vilarejos próximos houvessem combinado de me humilhar. O chalé na boca do vale glacial normalmente ficava fechado e silencioso de manhã, e assim eu esperava encontrá-lo, mas um punhado de caminhantes já estavam sentados lá dentro comendo *strudel* de maçã. Passando pelo restaurante improvisado, um casal alemão acenou com a cabeça enquanto seguíamos para as montanhas, e eu pensei ter ouvido algo ao longe, algo que me fez estremecer: "Schafe, Schafe, Schafe." Eu tinha certeza de que estavam zombando de mim: "Ovelha, ovelha, ovelha", seria a tradução. Eu peguei a

mão de Carol e me esforcei para aproveitar o meu último dia.

Algumas das montanhas mais magníficas dos Alpes não são, em minha opinião, as de cumes nevados. São os sopés – totalmente verdes, sutilmente pontilhados por cachoeiras e trilhas. Mas nos Alpes os sopés não são inclinações graduais, são paredes de terra que escondem completamente as montanhas às quais eles pertencem. Se projetando para fora do chão, eles sobem diretamente até os céus. Nós estávamos andando paralelamente a uma destas placas monocromáticas e agora, viajando mais lentamente, tive a oportunidade de realmente ver as coisas. A cordilheira estava a mais de um quilômetro e meio, atravessando a planície glacial perfeitamente uniforme. Eu tive que esticar meu pescoço para ver o topo e a "colina" verde preencheu toda a minha visão. A única indicação de que a cordilheira estava distante eram os insetos escuros que vagavam pela sua base, insetos que só poderiam ser vacas. A total perda da noção de proporção é uma das consequências inevitáveis de se passar muito tempo caminhando pelas montanhas.

Carol parou na trilha e me puxou para perto dela. "Obrigada por ter nos trazido aqui", ela sussurrou.

Eu aninhei meu rosto contra sua cabeça cacheada e olhei por cima de seus ombros para o vale. Uma nuvem encobriu o sol e, enquanto a cordilheira se escurecia, seus extremos inferiores e superiores vibraram e emitiram um som quase audível, como o som de dentes sendo cerrados. Liberdade tendo o nada por fundo. Eu havia passado a semana inteira mexendo na parte interna do meu lábio inferior e finalmente eu mordi pra valer.

E foi então que eu os avistei, primeiro apenas alguns, correndo em uma fila única através do topo da cordilheira. Cabras montesas – as camurças com as quais sonhei, mas que jamais encontrei, na minha juventude.

Em *Além do Bem e do Mal,* Nietzsche insiste, "Aqui neste mais remoto mundo de gelo e rochas – aqui é preciso ser caçador e camurça." Finalmente triunfante, eu mostrei elas para Carol. Nós estávamos, eu acho, longe demais para ver os pequenos chifres curvos do macho. Durante a temporada de acasalamento eles usavam estes chifres para competir, às vezes brutalmente, pelo afeto das fêmeas. Os impulsos agonísticos são a regra, não a exceção, entre os não humanos. Eu nunca tinha visto camurças ao vivo, muito menos cinco, correndo em fila. Eles eram alpinistas incríveis e, se não me engano, criaturas sociáveis mais independentes, e preferem viver em grupos pequenos do mesmo sexo durante a maior parte do ano. Eu disse para Carol tudo o que

eu sabia com todo o orgulho confiante que só um filósofo de meia idade poderia possuir. Os cinco animais passaram bem acima de nós. E depois outros cinco. E Depois outros.

"Não são cabras-montesas!" Carol disse de pronto. Eram ovelhas: *Schafe, Schafe, Schafe*. Dúzias delas. O riso dela ecoou pelas colinas. Mas tarde eu consegui admitir que, realmente, era um pouco engraçado: estávamos caminhando com Nietzsche, o arquinimigo da docilidade e da domesticação, mas ao mesmo tempo estávamos sendo envoltos pelo rebanho. Os animais estavam seguindo em ritmo acelerado pelo terreno elevado. Carol e eu continuamos andando e sendo seguidos pelos nossos companheiros cobertos de lã, indo em direção às geleiras. Momentos mais tarde, outro comboio de animais passou por nós, e então percebi que havia ovelhas espalhadas por todos os lados nas colinas acima de nós – no mínimo cem delas. Inicialmente elas pareciam pedras, mas estavam se movendo em velocidades diferentes, tão longe que os animais mais lentos pareciam estar parados. Todos estávamos nos movendo juntos, na mesma direção.

Carol e eu seguimos nosso caminho o mais rápido que podíamos pelo terreno baixo, olhando para cima ocasionalmente pare ver se nossos novos companheiros não estavam nos deixando para trás. Os animais estavam indo a algum lugar juntos, assim como nós. Eu tinha certeza de que o gelo começaria a dois mil e quatrocentos metros e todos os nossos percursos seriam interrompidos sem nenhuma cerimônia. Mas por enquanto convergimos lentamente, e tive algum tempo para refletir sobre Harry Haller e sua natureza semi-domesticada.

Na verdade, a personalidade bifurcada de Harry era a desgraça e a delícia de sua existência durante a maior parte de *O Lobo da Estepe*. Haller havia sido um intelectual público, até com algum sucesso, mas havia perdido seu emprego e sua família e começado a abraçar uma existência solitária e lupina. Ele admite, "Eu gosto do contraste entre minha existência solitária, sem amor, perseguida e inteiramente desordenada e esta vida em família de classe média...Existe algo nisso que me comove, apesar de meu ódio por tudo que isso representa." Haller sentia-se atraído por, ou em direção a, essa realidade dividida – sendo arrastado por ela como um homem amarrado a um cavalo indo em direção à forca. A meia-idade chega para Haller com o alvorecer do arrependimento, como acontece com muitas pessoas. "Eu não me arrependo do passado", Haller explica. "Meu arrependimento vinha do dia presente, de

todas as incontáveis horas e dias que perdi com a mera passividade que não me trouxe nada, nem mesmo os choques de um despertar."

O desalento de Haller era real, assim como o fato de que ele tivera uma vida muito agradável, até mesmo profundamente privilegiada. Era uma vida essencialmente mental, de filosofia e alta cultura. Sua vida "havia vagado pelo labirinto da infelicidade que leva até a renúncia e o vazio; era amargo, com o sal de todas as coisas humanas; ainda assim, havia acumulado riquezas, riquezas das quais deveria me orgulhar. Em toda a sua desgraça, foi uma vida suntuosa." Este aspecto de Haller sempre me incomodara: Como uma vida suntuosa poderia, depois de tudo, levar alguém à renúncia e à amargura? Agora que estou aprendendo a curtir a vida adulta, esta preocupação se intensificou. O privilégio e o lazer não só não conseguiam abrandar os efeitos de uma crise existencial como intensificavam a sensação de que, independentemente de nossos esforços, a vida ainda era em grande parte frustrante. A maior parte da vida moderna é direcionada para a conquista do sucesso material, mas seu vazio só se torna dolorosamente aparente quando é conquistado.

Haller vaga pelas ruas durante a noite e cuidadosamente evita voltar para casa – não há absolutamente nada esperando por ele lá. Uma noite, enquanto ronda a cidade, ele passa por um homem carregando um letreiro onde se lê:

ENTRETENIMENTO NOTURNO ANTICRISTO

TEATRO MÁGICO

ENTRADA SÓ PARA OS RAROS

O Anticristo de Nietzsche começa exatamente da mesma forma: "Este livro pertence aos homens mais raros." É isso que Haller vem procurando: um acesso exclusivo para algo além da sua vida normal e consciente – a permissão para transgredir. *O Lobo da Estepe* é a história da lenta e hesitante peregrinação de Haller até o Teatro Mágico, que no fim das contas é uma metáfora para o labirinto da sua própria mente, repleto de portas, espelhos e personagens de seu passado quase esquecido. O que se esconde sob a superfície da vida de Haller? O que se esgueira entre o que não é dito? No fim das contas, não é apenas o lobo das estepes, a sombra bestial de um homem insatisfeito. É algo ainda mais insano, mas também mais otimista.

Eu escorreguei novamente, desta ver em algo pegajoso e escorregadio, e caí com tudo sobre meu lado esquerdo. Carol se virou e viu seu marido prostrado, manchado de uma substância espessa, quase preta. Estávamos a

mais de um quilômetro das geleiras, caminhando paralelamente ao escoamento das águas turvas que se derramavam das montanhas e caíam sobre o vale na forma de uma torrente azul e cristalina. As vacas pastavam ali e vinham ao rio beber água. As ovelhas continuavam seu fluxo na cordilheira. Não eram centenas, mas milhares de animais se movendo em sincronia. Eu me levantei. Tudo tinha gosto de sangue e de estrume. Se ao menos conseguisse subir mais, para longe daquelas criaturas malditas. Eu comecei a subir a encosta e Carol me seguiu. A tontura de tanto andar e pouco comer começara há alguns dias, mas eu não só tinha a ignorado como me deleitei com ela. Ao longo da última hora ela tinha me dominado totalmente. Cada passo era como chapinhar em óleo. Nós achamos uma rocha plana e encharcada de sol há uns trinta metros acima do rio e Carol me convenceu a sentar.

As ovelhas também tinham desacelerado. Elas chegaram até uma fenda e formaram um gargalo em uma cordilheira há aproximadamente trezentos metros acima de nós. Olhando para o vale, vimos mais animais vindo nesta direção. De longe, o rebanho crescente era apenas um chuvisco difuso contra um fundo verde. O som das ovelhas se misturava ao rugido do rio. Eu me deitei sobre a pedra com minha cabeça no colo morno de Carol. E tudo lentamente se escureceu. Em *Opiniões e Máximas*, Nietzsche escreve, "O que às vezes não sabemos nem sentimos durante os momentos conscientes...nos sonhos entendemos absoluta e claramente."

¶

O SOL ESTAVA DIRETAMENTE acima de nós. Tudo que eu sentia era o rugido do rio e a pedra sob a minha cabeça. As ovelhas e Carol se foram. A ausência delas me era indiferente. Talvez até sentisse um alívio. No final das contas, é melhor assim. Sem elas, vou conseguir avançar de fato. Esses pensamentos nascem das profundezas de uma forma descontrolada, nada filosófica. Da mesma forma consigo me erguer, ajustando o cós da minha calça até que ele se cinja meus quadris agora adolescentes, e começo a voar em direção às geleiras.

A tontura passou e pela primeira vez em dias, talvez anos, meus pés estão realmente firmes no chão. A tarde está imóvel e avanço a uma velocidade incrível. Enquanto o sol se põe, subo a cordilheira do Piz Platta, a montanha da minha juventude, a muitos quilômetros de distância. De repente estou no Corvatsch e paro no gelo marcado e salpicado de cascalho. A temperatura cai,

e a minha cabeça lateja na raiz da minha língua. Meu ouvido começa a sangrar. Não muito – só o bastante para criar um fluxo de gotas pelos meus ombros e peito. Eu poderia me deitar, mas sei o que a noite trará.

Enfim, eu retornei: a fenda que corta o Corvatsch se estende longitudinalmente pelo meu caminho. Tem apenas um pouco menos de dois metros de largura, sessenta metros até o chão. O tamanho certo. O sol se foi, o crepúsculo se esvai, e o vazio a minha frente é incrivelmente escuro. A abertura é tão comprida que suas extremidades parecem se afunilar, se dobrando como o sorriso em linha reta de Hesse. Ela sorri para cima, respira suavemente e acena, convidativa.

Eu coloco minha mochila bem sobre a beirada do vazio, descalço minhas meias e sapatos e os coloco ao lado de meu casaco sobre o chão gelado. Tiro cada camada de roupa até a pele nua e cuidadosamente dobro minha camisa e minhas calças, as prendendo sob minha mochila para que não voem com o vento. Limpando o sangue de meu ouvido pela última vez, me abaixo e me certifico de que o chão na beira do abismo é firme. Eu não quero escorregar. Empédocles, Nietzsche, Rée, Nino: eu quero ter certeza de que minha descida repentina não será confundida com um acidente.

O narrador faz referência ao fato de que, em inglês, o nome Harry Haller soa como hairy howler, literalmente um "uivador peludo".

TORNA-TE QUEM TU ÉS

Ambos escutaram a água silenciosamente, que para eles
não era apenas água, mas voz da vida, a voz do que é,
a voz do eterno devir".
—Hermann Hesse, Sidarta, 1922

QUANDO DESPERTEI, HAVIA SANGUE em minha boca, e uma pequena rocha afiada havia se enfiado no lóbulo da minha orelha. Eu não sentia meu braço e um líquido quente havia se juntado em meus sapatos.

Após descansar no colo de Carol por alguns minutos, as pernas dela ficaram dormentes e ela gentilmente colocou minha cabeça adormecida no chão ao seu lado. Eu havia virado de lado e enfiado minha face esquerda no granito. Ela havia protegido a maior parte do meu corpo do sol, mas a luz cálida banhava meus pés e a metade de baixo de minhas pernas.

As ovelhas haviam reaparecido – uma tempestade de lã branca se formando na encosta. Eu abri meus olhos e olhei para Carol por um longo instante. Ela por fim percebeu, me encarou de volta e deslizou sua perna novamente para debaixo da minha cabeça.

"Lá vêm elas, amor", ela disse, indicando o outro lado do vale.

Os animais finalmente haviam rompido o gargalo e vinham se derramando pelas montanhas, uma após a outra, pelas fendas e valas, voando, flutuando, sobre suas pernas caprinas. Elas não estavam correndo ou se esforçando. Simplesmente deixavam que a gravidade fizesse a sua parte. Era lindo, mesmo que ligeiramente absurdo. Seus balidos agora eram perfeitamente audíveis sobre o som do rio. Eu comecei a contá-las, mas perdi a conta no 490. Tinham de ser mais de mil. Nenhuma delas se jogou no precipício.

Carol brincou dizendo que de alguma forma faria sentido se elas nos matassem pisoteados – dois filósofos pisoteados por um rebanho. A ideia era tão surreal e engraçada que só poderia ser verdade. Jesus, como aquilo era engraçado. Eu ri até chorar. Em algum momento Carol percebeu que eu estava só chorando mesmo, mais do que nunca. Ela me abraçou e permitiu que eu botasse tudo para fora.

Eu esfreguei meus olhos. Nada – nem o vale, nem a trilha, nem o rio, nem as ovelhas, nem o amor, nem a vida, nem a morte – havia mudado nestes

dezessete anos. Nada jamais mudaria. Ou melhor, mudaria exatamente da mesma forma. O amor e o conflito permaneciam. Eu já estivera aqui, uma vez no Piz Corvatsch, outra no alto das Montanhas Brancas, diversas vezes. Tudo, cada tensão e vibração da vida continuavam a ser as mesmas. Mas o sonho daquela tarde no Val Fex fez algo comigo. Em certos dias ainda consigo sentir. O sonho só me deu uma dica: a vida não muda, mas você pode mudar a forma como você a encara. E esta não é uma mudança trivial. Na verdade, pode ser a única mudança relevante que pode ser feita. Por um instante eu fiquei feliz por ainda estar lá, genuinamente feliz, mais feliz do que em qualquer outro momento. Bem aqui, não em outro lugar. O terrível abismo, o terror existencial, a sensação de inadequação e de privação – nada disso importava. Essas coisas eram, no pior dos casos, produtos da minha imaginação. Foi como se eu finalmente tivesse acordado – ou percebido, após uma investigação longa e frustrante, que eu simplesmente estava perguntado o tipo errado de pergunta. Mas, por um instante, nada me assustava e eu não ansiava por mais altitude ou mais profundidade. Então este momento passou, as dúvidas voltaram, e *O Lobo da Estepe* permaneceu.

Quando *O Lobo da Estepe* se tornou mais popular, Hesse comentou que era o seu livro mais mal compreendido. Ao contrário do que muitos leitores acreditam, ele não era sobre uma personalidade em pé de guerra, mas sobre as perspectivas de paz. Um equívoco parecido ocorreu em relação aos escritos de Nietzsche. Sim, eles são iconoclásticos, mas também se tornaram cada vez mais paliativos em seus livros posteriores. A conclusão de *O Lobo da Estepe* não repete a reconciliação de Demian; a salvação de Haller, se é que podemos designá-la desta forma, se revela em meio a uma crise. Em um certo nível, a tentativa de Haller de viver feliz no Teatro Mágico de seu subconsciente fracassa totalmente: ele faz orgias aleatórias, se embriaga, assassina pessoas e constantemente flerta com o suicídio. No fim, ele esfaqueia a única pessoa que já amou – uma mulher chamada Hermine (a forma feminina de Hermann, como certo "Hermann Hesse") que, a maioria dos comentaristas concordam, se trata de uma versão do próprio Harry, a única pessoa que ele realmente amou.

Torna-se claro – tão claro quanto possível – que a maior parte do livro foi um sonho: a violência, a irresponsabilidade, até a crise existencial, são geradas pela mente de Haller. Isso não torna tudo menos real, mas gera dúvidas quanto à distinção entre ilusão e consciência. É tão vívido o sonho do Teatro

Mágico de Haller, tão impactante, que ofusca aquilo que a maioria das pessoas chama de "o mundo real". Seu arrependimento, expresso na sequência de sonho final do livro, não poderia ser mais real; assim como a lição que Haller tira desta provação. Hesse escreveu, em 1919, um ensaio pouco conhecido chamado "O Regresso de Zaratustra", "Se você... estiver sentindo dor, se estiver com seu corpo o sua alma doentes, se estiver com medo de sentir o presságio de um perigo – por que não, mesmo que só para se distrair... tentar reformular a pergunta? Por que não perguntar se a fonte da sua dor não está dentro de você mesmo?...Não seria divertido se cada um de vocês examinasse o que te aflige e tentasse determinar de onde isso vem?" Talvez a parte mais difícil do eterno retorno seja assumir responsabilidade pelas torturas que criamos para nós mesmos e para os outros. Assumir responsabilidade: se recordar, se arrepender, ser responsável e, por fim, perdoar e amar. "O que me torna Zaratustra", Hesse argumentou, "é ter conhecido o destino de Zaraturstra. Ter vivido a vida dele. Poucos homens conhecem seus destinos. Poucos homens vivem as suas vidas. Aprendam a viver suas vidas."

Algumas lições são difíceis de aprender. Depois de matar Hermine, Haller é interpelado pelos personagens do Teatro Mágico; ele tem plena certeza de que eles o executarão por seu crime. Na verdade, em um raro momento de determinação, ele se regozija com a ideia desta punição aparentemente definitiva. Mas seus juízes têm outras ideias: Haller não é condenado à morte, mas à vida. "Você tem de viver", eles ordenam a Haller, "e aprender a rir." Parece tão simples, mas considerando o hospício que é a mente de Haller, essa era uma tarefa infinitamente mais árdua do que cometer suicídio. Ainda assim era, ele conclui, a sentença que muitos seres humanos enfrentam em algum momento. Vamos acabar com "esse *pathos* e esses golpes mortais", o juiz determina. "Está na hora de ser razoável." Haller cerra os dentes, e por uma boa razão – sua vida adulta foi consumida pelo *pathos*, pelos golpes mortais e pela fuga das sensações simples da vida. Mas, após um breve protesto, ele não só aceita como genuinamente abraça os desastres da vida. É isso que Nietzsche chama de "*amor fati"*, amor ao destino. Na cena final de *O Lobo da Estepe*, Haller pondera que se "sentia oco, exaurido, pronto para dormir um ano inteiro", mas havia tido um vislumbre do significado do "jogo da vida": "Eu voltaria a provar de suas torturas e estremecer perante seus desatinos. Eu iria percorrer o inferno do meu interior não só uma vez, mas sempre. Um dia eu saberia jogar melhor. Um dia eu aprenderia a rir."

Riso: esta era a chave do *amor fati*. As torturas do jogo da vida – até mesmo em um jogo que aparenta ser em grande parte indolor – continuariam. Resistir ou negar essas tensões e conflitos só intensificam suas forças. O objetivo da vida não era "ter controle", mas soltar as rédeas o bastante para ter uma fugaz sensação de liberdade. "Alguns de nós acham que segurar nos torna fortes", Hesse observou, "mas às vezes é soltar." O riso genuíno ainda estava longe, mas continuaria a ser a meta.

Nietzsche explica que "sonhar com aqueles que estão mortos ou há muito esquecidos é sinal de que passamos por uma transformação radical e que o chão sobre o qual estamos foi completamente escavado: os mortos se ergueram e nossa antiguidade se tornou a modernidade." Eu fiquei de pé, ajudei Carol a se levantar e juntos seguimos para fora das montanhas, rumo ao alto vale. Mais uma vez, estávamos nos deslocando em sincronia com as ovelhas, mas agora isso não me incomodava. Nietzsche sentia tamanho desdém por estes animais; senhores e predadores só o amam porque eles são deliciosos. Entretanto, havia algo de indomado na forma como se moviam, vestígios profundamente soterrados de uma tendência a escalar e correr. Eles ainda eram, de alguma forma oculta, selvagens, e eu não sentia mais vontade de negar isso. O rio que cortava o vale e nos separava dos animais se alargou e ficou mais raso e procuramos um lugar para atravessá-lo. Eu poderia ter pulado, mas já tinha excedido minha cota de pulos naquele dia, então apenas caminhamos juntos através das águas que rodopiavam ao redor de nossos calcanhares, em direção aos nossos companheiros de caminhada. Quando alcançamos os animais, meus pés estavam dormentes e, finalmente, limpos.

Uma pequena multidão havia se reunido no início da planície glacial para nos receber. Inadvertidamente havíamos tropeçado em um ritual anual de Engadina. As ovelhas pastam em uma cordilheira do Vale Fex até meados de agosto e então são levadas para o outro lado até que o inverno se estabeleça, no final de setembro. No fim do outono as férias delas terminam e viajam de volta para suas fazendas de origem. O ciclo se repete todos os anos. Novecentas e sessenta e um: essa foi a contagem do rebanho, incluindo nós dois. Nós paramos no começo da multidão; estavam tirando fotos e aplaudindo – sim, estou falando sério – as ovelhas. Esses animais semidomesticados haviam sobrevivido a mais uma temporada nas montanhas, então havia algo a ser aplaudido. Certamente eu estou fazendo uma projeção, mas os animais pareciam genuinamente felizes, galopando pela curta distância

que restava até uma baia onde seus cascos seriam examinados e as ovelhas doentes receberiam cuidados.

Jocosas – essa é a palavra para descrevê-las, tão brincalhonas que beiravam a anarquia. Sua lã fora marcada com tinta em spray e diversas tinham a mesma cor, mas cada uma era singular e supreendentemente independente. Uma fêmea mordiscava um observador que segurava um pau de selfie. Dois cordeiros esbarravam um contra o outro de uma maneira que só podia ser proposital. Uma adolescente, quase uma ovelha adulta, estava pensativa em um canto da baia, assistindo aquele encontro espetacular. Outra colocou seus cascos sobre o corrimão mais alto da cerca, exigindo atenção. E havia o marrom, descabelado e encarquilhado, que escapara da última tosa. Sua lã era longa e embaraçada, e ele parecia uma cruza entre um carneiro e um *sheepdog*. Eu não conseguia ver seus olhos sob a cabeleira, mas ele não parecia ter dificuldades em andar por aí. Talvez ele escapasse da tosa novamente. Talvez não.

Eu nunca havia visto um pastor de verdade antes. Quando criança, imaginava que o pastor era alguém que guiava o rebanho, como o flautista mágico de *O Retorno do Pastor* de Jean-François Millet. Neste caso, tudo que o sujeito precisa fazer é aparecer e as ovelhas o seguem em uma procissão dócil. Depois que li Nietzsche na minha juventude, minha visão sobre o pastor mudou; ele era a figura que vemos em *Pastor com Rebanho de Ovelhas* de Van Gogh: um homem bramindo um cajado sobre a cabeça dos animais estúpidos. O pastor como um sádico. Na verdade, os pastores daqui eram totalmente diferentes. Eles não guiavam o rebanho (essas ovelhas não seguiriam assim, gratuitamente), mas ele também não batia nos animais.

O pastor encarregado era um homem com ares de elfo que, mesmo com seu tradicional chapéu pontudo, batia no meu ombro. Ele não podia pesar mais do que 55 quilos. Seu corpo era tendinoso e desgastado – não muito diferente de Hesse – e seu pequeno tórax estufado parecia diretamente preso às suas coxas magras que terminavam em um par de panturrilhas esculturais. Essas eram panturrilhas dignas de Wordsworth, os músculos do grande andarilho. Tenho certeza que os pulmões dele eram ainda mais impressionantes. Pulmões e pernas: isso era tudo que ele era.

Ele havia ajudado alguns animais voluntariosos a atravessar o rio, como uma espécie de barqueiro, e agora ele caminhava entre eles, examinando os cascos e orelhas em seu caminho. Ocasionalmente ele encontrava um animal

que precisava de ajuda e, montado no animal, se inclinando sobre as costas dele, agarrava dois punhados de lã e, com um único puxão, colocava o animal de pé. Depois de realizar este tratamento, ele largava a ovelha e seguia seu caminho sem guardar rancor. Era um trabalho árduo, mas o pastor sorria enquanto o fazia: alegre, de olhos bem abertos, com um riso nos lábios finos. No final da manhã ele saiu da baia, abriu uma cerveja e comeu um gigantesco pedaço de queijo. Não havia absolutamente nada de notável a respeito daquele homem exceto por suas panturrilhas e seu rosto, que simplesmente brilhava. Em algum momento, Carol e eu havíamos procurado e encontrando o strudel de maçã e nossas próprias cervejas. Eu não entendia aquele pastor iluminado, mas fiquei, e continuo, profundamente interessado. Ele caminhou até o rio com seu queijo, tirou suas botas e mergulhou seus pés na correnteza veloz.

Quando jovem, eu passara muitos dias caminhando por este território, e também devo ter atravessado este rio, mas não no lugar certo. A água se espalhava pelo vale e desaparecia. Eu olhei para trás, para o cercado, e avistei três ovelhas se perseguindo em círculo, não muito diferentes de coelhos, uma prendendo a outra em movimento. Me lembrei do símbolo das três lebres e por um breve instante tive uma sensação relaxante, quase tranquilizadora, de seu eterno retorno. As primeiras representações das três lebres datam do século V. Foram encontradas nas Grutas de Mogao, também conhecidas como Grutas dos Mil Budas, uma rede de templos budistas em colinas no norte da China, na beira do deserto de Gobi. Aqui as três lebres significam muitas coisas: recuperação, fertilidade, tranquilidade em movimento, o retorno infinito. Mas o hieróglifo budista também tinha um significado muito simples e desconcertante – uma forma de expressar o verbo *ser*. A existência em si. Ou talvez isso tudo esteja errado – ainda seja demasiadamente sério e complexo – e as "três lebres" sejam apenas um riso solto que nasce quando vemos animais correndo em círculo.

Nos últimos anos de sua vida, Nietzsche assinava suas cartas como "Dioniso", mas em uma carta endereçada a Cosima Wagner, no dia de seu colapso mental em Turim, ele escreveu "Eu sou Buda." Em algum momento de sua vida isso pode até ter sido verdade – Nietzsche talvez tenha tido uma espécie de iluminação. Seus escritos posteriores podem ser uma série de tentativas, frequentemente frenéticas, de expressar isso. Hesse, entretanto, explica que "palavras não expressam os pensamentos muito bem. Elas sempre ficam um pouco diferentes imediatamente após serem expressas. Um pouco

distorcidas. Um pouco tolas". As palavras reificam experiências em movimento, tentando capturar algo que é eternamente indomável.

Hesse era uma espécie de Nietzschiano, mas também era um místico, uma inclinação que permitiu que ele tivesse uma visão que escapa à maioria das pessoas. De fato, suspeito que Nietzsche passou grande parte de sua vida sem esta visão. "Talvez você procure demais", Hesse sugere, "e de tanto procurar, você não consegue encontrar." Minha vida inteira foi marcada – e, em grande parte, continua a ser – pela busca e o empenho. Eu estou longe de ser um Buda, mas ainda é possível, até mesmo para homens como eu, enxergar um vislumbre de Buda nos outros. Eu assisti o pastor caminhar rio acima para assumir seu cargo de barqueiro na beira d'água. Ele estava esperando por quem? Fechando seus olhos, ele inclinou a cabeça para trás em direção ao sol e lentamente mastigou seu último bocado de queijo. Ele sorriu pacificamente, amavelmente. Eu tentei fazer o mesmo, fechei meus olhos, mas só vi mais palavras. Palavras boas, mas ainda assim, palavras: "Nunca chegamos em casa, mas sempre que caminhos amigáveis se cruzam, o mundo inteiro parece ser a sua casa por um tempo." Carol estendeu seu garfo, apunhalou o último pedaço de strudel e gentilmente o depositou em minha boca.

"Estou com saudades da Becca", eu disse. Carol assentiu e me beijou suavemente. Nos levantamos da mesa onde havíamos comido nossos lanches e deixamos as ovelhas e Sidarta para trás.

¶

DIAS ANTES DE SEU colapso, Nietzsche escreveu, "Eu muitas vezes me perguntei se não devo muito mais aos dias difíceis de minha vida do que aos outros." No fim, ele parece sugerir que foram exatamente estes dias que lhe ofereceram a possibilidade de explorar aquilo que ele julgava ser o imperativo que norteava a vida. E parece ser muito simples: "Torna-te quem tu és."

Esta é a ordem que Nietzsche dá a seus leitores em *Assim Falou Zaratustra* e que é a força motivadora de *Ecce Homo*. Mas o que significa procurar por si mesmo? Durante a maior parte de minha vida, acreditei que meu eu autêntico estava "lá fora", algo além do meu cotidiano, algo em uma montanha muito alta nos Alpes. Eu preferia me imaginar como algo que existia em outro lugar, em um reino imperturbável de transcendência. Secretamente, eu sempre procurei por isso, ressentindo qualquer pessoa que tentasse me atrapalhar.

De certa maneira, eu provavelmente me divorciei e casei com a Carol porque achava que isso permitiria que eu achasse meu verdadeiro eu, uma essência permanente e sólida que é a base da minha personalidade. Eu lembro vividamente de uma briga com a minha ex-esposa que terminou com três palavras que eu gritei antes de bater à porta da frente "Me. Deixe. Estar!" Eu agora sei que o que eu quis dizer era: "Saia do meu caminho." Deixe que eu encontre a minha essência imutável. Infelizmente, não existe uma essência imutável, pelo menos não no meu mundo. E assim eu parti, mas nunca encontrei o que estava procurando, nem mesmo com Carol e Becca. Eu encontrei outra coisa.

No fim das contas, "torna-te quem tu és" não significa descobrir o "quem" que você sempre procurou. Não significa separar o "tu" de todo o resto. E não significa existir da forma como você realmente "é" o tempo todo. O "eu" não fica lá passivamente esperando que nós o descubramos. No verbo alemão *werben,* ser é um processo ativo, contínuo, "tornar-se". O aspecto mais persistente de ser humano é o de se transformar em outra coisa, o que não devemos confundir com ir a outro lugar. Isso talvez seja decepcionante para alguém que parte em busca de si mesmo. O que somos, essencialmente, é esta transformação ativa, nem mais nem menos que isso. Não é a missão grandiosa em busca de sabedoria nem a jornada do herói, e não exige que você fuja para as montanhas. Nenhuma montanha é alta o bastante. Um pouco de queijo e um rio veloz já são o suficiente.

"Torna-te quem tu és" já foi descrito como "o mais assombroso dentre os aforismos assombrosos de Nietzsche." Ele exprime um paradoxo eterno no cerne da individualidade humana: ou você já é quem você é, ou você se transforma em outro alguém diferente de quem você é. No primeiro caso, tornar-se quem se é parece dispensável, ou impossível. No segundo, tornar-se quem se é parece extirpar até o último vestígio de uma identidade. Para uma pessoa como eu, acostumada a pensar em linhas retas que vão de um momento até o próximo de maneira semicontínua, este paradoxo é absolutamente exasperante. A frustração talvez seja justificada, mas acho que Nietzsche e Hesse estavam nos encorajando a ir além do que é estreito e reto: afinal de contas, a raiz de *werden* significa "virar, girar, se transformar em". Ela nos dá versus, veredito e vórtice. Ao se tornar quem se é, a pessoa regressa, recolhe algo do passado, e segue adiante com isso. É a genealogia condensada sob alta pressão. O presente propriamente dito não passa de um espaço em

branco onde o passado e o futuro se encontram, um momento fugaz onde o tornar-se acontece.

Quando os caminhantes acompanham a montanha, chega um momento em que eles não estão nem subindo nem descendo, estão apenas à beira. Tudo acontece tão rapidamente neste eixo que é completamente impossível registrar qualquer coisa. Com a autossuperação, estamos no momento seguinte antes de entendermos o que está acontecendo. Mas algo, independentemente de nossa ignorância, acontece de fato. A vida continua a retornar. A existência humana não segue do inferno para o purgatório e depois para a salvação – e se isso realmente acontece, acontece repetidas vezes, em epiciclos tão pequenos e curtos que jamais paramos totalmente em um ponto.

Nietzsche indica como a autossuperação é enganosa em *Schopenhauer Como Educador:* "você não é realmente tudo o que você faz, pensa e deseja agora". E novamente, de forma mais dramática, em *Ecce Homo*: "Para se tornar o que se é, é preciso não ter a mínima ideia do que se é". Eu nunca entendi completamente esse argumento, mas os momentos em que mais me aproximei disso foram estranhos, extraordinários, perturbadores: caminhando com a Carol e as ovelhas no Val Fex, assistindo nossa filha dançar em uma colina entre as flores, ou me perdendo pela primeira vez quando tinha dezenove anos e novamente aos trinta e seis. Nietzsche talvez esteja querendo dizer que o processo de autodescoberta exige que nos desfaçamos do autoconhecimento que acreditamos já ter. Tornar-se é o processo contínuo de achar-se e perder-se.

¶

QUANDO NOS APROXIMÁVAMOS DO hotel, ouvimos crianças rindo entre as árvores. Elas estavam brincando de pique esconde em um campo logo abaixo do Waldhaus. Becca nos viu do outro lado do parquinho, se despediu de seus novos amigos e veio em disparada. Eu me abaixei, a peguei em movimento e a icei até meu quadril. "Papai", ela disse respirando profundamente, "você está fedorento."

Nós dois rimos e eu a carreguei de volta para o quarto. No meio do caminho, com seu rosto próximo ao meu, ela esfregou a minha nuca e, sem pensar, brincou com o lóbulo da minha orelha esquerda. Ele ainda estava dolorido. Eu segurei a mão de Carol e o Waldhaus surgiu a nossa frente. "Eu

quero andar", Becca sussurrou. Eu a pousei no chão e assistimos ela galopar morro acima, até ficar quase fora de vista. Nós corremos atrás dela por um minuto – só por correr – e depois deixamos que ela se fosse. Ela esperaria por nós lá em cima. A esta altura, ela já sabia o caminho até o nosso quarto.

Quando Carol e eu chegamos ao Bellavista, a porta estava aberta. Tudo estava em silêncio. Becca ainda estava brincando de pique esconde. Nós entramos e perguntamos em voz alta "Onde estará a Becca?" O silêncio continuava. A porta para a varanda, que havíamos trancado antes de sair, estava entreaberta. No terceiro andar, uma das vantagens do Bellavista era a sua altura. Eu abri a porta da varanda. Ela não estava se escondendo. Lá estava, sentada, encantada, sentada no chão de concreto polido, olhando para o oeste enquanto o sol se punha sobre o Lago Sils, sobre o Passo Maloja, chegando à Itália. Este era o ponto em que tudo convergia, para onde tudo fluía.

"Papai, podemos ir lá?"

Becca perguntou, apontando para a estrada que margeava o lago e se curvava em direção à luz poente.

"Talvez da próxima vez, meu amor."

Aquele era o caminho para Turim.

EPÍLOGO: MORGANSTREICH

Repetição. É uma forma excelente de exprimir algo
consecutivamente de duas maneiras diversas, e assim dar a este algo
um pé direito e um pé esquerdo. A verdade consegue se sustentar
sobre uma perna só, mas com duas elas pode andar e terminar sua viagem.
— Friedrich Nietzsche, O Viajante e sua Sombra, 1880

HAVIAM SE PASSADO CINCO meses desde que deixáramos o Waldhaus. O processo de aclimatação à vida normal fora quase imperceptível. Um novo jardim de infância foi frequentado. Planejamentos de curso foram devidamente escritos. Congressos foram cuidadosamente organizados. Banheiros foram meticulosamente limpos. Mantimentos foram comprados e consumidos. Um gato foi adquirido. E tudo isso poderia ser vivenciado de uma forma bastante passiva – e tenho certeza de que, em parte, foi –, mas nossos últimos dias em Val Fex haviam lançado uma sombra e uma luz sobre a vida que se estendeu por muitas semanas. Nos dias bons, isso ainda acontece. Eu tento me lembrar do pastor-barqueiro, tento comer queijo entre as refeições, e faço meu melhor para me tornar ao invés de buscar e controlar tudo obsessivamente.

Mas a vida moderna não é muito favorável a tornar-se quem se é; ela foi criada para nos distrair e anestesiar de todas as formas apontadas por Nietzsche. No outono, após nosso regresso, eu voltei a sentir o lobo da estepe rondando à noite. Enxergar o sagrado no prosaico – este pode ser um dos objetivos da vida, mas eu continuava a não enxergar. Eu voltei para os meus comprimidinhos cor-de-rosa, mas eles não funcionavam como antes, e eu ainda tinha sonhos. A maior parte deles se passavam nas movimentadas ruas anônimas de Basileia. Normalmente eu estava sentado nos degraus do BIS, a capital bancária do mundo, com uma caixa de bolinhas de gude, assistindo as pessoas desperdiçarem o que mais tem valor. E lá eu estava entre elas, parte do fluxo, tentando criar algo a partir do nada. "Você precisa encontrar o seu sonho", Hesse ensina, "mas nenhum sonho dura para sempre, cada um deles é seguido por outro e não devemos nos apegar a nenhum em particular". Normalmente eu acordava e me aninhava junto à Carol para me convencer de que aquilo também passaria ou, nas noites ruins, descia para a cozinha para tomar uma cerveja. Eu ansiava por outra viagem a Suíça, nem que fosse para

dar a Basileia uma chance de se redimir.

¶

Morganstreich, ou "clarão da manhã", surge no meio da madrugada. Às 4 da manhã de uma gelada manhã de março, no bairro mais antigo do berço intelectual de Nietzsche, uma figura sem nome acende uma lanterna. Outro fogo surge em um umbral escuro, e depois outro: milhares de pequenas chamas tremulam contra os muros da cidade, que normalmente reluz sob a luz fria e anestésica de milhões de lâmpadas florescentes. Então, à luz das fogueiras, começa um batuque – carnal, pulsante – despertando até o sonâmbulo mais dedicado. Isso tem acontecido durante todos os invernos de Basileia há quase mil anos.

Eu ouvi falar deste festival quando era jovem. Quando eu li as cartas de Nietzsche pela primeira vez, ele mencionava que, enquanto estava trabalhando na Universidade de Basileia, saía da cidade para evitar o barulho que, durante uma semana de baderna, tomava conta da cidade gelada. Seria mais correto dizer que a possuía. Nietzsche era jovem quando fugia do *Morganstreich*. Ele ainda se reconfortava com os climas mais refinados de Wagner e da arte erudita. Os tambores faziam sua cabeça sensível doer. Eu sempre achei que ele talvez tivesse apreciado mais as festividades se tivesse se juntado à procissão quando era mais velho, após ter se afastado dos fingimentos da cultura e abraçado sua identidade de Dioniso, quando como ele admite, em *Ecce Homo:* "Eu sou um discípulo do filósofo Dioniso: prefiro ser um sátiro a um santo."

No outono de 1888, Nietzsche escreveu oito poemas sob o pseudônimo de Dioniso. São um de seus últimos escritos. Estes *Ditirambos de Dionísio* são pouco lidos e ainda menos analisados por seu valor filosófico. São uma última explosão de luz antes da escuridão que se apossou de Nietzsche durante a última década de sua vida. Eles estão em sintonia com o espírito do *Morganstreich:*

> Esta chama com seu ventre esbranquiçado
> Tremula sua língua ávida em um além frio,
> Dobra seu pescoço para as alturas mais puras –
> A serpente erguida da impaciência:
> Este sinal a minha frente.
> Minha alma é esta chama:
> Insaciável de novas amplitudes,
> Sua paixão silenciosa a lança para o alto.

O poema se chama "*Das Feuerzeichen*," literalmente "o farol de fogo", o tipo de farol carregado pelas ruas de Basileia nas horas que antecedem a primeira luz. Por um breve período no que seria um ano inteiramente enfadonho, a cidade é consumida por fogos e serpentes. Os símbolos da libido, do poder e do telúrico fascinavam o Dioniso europeu enquanto ele caminhava para sua cova.

No início de sua vida, Nietzsche em grande parte fugia da massa de vida pulsante e inebriante – preferindo o ar rarefeito das altitudes intelectuais – mas, ao menos intelectualmente, ele reconhecia suas possibilidades criativas. Em *O Nascimento da Tragédia*, ele escreve: "Ou através da influência de uma bebida narcótica, mencionadas nos hinos de humanos e povos primitivos, ou através do despertar revigorante da primavera, que enche a natureza de paixão, esses impulsos Dionisíacos encontram sua fonte, e conforme eles se intensificam, o subjetivo se esvai em um completo autoesquecimento."

O jovem Nietzsche reconhecia que havia algo de trágico em se negar o devido valor de Dioniso. Existem, entretanto, algumas pessoas – Nietzsche frequentemente esteve entre elas – que devido à "falta de experiência ou estupidez" se afastam do exaustivo caos da folia em busca de algo parecido com saúde mental, "mas, é claro, essas pobres pessoas não fazem ideia da aparência cadavérica e espectral de sua suposta saúde enquanto a vida reluzente do enxame Dionisíaco zumbe passando por elas." Há algo de belo, realmente sagrado, neste "completo autoesquecimento" concedido pelo deus do vinho e da dança. Nietzsche sabia disso, mas raramente tinha a possibilidade de se entregar à euforia extasiante que os outros podiam experimentar. Ele optou por austeridade, isolamento, autodisciplina, até que essas coisas o esmagaram totalmente. Só durante seu colapso ele começou a gritar como um possuído.

¶

QUANDO O FESTIVAL COMEÇA, Basileia ainda se parece muito com minha lembrança dela: monótona, rotineira. Alguns poucos vendedores ambulantes começam a se reunir, vendendo fantasias e máscaras baratas, mas, de modo geral, parece ser outro dia de mediocridade. Porém, quando a noite cai, os foliões trocam suas máscaras cotidianas, ou suas personas culturais, por outras descaradamente macabras, do tipo que não pode ser ignorada. As trapaças,

antes repudiadas na vida cotidiana, tornam-se chocantemente aparentes, e o anonimato é abraçado e intensamente respeitado. É falta de educação, ou mesmo proibido, perguntar aos outros quem eles realmente são. Enquanto a noite se aproxima, a superficialidade da cidade lentamente desaparece – tudo parece ficar mais profundo, mais escuro, mais ilusório, mas também mais honesto. Antes mesmo de a noite começar, os indivíduos gargalham e uivam e fazem amor como indivíduos – isso é, eles fazem o que eles querem.

As pessoas bebem uma garrafa de vinho, depois um bule de café, e depois outra garrafa de vinho – a propedêutica de qualquer frenesi báquico. As ruas ficam repletas de máscaras. Procissões de elfos com tambores rumam em direção a um som que rompe a noite: uma flauta de pan, etérea, que se ergue acima da percussão. O músico é um animal com chifres – meio homem, meio bode, que guia seus companheiros farristas através da noite aterrorizada.

Sileno, o pai adotivo de Dioniso, tocava uma destas flautas. Eternamente despreocupado, o sátiro brincava embriagado entre as florestas da mitologia grega. Ele era enigmático, incapturável. Quando Midas tentou prendê-lo, tentando arrancar dele o sentido da vida, o pequeno demônio se rebelou: o segredo da vida é nunca ter nascido ou, caso você tenha nascido, morrer o mais rápido possível. Viva e morra o mais rápido possível. Eu passei grande parte da minha vida adula obcecado com a sugestão niilista de Sileno, ignorando o que essa criatura tem de mais óbvio, isso é, que ela representa a fertilidade e o renascimento. Morra assim que puder – para que você possa regressar à vida repetidas vezes, como o clarão da manhã, ou a primavera que segue um inverno cruel. Existe outra forma de interpretar o *Übermensch* que está muito distante do perfeccionismo e da autoestilização: Nietzsche quer que morramos, que saiamos do meio do caminho, saiamos do meio de nosso próprio caminho, para que algo novo possa ocupar o nosso lugar. Para que possamos tornar-nos o que somos.

O festival todo é dedicado à morte – para ou apaziguá-la ou dar-lhe as boas vindas – mas, em última análise, é tudo em nome da criação – ou melhor, da recriação. Essa é a sabedoria de Sileno e a razão pela qual o sátiro foi escolhido como guardião de Dioniso. Dioniso nasceu duas vezes ou, para sermos mais dramáticos, renasceu. Ele morreu o mais rápido possível para depois se erguer novamente. De acordo com alguns relatos, ele era o filho de um caso ilícito entre Zeus e a deusa do submundo, Perséfone. Hera, a esposa de Zeus, descobriu o adultério. Em um surto de fúria, ela convenceu os Titãs, uma

família de gigantes antigos, a caçar a criança, desmembrá-la e canibalizá-la. Quando por fim terminaram, só restou o coração do menino. Mas Dioniso continuaria vivo.

Quando os Titãs o devoraram, o corpo de Dioniso foi moído, ingerido e digerido pelos gigantes antigos. Depois que Zeus soube deste ato de vingança, ele trouxe seu filho de volta a vida e destruiu os Titãs com uma tempestade de raios. Não restou nada dos gigantes, exceto por cinzas umedecidas: titânicas e telúricas, mas com um vestígio, uma mera fragrância, de algo divino. É uma mistura assombrosa: a vergonha da ingratidão temperada com uma tênue possibilidade de criatividade e redenção. De acordo com o mito órfico, Zeus misturou estas cinzas com argila para criar pequenas figuras imperfeitas – humanos. "Nosso corpo é dionisíaco", o filósofo neoplatônico Olimpiodoro explica, "somos parte dele, já que nascemos das cinzas dos Titãs que devoraram sua carne."

Por fim, o tempo passa e a noite recua. Os desfiles terminam e o sol nasce. Todos os grandes festivais se baseiam no ciclo de morte e renascimento. Não importa onde são celebrados – a Páscoa, o *Halloween*, o Ramadã, o Diwali, a Saturnália, o *Morganstreich* – todos têm um sabor parecido. As coisas precisam sofrer, se apagar e perecer antes de nascer novamente. Isso não é uma fuga ou uma folga da vida, mas sim a sua realização: no fim das contas, arder e se consumir como fez Zaratustra, "como o sol da alvorada que surge nas montanhas sombrias".

LINHA DO TEMPO DA VIDA E DA OBRA DE NIETZSCHE

1844
15 de outubro. Nasce Friedrich Wilhelm Nietzsche, filho de Karl Ludwig e Franziska Nietzsche.
1849
Julho. Morre o pai de Nietzsche.
1858
Nietzsche começa a frequentar a escolar em Pforta.
1867
Outubro. Nietzsche se alista no regimento da artilharia em Naumburg.
1868
Outubro. Nietzsche é dispensado do exército.
1869
Janeiro. Nietzsche é nomeado para o cargo de professor na Universidade de Basileia.
Maio. Encontra-se com Richard Wagner pela primeira vez em Tribschen.
1872
Janeiro. Nietzsche se candidata à cadeira de filosofia em Basileia.
Novembro. Publicação de *O Nascimento da Tragédia.*
1873
Novembro. Ensaio sobre História (C*onsideração Extemporânea II*)
1874
Março-setembro. Trabalha em *Schopenhauer* como educador.
(*Consideração Extemporânea* III).
1876
Fevereiro. Nietzsche deixa de dar aulas na Universidade.
Julho. Nietzsche visita o Festival de Bayreuth de Wagner.
Agosto. Começa a trabalhar em *Humano, Demasiado Humano.*
Outubro. Paul Rée e Nietzsche ficam em Sorrento com Malwida von Meysenbug. Nietzsche
rompe com Wagner.

Novembro. Nietzsche encontra Wagner pela última vez em Sorrento.
1878
Janeiro. *Humano, Demasiado Humano* é enviado ao editor.
Agosto. Nietzsche adoece.
1879
Junho. Nietzsche viaja para St. Moritz, perto de Sils-Maria.
1880
Janeiro–novembro. Nietzsche trabalha em *Aurora*.
1881
Julho. Nietzsche viaja para Sils-Maria.
Agosto. Nietzsche começa a trabalhar em *Assim Falou Zaraturstra* e no "eterno retorno".
Dezembro. Trabalha em *Gaia Ciência*.
1882
Março. Termina o quarto tratamento de *Gaia Ciência*.
Maio. Nietzsche encontra Lou Salomé em Roma.
Agosto. Salomé vai a Tautenburg. *Gaia Ciência* é publicado.
Setembro. Lou parte com Rée. Nietzsche traça planos para que os três vivam juntos em Paris, mas eles jamais se concretizam.
Outubro. Lou, Rée e Nietzsche ficam juntos em Leipzig.
Novembro. Lou e Rée deixam Nietzsche.
1883
Janeiro. A primeira parte de *Assim Falou Zaratustra* é escrita.
Fevereiro. Nietzsche recebe notícia da morte de Wagner.
Outubro. Nietzsche passa o inverno em Nice.
1884
Janeiro. Parte II de *Zaratustra* está terminada. Afastamento de Elisabeth, irmã de Nietzsche.
Julho. Nietzsche vai para Sils-Maria para trabalhar na Parte III de *Zaratustra*.
Dezembro. Nietzsche trabalha na Parte IV de *Zaratustra*.
1885
Maio. Elisabeth se casa com Bernhard Förster, um conhecido antissemita.
Junho. Nietzsche começa *Além do Bem e do Mal*.
1886
Janeiro. Nietzsche termina *Além do Bem e do Mal*.

Fevereiro. Elisabeth e Bernhard partem para o Paraguai.
Junho. Nietzsche vai para Sils-Maria. Começa a escrever *Genealogia da Moral*.
1887
Novembro. *Genealogia da Moral* é publicado.
1888
Abril. Nietzsche se muda para Turim.
Junho. Parte para Sils-Maria. Começa *Crepúsculo dos Ídolos*.
Setembro. Começa a trabalhar em *O Anticristo*.
Outubro. Começa a escrever *Ecce Homo*.
1889
Janeiro. Nietzsche tem um colapso na rua em Turim.
Junho. Bernhard Förster se suicida.
1889–1897
Nietzsche fica sob os cuidados de sua mãe.
1893
Setembro. Elisabeth, a irmã de Nietzsche, regressa do Paraguai.
1895
Dezembro. A mãe de Nietzsche abre mão dos direitos da obra dele, possibilitando que sua irmã assuma o controle do conjunto da obra.
1897
Páscoa. Morre a mãe de Nietzsche.
1900
25 de agosto. Nietzsche morre em Weimar.
1901
Novembro. Paul Rée morre em uma queda, próximo a Sils-Maria.

AGRADECIMENTOS

Este livro faz par com American Philosophy: A Love Story. Quando American Philosophy foi publicado em 2016, Mark Greif escreveu sobre o livro, notando que "o peso do significado transcendente e do misticismo, que são transferidos da divindade para o companheirismo matrimonial aqui (assim como no resto de nosso mundo), parece depositar um fardo implacavelmente pesado sobre a vida íntima". Ele tem razão. Essa observação – tão incisiva e perturbadora – foi uma força motriz de Caminhando com Nietzsche.

Eu gostaria de agradecer a Clancy Martin, que me incentivou a começar a escrever e não me deixou perder o rumo. A princípio, havíamos planejado escrever este livro juntos, e são muitas as razões pelas quais eu gostaria de ter feito isso. Mas Clancy, em nome da generosidade e da boa orientação, sugeriu que eu fizesse esta viagem sozinho, ou apenas com Carol e Becca. Foi a escolha certa. Mas ele continua a ser um dos personagens ocultos deste manuscrito. Nossas discussões sobre a paternidade, o amor, o companheirismo e a mentira atravessam todo o livro de tantas maneiras que continuo a descobri-las, e gostaria de reconhecê-las. Havia se passado muito tempo desde que eu lera Nietzsche, e Clancy serviu como uma reintrodução indireta para mim.

Eu também gostaria de agradecer a Daniel Conway e Douglas Anderson. Sem o apoio deles eu jamais teria feito a primeira viagem para a Suíça, ou me tornado filósofo, ou terminado a faculdade. Eles continuam sendo os professores mais dedicados que um aluno poderia sonhar em encontrar. Uma série de outros mentores e professores se juntaram a eles na tarefa de me guiar, primeiro em American Philosophy: A Love Story e agora em Caminhando com Nietzsche: Jennifer Ratner-Rosenhagen, Megan Marshall, Philip Kitcher, Andre Dubus III, Patricia Meyer Spacks, Lydia Moland, Nathan Glazer, Mark Johnson, Chis Lydon, Mary McGrath, John Russon, Gordon Marino, Michael Raposa, Whitley Kaufman, e Victor Kestenbaum, entre muitos outros. Eu sou grato às ideias de James Conant sobre o perfeccionismo de Nietzsche (o desafio de se debruçar sobre "o eu inalcançável e o eu alcançável") e a análise de Nietzsche de Alexander Nehama, especialmente sua interpretação do relacionamento entre a narrativa, a autobiografia e a filosofia. Nehamas está

coberto de razão em dizer que o imperativo "torna-te o que tu és" é, nas palavras dele, "o mais assombroso de todos os assombrosos aforismos de Nietzsche." A análise de Julian Young sobre a vida de Nietzsche foi indispensável, assim como o Words in Blood, Like Flowers de Babette Babich.

Sou grato a todos os amigos queridos que apoiam Carol, Becca e eu: Alice Frye, Scott Davidson e Ann de Saussure Davidson, Tess e Ken Pope, Amelia Wirts e Jose Mendoza, Susanne Sreedhar, Subrena e David Smith, Peter Aldinger (que leu o manuscrito completo antes de todos), Nick Pupik, Ji Park (que caminhou com Nietzsche e comigo alguns anos antes da minha primeira viagem para a Suíça), Emily Stowe e Jen McWeeny. Marianna Alessandri leu múltiplas versões do livro e me fez prestar atenção a uma frase – "as condições do amor" – que eu jamais havia considerado e eu nunca esquecerei. Outro amigo, Romel Sharma, também merece uma menção especial. Romel foi meu companheiro de viagem temporário na minha primeira temporada na Europa. Após deixar Sils-Maria, ele e eu caminhamos pela Itália e pela França por dias, com uma mão na frente e outra atrás, e acho que tivemos sorte em conseguir voltar para casa inteiros.

Um punhado crescente de editores ajudaram a reestruturar e aprimorar a minha escrita: Jean Tamarin, Alex Kafka, Peter Catapano, Alex Kingsbury, Sam Dresser, Jesse Barron, John Knight, Paul Jump, Ken Barton e Phil Marino. Eu gostaria de agradecer ao meu agente, Markus Hoffmann, por apoiar este projeto e me ajudar a aperfeiçoar a forma como escrevo e penso. Ele tem sido um leitor astuto de primeiros rascunhos e tem a extraordinária habilidade de liderar sem estar liderando. Carol Hay, é claro, foi a leitora mais próxima e exigente deste livro. Obrigado.

Quanto eu tinha trinta e um anos, entrei no escritório da Farrar, Straus and Giroux para conversar com Ileene Smith sobre a proposta inicial de American Philosophy: A Love Story. A indústria editorial era tão nova para mim que eu não fazia ideia do quanto eu deveria me sentir intimidado. No fim de nossa conversa ela disse que "pensaria a respeito" e conversaria com seus colegas. Eu tenho certeza de que teria deixado o projeto para lá se ela não tivesse me ligado e me encorajado a escrever American Philosophy e, depois, este livro sobre Nietzsche. Sou profundamente grato a Ileene e à FSG pela oportunidade de escrever estes livros e me entender enquanto me debruçava sobre essas páginas. Eu gostaria de agradecer a Jackson Howard, Rachel Weinick, e Maxine Bartow pelo seu incrível apoio editorial.

Quero agradecer a minha mãe, Becky Kaag, e a meu irmão, Matt. Eu não sou como Hermann Hesse, em muitos aspectos, mas eu sei que eu fui uma criança que deu muito trabalho e eles são os principais responsáveis por terem me criado até a idade adulta e não me mandar para algum cuidador. Nossa família estendida crescente — Brian, Karen, Jeremy, James, Solomon, Flora, Allie, Matt, Carin, David, Talie— continua a me lembrar que a vida, felizmente, é maior que a filosofia. Carol e Becca, minha companheiras nesta viagens e em todas as outras coisas: eu quero lhes agradecer por me amar apesar das máscaras que eu às vezes uso, ou talvez por causa delas. Eu amo vocês mais do que eu seria capaz de dizer em palavras.


LUCELENA FERREIRA
Mulheres na Liderança
OBSTÁCULOS DE GÊNERO NAS EMPRESAS & ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO
VEJA COMO GRANDES LÍDERES BRASILEIRAS CHEGARAM LÁ. DEPOIMENTOS DE:
ANGELA BRANDÃO
CLAUDIA SENDER
DUDA KERTÉSZ
LEILA VELEZ
LUIZA TRAJANO
PAULA BELLIZIA
RENATA CHILVAROUER
SONIA HESS
SYLVIA COUTINHO
r.ed

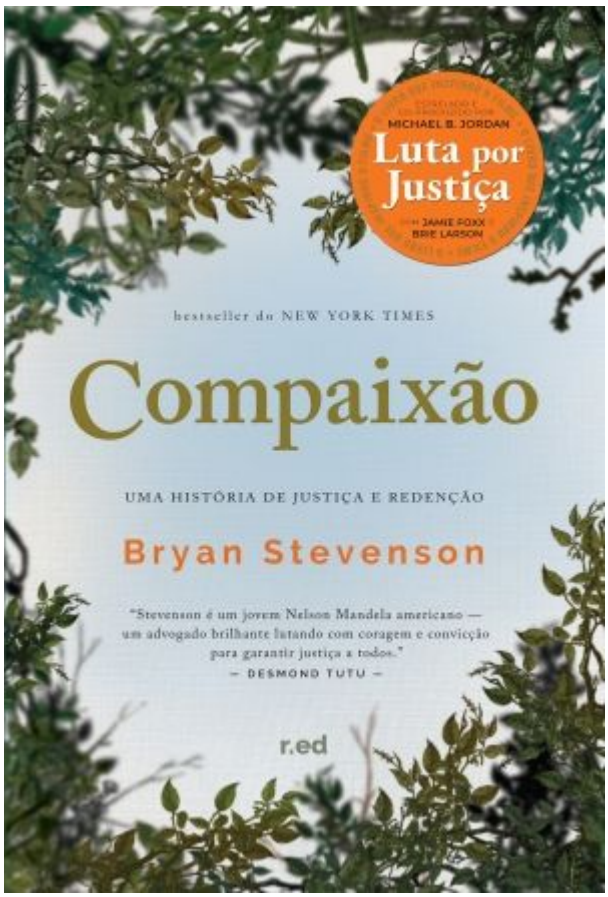
Mulheres na Liderança

Ferreira, Lucelena
9786580174003
240 páginas

Compre agora e leia

O único livro sobre barreiras de gênero e como superá-las focado no mercado brasileiro, com depoimentos de Luiza Trajano, Leila Velez e outras líderes que chegaram lá. Essencial para as jovens executivas e todos que querem tornar o mercado de trabalho mais justo."Mulheres na Liderança", o novo livro de Lucelena Ferreira, nos conduz num mergulho em um tema que vem crescendo em importância na nossa sociedade, o universo corporativo e suas barreiras de gênero. Com visão aguçada e narrativa leve, Lucelena nos mostra as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em sua trajetória profissional, desde aquelas mais óbvias até as mais imperceptíveis. O livro conta com contribuições de Sylvia Coutinho, Claudia Sender, Luiza Trajano, Leila Velez e Duda Kertész, entre outras, que, entrevistadas por Lucelena, compartilham relatos e perspectivas únicas de mulheres que lutaram e venceram em um ambiente profissional desfavorável. O livro explora de forma clara e objetiva um tema complexo e extremamente atual, oferecendo estratégias para a superação. Recomendado a todos, independente de gênero.

Compre agora e leia


MICHAEL B. JORDAN
Luta por Justiça
JAMIE FOXX
BRIE LARSON
bestseller do NEW YORK TIMES
Compaixão
UMA HISTÓRIA DE JUSTIÇA E REDENÇÃO
Bryan Stevenson
"Stevenson é um jovem Nelson Mandela americano — um advogado brilhante lutando com coragem e convicção para garantir justiça a todos."
— DESMOND TUTU —
r.ed

Compaixão

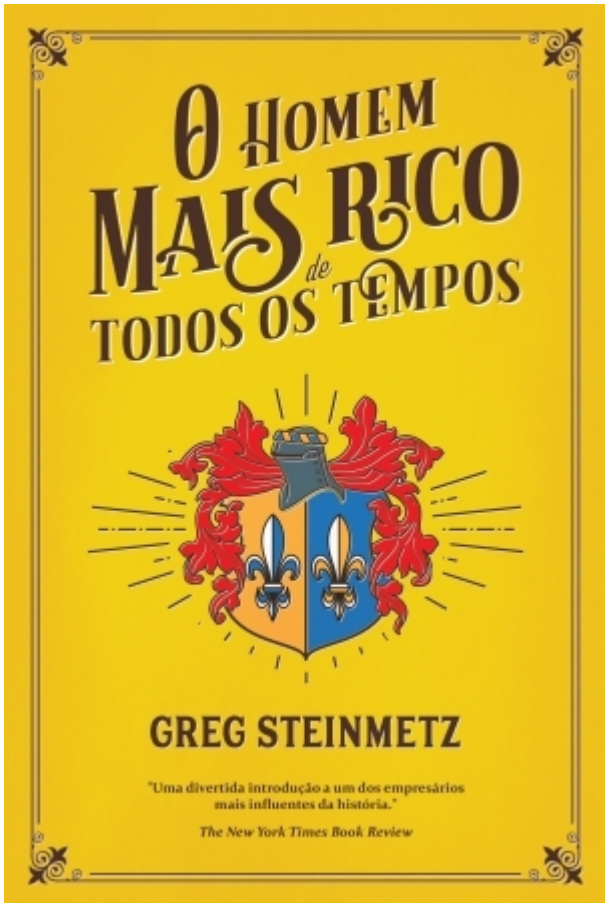
Stevenson, Bryan
9786580174034
400 páginas

Compre agora e leia

Uma história verdadeira e emocionante. 3 anos na lista de mais vendidos do New York Times e em breve nos cinemas, em filme estrelado por Michael B Jordan, Jamie Foxx e Brie Larson.Bryan Stevenson era um jovem advogado quando fundou o "Equal Justice Initiative" (Iniciativa pela Justiça Igualitária), um escritório de advocacia dedicado à defesa daqueles mais necessitados e em desespero: o pobre, o condenado erroneamente, além de mulheres e crianças reféns do sistema de justiça criminal. Um de seus primeiros casos foi o de Walter McMillian, um jovem sentenciado à morte por um notório assassinato que insistentemente alegava não ter cometido. O caso colocou Bryan dentro de uma teia de conspiração, intriga política e manipulação dos limites legais - e transformou para sempre sua compreensão sobre compaixão e justiça.Compaixão é simultaneamente a história do amadurecimento de um advogado talentoso e idealista, os dramas vividos por aqueles que ele defendeu e um argumento inspirado pela compaixão na busca da verdadeira justiça."Bryan Stevenson é o Nelson Mandela americano." Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz#1 NEW YORK TIMES BESTSELLER • Uma história verdadeira e poderosa sobre o potencial da compaixão como forma de redenção e um clamor para aprimoramento do sistema legal - por um dos mais brilhantes e influentes advogados de nosso tempo.Vencedor do prêmios Carnegie Medal for Excellence em Não-Ficção • NAACP Image Award para Não-Ficção • Books for a Better Life Award • Finalista dos prêmios Los Angeles Times Book Prize • Kirkus Reviews Prize • An American Library Association Notable

BookNomeado como um dos melhores livros do ano pelo The New York Times • The Washington Post • The Boston Globe • The Seattle Times • Esquire • Time

Compre agora e leia


O HOMEM
MAIS RICO
de
TODOS OS TEMPOS
GREG STEINMETZ
"Uma divertida introdução a um dos empresários
mais influentes da história."
The New York Times Book Review

O Homem Mais Rico de Todos os Tempos

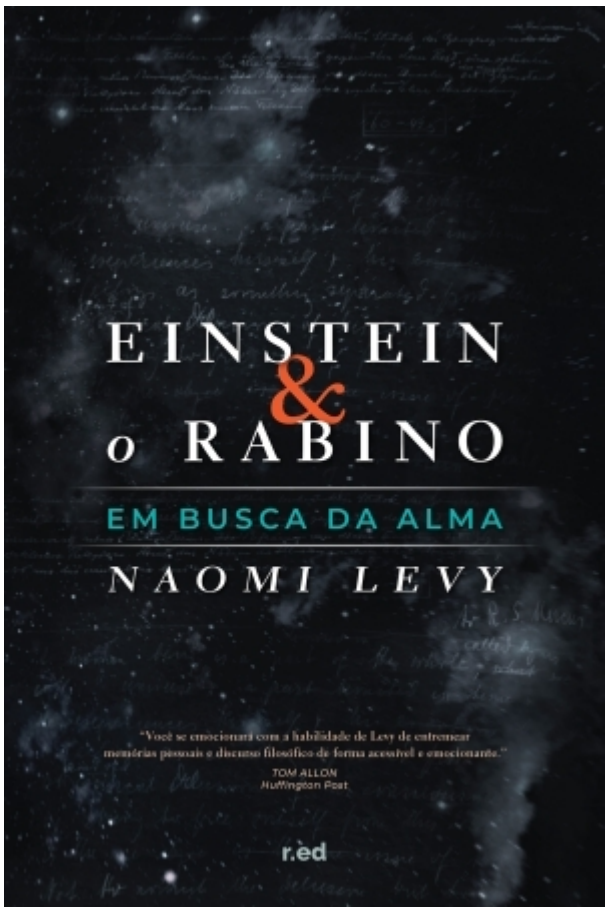
Steinmetz, Greg
9786580174065
390 páginas

Compre agora e leia

Nos dias em que Colombo navegava os oceanos e Da Vinci pintava a Mona Lisa, o banqueiro alemão Jacob Fugger se tornava o homem mais rico da história.Fugger viveu na Alemanha na virada do século XVI, neto de um camponês. Quando de sua morte, sua fortuna chegava perto de 2% do PIB Europeu. Em uma era onde reis tinham poder ilimitado, Fugger ousou encarar os chefes de Estado e cobrar-lhes suas dívidas—com juros. Foi com essa frieza, autoconfiança e ambição sem limites que se tornou não apenas o homem mais rico até então, mas também um marco na história. Antes da aparição de Fugger era ilegal, segundo as leis da igreja, a cobrança de juros sobre empréstimos, mas ele conseguiu que o Papa alterasse isso. Fugger também ajudou a desencadear a Reforma Protestante e, provavelmente, financiou a circunavegação do globo de Fernão de Magalhães. Sua criação de um serviço de notícias proporcionou-lhe uma vantagem em informações sobre seus rivais e clientes e deu a Fugger um verbete na história do jornalismo. Ele fez com que a família Habsburgo, da Áustria, passasse de soberanos de segunda linha a governantes do primeiro império onde o sol nunca se punha."Seu epitáfio (...) declara imodestamente que ele era o maior em vida e, portanto, após sua morte, não deveria ser listado entre os mortais. Como Fugger atingiu esta estatura especial é o tema da agradável e ambiciosa biografia de Greg Steinmetz." The Wall Street Journal"Fugger lutou contra intelectuais e revoltas armadas com suborno, mercenários e – outra inovação – advogados versados no direito canônico. O nome Fugger (...), fora da Alemanha, permanece relativamente

desconhecido. Greg Steinmetz busca corrigir isso." The Washington Post"Se estivesse vivo hoje, ele teria impressionado o mundo da Wall Street e da City, e no entanto sua notável história ainda é pouco conhecida. A descrição das aspirações, frieza e ganância de Fugger é emocionante." The Economist"Uma divertida introdução a um dos empresários mais influentes da história " The New York Times Book Review

Compre agora e leia


EINSTEIN
&
o RABINO
EM BUSCA DA ALMA
NAOMI LEVY
"Você se emocionará com a habilidade de Levy de entrelaçar memórias pessoais e discurso filosófico de forma acessível e emocionante."
TOM ALLON
HuffIngton Post
r.ed

Einstein e o Rabino

Levy, Naomi
9786580174041
400 páginas

Compre agora e leia

Da autora e rabina bestseller Naomi Levy, uma profunda e penetrante exploração no significado e propósito da alma, inspirada na famosa correspondência entre Albert Einstein e um rabino enlutado."O ser humano é parte do todo, chamado por nós de 'Universo', uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto - uma espécie de delírio ótico de sua consciência..." Albert EinsteinQuando a rabina Naomi Levy se deparou com essa carta comovente de Einstein, abalou-se profundamente. Suas palavras capturaram perfeitamente o que passou a acreditar sobre a condição humana: que estamos intimamente conectados e que somos cegos para essa verdade. Levy se perguntou o que provocara tal sabedoria espiritual em um homem da ciência? Assim começou o questionamento de três anos sobre o mistério da carta de Einstein e da alma humana. O resultado é um livro inspirador e profundamente tocante, para pessoas de todas as fés, cheio de ensinamentos universais que nos ajudarão a regenerar nossas próprias almas e vislumbrar a unidade que nos tem escapado. Todos ansiamos por ver mais expansivamente, por viver de acordo com nossos dons e entender por que estamos aqui. Levy nos leva a uma jornada de tirar o fôlego, cheia de sabedoria, empatia e humor, desafiando-nos a despertar e prestar atenção à voz que nos chama de dentro - uma voz nos chama a nos tornarmos aquele que nascemos para ser.

Compre agora e leia